

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Mestrado em Comunicação

Jornalistas de blogs:

uma análise sobre as estratégias de sobrevivência

Wallace Lara

São Paulo

2021

WALACE LARA

Jornalistas de blogs:

uma análise sobre as estratégias de sobrevivência

Dissertação apresentada à Faculdade Cásper Líbero (FCL) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação, Área de Concentração: Comunicação na Contemporaneidade, Linha de Pesquisa: Jornalismo, Imagem e Entretenimento.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Marli dos Santos.

São Paulo

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Prof. José Geraldo Vieira

Lara, Wallace.

Jornalistas de blogs: uma análise sobre as estratégias de sobrevivência/
Wallace Lara. --- São Paulo, 2021.
210 f.; 30 cm.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marli dos Santos.

Revisora: Fabíola Paes de Almeida Tarapanoff.

Dissertação (mestrado) - Faculdade Cásper Líbero, Programa de
Mestrado em Comunicação, Área de Concentração: Comunicação na
Contemporaneidade, Linha de Pesquisa: Jornalismo, Imagem
e Entretenimento.

1. Jornalistas blogueiros; 2. Blogs; 3. Trabalho; 4. Credibilidade.
5. Monetização. I. Lara, Wallace. II. Faculdade Cásper Líbero (FCL), Programa de Mestrado em Comunicação. III. Título.

Bibliotecária responsável: Daniela Paulino Cruz Bissolato - CRB 8/6728.

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTOR: WALACE LARA

“JORNALISTAS DE BLOGS: UMA ANÁLISE SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA”



Profa. Dra. Cláudia do Carmo Nonato Lima
Universidade de São Paulo - USP



Prof. Dr. Francisco de Assis
Faculdade Cásper Líbero - FCL



Profa. Dra. Marli dos Santos
Faculdade Cásper Líbero - FCL

Data da Defesa: 10 de março de 2021.

Dedico essa dissertação à minha família, à Daniela e ao Rafael, que sempre estiveram ao meu lado e aos jornalistas que me ensinaram a trabalhar.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à Marli dos Santos pela orientação que auxiliou na produção dessa pesquisa; ao Instituto Verificador de Comunicação (IVC), por ter liberado acesso à sua base de dados; aos professores e colegas das disciplinas pelos debates em sala de aula e à Cristina Piasentini, Walter Mesquita e à Cristina Angelini por terem me incentivado e apoiado durante todo o Mestrado.

“Porque o jornalismo é uma paixão insaciável que só se pode digerir e humanizar mediante a confrontação descarnada com a realidade. Quem não sofreu essa servidão que se alimenta dos imprevistos da vida, não pode imaginá-la. Quem não viveu a palpitação sobrenatural da notícia, o orgasmo do furo, a demolição moral do fracasso, não pode sequer conceber o que são. Ninguém que não tenha nascido para isso e esteja disposto a viver só para isso poderia persistir numa profissão tão incompreensível e voraz, cuja obra termina depois de cada notícia, como se fora para sempre, mas que não concede um instante de paz enquanto não torna a começar com mais ardor do que nunca no minuto seguinte.”

(Gabriel García Márquez)

RESUMO

Esta dissertação está vinculada à linha de pesquisa Jornalismo, Imagem e Entretenimento, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero (FCL). O tema é sobre os jornalistas blogueiros que encontraram na internet um espaço para trabalhar e interagir com a comunidade onde vivem. O objetivo principal é entender as estratégias adotadas pelos jornalistas blogueiros para se manterem atuantes e relevantes como profissionais de imprensa, em um ambiente de mudanças estruturais no jornalismo. A fundamentação teórica inclui diversos autores como Figaro, Nonato, Grohmann, Pereira e Adghirni, Christofolletti, Castells e Wolf. A pesquisa aborda o início da internet, a invenção do blog, como a tecnologia digital transformou o modelo fordista das redações e de que maneira o uso da internet influencia o mercado de consumidores de notícias, conhecimentos e produtos. Trata-se de um estudo com abordagem metodológica qualitativa e exploratória. A partir dos dados de audiência medidos pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC), foi elaborada pesquisa documental que resultou em um ranking dos principais jornais do país e posteriormente aplicadas entrevistas estruturadas com jornalistas desses veículos para identificar os jornalistas blogueiros considerados importantes para o noticiário local. Após essas indicações, foram selecionados e entrevistados por meio de plataforma digital dez jornalistas blogueiros independentes. A técnica de entrevista adotada foi a semiestruturada. Os resultados revelaram quais tipos de notícias publicam, como produzem, sobrevivem e qual o segredo para se manterem relevantes. Foi possível identificar que apesar de todas as dificuldades, esses jornalistas blogueiros são motivados por uma força maior, uma necessidade de informar e interagir.

Palavras-chave: Jornalistas blogueiros. Blogs. Trabalho. Credibilidade. Monetização.

ABSTRACT

This dissertation is linked to the line of research in “Journalism, Image, and Entertainment”, of the Postgraduate Program in Communication at Faculdade Cásper Líbero (FCL). The theme is about “Blogger journalists who have found on the internet a space to work and interact with the community where they live”. The main objective is to understand the strategies adopted by them to remain active and relevant as press professionals, in an environment of structural changes in journalism. The theoretical foundation includes several authors such as Figaro, Nonato, Grohmann, Pereira and Adghirni, Christofolletti, Castells, and Wolf. The research addresses the beginning of the internet, the invention of the blog, how digital technology transformed the Fordist model of newsrooms and how the use of the internet influences the market for consumers of news, knowledge, and products. This is a study with a qualitative and exploratory methodological approach. Based on the audience data measured by the IVC (Instituto Verificador de Comunicação, in Portuguese), documentary research was carried out, which resulted in a ranking of the main newspapers in the country and, subsequently, were applied structured interviews with journalists from these vehicles to identify the blogger journalists considered important for local news. After these nominations, ten independent blogger journalists were selected and interviewed through a digital platform. The interview technique adopted was semi-structured. The results revealed what types of news they publish, how they produce, survive and what is the secret to staying relevant. It was possible to identify that, despite all the difficulties, these blogger journalists are motivated by a greater force, a need to inform and interact.

Keywords: Journalist bloggers. Blogs. Job. Credibility. Monetization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Página inicial do <i>Justin's Links from the Underground</i>	27
Figura 2. <i>Open Diary</i> - Claudio Pinhanez.....	29
Figura 3. <i>Blog do Polli</i>	36
Figura 4. <i>Marco Aurélio D'Eça</i>	67
Figura 5. <i>O Jacaré</i>	67
Figura 6. <i>Ver-o-Fato - Opinião e Denúncias sobre Fatos de Interesse Público</i>	68
Figura 7. <i>Claudemir Pereira</i>	69
Figura 8. <i>Histórias Mal Contadas - Por Carlos Wagner, repórter</i>	69
Figura 9. <i>Blog do Elimar Côrtes</i>	70
Figura 10. <i>Zé Dudu</i>	70
Figura 11. <i>Marcia Zarur (Olhar Brasília)</i>	71
Figura 12. <i>Anderson Soares - Um Olhar Diferenciado sobre a Política</i>	72
Figura 13. <i>RB Blog do Berta - Jornalismo Artesanal</i>	73
Figura 14. Entrevista com Josmar Jozino.....	111
Figura 15. Entrevista com José Carlos Polli.....	114
Figura 16. Entrevista com Claudio Pinhanez.....	122
Figura 17. Entrevista com Ruben Berta.....	127
Figura 18. Entrevista com Carlos Mendes.....	137
Figura 19. Entrevista com Marco Aurélio D'Eça por Skype.....	147
Figura 20. Entrevista com Anderson Soares.....	156
Figura 21. Entrevista com Edivaldo Bitencourt.....	166
Figura 22. Entrevista com Zé Dudu por Skype.....	174
Figura 23. Entrevista com Marcia Zarur por Skype.....	181
Figura 24. Entrevista com Elimar Côrtes por Skype.....	190
Figura 25. Entrevista com Carlos Wagner.....	196
Figura 26. Entrevista com Claudemir Pereira.....	202

LISTA DE GRÁFICOS E QUADROS

Gráfico 1. Qual a principal função da internet.....	44
Gráfico 2. O que as pessoas andam assistindo?.....	44
Gráfico 3. Opiniões e atitudes dos internautas na busca por informação.....	45
Quadro 1 - Caracterização de estágios de evolução do jornalismo em redes digitais.....	24
Quadro 2. Principais sites de notícias acessados por pessoas com 18 anos ou mais.....	45
Quadro 3. Mídia Social e mensagem.....	46
Quadro 4. Jornais das capitais da região Sudeste com maior número de circulação (impresso + digital).....	49
Quadro 5. Jornais das capitais da região Nordeste com maior número de circulação (impresso + digital).....	49
Quadro 6. Jornais das capitais da região Norte com maior número de circulação (impresso + digital).....	50
Quadro 7. Jornais das capitais da região Centro-Oeste com maior número de circulação (impresso + digital).....	50
Quadro 8. Jornais das capitais da região Sul com maior número de circulação (impresso + digital).....	50
Quadro 9. Questões para jornalistas.....	51
Quadro 10. Blogs citados pelos jornalistas na região Sudeste.....	54
Quadro 11. Blogs citados pelos jornalistas na região Nordeste.....	55
Quadro 12. Blogs citados pelos jornalistas na região Centro-Oeste.....	56
Quadro 13. Blogs citados pelos jornalistas na região Sul.....	57
Quadro 14. Blogs citados pelos jornalistas na região Norte.....	58
Quadro 15. Blogs selecionados para a pesquisa por região.....	64

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - JORNALISMO, JORNALISTAS E TRABALHO: RECONFIGURAÇÕES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	17
1.1 Transformações no jornalismo	17
1.2 Os primeiros blogs.....	26
1.3 De weblog a blog	29
1.4 Blog, um conceito.....	31
1.5 Blog como alternativa de trabalho	35
CAPÍTULO 2 - A INFLUÊNCIA DOS BLOGUEIROS NA MÍDIA IMPRESSA E DIGITAL.....	43
2.1 Tabulando dados, escolhendo a “montanha” e começando a “escalada”	47
2.1.1 Tabulando os dados do IVC	48
2.1.2 Análise descritiva por região: entrevistando quem está acostumado a perguntar	51
2.1.3 O fazer jornalístico e a sobrevivência.....	58
CAPÍTULO 3 - OS JORNALISTAS DE BLOGS	64
3.1 Análise descritiva.....	66
3.1.1 Motivos para atuar como jornalista blogueiro/a	66
3.1.2 Formato: do blog ao portal	71
3.1.3 Foco editorial	74
3.1.4 Relevância.....	77
3.1.5 Ofertas de trabalho.....	80
3.1.6 Percurso profissional e fontes	82
3.1.7 Vantagens e desvantagens	84
3.1.8 Publicidade, propaganda e parcerias.....	86
3.1.9 Rotina.....	89
3.1.10 Futuro do Jornalismo	91
3.2 Síntese interpretativa	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS	100
APÊNDICES	110
APÊNDICE A - ENTREVISTAS REALIZADAS DECUPADAS	110

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi realizado por este autor, após observar, nos últimos anos, centenas de jornalistas acima dos 50 anos serem demitidos das redações, no auge da produção intelectual. Jornalistas qualificados que, após treinarem os mais jovens, foram substituídos por conta dos salários que recebiam e por mudanças no processo de produção, como a eliminação de funções ou por acúmulo delas.

Segundo estudo realizado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) para o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo (SJSP), de 2013 a 2018, os jornalistas paulistas perderam 3.368 empregos com registro em carteira. “É uma redução de quase 20% no mercado formal de trabalho da categoria em seis anos: de 16.972 vagas para 13.604” (ZOCCHI, 2019/2020, p.8).

O cenário profissional ficou ainda mais crítico após o surgimento dos casos da Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2). A disseminação da doença em escala mundial obrigou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a mudar a classificação do estado de contaminação para pandemia. Algumas redações tiveram de cortar parte dos salários dos profissionais que, por sua vez, passaram a trabalhar em casa. Nesse universo, jornalistas de blogs em diversas partes do país tentam se manter vivos, praticando o jornalismo e utilizando a sua experiência e conhecimento para dar continuidade à profissão e poderem sobreviver.

Este estudo aborda os jornalistas blogueiros de relevância e suas práticas profissionais fora das grandes redações. Após a pesquisa bibliográfica e as observações pessoais como repórter, a questão que norteou a pesquisa é: como jornalistas blogueiros e experientes conseguem manter a sua relevância como profissionais da área em um ambiente de transformações no jornalismo?

O objetivo principal é entender as estratégias adotadas pelos jornalistas blogueiros para se manterem atuantes e relevantes como profissionais de imprensa, em um ambiente de mudanças estruturais no jornalismo. Já os objetivos específicos incluem:

- a) Identificar os motivos que levaram os jornalistas a criarem seus blogs;
- b) Compreender como a experiência profissional ajudou na sua atuação como jornalista blogueiro;
- c) Verificar as vantagens e as desvantagens em atuar em blogs;
- d) Observar as estratégias adotadas para os blogs se manterem financeiramente e
- e) Identificar se os jornalistas blogueiros percebem mudanças em sua rotina de trabalho no meio digital.

Para selecionar os participantes da pesquisa, quatro atributos foram essenciais: o primeiro, a relevância do jornalista blogueiro como referência para as redações de grandes veículos jornalísticos no Brasil; o segundo, a independência (eles não estarem abrigados em nenhum site de grande empresa de comunicação); terceiro, a experiência profissional (todos têm mais de 10 anos de profissão) e quarto, terem sido indicados por jornalistas das capitais de estados das cinco regiões do país.

Para identificar esses atributos, foi trilhado um caminho metodológico composto por dois procedimentos: análise documental e entrevistas estruturadas. Com o intuito de saber quem seriam os jornalistas blogueiros com relevância para as redações de veículos da grande imprensa, este pesquisador recorreu primeiro aos dados de circulação fechados e liberados excepcionalmente para pesquisadores pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC), para identificar os principais veículos jornalísticos no Brasil por volume publicado e visualizado nas cinco regiões do país.

Após analisar os dados, o autor identificou o ranking desses veículos por estado e região, escolhendo o primeiro e o segundo colocados das capitais de cada estado em cada região, para formar uma lista de contatos. Tendo em mãos a lista de veículos jornalísticos, este pesquisador iniciou os contatos com os jornalistas (editores, chefes de reportagem e repórteres) e aplicou a entrevista estruturada com três questões abertas. O detalhamento do procedimento e os resultados das entrevistas foram apresentados no capítulo 2.

Com a indicação dos jornalistas blogueiros de referência para os profissionais de redação, foram selecionados dez entrevistados que atendiam aos demais atributos estabelecidos para o *corpus* da pesquisa. Foram escolhidos dois de cada região para dar mais pluralidade e características nacionais. Conforme corrobora Martinelli:

Não se trata, portanto, de uma pesquisa com um grande número de sujeitos, pois é preciso aprofundar o conhecimento em relação àquele sujeito com o qual estamos dialogando [...]. Como não estamos procurando medidas estatísticas, mas sim tratando de nos aproximar de significados, de vivências, não trabalhamos com amostras aleatórias, ao contrário, temos a possibilidade de compor intencionalmente o grupo de sujeitos com o qual vamos realizar nossa pesquisa (1999, p. 26).

Assim participaram das entrevistas os jornalistas blogueiros: (dois para cada região): Sudeste: Elimar Côrtes (*Blog do Elimar Côrtes*) (ES) e Ruben Berta (*RB Blog do Berta - Jornalismo Artesanal*) (RJ); Nordeste: Anderson Soares (*Anderson Soares - Um Olhar Diferenciado sobre a Política*) (PB) e Marco Aurélio D'Eça (*Marco Aurélio D'Eça*) (MA); Centro Oeste: Edivaldo Bitencourt (*O Jacaré*) (MS) e Marcia Zarur (*Blog Marcia Zarur*,

abrigado no portal *Olhar Brasília* (DF); Norte: Carlos Mendes (*Ver-o-Fato - Opinião e Denúncias sobre Fatos de Interesse Público*) (PA) e José Eduardo Ferreira do Vale (*Zé Dudu*) (PA) e Sul: Carlos Wagner (*Histórias Mal Contadas - Por Carlos Wagner, repórter*) (RS) e Blog do Claudemir Pereira (*Claudemir Pereira*) (RS).

O autor optou pela entrevista semiestruturada ou semiaberta pela sua adequação à questão de pesquisa e aos objetivos propostos. Esse tipo de técnica permite, mesmo com um roteiro de questões-tema, aumentar o campo explorado para novas descobertas a partir da narrativa do entrevistado. Como diz Martino (2018, p. 2.059)¹: “Respostas fora do roteiro podem ser levadas em conta, mas o pesquisador procura, ao mesmo tempo, evitar que a conversa se disperse”.

As questões formuladas no roteiro da entrevista semiestruturada abordaram os seguintes tópicos: formação profissional (quais foram as motivações para seguir na profissão), trajetória profissional (primeiras experiências, cargos que ocupou e motivos da demissão), condições de trabalho atuais (adaptação à nova rotina) e remuneração (formas de monetização).

Com esse tipo de entrevista foi possível observar a visão dos jornalistas blogueiros e de que forma eles organizam estratégias para se tornarem referência e se manterem ativos na profissão. Como dizem Bauer e Gaskell (2003), as entrevistas semiestruturadas colaboram para a descoberta de perspectivas e visões diferentes daquelas que eventualmente possam ter o pesquisador.

Resumidamente os procedimentos metodológicos realizados foram:

1. Análise de dados do IVC e criação de um ranking dos jornais com maior relevância no Estado;
2. Seleção de dois jornais por região, a partir de seu posicionamento no ranking;
3. Entrevista estruturada com questões abertas aplicada aos jornalistas dos jornais selecionados;
4. Seleção de blogs por regiões, a partir da indicação dos jornalistas de redação.
5. Entrevista semiestruturada ou semiaberta com os 10 jornalistas blogueiros selecionados na etapa anterior.

Dessa forma, esta dissertação de Mestrado está estruturada em três capítulos. No primeiro, é apresentado como a chegada da internet afetou as rotinas jornalísticas e como os blogs começaram a surgir. Também foram realizadas entrevistas informais e preliminares ao estudo com um dos pioneiros na criação do formato blog e ainda com dois jornalistas que migraram para esse universo.

¹ O Kindle apresenta em seus e-books posições, ao invés de páginas e a numeração é mais extensa do que em um livro físico, pois a fonte é maior para facilitar a leitura.

No segundo capítulo, é exposta a pesquisa documental para identificar os veículos com maior circulação no país. Conforme mencionado anteriormente, foram usados os dados do IVC. O ranking dos veículos jornalísticos e as análises descritiva e interpretativa das entrevistas com os profissionais de redação são apresentados nessa parte do estudo.

Na sequência, no capítulo 3, é apresentada a análise das entrevistas semiestruturadas com os jornalistas blogueiros, gravadas por sistema de videoconferência e transcritas para a análise (conforme Apêndice A). Os tópicos do roteiro foram utilizados como referência para a criação das categorias de análise. Primeiramente são apresentadas as análises descritivas, ilustradas com trechos das entrevistas e ao final é realizada uma síntese dos tópicos analisados.

CAPÍTULO 1 - JORNALISMO, JORNALISTAS E TRABALHO: RECONFIGURAÇÕES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Este capítulo trata de dois temas importantes para a investigação proposta neste estudo. O primeiro diz respeito às mudanças ocorridas no jornalismo com o advento da internet e a sua apropriação na sociedade contemporânea. O segundo aborda o blog, apresentando breve histórico, características e a sua emergência como veículo jornalístico, adotado por jornalistas como ferramenta de trabalho e veículo informativo/opinativo.

1.1 Transformações no jornalismo

Foi em 1969, em plena Guerra Fria, que a internet surgiu no mundo. Na época, o objetivo era criar um sistema que mantivesse os centros de defesa americanos conectados – em um provável ataque soviético. O Advanced Research Projects Agency (ARPA) desenvolveu o ARPANET (primeiro nome da internet) – uma série de computadores em rede que poderiam ser acionados em caso de emergência, como explica Castells:

A primeira rede de computadores, que se chamava Arpanet – em homenagem a seu poderoso patrocinador -, entrou em funcionamento em 1º de setembro de 1969, com seus quatro primeiros nós na Universidade da Califórnia em Los Angeles, no Stanford Research Institute, na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara e na Universidade de Utah. Estava aberta aos centros de pesquisa que colaboravam com o Departamento de Defesa dos EUA, mas os cientistas começaram a usá-la para suas próprias comunicações, chegando a criar uma rede de mensagens entre entusiastas de ficção científica. A certa altura tornou-se difícil separar a pesquisa voltada para fins militares das comunicações científicas e das conversas pessoais (CASTELLS, 2018, p.101).

De acordo com Castells, a Arpanet encerrou as atividades no dia 28 de fevereiro de 1990. Nessa época, ainda havia dificuldade entre aqueles que não conheciam as linguagens técnicas de usar as comunicações computadorizadas. Foi a criação do aplicativo “WWW” (*World Wide Web*), que passou a organizar as páginas por conteúdo (antes era por localização), que permitiu um acesso maior, mais acessível para quem procurava informação. Lembra Castells: “a invenção da WWW deu-se na Europa, em 1990, no Européen pour Recherche Nucleaire (CERN) em Genebra, um dos principais centros de pesquisas físicas do mundo” (CASTELLS, 2018, pp.105-106).

No Brasil, a internet chega às universidades em 1992. Na sequência, a rede chega aos celulares (1993), surge o primeiro jornal na internet (*The Wall Street Journal*, 1995, nos Estados Unidos) e no Brasil, o *JB Online* em 1995 (FERREIRA e VIEIRA, 2007, on-line).

E a partir dessa década, o jornalista começa a passar por um processo de mutação com o surgimento do jornalismo digital. “No Brasil, a transição ocorreu apenas nos anos 1990, quando o avanço tecnológico e a internet já faziam parte da reestruturação do capitalismo” (NONATO, 2013, p.163).

Nesse aspecto é preciso antes destacar que essa categoria profissional sempre foi acostumada a se adaptar às novas tecnologias. As raízes históricas desse profissional remontam ao surgimento da primeira máquina de impressão tipográfica, a prensa inventada pelo alemão Johannes Gutenberg no século XV.

Marcondes Filho (2002, p.11) destaca que o período anterior à Revolução Francesa, em 1789, é denominado pré-jornalismo e que a primeira etapa do jornalismo ocorre de 1789 à metade do século XIX: “nesta fase entra em ebulição o jornalismo político-literário e o jornal se profissionaliza: surge a redação como um setor específico e com o tempo o jornalismo vai deixando de ser um instrumento dos políticos para ser uma força política autônoma”.

No segundo jornalismo, a partir da segunda metade do século XIX, o jornal se constitui como indústria, sendo que a “transformação tecnológica irá exigir da empresa jornalística a capacidade financeira de autossustentação, irá transformar uma atividade praticamente livre de pensar e de fazer política em uma operação que precisará vender muito para se autofinanciar” (2002, p.13).

Já no século XX, o terceiro jornalismo, que mesmo ameaçado por regimes totalitários e as duas guerras mundiais, tem como motores “o desenvolvimento, da indústria publicitária e de relações públicas como novas formas de comunicação que competem com o jornalismo até descaracterizá-lo, como vai acontecer no final do século XX” (2002, pp.14 - 15).

Por fim, no quarto jornalismo, a partir do fim do século XX, o autor identifica a “substituição do agente humano jornalista pelos sistemas de comunicação eletrônica, pelas redes, pelas formas interativas de criação, fornecimento e difusão de informações”. Como explica Fonseca (2005), o século 20 é dividido pelo fordismo e pelo pós-fordismo nas redações. No fordismo, “cada trabalhador respondia por uma tarefa na qual era especialista” e no pós-fordismo a “organização multimídia deve ainda dominar a linguagens e as técnicas dos outros meios” (pp.332-333).

No fordismo, as redações são divididas por setores de trabalho: apuração, produção ou pauta, edição, chefia e reportagem, com escalas e horários definidos. Já o pós-fordismo tem como marca o “horário flexível”, a eliminação de funções e o acúmulo de outras funções (na primeira fase dessa pesquisa chamou a atenção do autor o fato de que algumas redações de jornais não

possuem mais pauteiros - as pautas são decididas pelos repórteres em conjunto com o editor, que acaba acumulando essa função).

O jornalista pós-moderno transformou-se numa máquina de produção da informação, um operário com demandas estipuladas e prazos de entrega a cumprir. Afinal, as redações dos jornais contemporâneos adotaram processos fordistas e tayloristas de produção de notícia, obrigando o jornalista a ser uma peça maleável capaz de se adaptar a variadas necessidades e situações (MARSHALL, 2003, p. 32 apud FIGARO, NONATO, GROHMANN, 2013, p. 163).

É fato que os processos de produção, reportagem e edição sofreram mudanças por influência daquelas que já vinham ocorrendo na sociedade. O jornalista não ficou imune às transformações, nem à sua prática. Pelo contrário, esse profissional ficou mais exposto.

Assim, o jornalismo na cultura tecnológica sofreu mudanças porque também a sociedade se transformou com a velocidade exacerbada, a abundância da informação, a flexibilização das relações de trabalho (e a precarização que ela trouxe no âmbito das redações), as tecnologias móveis, as redes sociais digitais, a presença cada vez mais forte de grandes grupos de mídia e de Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs) (SANTOS, 2020, p.81-82).

O que vem acontecendo com os jornalistas é parte de um processo maior, relacionado ao avanço do capitalismo e da tecnologia, algo que, de fato, começou no Brasil no fim do século XX, avançando no século XXI.

Para que se entenda a quão transitória ainda é a passagem do fordismo para o pós-fordismo no Brasil, ressalta-se que só na última década os governos federais implementaram reformas de caráter liberal. As primeiras vieram sob o comando do presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), quando o Estado privatizou estatais de energia e telefonia. Quando Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, assume a Presidência República, continuam as transformações macroeconômicas rumo ao pós-fordismo. A reforma previdenciária de 2003 é um importante exemplo (GRISCI, RODRIGUES, 2007, p.49).

O jornalista, como trabalhador originalmente do sistema fordista, vem experimentando uma série de mudanças, provocadas pelas políticas macroeconômicas, pelo avanço da tecnologia e pela queda do mercado publicitário. A consequência mais sensível é a demissão em massa.

Nos últimos 10 anos, os empregos formais diminuíram 17,42%, de acordo com recente publicação do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo (SJSP), que usou como base um levantamento feito pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócios Econômicos (Dieese). “Na última década, nossa categoria passou por um aumento de vagas até atingir o pico em 2013, e enfrentou a, partir de então, o encolhimento do mercado de trabalho, chegando a

2019 com 2.985 postos a menos na comparação com 2010” (CHANDRETTI, jan./fev.2021, p. 4). O estudo usou dados da “Relação Anual de Informações Sociais (Rais) 2019” e do “Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) 2020” e trata do mercado formal no estado de São Paulo, o mais rico e populoso do país. Em 2020, houve uma redução de 271 postos de trabalho. No interior, onde a média salarial é menor (R\$ 4.578 ante R\$ 7.941 na capital) o saldo negativo foi maior: 189 demitidos. “O setor de rádio e TV segue preservado, inclusive tendo gerado 70 novos empregos, enquanto o de jornais e revistas, apresentou perda geral de 160 vínculos” (UNIDADE, jan./fev. 2021, p. 6).

A queda no emprego formal está relacionada ainda a outro fator: à baixa procura por informações em jornais impressos. *Relatório da Reuters de 2020* aponta que a leitura de jornais impressos caiu de 50% (2013) para 23% (2020).

A tecnologia encurtou distâncias, por outro ela “acelerou” o relógio da reportagem. Esse elemento tão essencial para o processo jornalístico, anda cada vez mais escasso. Um repórter fora da escala diária para fazer uma apuração que pode levar semanas é um profissional a menos para alimentar o noticiário do dia a dia.

Por isso, o investimento em reportagens profundas, as chamadas “matérias de fôlego”, é cada vez mais raro. “Os textos, muitas vezes adaptados à linguagem da hipermídia, estão mais curtos e a informação, pasteurizada” (FIGARO, NONATO, GROHMANN, 2013, p.165).

A questão, aliás, é mais profunda. Ela está relacionada com o custo de operação de uma redação. O problema é que essa economia pode sacrificar os profissionais e comprometer o produto. Equipes menores, cobertura reduzida, reportagens inferiores.

jornais cortaram suplementos, dispensaram os profissionais com salários mais altos e sobrecarregaram quem restou. Com isso, as empresas sacrificaram diversidade, experiência, prestígio e qualidade. Diferente de outras indústrias, a jornalística – quando fareja dificuldades – não se põe a remar mais rápido e forte, mas fica à deriva, tentando se livrar do que considera ser peso morto na embarcação. Pior: faz os cortes na carne do jornalismo em nome da racionalidade administrativa, de resultados contábeis imediatos. A curto prazo pode até funcionar, mas a estratégia não pode ser de longo alcance porque corrói rapidamente a qualidade dos produtos e serviços (CHRISTOFOLETTI, 2019, p.39).

O jornalista, porém, luta para manter a qualidade daquilo que produz. Para isso tenta se adaptar aos novos processos tecnológicos, que lhe dão mais agilidade para informar cada vez mais rápido a sociedade. Como lembra Barbosa, a tecnologia proporcionou uma evolução dos meios e dos tipos de jornalismo: “da imprensa ao cinema, do rádio à televisão, até à internet e à web, na qual despontou a modalidade do jornalismo digital, também conhecida pelas

terminologias jornalismo on-line, webjornalismo e ciberjornalismo” (BARBOSA, 2013, pp. 38-39).

Nesse sentido, outro campo jornalístico, o do universo do “ao vivo” antes restrito aos profissionais de rádio e TV, passou a ter um novo ator, o jornalista do impresso, que pode publicar antes que os demais (de rádio e TV) na plataforma do próprio jornal. Ele não precisa mais aguardar a edição do outro dia. Desde que tenha sinal de internet, esse jornalista pode escrever, produzir e publicar de onde estiver. O mesmo vale para o repórter fotográfico do jornal.

E isso deixou o ambiente ainda mais competitivo. A pressão pela notícia em primeira mão, o furo de reportagem, a exclusividade – nunca foi simples; mas agora, por conta do imediatismo, ela está mais perigosa. Sem a apuração profunda, publicada instantaneamente, o risco de divulgar algo incompleto ou até falso aumentou no cotidiano da reportagem de forma considerável, uma situação que foi agravada pela avalanche de informações em forma bruta nas redes sociais.

O método tradicional da produção da reportagem está ameaçado. Castilho (ago. 2020, on-line) entende que o método tradicional da reportagem se tornou arriscado porque ele pode produzir conteúdo distorcido ou falso. Diz o pesquisador: “devido à possibilidade permanente de refutação, contestação e desconstrução alimentada pela incalculável quantidade de dados disponíveis e pela multiplicidade de canais para caracterização de erros, distorções, omissões e desinformação”. Ele sugere que o jornalista passe a utilizar o método etnográfico de pesquisa, mas lembra que esse método requer mais tempo e por isso, a contratação de mais profissionais.

Castilho, ao explicar como se aplica o método etnográfico de pesquisa na reportagem, lista seis itens, sendo que o primeiro consiste na observação do objeto de trabalho pelo jornalista; o segundo é a fidelidade do jornalista ao tema, sem deixar se influenciar por pressupostos e preconceitos que afetem a confiança do que está sendo informado e o terceiro é o envolvimento do profissional com o tema da pesquisa, uma observação participante. Já o quarto é o registro dos dados a partir dessa observação participante, organizados pelos critérios do jornalista e que são determinados pela frequência, relevância (“Por exemplo: em uma reportagem sobre testes na Covid, o repórter codifica as pessoas testadas por idade, sexo, profissão, residência ou classe social”, diz o pesquisador); o quinto: distribuição dos dados por categorias e cruzamento dos resultados - o autor utiliza o exemplo da reportagem sobre Covid para detalhar: “o repórter identifica que 70% das pessoas testadas são mulheres de classe média com 45 anos. Isso configura uma categoria, que pode ser objeto de observação específica, gerando uma nova codificação e categorização”. E por último, há a formulação da hipótese, “que no caso do

jornalista, já permite a produção de uma reportagem, cujo teor foi produzido a partir da realidade estudada e não de uma pauta desenvolvida na redação”.

O método da reportagem tradicional não é o único que vem sendo afetado. Conceitos como o do *lead* (O que? Quem? Quando? Onde? Como? e Por quê?), da apresentação e até do que realmente é notícia estão dando lugar para outros formatos jornalísticos. “Tais mudanças podem ser atribuídas à possibilidade de acesso a informações por meio de bases de dados, à convergência de mídias e de redações e à proliferação de mídias institucionais e de ferramentas de auto publicação” (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011, p.45.).

Os pesquisadores citam três mudanças nos processos de produção jornalística, como a aceleração dos fluxos de produção e disponibilização da notícia; a proliferação de plataformas para a disponibilização de conteúdo multimídia e as alterações nos processos de coleta de informação (*newsgathering*) e das relações com as fontes. E ainda dizem que uma das mudanças estruturais mais fortes dessa travessia do jornalismo é a velocidade da mídia (*idem*).

Trabalhar muito, ganhar pouco. Os autores dizem que a queda da obrigatoriedade do diploma; a substituição de jornalistas veteranos por mais jovens; a realização de treinamentos pelas empresas; são algumas das medidas adotadas pelas empresas de comunicação que esperam que os jornalistas tenham uma maior compreensão das normas político-editoriais e aceitem salários mais baixos. “Cada empresa é livre para impregnar suas matrizes ideológicas nos jovens em formação universitária- em nome dos valores do mercado” (2011, p.48). E citam uma entrevista do jornalista Alberto Dines. “Estão tentando acabar com o resto do humanismo que havia no jornalismo brasileiro. Hoje o jornalismo brasileiro é tecnocrático mercadológico [...]. Existe um processo de standardização ideológica” (DINES, 2003, p. 130).

Por fim os dois pesquisadores utilizam um dos símbolos do jornalismo mundial para alertar sobre o processo que vem ocorrendo. “A verdade é que a roupa de Super-Homem não serve mais. O jornalista prefere vestir a fantasia da circunstância, que lhe permite subir na vida profissional ou simplesmente sobreviver diante do desafio das ‘rotinas produtivas infernais’ às quais está submetido dentro de um mercado desconfigurado pelas tecnologias e pela legislação trabalhista” (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011 , p.52).

A chegada de sites, redes sociais e blogs, porém, ofereceram novas oportunidades de trabalho. Hoje portais, provedores e outras atividades ligadas à internet ocupam a quinta posição entre os setores que empregam no estado de São Paulo (3,9%). O segmento fica atrás de administração pública (5,6%), edição de livros (8,9%), jornais e revistas (12,6%) e rádio e TV (23,4%). Mesmo na quinta posição, atividade jornalística na internet está à frente de produção de cinema, vídeos e TV independente (2,9%), agências de publicidade (2,4%), ensino superior –

graduação e pós (1,8%) e assistência de defesa de direitos sociais (1,5%). Os dados são do Dieese, referentes ao ano de 2020 e foram publicados no jornal *Unidade* do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo (SJSP, 2021). Em recente consulta feita por este pesquisador ao sindicato, a informação é que a própria entidade ainda não tem esses jornalistas no seu quadro de associados.

Invisíveis ou não nos quadros associativos dos sindicatos, esses profissionais encontraram nas mídias digitais uma possibilidade de fazer jornalismo e sobreviver do trabalho. As mídias digitais vieram potencialmente para agregar aos meios de comunicação e influenciar o cotidiano. Para Oliveira e Louzada:

Acreditamos que, apesar das contradições existentes, não há incompatibilidade entre o jornalismo tradicional e o jornalismo contemporâneo das “novas mídias”. Como ocorreu na transição da oralidade para a escrita e da escrita para o impresso, o que podemos perceber é que não houve substituição de um pelo outro, mas uma convivência de ambos e (re)significações, evoluções e mudanças na maneira de utilização de linguagens e técnicas. Uma das mudanças que fermentou, ainda mais, a discussão dessas questões, em nossos dias, foi a inserção dos blogs no campo do jornalismo (2008, p. 200).

Alguns pesquisadores convencionaram chamar esse modelo de trabalho “Webjornalismo” e mapearam as suas fases. Mielniczuk, por exemplo, o divide em três momentos. O primeiro é um processo que começou com a contratação de profissionais para atuar para os jornais on-line, uma reprodução do que já vinha sendo publicado, assim descrito: “Os produtos desta fase, em sua maioria, são simplesmente cópias para a web do conteúdo de jornais existentes no papel” (MIELNICZUK, 2003, p.33).

A outra fase é chamada de “Webjornalismo de segunda geração”, que é o avanço desses jornais em vários pontos, entre eles, a interatividade. E a comunicação entre leitores e os jornalistas – antes restrita à seção de cartas ao leitor do jornal – agora é mais dinâmica. “As publicações para a web começam a explorar as potencialidades do novo ambiente, tais como links com chamadas para notícias de fatos que acontecem no período entre as edições; o e-mail passa a ser utilizado como uma possibilidade de comunicação entre jornalista e leitor ou entre os leitores, através de fóruns de debates” (MIELNICZUK, 2003, p. 34).

Por último, o “Webjornalismo de terceira geração”, com o início dos grandes investimentos: “o cenário começa a modificar-se com o surgimento de iniciativas tanto empresariais quanto editoriais destinadas exclusivamente para a internet” (MIELNICZUK, 2003, p. 36). Mas há ainda a quarta e quinta geração. É o que propõe Barbosa, que a partir do modelo proposto por Mielniczuk, desenvolve um novo quadro:



Quadro 1. Caracterização de estágios de evolução do jornalismo em redes digitais

Fonte: Extraído de artigo de Barbosa (2013). Acesso em: 11 jan.2021.

Barbosa considera que as bases de dados são primordiais para o terceiro e quartos estágios, como elementos estruturantes da atividade jornalística (pré-produção, produção, disponibilização/circulação, consumo e pós-produção) e para a construção de sites dinâmicos, “em contraposição ao anterior, estático, que havia marcado etapas anteriores” (BARBOSA, 2013, p.40). A autora observa ainda a criação de um modelo próprio, no qual o Jornalismo Digital em Base de Dados prevalece como orientador do processo jornalístico que:

tem as bases de dados como definidoras da estrutura e da organização, bem como da composição e da apresentação dos conteúdos de natureza jornalística, de acordo com funcionalidades e categorias específicas, que também vão permitir a criação, a manutenção, a atualização, a disponibilização, a publicação, a circulação e recirculação dos conteúdos jornalísticos em multiplataformas (BARBOSA; TORRES, 2012, p. 40).

A pesquisadora cita que entre as mais de 20 funcionalidades sistematizadas destaca-se a indexação e classificação de peças informativas e os objetos multimídia, a integração dos processos de apuração, composição e edição dos conteúdos, a integração de distintas plataformas, o gerenciamento do fluxo de informação e o conhecimento nas redações. Há ainda o relacionamento entre os conteúdos, a agilização da produção de conteúdos e a transmissão e geração de informações para dispositivos móveis como computadores, celulares, *smartphones* e *tablets* (2012, p.40).

Barbosa junto com Silva, Nogueira e Almeida (2013) consideram que as mídias móveis – particularmente *smartphones* e *tablets* – reconfiguraram a produção, a publicação, a

distribuição, a circulação, a recirculação, o consumo e a recepção de conteúdos jornalísticos em multiplataformas. “Implicarão também em mudanças nas rotinas das redações e em novas habilidades para o profissional atuar nesse ecossistema, do qual emergem os aplicativos (apps) jornalísticos”, explicam (2013, on-line).

Como analisam os autores, na estrutura de produção jornalística isso provoca novas práticas, habilidades e conhecimentos. Os profissionais de impresso, rádio e TV passam a ter de ser múltiplos. Hoje, o jornalista de TV produz para internet, o de rádio para TV na internet, o de internet para TV, rádio e impresso. O de impresso produz para o jornal, para a página da internet, para o blog, para o podcast e para a TV do próprio jornal na internet.

O mercado exige que esse profissional seja “multi”. O “multijornalista” é o sujeito que precisa dominar diversas linguagens de comunicação. E ter a capacidade de produzir uma reportagem com conteúdo extenso ou mais resumido, dependendo da plataforma que ele vai divulgar. “Maior pressão na redação para que o jornalista tenha capacidade de trabalhar com diversas mídias: saber escrever, editar vídeo, áudio e adequar o conteúdo à linguagem de cada mídia” (FIGARO; NONATO; GROHMANN, 2013, p.88) .

Não é uma tarefa simples. Na cobertura das últimas eleições paulistanas foi possível observar pessoalmente que jornalistas da emissora de rádio Jovem Pan produziam reportagens de rádio para a TV na internet da emissora de rádio, com equipe que se assemelha a de uma TV. O desafio? Usar uma linguagem que atenda aos dois veículos. Na prática diária os profissionais que atuam na reportagem e em outras funções jornalísticas acabam tendo de garantir conteúdo para plataformas diferentes ao mesmo tempo.

O conteúdo produzido pelos jornalistas da emissora Jovem Pan é distribuído por uma plataforma criada no dia 30 de abril de 2020 que foi batizada como “Panflix”. No texto da própria emissora², que explica como funciona o “Panflix”, o jornalismo aparece como “um dos pilares da nova plataforma”, que, “literalmente, está bombando sendo em uma realidade de grande necessidade de informação para o público.”³ A emissora – com mais de 70 anos – tem Antonio Augusto Amaral de Carvalho Filho, o “Tutinha”, como presidente, que costuma dizer que o “Panflix é a rádio que virou TV”, de acordo com o mesmo texto. A emissora, porém, fez nos últimos anos diversas mudanças nos seus quadros jornalísticos, demitindo os mais experientes e contratando mais jovens, um movimento que é replicado em boa parte do mercado que busca

² JOVEM PAN. “Panflix - novo *streaming* da Jovem Pan.” In: *Jovem Pan*. 1º maio.2020. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/tecnologia/panflix-novo-streaming-da-jovem-pan.html>. Acesso em: 1º jan.2021.

³ JOVEM PAN. Disponível em: www.jovempan.com.br. Acesso em: 7 jan.2020.

assim reduzir custos com a folha de pagamento. Uma das demissões mais comentadas foi a do comentarista Claudio Carsugui, na época (2015) com 82 anos de idade e mais de 50 de experiência. “Falamos em redução de custos. Mas isso é relativo. Eu não tinha um ordenado nababesco. Para o orçamento da rádio não deve fazer muita diferença”, disse ao repórter Vagner Magalhães do site *UOL* (13 abr. 2015). Hoje Carsugui mantém um portal que leva o seu nome no próprio site *UOL*. Na revista *piauí* (jul. 2015), Julia Duailib anotou em um perfil sobre a rádio Jovem Pan que Carsugui “foi demitido, em pé, numa escada da emissora de Tutinha.”

A presença de jovens foi constatada no levantamento do Dieese para o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. “O levantamento mostrou que 28% dos profissionais têm entre 18 e 29 anos” (CHANDRETTI, jan./fev. 2021, p.4). Em 2012, em uma pesquisa realizada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em todo o país, a faixa etária de 18 a 22 anos estava em 11%.

Essa informação da pesquisa paulista revela dois aspectos: o primeiro, que jornalistas não formados ocupam os postos de trabalho – levando-se em conta que a idade mínima para se formar numa faculdade de jornalismo seja entre 21 e 22 anos de idade – e ainda que esse número (28%) corresponde a um quarto da categoria num período de retratação de vagas.

Essa redução de vagas veio acompanhada, portanto, de uma redução da presença dos jornalistas mais experientes, com salários mais altos (por exemplo, a faixa etária de 50 a 64 anos, hoje com participação de 12,8% na categoria, tem remuneração média de R\$10.801,80), enquanto a contratação privilegia jornalistas mais novos, que recebem próximo ao piso salarial, com média de R\$ 2 mil a R\$ 4 mil. (A faixa etária com presença mais forte, 38%, é a de 30 a 39 anos, com remuneração média de R\$ 6.429,10) (CHANDRETTI, jan./fev. 2021, p.5).

E é a partir desse cenário, que parcela dos jornalistas experientes (não há dados oficiais sobre o percentual de profissionais experientes atuando em jornalismo na internet) demitidos, à procura de espaço e liberdade, estão desenvolvendo em todo o país – de forma autônoma - jornalismo na web, utilizando um modelo que está nos primórdios da internet popular: o blog.

1.2 Os primeiros blogs

Há dúvidas sobre quem criou o primeiro blog. Existem pelo menos dois norte-americanos e um brasileiro na lista dos prováveis autores. Os pesquisadores Ferreira e Vieira consideram que os blogs surgiram em 1995 e apontam a estadunidense Carolyn Burke “que postou no site *Carolyn Diary* em 1995 fatos cotidianos” (2007, p. 2), como uma das primeiras pessoas a usar a internet para postar informações do dia a dia.

Mas os autores lembram que Justin Allyn, também norte-americano, publicou em janeiro de 1994, o diário *Justin's Links from the Underground*. O registro de Justin ainda pode ser encontrado na internet. No alto da página, o autor declara:

Era assim que *Links from the Underground* costumava ser, em 27 de janeiro de 1994. É quando se chamava *Justin's Home Page* e abrangia minhas informações iniciais, minha foto minha com Ollie, uma foto de Cary Grant tomando ácido e meus links recomendados em um só lugar. Simplicidade. História! (ALLYN, 1994, on-line).

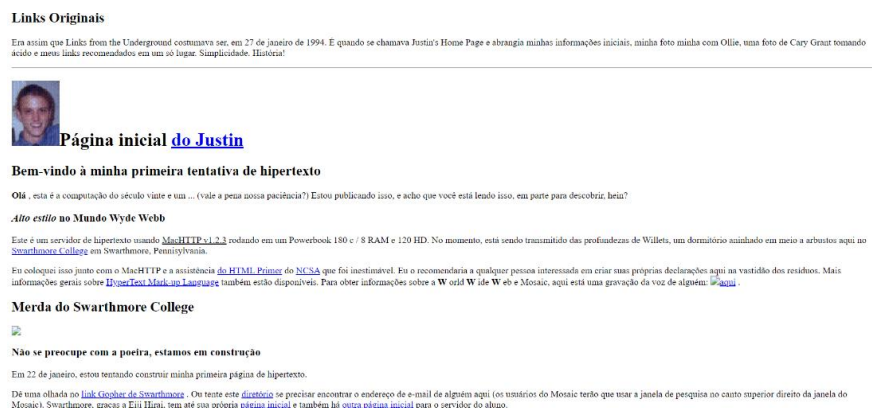


Figura 1. Página inicial do *Justin's Links from the Underground*.
Fonte: <http://www.links.net/vita/web/start/original.html>. Acesso em: 25 jan.2021.

Justin era jovem e também relatava o seu cotidiano. “O jovem, com apenas 19 anos, fez do site um livro em que publicou a sua vida pessoal em detalhes, passando por assuntos como bebedeiras, doenças sexualmente transmissíveis que contraiu e até o suicídio do pai” (FERREIRA;VIEIRA, 2007, p.2).

O que Justin – e alguns pesquisadores - considera como sendo o primeiro blog ainda estava longe do modelo atual. E isso ocorre porque naquele momento a internet popular e comercial dava os primeiros passos e havia um esforço para desenvolver modelos que pudessem ser integrados à plataforma.

Nessa fase de criação de modelos para a internet, um paulistano participava ativamente do processo. Em 1993, em Boston (EUA), Claudio Pinhanez⁴ fazia um doutorado no Massachusetts Institute of Technology (MIT) na área de visão computacional, desenvolvendo maneiras de o computador entender imagens e vídeos. “A gente começou a ver os primeiros

⁴ Mais informações sobre Claudio Pinhanez nos links – “Claudio Pinhanez” - IEA – USP - Disponível em: <http://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoac/claudio-santos-pinhanez/Researcher> – Watson - Disponível em: <https://researcher.watson.ibm.com/researcher/view.php?person=br-csantosp/> “Consciência cibernética – Claudio Pinhanez Heloisa Candello e Paulo Costa - apoio IBM” - Itaú Cultural - Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/conscienciacybernetica/2017/artista/claudio-pinhanez-heloisa-candello-e-paulo-costa/>. “Claudio Santos Pinhanez” - FAPESP - Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/708873/claudio-santos-pinhanez/>. Acesso em: 30 jan.2021.

sites. Algumas pessoas do meu grupo disseram: vamos fazer o nosso site. Isso ainda em 1993, deveria haver uns seis sites no mundo”⁵.

Pinhanez, que hoje é executivo, cientista e gerente de grupos de pesquisa e inovação da IBM, onde lidera um grupo de 20 doutores e engenheiros de software focado em pesquisa e inovação⁶, disse que naquela época sabia apenas o básico sobre o desenvolvimento de sites.

Nesse período, várias páginas de conteúdo, de professores e alunos, começaram a ser colocadas no servidor recém-desenvolvido para o MIT e ele resolveu participar: “Eu sempre gostei de escrever. Ainda mais sendo do doutorado. Aí uma hora eu pensei: legal e se eu colocar alguma coisa o que eu penso publicamente? Era essa a ideia.”

Pinhanez disse em entrevista que isso coincidiu com o que ele estava lendo, um livro da escritora Doris Lessing⁷, o *The golden notebook (O carnê dourado)*: “Ele resume muito o que estava sentindo na época: ‘será que só eu estou pensando isso? Será que tem mais gente no mundo pensando sobre isso?’”. O blog - hoje desativado - trazia no final, em novembro de 1994, uma frase: “Esta página está e sempre estará em construção. Assim como a vida”.

No começo, a intenção era apenas fazer um registro – um diário virtual: “Um diário regressivo, o que mais recente fica mais visível. Era um momento na internet que tem (sic) pessoas explorando para que isso serve? Ideias”. Pinhanez cita o feito no seu extenso currículo na Plataforma Lattes e em publicações científicas. “É uma coisa assim: o que eu fiz é anterior ao primeiro registro que estava lá no Wikipedia. Tinha alguém fazendo antes? Tinha pouquíssimo servidor na época”.

Independentemente de registros sobre o pioneirismo em relação aos blogs, para o autor desta pesquisa não resta dúvida de que o cientista Claudio Pinhanez foi um dos pioneiros na criação do blog como um diário virtual. Um movimento que a partir de várias contribuições tornou o blog um formato digital e uma ferramenta de trabalho como o conhecemos atualmente.

⁵ O jornalista Claudio Pinhanez concedeu entrevista a este autor em 24 de julho de 2020.

⁶ Mais informações disponíveis sobre o Lattes de Claudio Pinhanez em: *Lattes - CNPq* – Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5774595361715876>. Acesso em: 28 jan.2020.

⁷ Sobre Doris Lessing, mais informações em: VASCONCELOS, Monica. “Era uma vez um prêmio Nobel”. 12 out. 2007. *BBC* – Disponível em: https://www.bbc.co.uk/blogs/portuguese/london/2007/10/era_uma_vezum_premio_nobel.shtml./AGÊNCIA O GLOBO – “O legado de Doris Lessing.” 18 nov. 2013. In: *Gazeta do Povo* – Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/o-legado-de-doris-lessing-375bidcg435whgx4t1hn2ueku/>. Acesso em: 30 jan.2021.

1.3 De weblog a blog

Entre os autores pesquisados existe, aparentemente, um consenso. O de que o termo “weblog” foi criado pelo norte-americano Jorn Barger, em 1997. Alguns o apontam como o criador do blog. Jorn Barger criou – muito antes dos buscadores do Google – uma página na internet, chamada de *Robot Wisdom*, em que ele divulgava links na web sobre temas como cultura, política.

Amaral, Recuero e Montardo (2009, p.28.) explicam que o termo “web” + “log” (arquivo web), foi criado para descrever a atividade de “logging the web”. “Naquela época, os weblogs eram poucos e quase nada diferenciados de um site comum na web” (2009, p.28). Dois anos depois, no início de 1999, finalmente surge o termo blog, quando Peter Merholz cria a expressão ao publicar o *PeterMe.com* e decide retirar o “we” (nós) e passa a utilizar apenas blog (BLOOD, 2000, on-line). Na sequência, a denominação foi popularizada pela criação da ferramenta Blogger para a produção de blogs pela empresa americana Pyra, que depois foi comprada pelo Google.

Já a contribuição de Pinhanez a esse movimento está na maneira como ele estruturou as suas notas, utilizando o formato decrescente, mas com uma visível organização, que lembra as notas das colunas de jornais impressos (ele contou que tanto em São Paulo como nos Estados Unidos tinha o hábito de ler sempre jornais). A primeira nota que o cientista escreve é sobre um filme que havia assistido. “É um filme de Louis Malle⁸, um filme superlegal, que eu fui ver com uma amiga, mas que ninguém estava falando a respeito, a mídia não estava falando”. O professor enviou os registros da primeira publicação em formato do blog dele o *Open Diary* (originalmente, escrita em inglês):

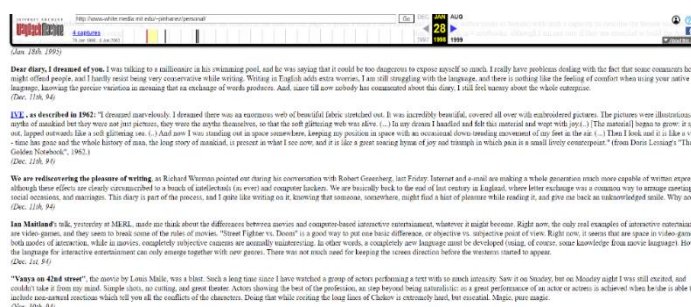


Figura 2. *Open Diary*. Claudio Pinhanez.

Fonte: http://www.geocities.ws/pinhanez/open_diary/open_diary.htm. Acesso em: 25 jan.2021.

⁸ Louis Malle, *Tio Vanya em Nova York*. Mais informações em: *IMDB*. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0111590/>. Acesso em: 30 jan.2021.

O primeiro registro é de 30 de novembro de 1994. O filme a que se referia era *Vanya on 42nd street* (*Tio Vanya em Nova York*).

Vanya on 42nd street, o filme de Louis Malle, foi uma explosão. Faz muito tempo que não vejo um grupo de atores interpretando um texto com tanta intensidade. Assisti no domingo, mas na segunda à noite ainda estava animado e não conseguia tirar da cabeça. Fotos simples, sem cortes e ótimo teatro. Atores mostrando o melhor da profissão, um passo além do naturalismo: como uma grande atuação de um ator ou atriz é alcançada quando ele consegue incluir reações não naturais que contam todos os conflitos dos personagens. Fazer isso enquanto recita as longas linhas de Tchekhov é extremamente difícil, mas essencial. Magia, magia pura (OPEN DIARY, 30 nov. 1994).

A última publicação do blog é de 1996. Em 1999, Claudio Pinhanez o desativou. Dois anos depois, os blogs mostrariam a sua força, após o ataque terrorista da Al-Qaeda às Torres Gêmeas em Nova Iorque, em 11 de setembro de 2001. Como diz Marques: “[...] no início de 2002, começou uma grande expansão da blogosfera, principalmente devido à crescente ameaça de invasão do Iraque pelos EUA. Também a esta altura, a mídia tradicional começava a prestar atenção a essa nova forma de divulgação de notícias e opiniões” (2012, p. 15). O formato que Pinhanez desenvolveu – de levar ideias de forma regressiva, como uma coluna de jornal impresso – foi adotado no Brasil quatro anos depois pela primeira blogueira que se tem conhecimento, a gaúcha Viviane Menezes. Silva descreve a maneira como ela escreve:

no Brasil, há controvérsias a respeito do que é considerado o primeiro Weblog. Alguns atribuem a Zamorim o posto de pioneiro na publicação através deste formato. Zamorim teria emitido seu primeiro “post” em 2000. Entretanto, a gaúcha Viviane Menezes também é apontada como o primeiro “blogueiro” brasileiro, que começou a publicar desde fevereiro de 1998. Com 17 anos, ela escrevia o que na época era conhecido por “journal” (diário, em inglês), com uma página em HTML para cada dia que passava (SILVA, 2006, p.37).

A blogueira Viviane Menezes contou em entrevista ao site *Trabalho Sujo*, do jornalista Alexandre Matias, em 14 de agosto de 2002, que começou a usar um computador no fim de 1994 e que dois anos depois teve o contato com os primeiros blogs no exterior. A inspiração veio por conta do formato de um diário: “em 1996, quando tropecei em alguns diários na internet, descobri que tinha toda uma comunidade em volta disso lá fora. Foi como achei uma boa maneira de manter os amigos de longe atualizados.”⁹

Esse mesmo formato também passou a ser utilizado por muitos jornalistas para divulgar informações apuradas ao longo do dia. É o caso, por exemplo, do primeiro blog brasileiro de política que se tem conhecimento, que estreou no dia 8 de março de 2004. O *Blog do Noblat*,

⁹ MATIAS, Alexandre. “Viviane Menezes.” 26 jun.2007. In: *Trabalho sujo*. Disponível em: <https://trabalhosujo.com.br/wp/viviane-menezes/>. Acesso em: 28 jan. 2021.

hoje abrigado na plataforma da revista *Veja* e com reprodução no *Twitter*, utiliza esse sistema de oferecer as notícias em forma decrescente. Jornalista com passagem em vários jornais e revistas, Noblat perdia muita informação que ele apurava no começo da semana para a coluna do jornal *O Dia*, conforme disse em uma entrevista ao jornalista André Luis Leite. “Comentei isso com o André Falcão, amigo e editor de *O Dia*. Foi ele quem sugeriu que eu colocasse essas notas num blog”¹⁰. Noblat, que se tornou inspiração para um dos jornalistas de blog entrevistados nesta dissertação (“Capítulo 3”), disse nessa mesma entrevista que chegou a perguntar se blog não era algo de adolescente, mas que foi convencido pelo amigo: “Ele me explicou que não era bem assim, que nos Estados Unidos havia muitos blogs de notícias e coisa e tal”.

O jornalista Ricardo Noblat, ao fazer a defesa do jornalismo ético, responsável e de utilidade pública apresenta algumas impressões sobre o momento atravessado pelos jornais impressos sem deixar de conectar com o avanço do noticiário via internet: “Os jovens, principalmente eles, fogem da leitura dos jornais e preferem informar-se por outros meios. Ou simplesmente não se informam. Uma fatia crescente deles adere à internet” (2012, p. 229¹¹). Noblat, quando descreve a reforma do jornal *Correio Braziliense*, não deixa de citar certa preocupação com esse jornalismo na internet. Ao tratar sobre o furo de reportagem, ele explica como daqui para frente o jornal deverá proceder: “O *Correio Web* é o *Correio Braziliense* na internet. Lugar de furo é no *Correio Web* – salvo os furos que possam ser guardados para a edição seguinte do *Correio Braziliense* sem que corra o risco de perdê-los” (2012, p. 2.308)¹². A análise do jornalista confirma o que já foi mencionado anteriormente, sobre a aceleração do tempo no jornalismo digital.

1.4 Blog, um conceito

O blog, porém, assim como a internet, evoluiu. Como então conceituá-lo? Nesta pesquisa, são apresentados alguns autores que tratam do termo de uma maneira mais regular, caracterizando-o no campo comunicacional.

Para construir uma definição, Nonato (2015) cita vários autores que elaboraram mapeamentos para definir o que é blog. Ela lembra, por exemplo, que Amaral, Recuero e Montardo (2009) “fizeram um mapeamento sobre as diversas definições de blogs e apontaram

¹⁰ LEITE, André Luis. “Aventuras de um blogueiro acidental.” 23 maio.2005. In: *Observatório da Imprensa*. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/aventuras-de-um-blogueiro-acidental/>. Acesso em: 28 jan.2021.

¹¹ O Kindle apresenta em seus e-books posições ao invés de páginas e a numeração é maior que em um livro físico, pois a fonte é maior para facilitar a leitura.

¹² O Kindle apresenta em seus e-books posições ao invés de páginas.

três conceitos para defini-los: estrutural, funcional e como artefatos culturais” (NONATO, 2015, p.133). Nessa divisão, o estrutural é organizado a partir da ordem cronológica, o funcional é o que funciona como meio de comunicação e o de artefatos culturais representa a apropriação pelos leitores.

Agilidade, conteúdo atualizado e credibilidade “tanto da notícia como o do blogueiro” (PENTEADO; SANTOS; ARAÚJO, 2009, p. 160), também são lembrados por autores selecionados pela pesquisadora. E ainda fatores que podem levar o blog ao sucesso como “a agilidade, o conteúdo atualizado constantemente e a credibilidade” (PENTEADO; SANTOS; ARAÚJO, 2009, p. 160).

Nonato cita ainda a classificação criada pelas pesquisadoras Quadros, Rosa e Vieira (2005) que baseadas na tipologia apresentada em 2004 pelo escritor D. Traves Scott, dividiram os blogs em protótipos (diários pessoais, links para assuntos gerais, links temáticos, diários instrutivos) e contemporâneos (diários pessoais, coletivos, instrutivos, individuais ou grupos, diários informativos, assuntos gerais ou temáticos, analíticos, opinativo, noticioso, diários mistos). Após apresentar o debate entre vários autores, a pesquisadora constrói a própria definição, que foi adotada nesta dissertação:

os blogs são novos instrumentos de informação e meios de comunicação. A grande quantidade de pesquisas, levantamentos e categorizações publicadas nos últimos anos demonstra que os blogs se tornaram importantes meios de comunicação, que abalaram as rotinas produtivas dos meios de massa (QUADROS, ROSA E VIEIRA, 2005). Além disso, proporcionam um novo ambiente de interação social, em que leitores podem deixar seus comentários, elogios e críticas, além de interagir com o blogueiro e com seus visitantes. São novos espaços públicos de debate que significam, muitas vezes, um movimento de mão dupla (NONATO, 2015, p.137).

Por sua vez, Assis cita uma divisão apontada por alguns estudos sobre formato e conteúdo e que o blog naquele momento podia ser encontrado pelo menos em três formatos: o diário eletrônico, em que o autor se expressa e conta fatos do cotidiano; publicações eletrônicas, voltados especialmente para a informação, dicas e opiniões sobre algum assunto e publicações mistas: assuntos pessoais que giram em torno da vida do autor e também de conteúdos informativos, “que são postados de acordo com o critério pessoal do manipulador do blog” (ASSIS, 2007, p. 44). Há ainda o caráter múltiplo e versátil, como lembra Paz (2009):

unidade potencial de construção, manutenção, reforço e abandono de relações contidas em um espaço autoral individual ou coletivo que espalha-se na rede através do diálogo, da conversação, da discussão e do debate proporcionados por três ambientes – *blogroll*; *posts* (*links*, citações e conteúdo próprio) e comentários – que caracterizam o lugar desse ser e a sua forma de interagir em um ambiente marcado pela remediação (PAZ, 2009, p.16).

Dos três ambientes citados por Paz, o *blogroll*, uma lista de blogs indicados ou acessados pelo criador do próprio blog, sofreu um impacto provocado pelo surgimento das redes sociais:

Quando surgiram, os *blogrolls* serviam apenas para indicar para o leitor daquele site ou blog outros blogs e sites interessantes para ele ler, e numa internet sem redes sociais e sem buscadores a indicação de um blogueiro valia ouro. A internet mudou bastante de lá para cá, as redes sociais se tornaram a porta de entrada dos usuários, a decisão do que vamos ler passou a ser decidida por algoritmos e de uns tempos para cá o perigo de vivermos em uma bolha tornou-se cada vez maior (SOUZA, 2016, on-line).

De fato, a influência das redes sociais na distribuição de informação é intensa. O *Relatório Reuters de 2020*, por exemplo, aponta que, no Brasil, a procura por notícias em redes sociais atingiu a marca de 67% contra 66%, ultrapassando pela primeira vez a procura por notícias em televisões desde 2012, quando o relatório começou a ser produzido. O ranking mostra que o Facebook lidera a procura por notícias com 54%; seguido por WhatsApp 48%; YouTube 45% ; Instagram 30% ; Twitter 17% e Facebook Messenger 13% . O problema é que as redes sociais utilizam algoritmos – um processo computacional semiautônomo que analisa a massa de dados. Eles organizam e separam as informações a partir do perfil do próprio usuário – como cita Araújo, que fez uma pesquisa sobre o *feed* de notícias da plataforma Facebook:

estruturam como a informação é produzida, acessada, organizada, vista como legítima ou descartada como irrelevante (ANANNY, 2016). Trata-se de um padrão tecnológico contemporâneo que se dissemina pelos mecanismos que usamos diariamente para realizar diferentes práticas. Nesse sentido, o termo algoritmo tem se popularizado como uma forma de fazer referência ao poder dos processos computacionais na vida cotidiana (ARAÚJO, 2018, on-line)

Os algoritmos, porém, provocam o desaparecimento daqueles produtores de conteúdo que não se enquadram na norma algorítmica. Basta uma pequena mudança no sistema de seleção para produtores de conteúdo simplesmente desaparecerem do universo do *feed*, da lista de notícias selecionadas pela plataforma com base nas características do usuário. Como dizem os pesquisadores Kischinhevsky e Fraga:

Com a justificativa de restringir o acesso a páginas de “baixa qualidade” e a conteúdos “caça-cliques”, o algoritmo do Facebook foi sendo modificado, mas o resultado mais evidente acabou sendo a invisibilidade, para bilhões de usuários, dos conteúdos produzidos no âmbito do jornalismo profissional e mesmo por coletivos independentes de jornalistas e outros movimentos sociais (2020, p.131).

Por outro lado, os blogs ainda continuam tendo um importante ponto de interação com os leitores, graças ao espaço livre que ele proporciona para os comentários após as publicações. Essa área, porém, também pode ser prejudicada quando a mensagem parte de um autor que se esconde no anonimato ou pelo uso de robôs. Logo, esses sistemas podem tanto ter uma ação positiva com o compartilhamento de ideias, sugestões, comentários - o livre exercício da expressão num ambiente democrático, como também atraparlar o debate com opiniões anônimas ou de robôs com o propósito de manipular o leitor – principalmente em períodos eleitorais.

Em um caso recente, o uso de robôs foi aplicado contra a jornalista Patrícia Campos Mello, que após denunciar o uso de disparos em massa para influenciar o eleitor a votar no candidato Jair Bolsonaro (que se elegeu), passou a ser perseguida nas redes sociais:

Imagino que muitos robôs tenham ajudado a subir as hashtags #JornalistaProstituta, #Putajornalista e #JornalistaDáOFuro, viralizadas após as declarações de Bolsonaro sobre mim em fevereiro de 2020. Até hoje, qualquer reportagem que eu venha a compartilhar nas redes sociais recebe comentários de contas sem foto, com todo jeito de serem robôs ou *trolls*. Sempre xingamentos ou hashtags ofensivas como essas, nenhuma relação com o conteúdo da reportagem postada (MELLO, 2020, p. 1.666)¹³.

Outro recurso que o blog também oferece é a ferramenta chamada *trackback*, que dá a possibilidade do leitor se inteirar com o que está sendo publicado em outros lugares sobre o mesmo assunto. Primo e Recuero a descrevem como uma ferramenta que mostra ao internauta como a discussão sobre o mesmo assunto também está sendo realizada em outros blogs. E que “essas ferramentas que fazem do blog um sistema que traz uma organização diferenciada para a web. Isso porque são essas ferramentas que proporcionam ao *weblog* um espaço de comunicação entre os interagentes, proporcionando a discussão e o diálogo” (PRIMO; RECUERO, 2003, p.56).

A consequência desse processo participativo de troca de opiniões é a construção coletiva, onde “o espaço de debate é mantido por negociações entre os participantes”, dizem os autores, que lembram que com a inclusão de novos links, o conhecimento do usuário e da própria web se expande: “com os blogs e páginas wikis os internautas passam também a ser guias, podendo inclusive criar o próprio território e os caminhos que o entrecruzam” (PRIMO e RECUERO, 2003, p.62).

Ao descrever o hipertexto, recurso utilizado para transferir o leitor de links para conteúdo do próprio blog ou para outras páginas, Assis lembra que esses recursos oferecidos

¹³ O Kindle apresenta em seus e-books posições ao invés de páginas e a numeração é maior que em um livro físico, pois a fonte é maior para facilitar a leitura.

pela internet são essenciais para os novos modelos de comunicação, como os de jornalismo. Isso porque “o público já não quer apenas receber a informação, ele quer interferir nos processos de produção e edição das informações que considera importantes e necessárias para o seu dia a dia” (2007, p.43).

Interação que é essencial para cativar os leitores. A mediação é importante para manter esse leitor assíduo no blog. É uma característica da rede da qual o jornalista de blog é fornecedor de conteúdo. E é preciso ficar atento a esse novo ambiente em que as relações são importantes, pois criam laços fracos, mas múltiplos, como diz Castells: “a vantagem da Rede é que ela permite a criação de laços fracos com desconhecidos, num modelo igualitário de interação no qual as características sociais são menos influentes na estruturação, ou mesmo no bloqueio de comunicação” (2018, p. 442).

Outra característica é que esse leitor atua dentro do sistema, como replicante, divulgador accidental do trabalho jornalístico: “Isto é, o público dessa mídia — o blog — não apenas recebe passivamente os conteúdos, mas ajuda a julgá-los pertinentes, válidos e confiáveis para serem replicados”, dizem Christofletti e Laux, que consideravam o público da blogosfera mais influente: “o que acontece é que convivem simultaneamente vários sistemas de reputação na Internet — e também na blogosfera —, permitindo que a seleção de serviços, conteúdos e informações (inclusive jornalísticas) se apoiem em mais filtros. E estes funcionem de forma descentralizada” (2008, p. 37). Hoje se sabe também que a dinâmica das redes sociais interfere definitivamente nesse sistema de reputação, inclusive com o surgimento dos influenciadores, porém os jornalistas de blog continuam influentes, conforme poderá ser verificado no mapeamento realizado no capítulo 2.

1.5 Blog como alternativa de trabalho

Em 2011, a vida profissional de José Carlos Polli vivia um dilema comum aos profissionais de comunicação: à procura por um novo desafio. O jornalista de formação de 51 anos de profissão e 75 anos de idade estava sem trabalho e após conversar com um amigo, viu na criação de um blog um caminho para continuar informando: *eu comecei a ver, pensando assim, acho que isso aqui vai ser o futuro.*¹⁴ Nove anos depois, ele mantém ativo o *Blog do Polli*, que funciona como uma plataforma agregando uma rádio via internet e um canal de vídeo, onde toda semana ele entrevista uma personalidade política da cidade de vários partidos.

¹⁴ O jornalista José Carlos Polli concedeu entrevista a este autor em 28 de julho de 2019.



Figura 3. Notícia do *Blog do Polli*: “Contra Bolsonaro.” 31 jan.2021.

Fonte: *Blog do Polli*. Disponível em: <https://blogdopolli.com.br/contra-bolsonaro/>. Acesso em: 25 jan.2020.

Por ter participado da fundação de cinco jornais, duas emissoras de TV e ainda trabalhando como assessor de imprensa da Prefeitura de Poços de Caldas (MG), Polli é muito conhecido na cidade. E consegue explorar o capital jornalístico que desenvolveu nos meios locais – particularmente no meio político. *O meu blog está no bolso de todos. Mas se eu não tiver: falando o que o cara quer ouvir, mostrando o que eu cara quer ver e escrevendo o que o cara quer ler, esquece. Você não vai ter ninguém que vai lhe assistir, ler ou ver você. Então tem um negócio que se chama conteúdo...se você não tiver conteúdo, esquece que você não vai a lugar nenhum.*

Continuar trabalhando, informando e emitindo opinião. Além da necessidade financeira – Polli, antes da pandemia, declarou que ganhava três vezes mais no blog do que no seu último emprego formal, a assessoria de imprensa –, o jornalista blogueiro disse que precisava criar uma maneira de continuar divulgando as informações que recebe diariamente das mais variadas fontes da cidade.

Essa migração – do impresso e da TV para o webjornalismo – é uma tendência muitas vezes provocada pela falta de oportunidades nas redações convencionais, como explica Nonato: “diante desse quadro, como o jornalista faz para realizar a sua vontade, exercer o seu ofício com prazer? Por meio dos blogs, pode ser uma alternativa” (NONATO, 2015, p. 127-128).

A autora cita ainda que, na época da tese, 2015, pesquisas apontavam que quase todos os jornalistas tinham blogs, ligados à área cultural e de entretenimento: “Não importa o dia ou horário, pode ser à noite, depois do expediente ou num final de semana. O blog também é visto como uma vitrine e uma grande oportunidade profissional de se chegar a uma redação de jornal” (NONATO, 2015, p. 127-128).

Esta pesquisa irá mostrar o caminho oposto – o dos jornalistas experientes demitidos ou que se demitiram das redações e que seguiram o caminho do blog jornalístico. Um processo de transição difícil, que nem todos conseguem seguir por inúmeros fatores, como, por exemplo, se tornar empreendedor de uma hora para a outra.

Em outra entrevista realizada com Josmar Jozino em 2 de julho de 2019, o jornalista com 36 anos de profissão (um dos melhores repórteres de polícia em São Paulo), tinha dúvidas se poderia ou não abrir o próprio blog.

Com passagem em diversas redações de jornais impressos, na época que eu o entrevistei, ele escrevia livros e contribuía para o blog *A Ponte*, onde conseguia publicar e atender aos pedidos das fontes cultivadas ao longo da profissão. *Eu nunca pensei nisso não, alguns colegas chegaram a falar nisso. Eu nunca pensei se era viável ou não. Eu tenho uma opinião a respeito: eu acho que é uma outra plataforma, eu acho que é uma saída para o jornalismo.*¹⁵

Jozino, que mora na maior capital do país (São Paulo) e Polli, que vive na divisa de Minas Gerais com São Paulo (Poços de Caldas - MG), possuem outras diferenças. Polli teve a experiência de montar negócios de comunicação e trabalhar neles como jornalista ao longo de toda a vida. Enquanto Jozino sempre trabalhou como repórter não participando das decisões empresariais. Jozino trabalhou em cinco jornais, quatro emissoras de rádio e uma de televisão.

As mudanças ocorridas nos últimos anos tiveram impacto sobre a carreira de Jozino, que no último emprego trabalhava em um núcleo de reportagens investigativas, onde tinha muitos repórteres experientes, com fontes na polícia, com “faro para reportagem”, mas que de repente deixaram de ser importantes para a empresa. *Chegou uma época lá que a direção do núcleo dizia que não queria saber mais de “repórter perdigueiro”. Queria assim repórteres, produtores mais jovens, com outras ideias, com aparência melhor, mais bonitas. Eu lembro que começaram a demitir um por um.* Jozino ficou no blog *A Ponte* até maio de 2020, sem remuneração. Em julho, ele começou a escrever e a receber pelo trabalho no site *UOL: O UOL me chamou porque creio que os chefes já conheciam meu trabalho.*

Efeitos de um processo de transformação das redações convencionais que já vinha ocorrendo no mundo todo como o corte dos mais experientes e a contratação dos mais jovens para economizar no pagamento de salários. Mark Deuze e Tamara Witschge citam que em 2006 uma pesquisa da Federação Internacional de Jornalistas e a Organização Internacional do

¹⁵ O jornalista Josmar Jozino concedeu entrevista a este autor em 2 de julho de 2019.

Trabalho, realizada entre sindicatos e associações de jornalistas de 38 países de todo o mundo, mostrou a chegada do trabalho “atípico” nas redações:

O jornalismo *freelance*, o empreendedorismo independente e a precarização do trabalho são proeminentes, particularmente entre os jovens repórteres e os recém-chegados no campo. O que é importante notar aqui é que os profissionais que trabalham de forma atípica hoje compõem a maior parte dos jornalistas (2015, pp.7 e 8).

Os autores lembram ainda que os jornalistas foram perdendo condições de trabalho com a justificativa de que as empresas seguiam às novas dinâmicas do mercado de trabalho, “uma vez que as tendências globais mostram um crescimento contínuo dos negócios independentes e do empreendedorismo *freelance* apesar da (ou inspirados pela) crise econômica em curso”. Outro problema que esse profissional mais experiente demitido enfrenta nesse processo de transição é o fato de que ele não foi treinado para ser empreendedor. Pelo contrário, por razões éticas sempre houve um distanciamento entre o jornalismo e o comercial, o setor que vende propagandas. Deuze e Witschge citam que:

Robert Picar sugere que a profissionalização do jornalismo – que fez com que os jornalistas em geral desfrutassem de uma autonomia sem precedentes em seu trabalho – pode ser considerada como um fator para o fato de que a maioria dos jornalistas esteja mal equipada para lidar com os aspectos comerciais da feitura de notícias, uma vez que o processo simultaneamente separou os jornalistas das decisões nos negócios e os demoveu de qualquer responsabilidade pelas ações e pela sustentabilidade da organização (2015, p.19-20).

Forçados pela falta de trabalho, esses jornalistas enfrentam os desafios do empreendedorismo, de administrar um negócio de notícias, sem ter noção dos riscos para a própria saúde. Eles partem para o empreendedorismo, na aventura de administrar um negócio de notícias e ao mesmo tempo serem os produtores de conteúdo – uma tarefa nada simples, que provoca efeitos adversos, como algumas pesquisas já demonstram.

Em primeiro lugar, embora possamos encontrar algum otimismo entre os trabalhadores independentes, estudos na Alemanha (ERTEL et al., 2005), na Austrália (GREGG, 2011), no Reino Unido (HESMONDHALGH e BAKER, 2010) e nos EUA (NEFF, WISSINGER e ZUKIN, 2005) mostram consistentemente os efeitos psicossociais adversos, o aumento dos níveis de estresse e a má saúde subjetiva geral entre os trabalhadores de mídia freelances (DEUZE; WITSCHGE, 2015, p. 21).

Os dois autores também lembram que Richard Sambrook (2010) observa que organizações de notícias inglesas e norte-americanas passam a confiar em “jornalistas com pouca experiência na área de atuação, jornalistas de tempo parcial e *freelances*”. E que eram *freelances*

os jornalistas filmados sendo mortos por grupos jihadistas no Oriente Médio (Síria e Iraque) e no Paquistão (desde a decapitação de Daniel Pearl, do *The Washington Post*, em 2002). “Recorrem a *freelances* (muitas vezes ansiosos) que trabalham sem “nenhuma segurança, sem cobertura de despesas ou mesmo de passagens para levá-los de volta para casa” (DEUZE; WITSCHGE, 2015, p.15).

Um levantamento da ONG Artigo19 aponta que “só em 2019 foram mortos 57 jornalistas, com uma taxa de impunidade de cerca de 90%. 971 jornalistas foram mortos desde 2009. Pelo menos 250 jornalistas estavam presos no final de 2019 e as tentativas de silenciar comunicadores estão se diversificando - desde a ‘guerra jurídica’ e o assédio judicial, até vigilância e assédio por parte dos serviços de segurança”.

Por todos esses problemas, um jornalista deve ser empreendedor? Essa é uma questão que divide os autores, como lembram os pesquisadores Michelle Roxo e Rafael Grohmann. Em um artigo onde fazem uma reflexão, eles citam que Cleyton Torres (2012), que se identifica no texto como jornalista, pós-graduado em Assessoria de Imprensa e em Política e Sociedade no Brasil Contemporâneo pela Universidade de Taubaté (UNITAU) indica a necessidade de se contemplar outro perfil formativo ao afirmar que o sistema educacional brasileiro e as faculdades de jornalismo criam “empregados”, não “empreendedores”.

Roxo e Grohmann destacam que Torres considera o modelo atual do trabalho, com empregos tradicionais, como “acomodação” em um mercado que está em constante atualização e com projetos em movimento. A palavra “inovação” – eles destacam – é reforçada em diferentes passagens do texto de Torres.

O certo “conforto” e “status” oferecido pelas carteiras profissionais assinadas com grandes meios de comunicação faz com que uma legião de estudantes sonhe em repetir o óbvio, evitando uma inovação própria ou um confronto direto com os moldes jornalísticos vigentes. Perde o estudante, perde o mercado de comunicação, perde o jornalismo e, principalmente, perde a sociedade, pois não consegue ter um jornalismo inovador com mentes inovadoras (TORRES, 2012, on-line).

Torres, ao analisar dessa forma a relação de trabalho do jornalista que é empregado por veículos jornalísticos, ignora, por exemplo, as longas jornadas dos jornalistas nessas empresas, remuneradas ou convertidas em bancos de folgas e os riscos constantes da profissão – e ataca o sistema de educação, por não formar empreendedores e sim empregados. Ele ainda compara o modelo brasileiro com o norte-americano que, segundo o autor “consegue plantar milhares de sementes inquietas em busca de criações próprias. O resultado? Empresas de tecnologia de ponta, estudos sobre mídia ou novos padrões de se pensar jornalismo”.

Esse tipo de inovação, porém, traz alguns perigos para a vida financeira do profissional que passa a gerenciar o “valor da independência” e a própria capacidade de produção. O “jornalista empreendedor” – que terá de equilibrar receitas e despesas se opõe ao “jornalista da faculdade” – formado para ser assalariado, para cumprir uma rotina, ter uma escala de horário de trabalho. Como empreendedor, esse profissional encontrará na internet o ambiente dominado por gigantes tecnológicas do duopólio Google e Facebook, que já abocanham a maior parte do mercado publicitário. “O Google e o Facebook controlam hoje 85% da publicidade paga na internet. No caso das páginas noticiosas e blogs, o controle chega aos 90%”, lembra Castilho (nov.2020, on-line).

O pesquisador analisa que “além de parte da receita publicitária (Google e Facebook) ainda ficam com a informação deixada por consumidores, justo a parte mais valorizada dos anúncios”. Ele sustenta que a saída é apostar no público como principal fonte de receitas, não o público consumidor, mas sim o público parceiro. O problema é que isso implica na necessidade de engajamento, logo, de interação. O jornalista empreendedor tem então pela frente: a produção da notícia, a capitalização e a mediação para garantir o engajamento. Uma sobrecarga de trabalho que, de acordo com o pesquisador, “nem todos conseguem aguentar”. Diz Castilho: “Nos primeiros 24 a 36 meses de existência, os erros são mais frequentes que os acertos, não há garantia de retorno financeiro e o entusiasmo é o principal combustível da maioria absoluta dos projetos”.¹⁶

Ao longo dessa pesquisa irei apresentar exemplos de jornalistas que deixaram as redações e que seguiram de forma intensa para a produção do blog. É difícil dizer se um jornalista deve ser empreendedor. As dificuldades são inúmeras, pois o Brasil possui uma legislação que não privilegia o empreendedorismo, ao contrário de outros países, por exemplo, como os Estados Unidos. Empresas menores sobrevivem menos. É o que demonstrou um estudo de 2018 feito pelo IBGE, que apontou que após cinco anos de criação de empresas próprias (período analisado 2013-2018) as taxas de sobrevivência, considerando-se as faixas de pessoas ocupadas ou assalariadas de 0, 1, a 9 e 10 ou mais pessoas, foram de: 29,9%, 52,7% e 62,5%, respectivamente¹⁷. Mas existe um fato: a necessidade de continuar produzindo tem feito os

¹⁶ CASTILHO, Carlos. “Sustentabilidade financeira define o futuro do jornalismo online.” In: *Observatório da Imprensa*. 3 nov.2020. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/tendencias-no-jornalismo/sustentabilidade-financeira-define-o-futuro-do-jornalismo-online>. Acesso em: 13 jan.2021. Acesso em: 28 jan.2021.

¹⁷ “Demografia das Empresas e Estatísticas de Empreendedorismo.” In: *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/industria/22649-demografia-das-empresas-e-estatisticas-de-empendedorismo.html?=&t=downloads>. Acesso em: 13 jan.2021.

jornalistas apresentados nos próximos capítulos desta pesquisa superarem barreiras. De certa forma, estão competindo com os meios tradicionais.

E aos trancos, esse jornalismo empreendedor vem ganhando expressão, provocando mudanças identitárias, como ressaltam Roxo e Grohmann. Citando Bourdieu (1996), os autores dizem que essas implicações “tensionam, em alguma medida, representações associadas à ética profissional jornalística”, uma aproximação que é preciso ter cuidado, “interesses econômicos x desinteresse do pólo simbólico constituído historicamente em torno do jornalismo” (OLIVEIRA 2005, citado por ROXO e GROHMANN, 2005, p.130). Comentam ainda que é possível observar, inclusive, uma mudança no discurso dos jornalistas, “a partir do entendimento das prescrições, podemos enxergar as renormalizações (SCHWARTZ; DURRIVE, 2008) e as ressignificações que os sujeitos-trabalhadores fazem em relação às prescrições do mundo do trabalho, a partir de sua atividade e de seus discursos sobre o trabalho” (p.130). Pereira e Adghimi (2011), citados anteriormente, mencionam que a “roupa do Super-Homem já não serve mais”.

Seja por mudança motivada pela força da inovação ou pela precarização da relação trabalhista entre as empresas e o jornalista, o que realmente significa empreender para o jornalista? Além de se arriscar em um universo novo, o grande desafio é produzir e ao mesmo tempo conseguir ser remunerado, pois a atividade jornalística é completamente diferente da atividade publicitária. Manter-se nas duas funções é uma tarefa complexa para esse profissional.

O jornalismo empreendedor contemporâneo foi objeto de análise de Eleonora de Magalhães Carvalho, na sua pesquisa de Doutorado. Para a autora, empreender significa profissionalizar a atividade jornalística que, como modelo de negócio, vai disputar um pedaço do mercado midiático.

E isso envolve busca por geração de receita, a partir de diversas fontes de financiamento que podem ser adotadas isoladamente ou em conjunto (como recebimento de recursos de publicidade pública, anunciantes privados, doações, participação em editais de financiamento, cobrança de assinaturas), mas não necessariamente obtenção de lucro (CARVALHO, 2018, p. 120).

Uma das características que Carvalho observa desse momento de jornalismo empreendedor contemporâneo é o de como o empreendedorismo auxilia na libertação do jornalista conforme o desenvolvimento do blog:

A tecnologia trazida pela evolução da internet facilitou não apenas a realização de “jornalismo sem jornal” como, paradoxalmente, a aproximação de jornalistas com o negócio de fazer jornal – agora compartimentado em uma categoria positiva, um dos desdobramentos do ideal de “libertação” do jornalista do assalariamento, dos constrangimentos que fazem parte do dia a dia das redações, por fim, das “amarras” do jornal enquanto empresa (CARVALHO, 2018, p. 123).

A pesquisadora volta a utilizar a expressão “jornalismo sem jornal” em um artigo para a revista *Aurora* (2018), onde considera que o fenômeno “jornalismo empreendedor”, deve “ser compreendido como resultado de um processo que contribuiu para a construção de uma mentalidade entre os jornalistas brasileiros em relação ao que de fato deve (ou deveria) ser o jornalismo – e, por sua vez, como ele precisa ser exercido”. Ela lembra que mudanças profundas aconteceram no trabalho jornalístico dentro das redações e das ofertas de vagas, tornando o jornalismo empreendedor uma necessidade para os recém-formados, relacionando a “sobrevivência – financeira e, para muitos, principalmente profissional, como jornalista”. E isso “significa compreender o espírito do tempo e a ele se adaptar”, de acordo com a autora, lembrando ainda que muitos jornalistas experientes que deixaram as redações tradicionais e seguiram para os blogs também estão nas redes sociais.

A segmentação político-ideológica do mercado de notícias é algo que faz bastante sentido e que se insere na lógica de redes sociais, bem como na do jornalismo empreendedor que, em última instância, renova-se com a ajuda da tecnologia, mas que também busca perpetuar a essência do que a comunidade jornalística brasileira, em geral, entende como ideal de jornalismo (CARVALHO, 2018, p.125).

Essa mentalidade sobre o ideal do jornalismo, como por exemplo, a liberdade, é um aspecto presente na visão dos jornalistas mais experientes, como poderemos ver mais adiante no capítulo 3, ainda mais ao considerar que eles fazem parte de gerações para as quais o Super-Homem ainda fazia algum sentido.

CAPÍTULO 2 - A INFLUÊNCIA DOS BLOGUEIROS NA MÍDIA IMPRESSA E DIGITAL

Antes de invadir as redações em busca de informações sobre a influência dos blogueiros na pauta da mídia impressa e digital, é preciso traçar um breve cenário de como o uso da internet tem influenciado o mercado de consumidores de notícias, conhecimentos e produtos.

De acordo com a pesquisa publicada na revista *Mídia Dados*, o Brasil ocupa a quarta posição entre 20 países do mundo que mais usam internet (perde para China, Índia, Estados Unidos). O Brasil tem uma população estimada em mais de 210 milhões de habitantes, com 149 milhões de usando a internet, com uma penetração de 70% da população. Os dados foram reunidos em uma pesquisa da Internet World Stats, publicada pelo *Mídia Dados*¹⁸ (2019, p. 210):

As estatísticas são de 30 de junho de 2018 e usou dados demográficos baseados em dados dos EUA Census Bureau, Eurostats e agências locais de recenseamento, enquanto as informações do uso de internet vêm de dados divulgados pela Nielsen Online, pela União Internacional de Telecomunicações, por GfK reguladores de TIC locais e outras fontes confiáveis.

A Internet World Stats também publicou o resultado de uma pesquisa on-line feita pela *G.Net – O TG.Net* com cerca de 3 mil internautas de 15 a 75 anos no Brasil. Em um levantamento realizado entre outubro e novembro de 2016, nos mercados de São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, Belo Horizonte, Porto Alegre, Goiânia, Curitiba e Distrito Federal, Nordeste, São Paulo interior e interior do Sul e Sudeste, foi indagado qual a principal função da internet. Para 48,5% das pessoas consultadas, a principal função é “estudar qualquer assunto, de qualquer lugar”. A busca por informação ficou na frente de “comprar qualquer produto sem sair de casa” (35,2%) e “pagar as contas sem ir ao banco” (30,5%) (MÍDIA DADOS, 2019, p.219).

¹⁸ MÍDIA DADOS BRASIL 2019. São Paulo: Grupo de Mídia São Paulo, anual. pp.219-221, 238 e 243. Disponível em www.gm.org.br. Acesso em: 10 nov.2019.

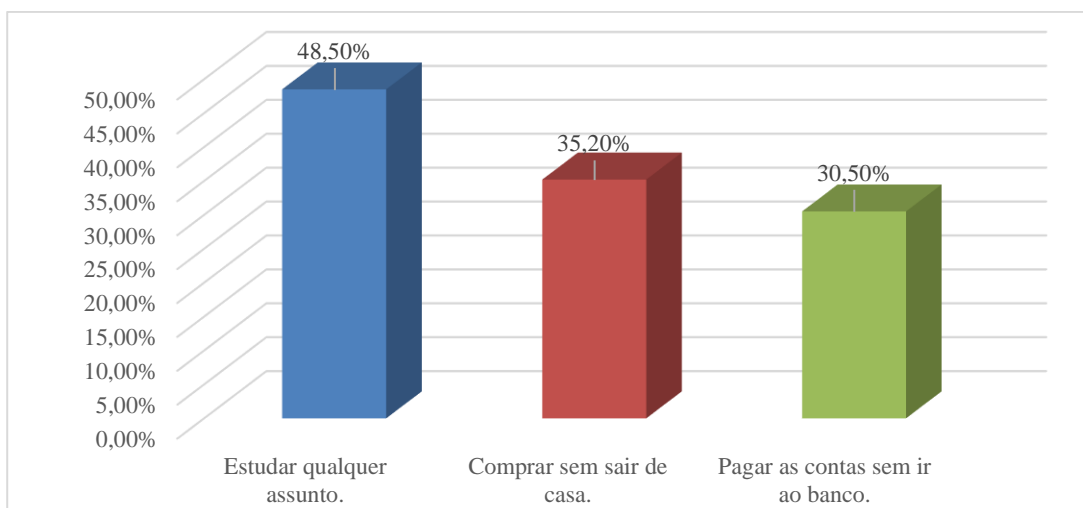


Gráfico 1. Qual a principal função da internet?. Fonte: Internet World Stats (30.06.2018)
Nota: Publicado na revista *Mídia Dados* (2019, p.219), adaptado pelo autor no formato de gráfico (respostas múltiplas).

A mesma pesquisa avaliou também o que as pessoas andam assistindo. No item “Conteúdo de vídeo”, visto nos últimos 30 dias, “Notícias”, ficou em terceiro lugar com 31,2%, atrás de “Comédia” (34,7%) e “Séries Internacionais”(38,5%). O item ficou na frente de “Animações” (26,2%) e “Documentários” (24,2%) (MÍDIA DADOS, 2019, p.220).

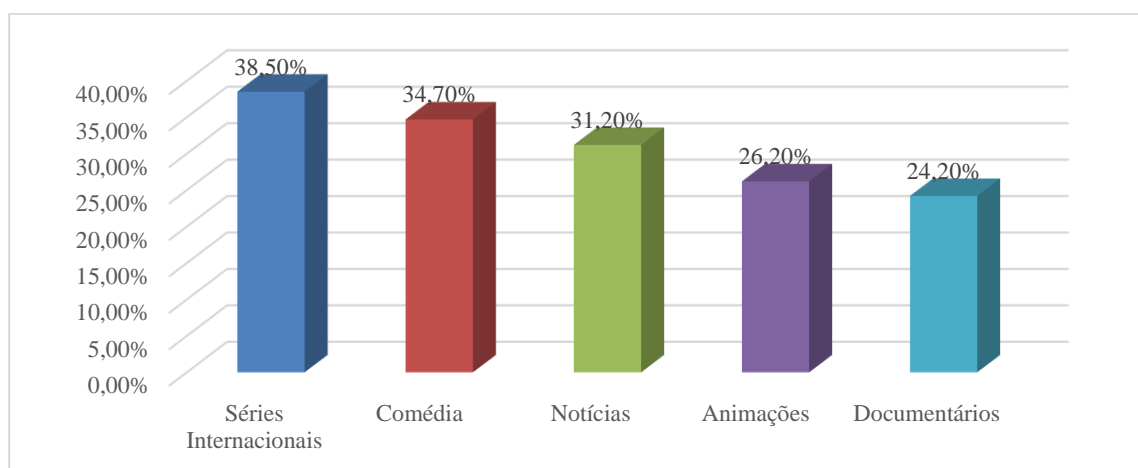


Gráfico 2. O que as pessoas andam assistindo? Fonte: Internet World Stats. (30 jun. 2018).
Nota: Publicado na revista *Mídia Dados* (2019, p.220), adaptado pelo autor no formato de gráfico (respostas múltiplas).

A pesquisa também observou quais eram as opiniões e atitudes dos internautas. “Considero importante os sites que visito me inspirem confiança” (76,6%); “Quando preciso de informação, o primeiro lugar onde procuro é na internet” (76,1%) e “Eu consigo integrar toda a informação e tecnologia disponíveis em minha vida”(55%) (MÍDIA DADOS, 2019, p.221).

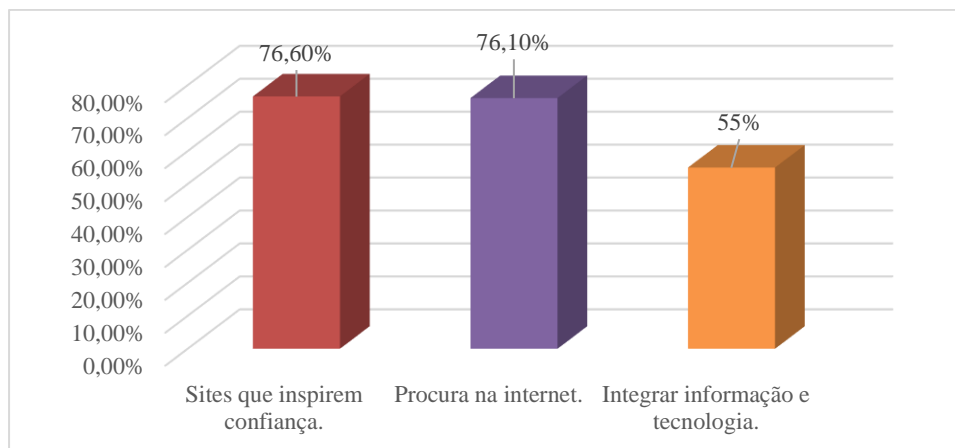


Gráfico 3. Opiniões e atitudes dos internautas na busca por informação

Fonte: Internet World Stats (30 jun.2018). **Nota:** publicado na revista *Mídia Dados* (2019, p.221) (respostas múltiplas).

A publicação - direcionada ao mercado publicitário – também traz dados sobre o uso de celulares. De acordo com a Anatel, “o Brasil terminou dezembro de 2018 com 229,2 milhões de celulares e densidade de 109,24 cel./100 hab.” (MÍDIA DADOS, 2019, p.238). Dentro desse universo, ela traz um ranking com os principais sites de notícias acessados, conforme o quadro a seguir:

<i>Globo Notícias</i> 70.510
<i>UOL Notícias</i> - 42.291
<i>R7 Notícias</i> - 25.144
<i>Folha de S.Paulo</i> - 24.137
<i>IG Notícias</i> - 23.495
<i>Abril Notícias-Veja</i> - 19.202
<i>Grupo Estado</i> -18.250
<i>Flipboard</i> -15.066
<i>Terra Notícias</i> -14.800
<i>Catracalivre.com.br</i> - 13.979
<i>Globo Tecnologia</i> - 13.286
Total População Mobile Brasil - 98.571.345
Total População Notícias Brasil - 98.518.414

Quadro 2. Principais sites de notícias acessados por pessoas com 18 anos ou mais.

Fonte: Source Comscore Mobile Metrix, Brasil (jan. 2019). **Nota:** Publicado na revista *Mídia Dados* (2019, p.243).

Olhando especificamente esses dados é possível afirmar que a busca por informações continua sendo um dos principais usos da tecnologia. É evidente que todo esse mercado vem passando por uma gigantesca transformação – trocando o papel pela rede virtual –, mas sem deixar o conteúdo de lado.

Indo mais a fundo, na Tabela 1, é possível observar o uso do celular para os sites dos grandes veículos de comunicação. *Globo*, *UOL*, *R7*, lideram seguidos por sites de notícias como *IG Notícias*, *Flipboard*, *Terra Notícias* e *Catraca Livre*. Interessante analisar que no meio desse cenário, grupos gigantes como *Abril Notícias* e *Grupo Estado* às vezes são

superados por sites que não possuem um vínculo com publicações físicas maiores. E nesse aspecto traz um pouco de esperança para aqueles jornalistas que deixaram as redações convencionais.

Outra pesquisa feita pelo Reuters Institute trouxe dados sobre esse universo para os jornalistas. O *Digital News Report 2019* analisa o contexto da mídia em 2018, ano da eleição de Jair Bolsonaro (sem partido) para a presidência da República. Na página dedicada ao “Brasil Urbano”, a pesquisa faz um relato sobre como a questão das *fake news* influenciou a eleição e até a criação de setores nas redações de checagem de notícias. Foram entrevistadas 75 mil pessoas em 38 países. Entre os tópicos analisados estão: “Novos modelos de negócios pagos”, a “Mudança para *apps* de mensagens privadas” e “O aumento dos *podcasts*”. A pesquisa traz resultados interessantes para o digital em contraponto ao impresso. Em texto assinado por Rodrigo Carro, jornalista financeiro e ex-bolsista do Instituto Reuters, destaca-se o crescimento do digital:

Após três anos de quedas sucessivas na circulação, os esforços da indústria de jornais para atrair assinantes digitais pareciam estar dando frutos. As assinaturas diárias de impressão e digital dos dez principais papéis pagos subiram 2,9% ano a ano – um aumento de 33% nas assinaturas digitais para aqueles que têm edições eletrônicas. O aumento foi impulsionado por fortes campanhas de desconto e pela ampla adoção de *paywal* (CARRO, 2019, p.122).

E mostra que o país de “211 milhões de habitantes com 71 por cento de penetração na internet” tem muita atração pelo uso das mídias sociais.

Os brasileiros continuam sendo alguns dos usuários mais pesados de mídia social do mundo e o uso de todas as principais marcas de mensagens sociais e de mensagens aumentou significativamente novamente no último ano. O crescimento foi particularmente forte entre os usuários do Instagram (+10), WhatsApp (+5) e YouTube (+8) (CARRO, 2019, p.122).

Ranking	Marca	Por notícias	Qualquer finalidade
1	Facebook	54% (+2)	76%
2	WhatsApp	53% (+5)	84%
3	YouTube	42% (+8)	80%
4	Instagram	26% (+10)	54%
5	Facebook Messenger	15% (+5)	44%
6	Twitter	15% (+1)	28%

Quadro 3. Mídia Social e Mensagem. Fonte: Reuters Institute Digital News Report 2019.

Olhando os dados do Reuters Institute, fica evidente que um blog de forma isolada não deverá ter um impacto tão grande, se ele não associar a sua divulgação às outras plataformas como Facebook e WhatsApp. Além disso, manter um canal no YouTube e selecionar fotos para o Instagram, além de criar grupos para Facebook Messenger e usar o Twitter para a publicação de pequenos textos relativos as notícias do dia é essencial para melhorar a amplitude do trabalho do blogueiro.

Mas dentro desse universo, quem se destaca? Quais são os jornalistas que de forma isolada, em um pequeno barco, estão conseguindo navegar e ao mesmo tempo se sustentar? Seria possível alguém diante desses gigantes do impresso e da internet influenciar a pauta e ao mesmo tempo conquistar uma fatia do mercado? Mas antes, como medir isso?

2.1 Tabulando dados, escolhendo a “montanha” e começando a “escalada”

Encontrar um caminho a percorrer talvez seja uma das tarefas mais difíceis de um pesquisador. O objetivo final está lá, mas não há certeza se aquilo que é imaginado vai se confirmar. Mas de certa forma, o pesquisador tem uma ideia do que pode vir pela frente. Este autor faz aqui uma breve reflexão sobre como a jornada de quem pesquisa se assemelha a de desbravadores do passado, que em busca de cidades perdidas enfrentaram inúmeros desafios – nem sempre tendo êxito no fim da jornada, por muitas vezes adotar trilhas erradas, abatidos por pestes ou inimigos (quando iniciada a pesquisa este investigador sequer tinha ideia que um ano depois, praticamente no meio do Mestrado, haveria uma pandemia mundial provocada por um vírus originário da China, o coronavírus que causa a Covid-19).

Antes da crise mundial, este autor e sua orientadora decidiram adotar alguns procedimentos metodológicos para a seleção de perfis diferenciados dos jornalistas blogueiros entrevistados neste estudo, cujas análises serão apresentadas no capítulo 4.

Em vez de buscar indicadores dos blogs mais acessados ou de jornalistas mais renomados, o caminho adotado foi o de ouvir a opinião dos jornalistas da grande imprensa sobre os blogueiros mais influentes.

Para isso, a decisão foi considerar os jornais impressos de capitais das cinco regiões brasileiras como referência para essa etapa, pois ainda são os mais acessíveis para a população de uma forma geral e também influentes pela tradição local. Dessa forma, como parte do processo da pesquisa, foram utilizados os indicadores do Instituto de Verificação de Dados (IVC) para identificar os jornais impressos com maior circulação nas capitais de

estados brasileiros nas cinco regiões. O IVC audita os jornais das capitais de 18 estados brasileiros.

A partir do ranking de cada capital nas cinco regiões, o pesquisador entrou em contato com os jornalistas que ocupam cargos de pauteiros, repórteres, editores e diretores nas redações dos veículos auditados e foi aplicado um questionário. Independentemente de qualquer contratempo buscou-se seguir em frente, sem contato físico, conversando por e-mails, WhatsApp e videoconferência. No caso do autor, repórter de TV, trabalhando e tendo cuidado para não pegar a doença e ainda transmitir para outras pessoas. A seguir, são apresentadas as etapas de forma detalhada, incluindo as análises correspondentes das respostas obtidas por região.

2.1.1 Tabulando os dados do IVC

Para ser auditado, o jornal precisa antes se filiar ao IVC, com pagamento de taxas específicas. De acordo com informações do site do próprio instituto, o associado auditado com mais de uma publicação pagará uma contribuição mensal, calculada sobre a soma das médias de circulação das publicações. “Em localidades nas quais não existam escritórios do IVC (fora do Grande RJ e Grande SP), ocorrerão por conta do associado auditado as despesas de passagem e estadia da equipe designada para o trabalho de verificação da circulação de sua publicação” (IVC, 2020, on-line). Apesar do fator financeiro, limitante para muitas publicações do Brasil, o IVC garante ter auditado a maior base de dados de jornais impressos do país.

No dia 16 de novembro de 2019, foram analisados os dados das publicações referentes a 2018. Na primeira parte da análise, foram separados os jornais das capitais daqueles que são produzidos no interior. Existem vários veículos do interior que o IVC analisa, mas que infelizmente, ficaram de fora por opção do pesquisador e de sua orientadora, pela impossibilidade de averiguar todos os dados.

Na sequência, foram tabulados os dados por regiões e montado um ranking dos jornais com os respectivos números fornecidos (na sequência abaixo). Inicialmente é apresentado um quadro da região Sudeste, com dados da maior cidade do país, São Paulo, que traz os maiores números. Distribuídos em primeiro e segundo semestres, o Quadro 4 apresenta os dados:

Jornais	Primeiro semestre	Segundo semestre	Total
<i>Folha de S.Paulo</i> (SP)	304.128	307.520	611.653
<i>O Globo</i> (RJ)	294.184	301.438	595.622
<i>O Estado de S.Paulo</i> (SP)	240.556	233.473	474.029
<i>Super Notícia</i> (MG)	185.772	178.946	364.718
<i>Extra</i> (RJ)	97.872	88.710	186.582
<i>O Tempo</i> (MG)	94.532	91.386	185.918
<i>Valor Econômico</i> (SP)	87.116	83.933	171.049
<i>Agora</i> (SP)	67.858	63.956	131.814
<i>Meia Hora</i> (RJ)	60.218	52.828	113.046
<i>O Estado de Minas</i> (MG)	50.834	44.280	95.114
<i>A Gazeta</i> (ES)	15.098	15.075	30.173

Quadro 4. Jornais das capitais da região Sudeste com maior número de circulação (impresso + digital). Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do IVC.

Na região Nordeste, a pesquisa começa pela maior capital, Salvador. O Quadro 5 traz os dados:

Jornais	Primeiro semestre	Segundo semestre	Total
<i>Correio</i> (BA)	39.602	32.515	72.117
<i>Jornal do Commercio</i> (PE)	35.764	31.707	67.471
<i>A Tarde</i> (BA)	29.073	27.425	56.498
<i>Diário do Nordeste</i> (CE)	26.858	21.990	48.848
<i>Massa</i> (BA)	13.923	12.774	26.697
<i>O Povo</i> (CE)	12.957	12.342	25.299
<i>Correio da Paraíba</i> (PB)	6.504	6.031	12.535
<i>O Estado do Maranhão</i> (MA)	4.396	5.955	10.351
<i>Jornal da Paraíba</i> (PB)	5.086	4.689	9.775
<i>Tribuna do Norte</i> (RN)	4.437	4.417	8.854
<i>Meio Norte</i> (PI)	2.867	2.866	5.733

Quadro 5. Jornais das capitais da região Nordeste com maior número de circulação (impresso + digital). Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do IVC.

Na região Norte do país, o instituto auditou publicações em Manaus e em Belém, descritos no Quadro 6:

Jornais	Primeiro semestre	Segundo semestre	Total
<i>Dez Minutos</i> (AM)	16.339	15.595	31.934
<i>Diário do Pará</i> (PA)	16.013	13.878	29.891
<i>Diário do Amazonas</i> (AM)	1.562	1.507	3.069

Quadro 6. Jornais das capitais da região Norte com maior número de circulação (impresso + digital). Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do IVC.

Na região Centro-Oeste, o IVC apurou os seguintes resultados no Distrito Federal: Campo Grande e Goiânia. Dados no Quadro 7:

Jornais	Primeiro semestre	Segundo semestre	Total
<i>Daqui</i> (DF)	102.861	108.092	210.953
<i>Correio Braziliense</i> (DF)	56.221	53.507	109.728
<i>O Popular</i> (GO)	16.582	16.436	33.018
<i>Jornal de Brasília (Na Hora H)</i> (DF)	13.285	12.502	25.787
<i>Correio do Estado</i> (MS)	8.281	7.790	16.071
<i>Aqui</i> (DF)	9.004	6.318	15.322

Quadro 7. Jornais das capitais da região Centro-Oeste com maior número de circulação (impresso + digital). Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do IVC.

Por último, a região Sul. O IVC auditou em Florianópolis e Porto Alegre. Dados descritos no Quadro 8:

Jornais	Primeiro semestre	Segundo semestre	Total
<i>Zero Hora</i> (RS)	182.442	177.685	360.127
<i>Correio do Povo</i> (RS)	105.802	109.366	215.168
<i>Diário Gaúcho</i> (RS)	97.622	101.270	198.892
<i>Diário Catarinense</i> (SC)	34.762	35.633	70.395
<i>Hora de Santa Catarina</i> (SC)	15.315	10.827	26.142
<i>Notícias do Dia</i> (SC)	7.246	6.541	13.787

Quadro 8. Jornais das capitais da região Sul com maior número de circulação. (impresso + digital). Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do IVC.

Importante ressaltar que o IVC Brasil, segundo informações do próprio site, “é uma entidade nacional sem fins lucrativos responsável pela auditoria multiplataforma de mídia”. O objetivo é “fornecer ao mercado dados isentos e detalhados sobre comunicação, incluindo tráfego web, tanto de desktops, quanto de smartphones, *tablets* e aplicativos, bem como circulação, eventos e inventário e campanhas de mídia *out of home*” (2020, on-line).

Para ser auditado, o jornal precisa antes se filiar ao IVC, com pagamento de taxas específicas. De acordo com informações do site do instituto, o associado auditado com mais de uma publicação pagará uma contribuição mensal, calculada sobre a soma das médias de circulação das publicações. “Em localidades nas quais não existam escritórios do IVC (fora do Grande RJ e Grande SP), ocorrerão por conta do associado auditado as despesas de passagem e estadia da equipe designada para o trabalho de verificação da circulação de sua publicação” (2020, on-line). Apesar do fator financeiro, limitante para muitas publicações do Brasil, o IVC garante ter auditado a maior base de dados de jornais impressos do país.

2.1.2 Análise descritiva por região: entrevistando quem está acostumado a perguntar

Após essa análise, o autor passou então a buscar indicações de blogs com jornalistas das principais redações das capitais do país. Para isso, ligou para as redações e explicou as questões que precisavam ser respondidas. Junto com a orientadora, este pesquisador elaborou três questões:

1. Quais <i>blogs</i> da sua região você considera importante?
2. Qual impacto dele na pauta do jornal?
3. Quais são os conteúdos que mais influenciam no seu noticiário?

Quadro 9. Questões para jornalistas. Fonte: Elaborado pelo autor.

De novembro de 2019 a fevereiro de 2020, foram pesquisadas informações sempre com a condição de manter em segredo a identidade dos jornalistas que participaram da enquete. As respostas variaram pouco. A maioria dos jornalistas consultados disse não saber ao certo qual o impacto dos blogs nas pautas (Questão 2), mas ressaltou a questão do “furo de reportagem” como o principal fator de consulta diária dos blogs (como será descrito a seguir nas respostas dadas por regiões). Além disso, em relação ao conteúdo, eles destacaram a questão da regionalidade, dos bastidores da política e as notícias policiais (Questão 3).

Região Sudeste

Nos contatos realizados, a primeira resposta veio de uma jornalista do jornal *A Gazeta*, do Espírito Santo. O blogueiro citado foi Elimar Côrtes. “É uma referência. Sai com algumas coisas na frente. Tem muito trânsito no governo. Disse ainda que o foco é na segurança pública.”

No Rio de Janeiro, foram pesquisados dois jornais. Foi obtido apenas o retorno de um deles: do jornal *O Globo*, onde o autor conseguiu falar com um dos repórteres mais experientes que trabalha na editoria “Rio”, que cobre assuntos de “Cidades”. Aliás, em muitas redações pesquisadas notou-se que a figura do pauteiro hoje está pulverizada pelas editorias. Não existe mais uma pessoa responsável pelas pautas. Na maioria dos casos, editores e repórteres são os que decidem as pautas.

Por conta disso, procurou-se direcionar o questionário para as editorias de “Cidades” ou para os setores de web dos jornais – que em alguns casos possuem a missão de acompanhar os blogs. Na lista de blogueiros citados estão *Blog do Berta*, *Sidney Resende* e o blog *Colabora*, do jornalista Agostinho Vieira (que trabalhou em *O Globo*). “São blogs que acompanhamos, a gente está sempre ‘de olho’. Têm impacto, sobretudo, quando dão furo. Opinião muito dificilmente muda o rumo de uma cobertura, embora isso possa ocorrer”, foi um dos comentários.

Em São Paulo, este autor conseguiu retorno dos dois jornais mais lidos. Na *Folha de S.Paulo*, dois jornalistas responderam às perguntas, um deles, por ocupar uma posição mais ligada ao mundo virtual – “Homepage e Mídias Sociais” – encaminhou respostas mais claras e objetivas. “Os blogs que mais acompanho são os de colunistas de grandes sites e portais (*Ancelmo Gois*, *Blog do Valdo Cruz*, no *G1*; *Andréia Sadi*, no *G1*; *Diogo Schelp*, no *UOL*).”

O editor disse ainda que “alguns blogs ainda crescem e se tornam quase sites noticiosos efetivamente falando, como o *Poder 360* ou *O Antagonista*”. Explicou também que tem o hábito de acompanhar blogs que trabalham com determinadas linhas políticas. “Não que eles sejam dignos de serem repercutidos, pelo contrário. Mas servem para ter uma melhor noção do que tais grupos andam pensando”, analisou. Destacou o *Brasil 247*, o *Conversa Afiada*, o *Terça-Livre* e o *Brasil Sem Medo*. Disse ainda que “os conteúdos vindos de blogs que mais influenciam são os de bastidores políticos, econômicos, culturais... [...] é afinal onde eles podem consolidar um leitorado, já que seriam incapazes de competir com jornais e portais fazendo *hard news*.” Outro jornalista da *Folha de S.Paulo*, em posição de

grande destaque, citou Josias, Sakamoto, Valdo, Gerson Camarotti e Lauro Jardim. “Excluo aqui os da *Folha* para evitar conflito de interesses”, afirmou.

Um ponto importante ele ressaltou quando perguntado sobre o impacto dele na pauta do jornal. “Têm impacto, sobretudo, quando dão furo. Opinião muito dificilmente muda o rumo de uma cobertura, embora isso possa ocorrer.” E acrescentou que o conteúdo que mais observa no noticiário é o de “política”.

No jornal *O Estado de S.Paulo*, um editor respondeu via WhatsApp que tem por hábito acompanhar os blogs de notícias que estão hospedados em jornais de grande circulação, como o *Blog do Fausto*, no *Estadão*; blogs dos jornalistas Bela Megale e Lauro Jardim, no jornal *O Globo* e o *Blog da Andréia Sadi*, no *G1*.

Explicou que esses blogs costumam ter informações exclusivas e algumas notas que “ajudam a pensar em pautas mais completas para o jornal. Uma nota do blog pode dar uma dica de um assunto que pode ser transformado em uma apuração maior”. O entrevistado ainda ressaltou que “por serem assinados por jornalistas que, na minha opinião, são muito bem informados, esses blogs dão um termômetro da política, do que está sendo discutido nas esferas de poder, de quem está incomodado com que etc.”

Além do conteúdo de política, operações policiais, programas de governo são os que mais influenciam no noticiário. “Eu, particularmente, acesso pouco blogs ligados mais aos extremos do espectro político, como o *Antagonista*, o *Conversa Afiada*, *Diário do Centro do Mundo*, *Tijolaço*.” O editor disse que quando era repórter de “Cidades” acessava muito blogs menores, como o *São Paulo Antiga*, para propor pautas sobre urbanismo e história de São Paulo: “Agora vejo muito repórteres que cobrem temas específicos que buscam informações em blogs segmentados. Quem faz coberturas sobre ‘Exército’, por exemplo, tem uma infinidade de páginas sobre o assunto. Disse ainda que conheceu repórteres que frequentavam blogs de segurança de informação para tentar levantar matérias sobre *hackers*, vazamentos etc.”

Também foram obtidas respostas de uma editora de Belo Horizonte (MG). Lá os dois jornais mais lidos *O Tempo* e *Super Notícia* pertencem ao mesmo grupo. “Não costumo consumir notícias de blogs”, revelou a editora, que depois acrescentou, porém, que “toda vez que um blog dá um furo importante ou trata um assunto que é relevante para nossas pautas, esse blog passa a impactar a pauta do jornal.” Ela disse ainda que se destacam: “todos os conteúdos de interesse social, sobretudo os locais, que envolvem BH e Minas de uma maneira geral.”

Jornalistas dos jornais	Blogs
<i>A Gazeta</i> (ES)	<i>Elimar Côrtes</i>
<i>O Globo</i> (RJ)	<i>Blog do Berta, Sidney Rezende, Colabora.</i>
<i>Folha de S.Paulo</i> (SP)	<i>Josias, Sakamoto, Valdo Cruz, Camarotti, Lauro Jardim, Ancelmo Gois, Andréia Sadi, Diogo Schelp, Brasil 247, Conversa Afiada, Brasil Sem Medo.</i>
<i>O Estado de S.Paulo</i> (SP)	<i>Fausto, Bela Megale, Lauro Jardim, São Paulo Antiga.</i>
<i>O Tempo e Super Notícia</i> (MG)	Blogs locais (não especificados).

Quadro 10. Blogs citados pelos jornalistas na região Sudeste. Fonte: Elaborado pelo autor.

Região Nordeste

Um jornalista de *O Estado do Maranhão* respondeu o questionário pelo aplicativo do WhatsApp. Para conseguir as respostas desse contato foi necessário antes buscar ajuda de jornalistas da TV Mirante do Maranhão. “Considero importante os blogs de notícia, desde que assinados por jornalistas profissionais (diplomados). O site de *O Estado do Maranhão* reserva espaço a blogs de jornalistas do seu quadro e de outros veículos do Grupo Mirante”, explicou.

O jornalista disse que considera os sites mencionados relevantes regionalmente. Cita os blogs de Daniel Matos e de Zeca Soares. Além desses, considera importantes os blogs dos jornalistas Marco Aurélio D’Eça¹⁹, Gilberto Léda²⁰, Ronaldo Rocha e Jorge Aragão²¹. Como ele citou vários, o autor perguntou ainda qual deles era o mais relevante. “Marco e Gilberto são de igual peso. Mas te confesso que não sou um leitor assíduo de blogs. Leio por obrigação.” Disse ainda que “o impacto dos blogs na pauta do jornal existe, mas é pequeno. O fato de a maioria (senão todos) ter uma clara linha editorial atrelada a acertos comerciais restringe a consulta dos blogs como fonte de pauta diária para o jornal”.

No jornal *Correio da Paraíba* um editor de “Economia e Turismo” disse que sempre lê os blogueiros Heron Cid, Luís Tôrres, Helder Moura e Suetoni Souto Maior, que na visão dele, é o melhor de todos. “Aqui na Paraíba se respira política 24 horas. Suetoni –

¹⁹ *Blog do Marco Aurélio D’Eça* - Disponível em: <https://www.marcoareliodeca.com.br/>. Acesso em: 25 jan.2021.

²⁰ *Gilberto Léda*. Disponível em: <https://gilbertoleda.com.br>. Acesso em: 25 jan.2021.

²¹ *Blog do Jorge Aragão*. Disponível em: <https://www.blogdojorgearagao.com.br/>. Acesso em: 25 jan.2021.

que é do grupo concorrente – é muito imparcial. Ele é muito bom, tem muita informação, criterioso na análise que ele divulga. Os textos dele geram pautas, tem muita fonte...”

Já no *Jornal da Paraíba*, um editor e produtor de pautas do jornal, respondeu às questões. Ele citou os blogueiros do próprio grupo (Suetoni, João Paulo Medeiros e Sílvio Osias). Ele disse que o blogueiro independente Anderson Soares teve uma atuação brilhante na cobertura de uma crise institucional em uma das cidades da Grande João Pessoa (Bayeux): “Ele dava muitos furos.”

No jornal *Meio Norte*, do Piauí - os jornalistas responderam que os principais blogs que influenciavam a pauta dos jornais em Teresina estão localizados na região da cidade de Parnaíba. “É a segunda maior cidade do Estado e acho que lá não tem mais jornal diário”, disse um deles. Segundo os dois jornalistas, os blogs mais representativos e que influenciavam na pauta estão voltados para a área policial – “mas acho que nos últimos tempos, por pressão dos anunciantes, deram uma suavizada”, disse um deles. Entre os blogs estão: *Blog do Coveiro* e o *Blog do Pessoa*. “Eles têm muitas fontes, lá tem muito acidente, tem muita morte, muita tragédia e eles sempre publicavam muitas fotos de mortes. Agora não publicam mais”, disse um dos jornalistas.

O pesquisador entrou em contato com outros jornais que aparecem na pesquisa do IVC. Infelizmente eles não quiseram responder ou sequer atenderam às ligações e aos envios de e-mails.

Jornalistas dos jornais	Blogs
<i>O Estado do Maranhão</i> (MA)	<i>Daniel Matos, Zeca Soares, Marco Aurélio D’Eça, Gilberto Léda, Ronaldo Rocha e Jorge Aragão.</i>
<i>Correio da Paraíba</i> (PB)	<i>Heron Cid, Luís Tôrres, Helder Moura e Suetoni Souto Maior.</i>
<i>Jornal da Paraíba</i> (PB)	<i>Suetoni, João Paulo Medeiros e Sílvio Osias (mesmo grupo) e Anderson Soares.</i>
<i>Meio Norte</i> (PI)	<i>Blog do Coveiro e Blog do Pessoa.</i>

Quadro 11. Blogs citados pelos jornalistas na região Nordeste. Fonte: Elaborado pelo autor.

Região Centro-Oeste

Depois de diversas tentativas, o autor conversou com o responsável pela pauta do jornal *Correio Brasiliense*. O entrevistado disse que na editoria “Cidades” eles não tinham o hábito de acompanhar nenhum blogueiro. Já no *Jornal de Brasília (DF)*, um dos jornalistas disse que “há um problema grave com boa parte dos blogs de política no Distrito Federal. Boa parte deles tem associações mal explicadas com políticos locais e recebe dinheiro deles.” Além disso, eles dizem que na cobertura da Câmara Legislativa, por exemplo, há um considerável número de blogueiros de política que têm cargos nos gabinetes dos políticos locais. “Nesse sentido, não são muitos os blogs locais de política que merecem confiabilidade”, ressaltou.

O jornalista revelou que acompanha o *Poder no quadrado*, da jornalista Milena Lopes. E que embora tenha formato de site e não de blog, o *Olhar Brasília*, de Samanta Sallum e Marcia Zarur, também merece atenção: “embora mais voltado para questões da cidade”. Além disso, ele disse que o que mais influencia no noticiário é ainda o conteúdo publicado pelos jornais e sites da imprensa tradicional. O material publicado nos espaços institucionais também acaba sendo considerado. “Desde o governo Cristovam Buarque, o Governo do Distrito Federal montou uma boa estrutura, a Agência Brasília.” E que embora, seja um espaço institucional que procura vender o governo positivamente, tem uma preocupação jornalística: “tomando-se os devidos cuidados, é material que pode ser utilizado. A Secretaria de Saúde também tem boa página institucional, a Agência Saúde.”

No jornal *Correio do Estado* de Campo Grande, um editor citou o blog de *O Jacaré* como o mais importante. “É muito independente”, ressaltou. Disse ainda que outro blog importante é o de Esther Figueiredo, que também faz parte do jornal. Em relação a conteúdos, disse que “de um ano para cá, mais assuntos relacionados à política e em alguns casos a denúncias.”

Jornalistas dos jornais	Blogs
<i>Jornal de Brasília (DF)</i>	<i>Poder no quadrado</i> (Milena Lopes) e <i>Olhar Brasília</i> (Samanta Sallum e Marcia Zarur).
<i>Correio do Estado (MS)</i>	<i>O Jacaré</i> e <i>Esther Figueiredo</i> (do mesmo grupo).

Quadro 12. Blogs citados pelos jornalistas na região Centro-Oeste. Fonte: Elaborado pelo autor.

Região Sul

No jornal *Zero Hora* de Porto Alegre o autor entrevistou um dos editores que disse que os blogs da região são monitorados e que acabam rendendo pautas, mas que não produzem muitos furos de reportagem. Citou como principal um blog chamado *Matinal*, como uma boa referência de jornalismo profissional. Lembrou ainda de *Sul 21* e *Coletiva Net*. Já um editor do jornal *Correio do Povo*, contou por telefone que os blogueiros que eles mais acompanham são os dos próprios jornais. Entre eles, os blogs: *Hiltor Mombach* (“Esportes”), *Juremir Machado da Silva* (“Política”) e o *Cena Rock*. Disse que não conhece nenhum blog no estado que influencia diretamente a pauta.

Jornalistas dos jornais	Blogs
<i>Zero Hora</i> (RS)	<i>Matinal</i> , <i>Sul21</i> e <i>ColetivaNet</i> , Blog <i>Carlos Wagner</i> e Blog <i>Claudemir Pereira</i> .
<i>Correio do Povo</i> (RS)	<i>Hiltor Mombach</i> , <i>Juremir Machado da Silva</i> e <i>Cena Rock</i> .

Quadro 13. Blogs citados pelos jornalistas na região Sul. Fonte: Elaborado pelo autor.

Região Norte

Este pesquisador foi poucas vezes para a região Norte. Curiosamente, o único estado em que atuou foi em Rondônia, que não participa da pesquisa do IVC. Por conta disso, foram pesquisadas informações em dois jornais: *Diário do Amazonas* e *Diário do Pará*. Foi bastante difícil obter alguma informação.

As primeiras respostas foram bem evasivas. A jornalista do *Diário do Amazonas* disse: “hoje há em Manaus um grande número de pequenos blogs, que têm surgido principalmente a partir do interesse de determinados políticos, com assuntos direcionados.”

Ela prosseguiu dizendo que muitos blogs se especializaram na cobertura de casos policiais, “por conta do grande retorno de audiência que estes assuntos têm causado entre a população local”. Após citar que poderia destacar o portal *D24AM*, que integra o Grupo Diário de Comunicação, ela contou que os conteúdos mais relevantes e mais “vendáveis” hoje estão ligados às editorias de “Polícia” e de “Política”, sendo os dois temas que “mais geram interesse entre os nossos leitores e internautas.”

Sem dar um único nome, a jornalista, após insistência, respondeu: “por conta da credibilidade, não acompanhamos as postagens feitas em blogs pequenos,

principalmente por eles terem, muitas das vezes, em primeiro lugar, objetivos financeiros e não com a informação. Focamos assim no conteúdo produzido por nossa equipe e por vezes acompanhamos outros portais de grandes grupos de comunicação, para saber por onde estão caminhando, mas blogs não”.

Quando o autor se impôs o desafio de pesquisar dentro do universo das redações, não imaginava que seria tão difícil conseguir obter respostas, apesar do aviso de sua orientadora. Desesperado, este investigador pediu ajuda para colegas de TV de Manaus – que tentaram auxiliar, mas não conseguiram – e buscou pessoas que moram em São Paulo que pudessem ter algum contato com jornalistas de Belém e de Manaus.

Depois de mandar dezenas de e-mails, mensagens de WhatsApp, falar por telefone, o autor teve a ideia de procurar na rede de LinkedIn contatos que pudessem ajudar. Apesar de ter muitos contatos, este pesquisador não tinha de jornalistas do Norte do país. Uma falha terrível, que mostra como muitas vezes, acaba-se limitando os contatos a determinadas regiões.

Quase três meses depois, foi localizado no LinkedIn um jornalista de Belém, que trabalha no *Diário do Pará*. Blogueiro, editor, premiado, ele aceitou participar e disse que acompanha os blogs *Uruá-Tapera*, *Ver-o-Fato* e *Zé Dudu*. “São basicamente fontes de informação. Como dão a notícia sempre na frente, algumas vezes pautam o noticiário dos jornais impressos no dia seguinte”. Revelou ainda que, no caso dele, impactavam mais no campo da política e da economia.

Jornalistas dos jornais	Blogs
<i>Diário do Amazonas</i> (AM)	Blogs do mesmo grupo (sem especificar).
<i>Diário do Pará</i> (PA)	<i>Uruá-Tapera</i> , <i>Ver-o-Fato</i> e <i>Zé Dudu</i> .

Quadro 14. Blogs citados pelos jornalistas na região Norte. Fonte: Elaborado pelo autor.

2.1.3 O fazer jornalístico e a sobrevivência

Desde o dia em foi apresentada a proposta de fazer uma pesquisa sobre a monetização de blogs para avaliação no Mestrado até hoje, uma pergunta guiou este autor: como ganhar dinheiro com isso?

Com o início da pesquisa e o caminho trilhado, a orientadora despertou alguns pontos, que até aquele momento não pareciam muito relevantes para este investigador.

No entanto, hoje é possível perceber que teria sido deixada de fora uma fatia

importante do que os blogueiros representam. Como justificativa para essa falta de visão, este investigador compreende que o motivo seja a visão de mercado que o acompanha desde 1989, quando ingressou na profissão.

Olhando os dados citados pelos jornalistas das redações, alguns demonstram como o movimento dos blogueiros constitui um importante elo de resistência dentro da cadeia trabalhador – empresa – comunicação. Um exemplo claro disso é o caso do Rio de Janeiro.

Com o fim do *Jornal do Brasil*, jornalistas cariocas passaram a se organizar na web e conseguem despertar o interesse de quem está em um grande jornal, como *O Globo*, por exemplo. Foram citados o *Blog do Berta* e os blogs *Sidney Rezende*, *Colabora* e *Agostinho Vieira*. Os blogs citados têm perfis independentes. Desses, o único que não vincula nenhum tipo de propaganda é o *Blog do Berta*. Ele se define na própria página do blog, como “jornalista independente” e que depois de atuar “por 17 anos em *O Globo*”, se dedica a acompanhar o poder público do Rio de Janeiro.

Berta tem feito fama entre os jornalistas do Rio de Janeiro com diversos “furos” jornalísticos. No dia 8 de fevereiro de 2020, o colunista Alvaro Costa e Silva, colunista do jornal *Folha de S.Paulo*, ao escrever sobre o escândalo da Cedae na coluna “Água de beber, camará”, finalizou o artigo com uma citação ao blogueiro:

Em seu blog, o jornalista Ruben Berta tinha cantado a pedra: Bernardo Sarreta e uma jogada de Lucas Tristão, ex-sócio e amigo do governador. No aparelhamento do estado, Tristão – atual secretário de Desenvolvimento Econômico – luta pela divisão de cargos com o pastor Everaldo, o dono do PSC, partido de Witzel. O atual presidente da Cedae é cria do pastor (SILVA, 2020, p.2).

O que parece fazer sentido de produzir? Quais conteúdos que são mais interessantes em se divulgar? Como os blogueiros escolhem o que é notícia? Nas entrevistas realizadas com os jornalistas das redações dos principais jornais impressos do país, ficou evidente que assuntos relacionados à política local e à polícia são os que chamam mais atenção das redações. E uma frase muito comum foi que “ele dá muitos furos”. Nesse caso, ter uma boa e velha agenda de fontes ainda é elemento crucial. É o que diz Mauro Wolf:

As fontes são um fator determinante para a qualidade da informação produzida pelos *mass media*. No entanto, permanecem ainda esbatidas na mitologia profissional, que tende, pelo contrário, a realçar o papel ativo do jornalista, marginalizando o contributo, em muitos aspectos essencial das fontes (WOLF, 1987, p.199).

Ainda na discussão sobre o que é fonte, Wolf avança um pouco nas classificações:

As classificações possíveis das fontes são muito diversas, de acordo com o parâmetro a que se faz referência: por exemplo, podem distinguir-se as fontes institucionais das fontes oficiosas ou as estáveis por oposição as provisórias. Uma caracterização diferente separa as fontes ativas das passivas, segundo o grau de utilização e o tipo de relações que se instituem entre fonte e órgão de informação. Fontes centrais, territoriais e fontes de base são categorias individualizadas não só pela localização espacial, mas também pelo tipo de utilização que delas se faz relativamente ao relevo e à noticiabilidade dos acontecimentos (para estas classificações, ver CESAREO, 1981) (WOLF, 1987, p.200).

Manuel Pinto enumera os valores que fontes e jornalistas buscam na troca de informações:

Recorrendo quer ao discurso corrente quer aos resultados de pesquisas empíricas, sublinha-se, assim, que as fontes procuram todos ou, pelo menos, alguns dos seguintes objetivos: 1. a visibilidade e atenção dos *media*; 2. a marcação da agenda pública e a imposição de certos temas como foco da atenção coletiva; 3. a angariação de apoio ou adesão a ideias ou a produtos e serviços; 4. a prevenção ou reparação de prejuízos e malefícios; 5. a neutralização de interesses de concorrentes ou adversários; 6. a criação de uma imagem pública positiva. Por sua vez os jornalistas buscariam: 1. a obtenção de informação inédita; 2. a confirmação ou desmentido para informações obtidas noutras fontes; 3. a dissipação de dúvidas e desenvolvimento de matérias; 4. o lançamento de ideias e debates; 5. o fornecimento de avaliações e recomendações de peritos e 6. a atribuição de credibilidade e de legitimidade a informações diretamente recolhidas pelo repórter (PINTO, 2000, p.280).

Enquanto Luís Mauro Sá Martino (2014) faz uma consideração bastante interessante sobre o tema da fonte – e nesse aspecto, é bom salientar, que ele trata do tema no cenário de uma redação convencional e não no universo solitário do blogueiro. Mesmo assim, a maneira como um autor enxerga o assunto é bem próximo do que o blogueiro, o jornalista independente vai encontrar no seu dia a dia.

Como resultado, o contato com as fontes de informação pode ser visto como uma mistura de talento, sorte e oportunidade. É o primeiro ponto de seleção de notícias na medida em que tudo começa com a informação recolhida pelo jornalista. O número de fontes entrevistadas não é a garantia de uma notícia bem escrita, mas quanto mais fontes, maior o número de versões que podem ser contrastadas (MARTINO, 2014, p.38).

Um ponto a destacar que é o do uso da tecnologia para a aproximação dos jornalistas e das fontes. A chegada de comunicadores como o WhatsApp, Telegram e de redes sociais e de e-mails, além dos mecanismos de compartilhamentos de arquivos facilitaram esses encontros com as fontes, mesmo que sendo via mundo virtual. O risco para o blogueiro é cair em uma armadilha de uma fonte *fake* ou de uma informação não checada plenamente. Nesse sentido, o uso das tecnologias deve ter um protocolo mínimo, como uma simples ligação telefônica para confirmação, pois nem sempre é possível encontrar com a fonte, como acontecia antigamente. Além disso, é preciso ficar

atento ao grau de relacionamento da fonte com o jornalista, como ensina Nelson Traquina:

Quando os jornalistas ficam dependentes das fontes podem ficar orientados para a fonte e, assim, ceder à tentação de escrever para a fonte e não o público. Quando o jornalista cede a esta tendência, perde mais a sua independência e deixa as fontes definirem as situações. A interdependência facilita também as “fugas” de informação, em particular o lançamento de “balões de ensaio” (TRAQUINA, 2005, p.196).

Wolf ainda analisa como o modo de se produzir notícias acaba sendo vítima da própria rotina da sociedade. As notícias da manhã, tarde e noite seguem nos jornais de emissoras de TV, nos programas de rádio e nas páginas da internet dos grandes jornais uma receita que nasce com o trânsito da cidade, a previsão do tempo, os boletins policiais, as decisões de executivo, legislativo e judiciário e por fim, esportes.

Os estudos de *newsmaking* salientam que uma das causas da já citada fragmentação e super-representação da área político-institucional na informação de massa, reside nos procedimentos rotineiros de recolha dos materiais de onde se vão extrair as notícias. Na enorme maioria dos casos, trata-se de material produzido em outro local, que a redação se limita a receber e a reestruturar, em conformidade com os valores/notícia relativos ao produto, ao formato e ao meio de comunicação (WOLF, 1987, p.196).

Nesse aspecto, parece fazer sentido o blogueiro começar a sua produção por onde tem mais conhecimento, por onde consegue um número maior de contatos. Uma situação cômoda para aquele jornalista que foi demitido da redação, mas que levou a agenda de contatos no telefone, copiada no seu e-mail. Elaborar uma sequência lógica por assuntos e personagens mais importantes se faz necessário a partir desse momento, já que ele será o dono da pauta, não terá nenhum editor para lhe ditar o que fazer naquele dia. No entanto, estar ciente do que é notícia nos meios locais, regionais e nacionais é imprescindível, pois ele precisa antecipar a notícia que os demais jornalistas das grandes empresas estão interessados, dando assim o “furo” que tanto as redações valorizam.

A situação de produção será um pouco mais difícil para o jovem jornalista que não conseguiu passar por uma redação. Sem ser muito conhecido entre as fontes, esse jovem jornalista precisará antes de mais nada, conhecer o setor que ele – de princípio – pretende cobrir. Delegacias de polícia, Câmara de Vereadores, Prefeituras, tudo precisará ser observado no próprio local para que a dinâmica de funcionamento seja compreendida.

fontes e jornalistas parecem estar ligados por relações que pressupõem diferentes níveis de variação, os quais dependem do tipo de organização das fontes e do tipo de organização das notícias. “Fontes diferentes apresentam requisitos diferentes, em termos de exposição e de reserva de conhecimento” (ibid.). De resto, como observou Bourdieu (1996, p. 22), “o jornalista é uma entidade abstrata que não existe”; o que existe são jornalistas de diferentes idades, de um e de outro sexo, com diversos graus de formação, diversos estatutos na profissão e trabalhando em quadros institucionais bastante distintos. O que não pode deixar de ser tido em consideração, na análise da relação com as fontes (PINTO, 2000, p.281).

No entanto, como entender o que pode lhe trazer credibilidade, audiência e anunciantes? Na primeira fase da pesquisa, os entrevistados deram uma ideia do que atrai a leitura: política, polícia e essencialmente furos de reportagem, notícias em “primeira mão”. A opinião do colunista, do blogueiro, não foi citada, a não ser como forma “de ver como esses grupos pensam”, como disse um jornalista da *Folha de S.Paulo*, ao explicar o interesse dele nos blogs ligados ao “bolsonarismo”.

Mesmo eliminando a questão da opinião, ainda restam muitas dúvidas sobre a escolha do conteúdo, pois bem toda notícia exclusiva pode ter o mesmo valor para o noticiário daquele dia. Um exemplo: se a cidade estiver paralisada por causa de um crime passional, interessará mais uma notícia exclusiva sobre o anúncio do prefeito a respeito de um projeto a ser enviado para a Câmara de Vereadores ou os leitores irão preferir ler no blog a descoberta de uma pista nova sobre o crime que vem abalando a comunidade?

Luís Mauro cita que “um dos modelos mais influentes sobre critérios de seleção e valoração das notícias – *newsworthness*– foi estabelecido em 1965 pelos noruegueses J. Galtung e M. Ruge”. A partir disso, ele cita os componentes do modelo, que constituem os atributos do fato – ou valores-notícia:

Frequência ou momento do acontecimento; magnitude do acontecimento; clareza; significação; A correspondência ou consonância; O inesperado; Continuidade; Composição; Notícias sobre o Primeiro Mundo; Reportagens sobre as elites; Personalização; O negativo – notícias ruins tendem a ganhar mais espaço do que notícias boas (MARTINO, 2014, p.41).

Em todos os itens citados, o autor faz descrições, mas é no último deles que fez este pesquisador recordar de uma história contada por um jornalista de Teresina. Lá, eles têm o hábito de acompanhar blogs que cobrem a região de Parnaíba – que fica no litoral. Um desses blogs é conhecido como o *Blog do Coveiro*. Localizado na cidade de Cocal, ele é repleto de anúncios e sempre teve como atrativo as notícias policiais. Em março de 2020, momento em que se discute no país inteiro a questão da quarentena provocada pela pandemia do novo coronavírus, a segunda

notícia mais visualizada da semana (no dia 28 de março de 2020), traz como título: “Bebedeira entre primos termina com um preso e outro gravemente ferido a faca em Cocal-PI” (21 mar. 2020). De acordo com o blog, que não disponibiliza o número de visualizações, ela perdeu apenas para: “Em novo decreto, governador determina suspensão de serviços e comércio no Piauí” (23 mar.2020).

Essa busca pelo “negativo” é algo curioso no jornalismo brasileiro. Quando este autor trabalhou no *Jornal Mantiqueira*, em Poços de Caldas (MG), o jornal sempre tinha duas grandes notícias para dar como manchete em um mesmo dia. Uma era sobre a decisão de uma montadora que poderia vir para a cidade (um caso que era acompanhado durante algumas semanas) e a prisão em Poços de um sujeito que havia mandado uma carta-bomba para o Itamaraty. Naquele dia, porém, a manchete foi uma notícia policial de um crime passionai. “Manchetes assim vendem mais” foi a resposta na época de um editor. Inúmeros estudos já explicaram o porquê dessa predileção por esse tipo de notícia. Nas entrevistas feitas com os jornalistas, o termo “furo” foi sempre associado à questão da visualização e da importância do blogueiro para o noticiário local. A leitura de blogs independentes e daqueles que estão protegidos por sites de grandes corporações nacionais é citada como uma obrigação diária de quem está em busca de uma pauta para produzir uma notícia para o jornal impresso do dia seguinte. Luís Mauro já questionava em 2014 como a aplicação desse fazer jornalístico poderia ocorrer no universo da blogosfera:

Por outro lado, a transformação de alguns conceitos de jornalismo como apuração, credibilidade, objetividade e veracidade na blogosfera pode ser a indicação de um novo fazer jornalístico? Quais são as contingências profissionais de um blog jornalístico? (MARTINO, 2014, p.282).

O fazer jornalístico ainda deve seguir as mesmas práticas do período do trabalho nas redações e desenvolvido nos bancos da faculdade de jornalismo. Este pesquisador acredita nisso por várias questões associadas como, por exemplo, a veracidade, a pluralidade das fontes e a credibilidade.

CAPÍTULO 3 - OS JORNALISTAS DE BLOGS

Neste capítulo será apresentada a análise das entrevistas semiestruturadas que foram realizadas entre os dias 7 de outubro e 2 de novembro de 2020 com os jornalistas blogueiros que foram apontados pelos profissionais das redações tradicionais como relevantes nos estados onde moram, conforme apresentado no capítulo 2. São jornalistas blogueiros independentes, ou seja, sem vínculo institucional. As entrevistas foram gravadas por videoconferência e totalizaram 11 horas ou 661 minutos. Foram disponibilizados no Apêndice A o roteiro das entrevistas que foram decupadas.

Dos 10 entrevistados, oito são jornalistas diplomados em faculdade e dois são profissionais sem diploma. Apesar de trabalharem em regiões distantes, eles possuem muitos pontos em comum, logo na origem. Foram buscar, em princípio, a liberdade de expressão. Mas outros fatores também aparecem nas descrições que fazem sobre as motivações, como o desafio, o conflito, a satisfação pessoal, o diálogo com outras gerações e o lado financeiro.

A escolha científica levou em conta o período mínimo de experiência de 10 anos, a não associação a nenhum grande grupo de mídia – tendo assim um perfil independente e pelo menos dois representantes de cada região do país para que assim fosse possível ter uma visão mais abrangente dos desafios enfrentados por esses profissionais. Assim foram escolhidos os seguintes blogs, de acordo com cada região, de acordo com o quadro abaixo:

REGIÃO NORTE
<p>Carlos Mendes Blog: <i>Ver-o-Fato - Opinião e Denúncias sobre Fatos de Interesse Público</i> Município: Belém (PA) Formação: Não tem formação universitária Tempo de atuação no jornalismo: 52 anos</p>
<p>José Eduardo Ferreira do Vale Blog: <i>Zé Dudu</i> Município: Parauapebas (PA) Idade: 55 anos Formação: Não tem formação universitária Tempo de atuação no jornalismo: 11 anos</p>
REGIÃO NORDESTE
<p>Anderson Soares Blog: <i>Anderson Soares - Um Olhar Diferenciado sobre a Política</i> Município: João Pessoa (PB) Idade: 40 anos Formação: Relações Públicas (2004) e Jornalismo (2008), ambos na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Tempo de atuação no jornalismo: 18 anos</p>
<p>Marco Aurélio D’Eça Blog: <i>Marco Aurélio D’Eça</i> Município: São Luís (MA) Idade: 50 anos Formação: Jornalismo (2009) na Faculdade São Luís (hoje, Estácio de Sá) Tempo de atuação no jornalismo: 29 anos</p>

CENTRO-OESTE
<p>Márcia Zarur Blog: <i>Marcia Zarur</i> (abrigado no portal <i>Olhar Brasília</i>) Município: Brasília (DF) Idade: 48 anos Formação: Jornalismo (1994), Universidade de Brasília (UnB) Tempo de atuação no jornalismo: 26 anos</p>
<p>Edivaldo Bitencourt Blog: <i>O Jacaré</i> Município: Campo Grande (MS) Idade: 46 anos Formação: Jornalismo (1997), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) Tempo de atuação no jornalismo: 24 anos</p>
SUDESTE
<p>Ruben Berta Blog: <i>RB Blog do Berta - Jornalismo Artesanal</i> Município: Rio de Janeiro (RJ) Idade: 44 anos Formação: Jornalismo (1999), UniverCidade Tempo de atuação no jornalismo: 20 anos</p>
<p>Elimar Côrtes Blog do <i>Elimar Côrtes</i> Município: Vitória (ES) Idade: 58 anos Formação: Jornalismo (1988) pela Universidade Federal do Espírito Santo. Tempo de atuação no jornalismo: 37 anos</p>
REGIÃO SUL
<p>Claudemir Pereira Blog: <i>Claudemir Pereira</i> Município: Santa Maria (RS) Idade: 61 anos Formação: Jornalismo (1983), Universidade Federal de Santa Maria. Tempo de atuação no jornalismo: 38 anos</p>
<p>Carlos Wagner Blog: <i>Histórias Mal Contadas, por Carlos Wagner, repórter</i> Município: Porto Alegre (RS) Idade: 70 anos Formação: Jornalismo (1983), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Tempo de atuação no jornalismo: 42 anos</p>

Quadro 15. Blogs selecionados para a pesquisa por região. Fonte: Elaborado pelo autor.

Nos próximos tópicos, segue uma análise dos principais achados nas entrevistas de acordo com as questões-tema do roteiro de pesquisa, a saber:

- 1) Motivos para atuar como jornalista blogueiro;
- 2) Formato: do blog ao portal;
- 3) Foco editorial;
- 4) Relevância;
- 5) Ofertas de trabalho;
- 6) Percurso profissional e fontes;
- 7) Vantagens e desvantagens;
- 8) Publicidade, propaganda e parcerias;

- 9) Rotina;
- 10) Futuro do jornalismo.

Por fim, foi apresentada uma síntese do que foi sistematizado nas categorias.

3.1 Análise descritiva

3.1.1 Motivos para atuar como jornalista blogueiro/a

Uma maneira de continuar ativo no mercado de trabalho. No princípio, foi assim que o jornalista Ruben Berta Stein viu o blog. Com 21 anos de profissão, dezessete em jornais e quatro anos em blog, o dono do *RB Blog do Berta - Jornalismo Artesanal* deixou a redação do jornal *O Globo* e passou a investir no que ele chama de “jornalismo artesanal”, termo que aparece no alto da página do seu blog. Berta, explica que: *Preferi, na verdade, abrir um site com conteúdo de notícias que eu sabia que eu tinha condição de fazer, de cobertura do Rio de Janeiro, que eu tenho aí essa expertise acumulada, então a ideia inicial foi essa: ter um portfólio ao vivo para que as pessoas pudessem acompanhar o meu trabalho, eventualmente, eu fosse recontratado por outra empresa.*²²

Na Paraíba, Anderson Soares, jornalista com 17 anos de profissão e também quatro anos de produção para o blog que leva o seu nome, fez um caminho um pouco diferente de Berta: transitou do rádio e da TV - onde já tinha uma carreira construída – para iniciar uma nova etapa. Um desafio para alguém que não vinha do jornalismo impresso: *Mergulhar nessa área aí e terminei me fascinando, me encantando com a questão do mundo digital, da interatividade, da espontaneidade, da velocidade das informações veiculadas*²³.

Anderson diz que, rapidamente, percebeu que o novo caminho já lhe proporcionava algo impensável: a independência profissional. *A coisa foi funcionando de uma forma ao ponto de uns dois anos depois, comecei a caminhar com as próprias pernas e já me dei ao luxo de me tornar um profissional independente. Óbvio que houve muitas outras questões, mas a partir disso, eu percebi que poderia haver um caminhar independente ao jornalismo tradicional.*

Essa busca por independência também levou no Maranhão, Marco Aurélio D’Eça, a buscar o caminho do blog jornalístico, hoje com 14 anos de existência. Marco tem 28 anos de profissão. Ele sempre manteve o blog com conteúdo de análise política. Desde o começo, a

²² O jornalista Ruben Berta, em entrevista realizada para o autor em 7 de outubro de 2020.

²³ O jornalista Anderson Soares, em entrevista realizada para o autor em 9 de outubro de 2020.

opinião foi uma marca que ele imprimiu, mesmo nos períodos mais difíceis de polarização política, problema que no começo, não havia: *A gente tinha mais condições de emitir a nossa opinião, apresentar o nosso ponto de vista através dos fatos, era quase uma coluna eletrônica. Quase 14 anos depois, o meu blog hoje tem essa característica: ele não é um blog estritamente noticioso, mas um blog analítico, de análises pessoais, da situação política.*²⁴



Figura 4. Blog *Marco Aurélio D'Eça*.

Fonte: <https://www.marcoareliodeca.com.br/tag/blog/>. Acesso em: 20 set.2020.

As palavras independência e liberdade para os jornalistas de blog entrevistados têm múltiplos fatores. A rotina da redação era algo que deixava insatisfeito Edivaldo Bitencourt, dono do blog *O Jacaré*. O blog tem três anos; ele possui 24 anos de profissão no Mato Grosso do Sul: *O que eu sentia é que faltava aquela satisfação pessoal. Por exemplo: você fazer um diferencial e contribuir para que as coisas melhorem*²⁵.



Figura 5. *O Jacaré*. Fonte: <https://www.ojacare.com.br/>.

Acesso em: 20 set. 2020.

²⁴ O jornalista Marco Aurélio D'Eça, em entrevista realizada com o autor em 8 de outubro de 2020.

²⁵ O jornalista Edivaldo Bitencourt, em entrevista realizada com o autor em 10 de outubro de 2020.

Manter a satisfação pessoal e, ao mesmo tempo, ativo no jornalismo foi o que motivou no Pará, Carlos Mendes, jornalista de formação e o profissional entrevistado com maior tempo de carreira a montar um blog. Aposentado, morando no Pará, Mendes tem 55 anos de profissão e cinco de blog. Enquanto ele trabalhava em uma redação, ele não pensava no assunto porque sentia que não teria tempo para administrar o blog, fazendo checagem, filtrando informações, indo atrás das fontes.

Nos primeiros três anos, o jornalista trabalhou incessantemente, sem conseguir ganhar nada, situação que mudou com o passar do tempo: *Como eu não tinha tempo para isso, eu pensei: agora que estou parado, aposentado, vou montar um blog. Aí montei o Ver-o-Fato - Opinião e Denúncias sobre Fatos de Interesse Público. Fiquei com o Ver-o-Fato durante quatro anos como um blog. E em setembro do ano passado, acabou fazendo um ano, graças a evolução que foi tendo consegui transformar em um portal de notícia. Foi assim que ele surgiu: ele surgiu com planejamento, como uma ideia de transformar isso também de agregar financeiramente alguma coisa para complementar a minha aposentadoria de jornalista.*²⁶



Figura 6. Blog Ver-o-Fato- Opinião e Denúncias sobre Fatos de Interesse Público

Fonte: <https://ver-o-fato.com.br>

Acesso em: 22 dez.2020.

Na lista de motivos, há ainda a curiosidade pelo novo modo de informar e ainda o de manter o debate com a redação. Foram os casos dos gaúchos, Claudemir Pereira e Carlos Wagner. Claudemir, que tem o blog mais longo dessa pesquisa, vive em Santa Maria (RS) e era leitor do *Blog do Noblat* (Ricardo Noblat). *O blog nasceu em 2005, muito espelhado em poucos blogs. Eu me lembro que eu era leitor do Ricardo Noblat - até quando eu conversei com o técnico, eu não entendia, como não entendo até hoje, essa parte técnica – era o meu modelo.*

²⁶ O jornalista Carlos Mendes concedeu entrevista a este autor em 8 de outubro de 2020.



Figura 7. Claudemir Pereira. Fonte: <https://claudemirpereira.com.br>. Acesso em: 22 dez.2020.

Em Porto Alegre, Carlos Wagner começou a escrever após também se aposentar, como uma maneira de conversar com os jornalistas mais jovens, a sua grande preocupação: *Nós somos contadores de história. E desde que o mundo é mundo, o contador de história troca ideias com os mais jovens. Sempre que entrava um colega novo na redação - vindo da faculdade - eu não via nele um concorrente. Eu via nele um aliado para lutar contra o editor. Eu acredito que o debate nas redações e nas mesas dos botecos é fundamental na nossa formação. É fundamental.*²⁷



Figura 8. Histórias Mal Contadas - Por Carlos Wagner, repórter. Fonte: <http://carloswagner.jor.br/blog/>. Acesso em: 22 dez.2020.

Três jornalistas relataram, porém, que criaram os blogs após um conflito. No Espírito Santo, Elimar Côrtes, começou a escrever para dar voz a oficiais da Polícia Militar que estavam em crise com a Secretaria de Segurança do Estado. *Então foi a necessidade de um grupo de*

²⁷ O jornalista Carlos Wagner concedeu entrevista a este autor em 27 de outubro de 2020.

oficiais que eu acabei criando o blog. Inicialmente para sair em defesa não só daqueles oficiais que eu considerava pessoas de bem, mas também da instituição.

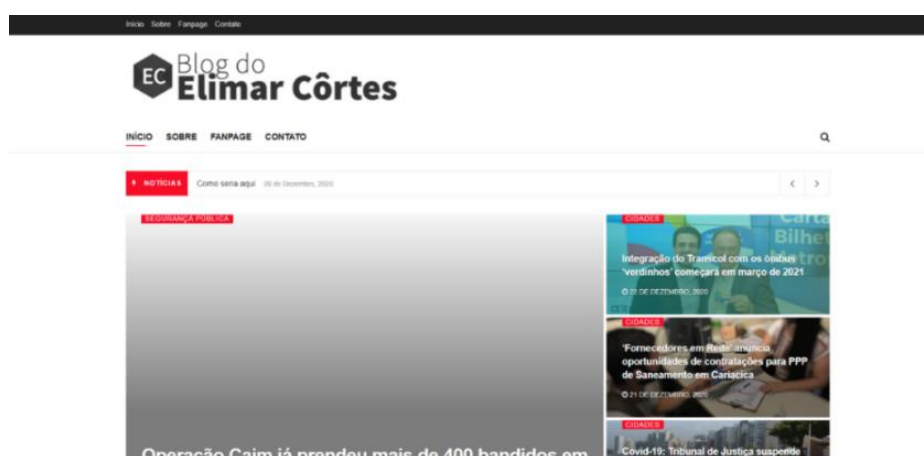


Figura 9. Blog do Elimar Côrtes

Fonte: <https://elimarcortes.com.br/?m=0>. Acesso em: 22 dez.2020.

E há ainda um caso clássico de censura. Aconteceu no interior do Pará. Lá, José Eduardo Ferreira do Vale, dono do blog *Zé Dudu*, começou a escrever após ter um comentário “moderado” (censurado) por outro jornalista de blog da cidade. Ele havia criticado uma empresa que fazia asfalto na Prefeitura de Parauapebas (PA) – e o dono do blog retirou o comentário por também trabalhar na prefeitura. Mesmo sem ser formado em jornalismo, José Eduardo Ferreira do Vale – que disse na entrevista possuir na equipe de cobertura 12 pessoas, entre eles dois jornalistas formados – começou assim a escrever, 11 anos atrás: *Vou escrever um blog e no meu vai poder falar tudo. E foi assim, começou numa brincadeira, na roda dos amigos, com 10 acessos, 20, 50. E nasceu disso a criação do blog, a vontade de se fazer o blog.*



Figura 10. Zé Dudu. Fonte:

https://www.zedudu.com.br/?fbclid=IwAR0mOCWi59Em-1cruo3Sj2tnJCVeCUM-nH_YINV2NY6XLLtQQvaysjNZxVk. Acesso em: 22 dez.2020.

O ativismo – tão comum entre jornalistas de blog dos grandes centros – aparece na origem de um site criado para abrigar dois blogs, das jornalistas Marcia Zarur e Samanta Sallum. Marcia contou que estava inconformada como a cidade delas, Brasília, era tratada: “capital da

corrupção”, nas palavras da própria jornalista. Assim surgiu o *Olhar Brasília*, com a intenção de valorizar o que a cidade oferecia para os moradores sem deixar de participar dos debates locais por melhorias e qualidade de vida: *A gente que vive aqui, sabe que a cidade tem todo um outro lado de cultura, de gastronomia, de lazer, de cidadania e a gente queria muito abordar esse outro lado que a gente não via nos grandes veículos de comunicação. E aí a gente acabou em uma das conversas, acabou falando: por que a gente não cria um site? Porque a gente não teria um compromisso noticioso, não seria essa função, objetivo do site, seria dar vazão a textos e olhares nossos em relação à capital mais próximos a nossa vivência.*²⁸



Figura 11. Blog Marcia Zarur (Olhar Brasília). Fonte: <http://www.olharbrasil.com>. Acesso em: 22 dez. 2020

3.1.2 Formato: do blog ao portal

As duas jornalistas de Brasília destacam-se dos demais profissionais entrevistados quando o assunto é formato. Isso porque elas fizeram o caminho inverso da maioria dos demais, abandonando o modelo blog para dar notícia. O comum é o jornalista de blog utilizar o formato de coluna e publicar em ordem decrescente as notícias do dia em uma primeira fase e depois, com o crescimento da produção jornalística ou a partir de interesses comerciais, transformar o blog em um site ou como alguns citaram, em plataforma de notícias.

No entanto, as duas jornalistas brasilienses seguiram outra trilha. Para dar maior visualização para os blogs, elas criaram primeiro o site com os blogs inseridos. O objetivo era o de aumentar a audiência: *A gente queria extrapolar um pouco esse modelo do diário (virtual), não era simplesmente um diário. Era um espaço para gente dar visibilidade para os assuntos que interessavam a cidade. Extrapolava um pouquinho a questão do blog. É claro que tem uma*

²⁸A jornalista Marcia Zarur concedeu entrevista a este autor em 12 de outubro de 2020.

coisa absolutamente autoral. Por isso a gente fez questão dentro do site colocar o Blog Marcia Zarur e o Blog Samanta Sallum, pra manter essa proximidade com a nossa vivência diária, mensal, periódica da cidade.

Apesar de não ser o fator principal para a escolha do formato, a personalização (*é claro que tem algo absolutamente autoral*) – citada por Marcia, aparece também para outros jornalistas de blogs e de forma mais afirmativa. O jornalista blogueiro Anderson Soares considera que o blog permite uma linguagem mais pessoal, uma proximidade: *Blog é mais ligado a uma questão particular, é uma marca pessoal. Blog tem mais essa característica de marca pessoal: quis imprimir a minha marca, a minha identidade. Como sou eu, o blog, apenas eu. Eu não tenho estrutura. Você sai (e vê) tem mais estrutura, maior, outros profissionais, enfim...o meu é extremamente direcionado: o segmento político da Paraíba.*



Figura 12. Anderson Soares - Um Olhar Diferenciado sobre a Política.
 Fonte: <https://www.blogdoandersonsoares.com.br/>. Acesso em: 22 dez.2020.

Por ser um projeto pessoal, baseado na própria experiência, Ruben Berta optou pelo formato de forma instintiva, considerando que seria um espaço para divulgar reportagens investigativas e que teria a sua assinatura: *O blog é feito basicamente de reportagem, reportagem investigativa. São raros os textos de opinião. Ele é mais um site de reportagem, mas eu achei que não faria muito sentido, por exemplo, colocar sei lá “notícias do Rio de Janeiro”, por exemplo. Eu achei que teria de ter o meu nome: é o Blog do Berta, o Site do Berta.*

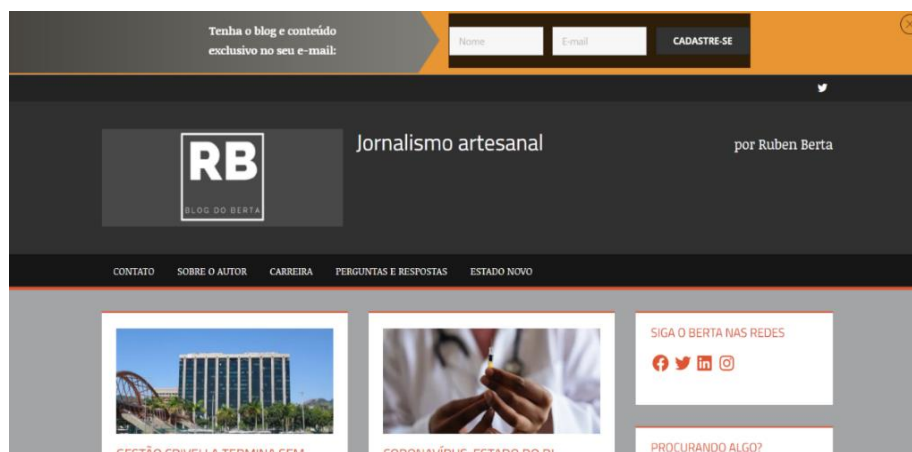


Figura 13. RB Blog do Berta - Jornalismo Artesanal
 Fonte: <https://blogdoberta.com>. Acesso em: 22 dez.2020.

Edivaldo Bitencourt escolheu o formato também por ser “algo mais pessoal”. Como forma de valorização regional, ele preferiu usar o nome de um símbolo da fauna pantanense: o jacaré. Assim, surgiu *O Jacaré*. *Eu gosto do estado que eu moro, então eu pensei que eu não iria colocar um nome americano, com idioma estrangeiro. E aqui a gente tem o Pantanal News, Capital do Pantanal, MS Campo Grande, então já tem nomes de todos os tipos. Pensei em algo diferente como “capivara”, “onça” – ia ficar meio estranho – aí eu pensei no “jacaré”. Então ficou O Jacaré, mas já tem uma concorrente agora: A Onça.*

A maioria dos entrevistados cita ainda que foram atraídos por fatores como: simplicidade, casualidade e praticidade, conforme comentou Elimar Côrtes: *Mais fácil de administrar. A pessoa que criou para mim falou: vai no blog, que ele tem uma capacidade ilimitada para você trabalhar com ferramentas e lhe dá uma audiência maior também.*

Essa praticidade também encantou Claudemir Pereira, que teve como inspiração o blog de política mais antigo do país: *Foi uma cópia exata, muito semelhante do Ricardo Noblat, notícias que iam descendo, não tinham esse ‘nhem, nhenm, nhenm’.* *Eu postava uma notícia agora e ela ficava em cima. Tinha até pouco foto.*

Um formato que lembrava a dinâmica do trabalho e que se adaptasse à rotina. Para Carlos Mendes, um jornalista com 50 anos de profissão, saído de uma redação “de uma época em que havia espaço para barulho e brincadeiras”, o blog veio para “arejar a carreira”, assustada com as mudanças dos últimos tempos. *Hoje as redações de jornais são verdadeiros sepulcros. Você não consegue mais ter aquela dinâmica, as pessoas, as redações são quase impessoais. Cada um na sua*²⁹. Hoje o jornalista de blog diz que não consegue mais se desvencilhar do computador. *Todo mundo já tinha computador e eu tinha máquina de escrever.*

²⁹ O jornalista Carlos Mendes concedeu entrevista a este autor em 8 de outubro de 2020.

Teve um dia que um diretor chegou e disse: ‘vais ter de fazer, porque agora o sistema aqui está tudo computadorizado e tu vais ter que entrar nessa’. E eu me adaptei e hoje não consigo mais sair. É diferente agora.

Questões técnicas, burocráticas, além do custo de montagem de equipe de jornalistas impediram que o D’Eça mudasse de formato e de modelo de produção, deixando o blog e montando uma plataforma de notícias: *Cheguei a cogitar a transformação da página em um site, um portal, que agregasse não apenas a minha coluna, mas as de outros jornalistas e funcionasse como um espaço de notícias.... hoje continuo com esta hospedagem e tenho um webdesign que cuida das questões operacionais do blog.*

Ter uma produção maior ajuda a superar as adversidades e a crescer. No interior do Pará, o blog *Zé Dudu*, começou com uma sequência de duas a três colunas escritas pelo criador, José Eduardo Ferreira do Vale. O formato, porém, foi ficando insuficiente para o volume de informações: *Na realidade quando o blog nasceu lá em 2010, eu escrevia um artigo por dia sobre as coisas da região. Eu passava na rua e via aquilo que era certo ou errado e fazia um comentário sobre isso. Com o crescimento do blog, das visualizações, eu fui pegando gosto pela coisa e fui escrevendo dois, três (colunas). Hoje a gente publica 25 matérias por dia.*³⁰

O formato foi decidido por Carlos Wagner após ele se aposentar e atormentar um velho amigo, que ainda estava trabalhando na redação. O jornalista que fez grandes coberturas em diferentes partes do país sente a falta da rotina da reportagem e não consegue se acostumar com a nova rotina. Quando lê os jornais encontra problemas nas reportagens, inclusive, as que o amigo dele ainda trabalhando na redação, publicava. Foi após uma dessas conversas com o amigo que ele teve a ideia de escrever em um blog. *Eu lia as matérias do Zé e ligava: “P.q.p.’, Zé, essa sua história tá muito mal contada. Aí um dia, ele se encheu e me disse: “P.q.p.’, você só implica com as minhas histórias. Você vivia fazendo isso aqui na redação. E agora continua enchendo o meu saco”.* Aí montei o blog com o nome de *histórias mal contadas*.

Em suma: enquanto alguns jornalistas consideram o modelo como algo prático e rápido outros entendem que é necessário inovar, sofisticar, tentar deixar a publicação mais atraente para os leitores.

3.1.3 Foco editorial

Os jornalistas entrevistados seguem a mesma lógica: investir em segmentos que já dominavam onde trabalhavam antes. Investir na divulgação de notícias da área que cobria foi

³⁰ O jornalista José Eduardo Ferreira do Vale concedeu entrevista a este autor em 10 de outubro de 2020.

sempre uma regra para Ruben Berta, que buscou usar o que tinha acumulado de melhor na carreira, a administração pública do Rio de Janeiro. Mesmo as vezes sendo cobrado por não fazer uma cobertura sobre o Governo Federal (Brasília), Berta resiste: *Não faria sentido por exemplo, eu querer fazer cobertura de Planalto, eu seria quase que um foca, ainda mais no Rio de Janeiro, não faria muito sentido. Às vezes, até me cobram um pouco isso: ah mas você tem que cobrir Bolsonaro, você tem de cobrir Brasília, mas assim, fica um pouco fora do que eu acumulei de experiência, não que talvez um dia eu não possa fazê-lo, mas eu queria retornar um pouco para a sociedade do Estado do Rio de Janeiro, um pouco da experiência que eu acumulei e dar de volta para a sociedade mesmo. É um objetivo muito claro que eu tenho.*

E nesse caso, nove jornalistas que foram citados vêm do mesmo segmento: política. A escolha por esse segmento ocorreu antes mesmo da faculdade de jornalismo, em alguns casos. Um dos jornalistas de blogs contou que participou como assessor de uma campanha eleitoral para um amigo que queria ser vereador. Aquela atmosfera, numa época em que ele precisou usar máquinas de escrever, fax, para divulgar a candidatura do amigo, acabou influenciando Marco Aurélio D’Eça nas escolhas seguintes no jornal onde trabalhou e no blog que depois foi criado. O jornalista disse que “era pau para toda a obra” quando começou a estagiar no jornal *O Estado do Maranhão*: *Saiu um repórter de política – uma das meninas que faziam reportagens de políticas, eram mulheres – e me perguntou se eu tinha interesse. A partir daí eu fui, me envolvendo, focando, na área de política, no jornalismo político. Comecei a cobrir o setor judiciário, TER, tribunais, depois passei para cobrir a assembleia legislativa. Foi lá que eu praticamente comecei a construir algumas matérias.*

A carreira de Marcia Zarur - que havia trabalhado com política como repórter da TV Globo – influenciou na decisão dela de seguir por essa linha, mas com o foco de apresentar a capital federal: “até porque a minha vida...não tem como dissociar a minha vida de Brasília. É como se ela se constituísse na defesa de Brasília”.

Muitas vezes, os entrevistados direcionaram o seu trabalho movido pela atmosfera local como no caso de Anderson Soares, que optou pelo jornalismo político em razão de ser *do jornalismo da militância política*, afirmando que no estado (Paraíba), *sempre foi muito partidariado: Eu sempre fui do jornalismo da militância política, digamos assim. Aqui na Paraíba, sempre foi muito partidariado, aqui é uma coisa que precisa ser estudada, rapaz, é algo incrível. Já tá na veia, já tá na cultura da gente.*

Como consequência da liberdade para escrever, Claudemir Pereira, depois de muitos anos de trabalho, conquistou também o direito de se manter crítico para o poder local: *Não pode*

ser muito diferente de mim. As pessoas sabem que eu sou um sujeito à esquerda ou ‘de esquerda’. Vamos botar assim, né? Depende de quem me vê.

Dos nove jornalistas de blogs que direcionam o foco editorial para política, quatro explicaram que também cobrem áreas como “Cidades”, “Justiça” ou “Generalidades”. Nesse universo, eles focam em locais específicos que, acabam gerando notícias, se movendo muitas vezes pelo faro jornalístico, como Carlos Mendes: *Eu sempre fui do jornalismo da escola generalista. Eu sempre fui generalista em especialidades e não especialista em generalidades. Eu já fiz polícia, já fiz política, já cobri Palácio do Governo, Assembleia Legislativa, Câmara Municipal, Delegacia de Polícia, Bancos, escrevendo matérias sobre economia. Sou dessa área generalista. Escrevendo um pouco de tudo.*

Outro ponto que alguns jornalistas de blogs salientaram foi o de buscar no noticiário das grandes empresas lacunas para chamar a atenção do leitor. Foi observando essas falhas da imprensa tradicional, que Edivaldo Bitencourt encontrou um caminho para o *Blog do Jacaré* “*Com o tempo, eu descobri que o pessoal daqui não cobria as ações do Ministério Público, era muito mal acompanhado. Era uma coisa que toda vez na minha carreira jornalística, eu já vinha fazendo. É uma coisa que eu domino bem. Aí acabando indo nessa linha. Eu defini bem a linha de O Jacaré. Eu acompanho todas as ações na justiça, as esferas estadual, federal e acompanho a política local.*

Bastidores da notícia e de segurança pública foram outras áreas citadas pelos jornalistas de blogs. Enquanto no Espírito Santo, a intenção de Elimar Côrtes foi de conferir voz a um segmento – *minha intenção era defender a instituição da Polícia Militar*– no Rio Grande do Sul, o objetivo de Carlos Wagner foi de chamar a atenção dos jovens repórteres para aquilo que eles vinham produzindo diariamente: *Na minha cabeça, não podia atirar pedras nos meus colegas de redação. A proposta é discutir as entranhas das matérias, à luz das informações do mercado disponíveis ou exclusivas.*

Um recurso interessante que vem sendo utilizado é o de buscar em levantamentos externos como pesquisas de grandes institutos elementos que tenham ligação com a região onde vivem. Trazer a notícia para perto da realidade local. Uma iniciativa importante, ainda mais em se tratando de um país onde 18% da população nacional não tem a presença de nenhum veículo de comunicação local. Essa população vive em cidades que tem em média 7.100 habitantes e correspondem a um universo de 37 milhões de pessoas segundo os últimos dados da pesquisa do *Atlas da Notícia*.³¹

³¹ PROJOR e VOLTA DATA LAB. “Os desertos de notícias do Brasil.” *Atlas da Notícia*. 17 fev. 2020.

Por que isso é relevante? Porque um município sem jornalismo local, que não possui uma cobertura noticiosa própria, é carente de informações independentes para que sua população possa votar, cobrar os governantes e saber mais sobre serviços, problemas e acontecimentos específicos daquela localidade (ATLAS, 2020, on-line).

A estratégia de buscar um dado regional numa pesquisa nacional, fazendo recortes, é conhecida nas redações de jornais do interior, onde o volume de notícias factuais, do dia a dia, é menor. Com a publicação desses relatórios em sites oficiais, o acesso ficou mais fácil.

Dessas reportagens, inclusive, saem reflexões que podem motivar debates em comunidade, principalmente quando elas estão ligadas a fatores financeiros da região. O que no caso de José Eduardo Ferreira do Vale, significa investir em informação ligada à mineração (ele está perto de uma mina da Vale do Rio Doce): *Hoje a linha editorial do blog, ela é não só política, mas eu estou tentando torná-la mais informativa. Fazer pesquisas no site de mineração, fazer pesquisas em sites no IBGE – todo dia eu olho o IBGE para ver se tem uma pesquisa nova – aquela pesquisa que o IBGE sai em nível nacional eu a trago para o meu horizonte que é a região dos Carajás.*

3.1.4. Relevância

“Notícia é igual pãozinho, tem de ser quente”. A frase que ouvida muitas vezes dentro das redações é o que norteia a maioria dos jornalistas de blogs entrevistados. Seis dos 10 entrevistados citaram fatores como “exclusividade, ineditismo, antecipar em ‘primeira mão’”, como motivos de relevância para que os blogs fossem apontados pelas redações tradicionais.

O bom e velho “furo de reportagem” não morreu. E ele ainda é o diferencial para quem produz e vive de dar notícias. É claro que, com o avanço da tecnologia, celulares, meios de compartimentos, redes sociais, eles ficaram mais raros – não que eles não existam mais, o problema é a competição. A “caçada” agora pela notícia em “primeira mão” tem outros competidores, muitos outros.

Alguns jornalistas de blogs revelaram que essa competição é um desafio a mais, mas que de certa forma, acaba valorizando o trabalho desempenhado por eles. E isso faz com que o jornalista de blog “tenha relevância”, ao dar notícia em primeira mão, como cita Marco Aurélio D’Eça: *Hoje tem algo curioso que é extra blog que é o WhatsApp que passou também a ser um canal de informação. Todo mundo publica e aí começa aparecer notícias, gera fake news, pega*

algo antigo e coloca como se tivesse acontecido. D’Eça contou que mira informar o público formador de opinião, analisando o cotidiano político da cidade, sem deixar de trazer notícias que causam algum tipo de impacto.

Mas por onde começar se o jornalista que foi demitido de uma função que não a de repórter, não tem fontes? Ou mesmo o jornalista recém-formado que não conseguiu um emprego fixo? Nesse aspecto, o que se observou é que os jornalistas de blogs pesquisados têm uma estratégia inspirada nas práticas tradicionais: a de acompanhar órgãos e instituições públicas. Uma estratégia que transforma a rotina de uma redação, como aconteceu, por exemplo, no *Correio Braziliense*, na reforma editorial do jornal: “A setorização é o meio para que o repórter conheça melhor determinados temas, amplie seu leque de fontes de informação e descubra notícias exclusivas. De tempos em tempos, ele deve trocar de área” (NOBLAT, 2012, p. 2.246³²).

Esse monitoramento diário – como o mecanismo das rondas feitas por telefone pelas redações para os mais variados setores – é repetido por eles, agora que trabalham de forma isolada. Na lista estão: Fóruns, Ministério Público, Polícia Militar, Tribunal de Justiça, Câmara de Vereadores, Assembleias Legislativas, Governos e Prefeituras. É a trinca: Executivo-Legislativo e Judiciário. Edivaldo Bitencourt, por exemplo, aponta as operações policiais como boas geradoras de notícias que causam impacto: “Eu acho que geralmente sentenças judiciais, denúncias do Ministério Público, detalhes das operações policiais o que acaba fazendo os jornais indo atrás. – Edivaldo Bitencourt, blog *O Jacaré*”.

Esse jornalismo “reativo” dependente das publicações ou operações oficiais é uma boa alternativa para fugir dos processos judiciais. Aliás, quanto a isso, os jornalistas de blogs relataram diversas situações que vão desde a tentativa de censurar as notícias publicadas forçando judicialmente a retirada da postagem do blog até a criminalização do profissional. O que é sempre um desgaste, pois acaba forçando o jornalista de blog a parar de trabalhar para responder um processo – provocando prejuízo para o blog, já que na maioria das vezes ele é o responsável pela produção, edição e publicação da reportagem – sem falar das questões financeiras. Durante a pesquisa, foram citadas situações interessantes como a da protetora dos jornalistas de blogs do Maranhão. Marco Aurélio D’Eça contou que a advogada Rita Margareth, antes de se formar em Direito fez Jornalismo. E hoje se especializou em atender jornalistas de blogs do Maranhão a preços “camaradas”.

Curiosamente, esse tipo de jornalismo – dependente de órgãos oficiais – foi criticado por alguns jornalistas de blogs, que o veem como mais “reativo” e não investigativo. Isso porque,

³² O Kindle apresenta em seus e-books posições ao invés de páginas e a numeração é maior que em um livro físico, pois a fonte é maior para facilitar a leitura.

eles lembraram que essa estratégia de ter um escudo documental já é algo utilizado pelas redações tradicionais, de onde alguns, como Ruben Berta, não tem mais saudades, por não encontrar lá condições de continuar investigando. No blog, porém, ele consegue o destaque que almejava, apesar de reclamar de preconceito profissional: *Como o trabalho que eu faço é de muita investigação, isso acaba repercutindo. Como as vezes não dão crédito, o que é chato, existe, eu não sei exatamente, mas um certo preconceito de alguns colegas quando não é um outro grande veículo. Mas já fui citado algumas vezes pela Folha, pelo Globo, uma rara vez pela TV Globo.*

Agora, outras maneiras de impactar o noticiário foram apontadas. Uma delas, remonta a mais antiga tradição dos blogs e do colunismo, o de dar notícias de bastidores. As “reuniões secretas” acabam chamando atenção do público paraibano, que lê o jornalista de blog Anderson Soares: *Aqui a gente chama de “moído da política”. Esses “moídos”, isso dá um Ibope...é algo incrível. Muitos blogs aqui desses veículos estão se pautando mais do mesmo. Factual que todo mundo já traz e não traz nenhuma novidade. Quando você se propõe a trazer algo de novo, diferencial, obviamente chama a atenção do público.*

Manter-se atento a situação da população também é uma regra para Carlos Mendes, do *Ver-o-Fato - Opiniões e Fatos de Interesse Público*, que passou a publicar informações de utilidade pública como a lista de empregos dos serviços da cidade, o que, com isso o ajudou a aumentar a visualização e atraindo leitores para reportagens robustas como as que retratam desvios das gestões municipais, estaduais e federais. *Se você não estiver preparado para ousar na rede social, você vai ser tragado, você vai ser mais um que tem um blog.*

Há ainda dois jornalistas de blogs que trabalham em cima de histórias que os meios tradicionais não têm mais interesse, porque “esfriaram”. Dão vozes e espaços para personagens e histórias das cidades, que até pouco tempo atrás, estavam no cotidiano dos habitantes, como os de Brasília, onde Marcia Zarur tenta quebrar preconceitos e ao mesmo tempo motivar eventos: *Eu sempre falo isso: gente, Brasília é muito maior do que a Esplanada dos Ministérios. Mas o que a TV e o jornal mostram é só a Esplanada dos Ministérios. Então eu acho que a nossa relevância é porque a gente conseguiu um espaço, um espaço que está sendo visto, não é escondido, as pessoas estão lendo e compartilhando, um espaço para mostrar essa Brasília paralela.*

E esse universo paralelo não vale apenas para a capital federal. O jornalista de blog também tem relevância quando toca em assuntos policiais sufocados pela rotina da notícia do dia a dia. Assuntos que eram manchetes e que, de repente, sumiram do noticiário, apesar de não terem sido solucionados. O que não passou despercebido pelo olhar de Carlos Wagner:

Cada dia que eu escrevo sobre esse assunto eu tenho de 5 a 6 mil acessos diários - aqui no Rio Grande do Sul tem um grupo de mulheres que eu chamo de procuradas vivas ou mortas, incluindo uma professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). São mulheres que foram mortas, em que o principal suspeito é o companheiro. Mas como os corpos desapareceram, não tem ninguém preso.

Esses jornalistas conseguem se diferenciar aproveitando as lacunas deixadas pelo noticiário da imprensa tradicional. E se não for possível ter a exclusividade, o “furo de reportagem”, lembrando que credibilidade também é fator de relevância, apontada inclusive por dois jornalistas de blogs de forma mais intensa: *A exclusividade hoje é muito difícil. Mas você tem de dar a matéria correta. Um acidente em Carajás. Daqui dois minutos você tem vídeo do acidente, tudo certinho, tudo correndo nas redes sociais... Mas o que você está vendo ali no vídeo não impacta a realidade. Aí você vai atrás da assessoria de comunicação da Vale, da família dos caras que supostamente se machucaram, para quando você colocar no blog, dali uma hora, duas ou três, eu vou dar assim: o acidente foi isso, aconteceu foi isso, faleceram tantas pessoas, aqui está a nota da Vale...você dá a notícia completa.* Para outro jornalista, Elimar Côrtes, agir assim significa: *Primeiro ter credibilidade. Sem credibilidade, o jornalista não chega a lugar algum. É a notícia correta... é você dar chance para as pessoas que você esteja atingindo com determinada reportagem, que essas pessoas possam também se defender, se manifestar. Eu acho que é mais por aí, você procurar ser justo com as fontes, com cada pessoa que você esteja acusando, destruindo, você tem de ser justo com essa pessoa, ter bom senso.*

3.1.5 Ofertas de trabalho

Uma das primeiras consequências da relevância alcançada é a oferta de trabalho em outras plataformas para os jornalistas de blogs. Nesse aspecto, oito deles revelaram que tiveram propostas. Um deles não teve proposta alguma e outro teve proposta para trabalhar em um programa de TV. Dos que tiveram propostas, nenhum aceitou. Os motivos variaram entre a perda da liberdade e da personalização.

Aliás, o aspecto da personalização é bem interessante: existe uma grande valorização da parte deles em ter o nome em destaque, em um sinal claro de que, nas redações onde atuavam, não existia reconhecimento profissional. Três jornalistas de blogs disseram que a perda desse reconhecimento foi essencial para recusar os convites para levar os blogs para outras plataformas. Em um dos casos, de Edivaldo Bitencourt, de *O Jacaré*, o convite partiu de outro jornalista de blog. *O que eu recebi foi o Nélio Brandão, que queria me contratar para trabalhar*

para ele. Ele queria que eu publicasse as mesmas matérias que eu publico no meu blog, publicasse no dele. Ele ia ficar com os louros, de Edivaldo Bitencourt.

Aliás, quanto a isso, durante a fase de consulta nas redações, o jornalista que citou Edivaldo, chegou a mencionar que o *Blog do Nélio* era muito bom, mas que naquele momento, considerava o seu mais importante na rotina do noticiário, em um sinal claro de como a disputa é acirrada. Edivaldo não levou *O Jacaré* para o *Blog do Nélio*. Marco Aurélio D’Eça também recusou convite de um site de emissora de TV. *Teve o site da TV Difusora que estava contratando jornalistas. Chegou a fazer um convite para mim. Eu disse: “não, prefiro ficar com um blog pessoal mesmo.”*

E há também aqueles que recusaram as propostas para evitar perder a independência. De certa forma, retornar ao modelo tradicional de produção de notícias, das grandes redações, assusta os jornalistas de blogs entrevistados. A impressão foi de que o medo de voltar é maior do que o medo inicial de como produzir sozinho, dar os primeiros passos. Ser o próprio patrão foi o objetivo de Carlos Mendes: *Quando terminou eu disse: “Chega de patrão, chega de cara dizendo que: Olha, tá ótima a matéria que você fez, mas eu vou cortar aquilo, vou segurar porque temos clientes comerciais e isso vai nos prejudicar. Vamos acabar perdendo cliente, você não vai receber o seu salário porque fez uma matéria que contraria o interesse comercial da empresa.” Quando chegou 2015, eu disse: “Chega, patrão nunca mais. Vou ser patrão de mim mesmo.”*

Com blogs que fazem cobertura paralela, os convites também surgiram, mas a recusa foi por outro motivo: evitar o crescimento e voltar a produzir em larga escala. *Tanto o Correio Braziliense quanto o Metrôpoles demonstraram interesse em levar o Olhar Brasília para dentro da plataforma deles.*

Para Marcia Zarur, o objetivo não é virar *algo grande, nunca foi. A gente não quer virar um portal, ter uma estrutura e ter redação... a gente não tem interesse nisso.* Ela não quer cobranças, porque de acordo com a visão da jornalista de blog, grandes veículos de comunicação têm “direcionamento editorial”.

Outro jornalista entrevistado, Carlos Wagner, se programou financeiramente ao sair da redação do jornal *Zero Hora*, para não precisar aceitar os convites. *Saí de lá com 64 anos, aí eu fiz um cálculo: tenho mais 10 anos de vida útil. Vou fazer o que eu gosto pela primeira vez...a gente voa em cima das histórias.*

3.1.6 Percurso profissional e fontes

Os jornalistas de blogs disseram, de forma unânime, que o percurso profissional os ajudou na produção de conteúdo para os blogs. Mantendo fontes, aumentando fontes. Uma situação relatada por alguns entrevistados foi o crescimento no número de fontes anônimas. De certa forma, o efeito “liberdade” narrado desde o começo e presente em diversas respostas, parece ter um efeito atrativo para vozes que não viam nos grandes meios chances de serem ouvidas e atendidas.

Os desafios de lidar com essas novas fontes provocaram em Ruben Berta um sentimento de engrandecimento profissional: *Cara, eu, sei lá, tenho 90% a mais do que eu tinha até agora. É uma pegada completamente diferente, porque como o que eu faço é muito investigativo, a maioria das fontes eu nem conheço, não sei nome, as pessoas simplesmente me mandam as notícias e eu vou lá e apuro e vejo se procede. Eu passei a lidar com muita fonte anônima, algo que eu não tinha muito em O Globo.*

O efeito da independência editorial também foi sentido na Paraíba, onde Anderson Soares, durante os primeiros seis meses na função de jornalista de blog, trabalhava de forma incessante. Ele percebeu um aumento em mais de 100% no número de pessoas que o procurava. *Quando você está nos meios tradicionais, as pessoas sabem de certas formas das limitações que nós temos: pela linha editorial da empresa; pela relação com o poder. As pessoas sabem: existe um limite ali. Quando você cria esse meio alternativo, você fica completamente livre, independente³³. As pessoas lhe procuram, tem mais confiança, porque sabem dessa liberdade que você tem a partir daquele momento.*

A experiência no rádio, jornal e na TV ajudou os jornalistas de blogs a enfrentar o desafio de produzir notícia no universo da internet. A solidão do dia a dia, a falta da troca de ideias com produtores e editores assusta e eles agora precisam criar uma rotina produtiva para alimentar o blog.

O que se observou, pelos relatos, é que com o tempo as fontes vão ampliando, criando uma situação confortável, como a vivenciada por Marco D’Eça, que tem contato direto com políticos e candidatos a cargos eletivos: *Hoje eu estou em uma situação aqui no Maranhão, que eu tenho todos os contatos pessoais dos candidatos a prefeito e converso com eles diretamente no WhatsApp, se eu preciso de alguma informação. Vou lá rapidinho.*

³³ No tópico sobre publicidade e propaganda, esse tema é apresentado de forma mais aprofundada.

Mas como continuar produzindo, depois de uma longa jornada de 50 anos de jornalismo? Agregando “experiência com entusiasmo”, ensina Carlos Mendes, jornalista formado pelo dia a dia das ruas amazônicas, que depois de trabalhar em diversas redações levou as suas fontes antigas para o blog, aos 70 anos de idade: *Aumentou muito e com um detalhe. Eu consigo trazer todas as antigas fontes por onde eu passei. Quando as pessoas me viram assinando matéria no blog, me procuraram perguntando se podiam mandar alguma notícia, mesmo morando fora de Belém e eu dizia: pode mandar, o Ver-o-Fato é nacional. Eu adquiri novas fontes na internet. Quando você agrega credibilidade, você consegue dentro dessa “terra de ninguém” que é a rede social, a internet, você consegue fazer a diferença.*

Com exceção de apenas um jornalista de blog (Zé Dudu, que já tem mais de 11 anos de carreira, mas nunca havia trabalhado em redação), todos os entrevistados tinham pelo menos mais de 10 anos de experiência em redação quando iniciaram o trabalho em blog. E cada um conseguiu explorar o “patrimônio” que havia acumulado. É claro que, quem tinha mais visibilidade, como Marcia Zarur, que foi apresentadora de telejornal da TV Globo em Brasília, acabou tendo um retorno mais rápido, especialmente quando se trata de acesso às fontes: *Acho que na questão das fontes sim, porque tanto eu, quanto a Samanta, a gente tem um nome forte na cidade, eu dentro do audiovisual, da televisão e a Samanta no impresso. A Samanta é uma jornalista com credibilidade aqui em Brasília, conceituada, certamente “abre portas”, inclusive com as fontes. A gente tem acesso às fontes, que se fosse um site de duas focas, recém-formadas, provavelmente a gente não teria nem um centésimo do que a gente consegue, já tendo uma estrada profissional consolidada e respeitada na cidade.*

A experiência em redações de jornais impressos também ajudou alguns jornalistas de blogs a não depender de ninguém para produzir notícias, mantendo o blog basicamente com o trabalho de reportagem. E o fator liberdade tão valorizado pelos jornalistas de blogs gerou mais procura, principalmente por fontes que acreditam que ali no blog o jornalista tem mais independência, como de fato, eles garantiram que possuem.³⁴

É o que as fontes mostraram para Edivaldo Bitencourt, que também notou um aumento no número de fontes: *As pessoas acabaram me vendo, de certa forma, como resistência e acabam me procurando. Todos me procuram querendo ajuda, querendo resolver.*

Por último, outro fator que é importante destacar é o da administração do blog. Foi possível notar pelos depoimentos que alguns entrevistados carecem de conhecimentos

³⁴A relação com publicidade e propaganda será explorada em um tópico mais abaixo.

administrativos – tanto para organizar a rotina de publicação, como pela administração dos recursos financeiros. Isso não significa que esse pesquisador tenha notado os jornalistas de blogs em dificuldades, pelo contrário, mas eles se queixaram de não terem sido treinados para isso. Na faculdade que cursaram não existia uma disciplina que ensinasse gestão jornalística. A exceção, porém, veio daqueles que tiveram a experiência profissional de chefiar equipes de redação.

3.1.7 Vantagens e desvantagens

As entrevistas feitas demonstraram que de Norte a Sul, por todas as regiões do Brasil, existe um sentimento de quebra de barreiras ao se publicar em um blog. Essa liberdade para produzir e publicar - que só é possível graças ao domínio do próprio veículo de comunicação – traz satisfação pessoal para os jornalistas de blogs. Alguns citaram até o fato da figura do editor ter desaparecido da rotina – e com isso, o fim dos cortes nos textos produzidos pelo repórter.

Os jornalistas de blogs não pouparam adjetivos para descrever algumas vantagens de possuir o próprio meio de comunicação. Ter liberdade para produzir e publicar. Não ter mais editor para diminuir o texto e reclamar. Apresentar ao mundo, a própria visão sem qualquer interferência empresarial. Administrar o próprio tempo, como diz Berta: *É claro que isso também lhe traz um nível de responsabilidade muito alto. Você que controla o processo do início ao fim. Você não tem um editor. Eu sou editor de mim mesmo. Na verdade, eu tenho de ter um cuidado redobrado sim, por conta dos assuntos que eu mexo. Mas destacaria a principal vantagem a da liberdade de conseguir ver o resultado que estou fazendo, estar modificando as coisas, isso é muito prazeroso.*

Em 2020, Berta contribuiu para alterar o cenário político de onde vive (Rio de Janeiro). Após uma série de reportagens, ele chamou a atenção para as compras realizadas pela Secretaria da Saúde do Rio de Janeiro para combater a pandemia. As denúncias – feitas primeiro por ele e depois por outros meios de comunicação – tiveram como consequência a abertura de investigações que terminou em prisões e no afastamento do governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel. *Nos últimos 60 dias, mais de 20 reportagens exclusivas foram publicadas no Blog do Berta, deixando à mostra a violência do Estado contra a saúde pública do Rio de Janeiro.*³⁵

³⁵ “SAÚDE pública é foco no Blog do Berta.” 4 jun.2020. Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Disponível em: www.abi.org.br. Acesso em: 2 dez.2020.

Outra vantagem lembrada é a decisão sobre a disposição das reportagens – como elas são elencadas na página do blog. Quanto a isso é importante lembrar que na redação tradicional, cabe ao editor chefe separar e hierarquizar o que é mais importante, um processo que sempre mexe com os repórteres, que muitas vezes, não consideram adequadas as decisões sobre quais foram as reportagens mais importantes do dia.

No blog, esse mesmo jornalista tem agora condição de escolher e publicar, de acordo com os próprios critérios. Quanto a isso, existe outro ponto interessante: na estrutura de uma redação, o repórter é o elo das ruas com a edição. Mas nem sempre é ouvido sobre a decisão final do que vai ser manchete, por exemplo. Esse papel é do editor.

No blog, ocorre nesse aspecto uma quebra em relação aos modelos industriais. Como a infraestrutura é pequena e cabe ao profissional tomar a decisão sobre o que vai receber mais destaque naquele dia, nem sempre as manchetes seguem a mesma linha das plataformas dos jornais tradicionais.

Nos meios de comunicação tradicionais existe um controle absoluto sobre o que vai ser publicado: da forma ao horário. Marco Aurélio D’Eça, que abriu o blog após ser editor de política no jornal da família Sarney, que é muito influente no Maranhão, enfatizou sobre essa questão editorial: *O texto nosso é final, não há uma hierarquização como há na redação. A gente passa a construir a nossa visão de mundo a partir do que vai escrevendo ali no jornal. Essa é a principal vantagem: aquele material lá é nosso, não passou por crivo algum, não teve nenhuma censura, corte ou mudança.*

A independência e o retorno dos leitores foram outros pontos lembrados: nos jornais nem sempre eles conseguiam publicar o que haviam apurado – por questões políticas ou comerciais – e dificilmente conheciam o que realmente os leitores pensavam a respeito dos textos produzidos, segundo os entrevistados. *Agora não, não há amarras, algo espetacular, como diz Marcia Zarur: É uma janela para o mundo, você tem a possibilidade de falar... é muito amplo o espaço, você atinge o mundo com o site. Você pode falar com qualquer pessoa em qualquer lugar. Isso é muito democrático. E é bacana você ter esse alcance.*

O reconhecimento do trabalho foi algo lembrado pelo jornalista de blog Edivaldo Bitencourt, além de poder fazer as reportagens que ele gostaria de fazer sem precisar da aprovação do dono do meio de comunicação. Mas a ausência de uma equipe para discutir melhor os caminhos das reportagens foi um ponto lembrado por ele, como uma desvantagem: *Eu gosto de trabalhar com gente. Gosto de conversar, discutir a minha pauta. Discutir o “gancho”, trocar ideia. Eu trabalho muito tempo sozinho, fico até meio depressivo.*

Essa “solidão profissional” foi lembrada por Ruben Berta: *dá uma saudade de trabalhar com as pessoas, dividir as histórias*. Outros lembraram da “incompreensão” (Zé Dudu) e da exposição (Marco Aurélio D’Eça): *Seja lá o processo, a agressão física, os xingamentos ou até ameaças de morte. Eu passei 11 anos no jornal O Estado de Maranhão e não recebi um só processo. Em um ano de blog, eu já tinha 30 processos*.

E por fim, há o preconceito. Um dos jornalistas de blogs disse que, após trabalhar em diversas funções numa redação tradicional, sofreu discriminação quando passou a se identificar como jornalista de blog. Quem passou por isso, como Elimar Côrtes, explica que com o tempo a dificuldade é superada. *Rapaz, no início as desvantagens eram maiores, aquele preconceito muito forte a blogs e sites. Até hoje blogueiro é chamado de blogueiro e eu falo: não sou blogueiro, sou jornalista. Hoje, por exemplo, às vezes, a notícia chega antes - por causa da experiência - do que para a imprensa convencional*.

3.1.8 Publicidade, propaganda e parcerias

Dos 10 jornalistas de blogs entrevistados, sete disseram que recebem recursos de fontes que vêm do poder público e da iniciativa privada. Utilizam mecanismos tradicionais para captação como a publicação de anúncios, como diz D’Eça: *A gente tem anúncios formais, tem aquilo dos cliques do Google. Tem outras empresas que fazem anúncios próprios, que são os banners laterais e banner de topo. E tem os anúncios do poder público. Existe também a questão política: o blogueiro lá faz oposição e acaba não recebendo anúncio*.

Existe ainda as parcerias com as prefeituras. Na prática significa publicar os releases enviados pelas prefeituras com informações sobre as realizações da administração como a implementação de obras para as comunidades.

Um aspecto interessante é que alguns jornalistas de blogs disseram que se incomodam em publicar exatamente o mesmo texto que foi enviado para outros jornalistas de blogs parceiros. E nesse caso, eles reescrevem o que foi enviado para dar outro formato, mais próximo do que eles publicam. No Pará, o blog *Zé Dudu*, que cobre 39 cidades, tem contrato com oito prefeituras. Ele disse que normalmente as prefeituras mandam banners institucionais, como disse o dono do blog, José Eduardo Ferreira do Vale: *Mas eu publico também, por exemplo, se você vai fazer a festa de Nossa Senhora Aparecida. Você me manda o release, eu pego aquele release, dou uma repaginada nele, faço alguns contatos para pegar alguma informação pertinente à matéria e publico*.

Os jornalistas de blogs relataram que, dependendo do tom crítico das reportagens publicadas, acabam ficando sem qualquer anúncio do poder público. No Maranhão, nos seis anos do Governo Flávio Dino (PC do B), Marco Aurélio D’Eça só conseguiu anúncio do governo do estado via Google: *Tenho da Prefeitura, da Câmara, da Assembleia, geralmente ficam mandando pra gente. Mandam mídia pronta e eles pagam normalmente.* O entrevistado contou ainda que outra forma de divulgação são as parcerias de monetização, de divulgação com políticos locais: *Por exemplo: tem um fulano de tal que quer ali fazer, que é político, que quer divulgar as ações dele, geralmente fecho uma parceria: só pra divulgar uma matéria positiva, isso também é uma forma de monetização.* O jornalista de blog disse que quando a divulgação é para atacar um adversário do político, ele se recusa a fazer.

Esse relacionamento é um dos desafios para os jornalistas de blogs, sobretudo aqueles que estão em capitais ou cidades que o poder público, os políticos, usam o capital para pressionar. Essa é uma situação que incomoda. Para Anderson Soares, há um questionamento pessoal sobre essas parcerias. *O que eu sempre questionei é a relação que se tem a partir dessas parcerias. Eu acredito sim que a gente pode ser parceiro do poder público e ter uma relação idônea, adequada, correta, institucional. O problema, sobretudo aqui na Paraíba, é que essas relações se extrapolam: elas passam de uma relação institucional para de subserviência dos meios de comunicação. É isso que não concordo, nunca concordei, não me permito a isso. Eu tenho sim, a gente sobrevive disso, mas temos uma relação muito institucional e ética.*

O jornalista disse que aceita apenas anúncios e *banners* do poder público e privado. E há também um caso de um jornalista de blog, Claudemir Pereira, que mantém os anúncios no blog, mesmo não recebendo por eles, apostando que a crise econômica vai passar: *Se tu observar (sic) o site, ele tem hoje poucos anunciantes e poucos que pagam. Alguns que estão ali não pagam, mas eu mantenho por parceria – os caras foram meus parceiros durante tanto tempo, porque eu não posso ser parceiro na medida em que o custo não aumenta, nem diminui. Se eu tirar ou deixar de colocar – mesmo porque eu ainda aproveito uma rebarba deles.*

Os entrevistados disseram que essa publicidade não influencia na liberdade editorial do blog e que quando conseguem um “furo” que pode desagradar o anunciante, publicam, sempre dando o outro lado junto com a reportagem. No meio da internet, é comum sites e plataformas publicarem primeiro a denúncia mesmo sem ter o outro lado (quando sentem que um concorrente pode publicar antes). Quando o outro lado envia a informação, ela é acrescentada na reportagem publicada na plataforma.

Dentro desse grupo, outro ponto que chamou a atenção foi o do aumento salarial. Há casos como do jornalista Anderson Soares que contou receber até 10 vezes mais do que

ganhava antes de começar o blog. *O que eu sempre questioneei é a relação que se tem a partir dessas parcerias. Eu acredito sim que a gente pode ser parceiro do poder público e ter uma relação idônea, adequada, correta, institucional. O problema, sobretudo aqui na Paraíba, é que essas relações extrapolam: elas passam de uma relação institucional para de subserviência dos meios de comunicação. É isso que não concordo, nunca concordei, não me permito a isso. Eu tenho sim, a gente sobrevive disso, mas temos uma relação muito institucional e ética.* Os outros jornalistas de blogs disseram que seguem a mesma linha: primeiro a independência.

Manter-se livre, imparcial e ao mesmo tempo ter anunciantes suficientes para cobrir as despesas do mês. Os relatos mostram um universo de muita dificuldade quando o jornalista de blog começa a escrever e depois a força do capital tenta cercear a produção, impedindo que leve adiante o sonho de ser livre.

Na maioria das vezes, o que esses anunciantes públicos pedem é o direito de ser ouvido, antes da denúncia ser publicada. Algo que, para Edivaldo Bitencourt (blog *O Jacaré*) é algo possível de administrar. Mesmo fazendo uma cobertura crítica ao Tribunal de Justiça – denunciando os altos salários – ele continua recebendo os anúncios: *O cara do Tribunal me procurou perguntando se tinha algum problema ele mandar anúncio para mim. Eu disse: cara não tem problema, só não fica achando que o fato de você mandar anúncio para mim, não quer dizer que eu vou deixar de publicar as matérias contra o Tribunal. Aí ele disse: a gente só quer que você ouça a gente primeiro. Eu disse: isso eu sempre faço (em O Jacaré).* Como essa prática de ouvir o outro lado nem sempre é seguida pelas plataformas de informação antes de publicar a reportagem, acaba virando uma moeda de troca entre “parceiros” e blogs.

Nas entrevistas foi possível identificar ainda outras formas de capitalização. O uso do blog, por exemplo, para promover eventos acaba por sua vez, atraindo patrocinadores e ajudando a manter as despesas. Marcia Zarur contou que o blog não é a principal fonte de recursos dela – os custos, porém, acabam sendo pagos com o que ela arrecada com a organização de concursos de fotografia, que tem como foco a valorização da cidade: *A gente vai ter uma estrutura mínima e normalmente premia as categorias em dinheiro. E normalmente consegue um patrocinador. E esse patrocinador arca com esses custos do site. E a gente acaba ganhando uma remuneração também pela organização do evento.*

E há aqueles que preferem não se envolver com a monetização. Nesse aspecto, foi possível observar que a alternativa acontece ora por falta de tempo, estrutura – quem ajude a vender anúncios- ou por uma posição ideológica. Misturar dinheiro com notícia atinge diretamente a ética do jornalista. O entendimento é de que a notícia não pode ser influenciada

por fatores extras como o interesse comercial, o anunciante. Jornalista faz conteúdo, quem o vende é o publicitário.

E essa regra ainda é seguida por alguns jornalistas de blogs entrevistados. Não que os demais tenham declarado algo que os comprometesse, pelo contrário. Mas esses dois jornalistas de blogs explicaram que criaram uma estrutura financeira, com recursos próprios, para não necessitar das vendas, com aposentadoria e investimentos.

No caso de Carlos Wagner, a opção por não monetizar foi para não afetar o trabalho que ele vem fazendo: *já me ofereceram, mas eu não aceito nada. Não aceito anúncio. Primeiro, porque eu não preciso (o jornalista é aposentado), o Jacaré (amigo dele que cuida da manutenção do blog) não me cobra nada.* O entrevistado acredita que o público dele – formado por jornalistas jovens, não veria de forma positiva os anúncios nas páginas, porque poderia se sentir explorado.

Ruben Berta, que é neto do ex-presidente da Varig, (Ruben Berta), diz que também se programou financeiramente para continuar produzindo e publicando sem necessidade de ter um faturamento. Ele usa as reservas pessoais para manter o trabalho jornalístico. Mas não descarta iniciar um processo de arrecadação: *Pode ser que daqui a um período, o meu próximo ano (2021), para viabilizar um projeto como esse a saída é o crowdfunding, também não tem muito que ir muito além disso.*

3.1.9 Rotina

É curiosa a rotina dos jornalistas de blogs entrevistados. A maioria diz que o fato de não ter amarras, ter liberdade, deixa o horário flexível, podendo ser conduzido da melhor forma pelo próprio jornalista de blogs. Na prática, porém, não é bem assim. Apenas dois jornalistas de blogs disseram que a rotina diária não ultrapassa a carga horária de trabalho. Os demais, como Carlos Mendes, afirmaram que o dia de trabalho começa cedo e à noite vai até tarde: “começo a trabalhar às 7h30 da manhã e vou até às 20h30.

No caso de Ruben Berta, a rotina pesada envolve a leitura dos diários oficiais do município, do Estado e do Tribunal de Contas do Rio de Janeiro, onde encontra as pautas que ao longo do dia vai tentar executar. Uma obra autorizada, uma lei nova aprovada pela Câmara que mexe com toda a comunidade, tudo pode render uma reportagem para a semana: *Começo às 8h, às 9h e aí, às vezes, vou noite adentro. Como eu trabalho em casa, eu descanso um pouco. Às vezes vou até à meia-noite.*

A rotina também é organizada conforme os meios de comunicação locais. Anderson Soares diz que, nesse caso, a estratégia é tentar influenciar a pauta dos jornais de rádio. O objetivo é bem claro: fazer as notícias publicadas no blog repercutirem na cidade, principalmente nos meios políticos locais. Para isso é preciso acordar cedo, por volta das 6h da manhã e seguir até o meio-dia quando os programas de rádio vão ao ar - o que o entrevistado diz fazer todo dia: *Durante 6h da manhã até o meio-dia, estou totalmente focado atrás de informações para alimentar o blog e o noticiário político também. Ele virou referência.*

Começar a rotina pela manhã, cedo, é em alguns casos uma lembrança do período que o jornalista trabalhava numa redação tradicional. E isso chega a ser curioso: nos jornais o ritmo de reportagem aquece a tarde e segue até madrugada. Durante 10 anos, Elimar Côrtes, abria o jornal que trabalhava, por volta das 6h da manhã e mesmo depois de se aposentar continuou mantendo esse ritmo: *Hoje era 5 horas da manhã, eu já tinha postado a primeira matéria.*

Os jornalistas de blogs que trabalham sozinhos estabelecem metas de publicação: de duas a três reportagens por dia. Já aqueles que trabalham com o apoio de uma pequena equipe alimentam o blog conforme o noticiário avança durante o dia, publicando sempre que possível. No caso de José Eduardo Ferreira do Vale, ele conta com a ajuda da filha, que estuda Jornalismo em Natal, para auxiliá-lo na publicação. Para isso, moça possui a senha do blog e edita e publica a distância (2 mil e 147 quilômetros de carro ou 1 dia e 7h de viagem, segundo o Google): *Às vezes eu estou na rua e tem uma notícia importante no WhatsApp eu digo: “filha, edita isso pra mim”.*

E há quem prefira fazer um trabalho mais focado na reportagem investigativa – o que acaba gastando mais tempo. Nesse aspecto, a média é completamente diferente. Deixa de ser diária para ser semanal. Em vez de duas reportagens ou três por dia, o jornalista de blog prefere investir em duas reportagens por semana. A intenção não é uma produção em massa, mas sim um modelo que Ruben Berta batizou de “jornalismo artesanal”: *Eu até tenho uma possibilidade de mais para frente de colocar umas notas, porque isso alimenta a audiência, aumentando a produção. Mas eu continuo a fazer mais reportagem, porque isso tem consequência e efetivamente gera investigação.* Berta prefere fazer uma reportagem profunda e divulgar nas redes sociais e influenciar o noticiário local, estadual, do que alimentar o blog com notícias sem um longo trabalho de reportagem.

Observei a mesma estratégia – de marcar posição, ser referência – na descrição do trabalho executado por Carlos Wagner. Como o jornalista fica atento ao movimento do que os jornais publicam e não tem intenção de publicar de forma imediata, mas sim de maneira

aprofundada e reflexiva, o profissional aborda “o que o cara esqueceu”: *Ou aquela relação que pode ser feita em uma frase.*

3.1.10 Futuro do Jornalismo

O futuro do jornalismo está no blog? A última pergunta da pesquisa aos jornalistas de blog causou na maioria, surpresa. Reações como “essa pergunta vale um milhão” e até “assim você mata o velho” foram utilizadas em momentos de descontração.

O fato é que essa questão foi uma das que mais dividiu opiniões. Apenas quatro jornalistas de blog citaram o blog como um caminho para o futuro do jornalismo, assim mesmo, ressaltaram que é importante que eles estejam associados as redes sociais e até aos meios tradicionais. De todos, Anderson Soares, foi o mais afirmativo em relação o que representa o blog para os jornalistas demitidos das grandes redações: *O futuro não, o presente. Eu acho que já é o presente do jornalismo. Aqui na Paraíba especificamente muitos colegas foram demitidos dos meios tradicionais principalmente da mídia expressa, o jornal mais antigo da Paraíba, o Correio da Paraíba, ele fechou. Muitos profissionais foram demitidos e todos eles, sem exceção, migrando para a mídia digital, para os blogs. Esse é o caminho.* Anderson deixou claro que está “vivendo muito bem com o blog”. Quando o jornalista faz essa reflexão é a partir do olhar de alguém que está vendo a mídia tradicional derreter no estado onde vive, a Paraíba.

Por outro lado, a visão é mais crítica quando a análise é feita a partir do cenário da comunicação atual, marcada por um elevado número de possibilidades e ao mesmo tempo, por conteúdos falsos, *fake news*. Foi a partir desse contexto que Ruben Berta respondeu de forma mais crítica a mesma questão: *O futuro do jornalismo está muito incerto (rs). O futuro da desinformação está mais consistente do que o futuro do jornalismo, infelizmente.*

Mas por outro lado, essa avalanche de conteúdos falsos que todo dia inunda milhares de celulares, por conta da pandemia, passa por um momento “refluxo”, uma “ressaca” na opinião de Marcia Zarur: *A gente está vivendo isso muito forte na pandemia. O jornalismo se firmou como um pilar fundamental nessa pandemia. Como você se informa? Como você sabe se a notícia é verdadeira? Em quem você pode acreditar? Todo mundo vai para uma fonte confiável. O que é a fonte confiável? É o jornalista.*

“Redes sociais, canais digitais e tudo que está aí” foram outras respostas apresentadas pelos entrevistados. Nesse aspecto, o jornalista de blog Carlos Mendes, acredita que o futuro do jornalismo está não só em trabalhar e ocupar as redes sociais, como também em saber explorar mais o sistema, buscando pautas nas redes sociais que traduzam o que a população local deseja:

As informações oficiais são boas, mas a verdadeira informação é aquela que está na sociedade, pulsando, reclamando, denunciando. Eu acho que a gente tem de estar mais sintonizado com isso. E a maneira de se encontrar essas fontes é a rede social, é a internet, esse é um vastíssimo campo a ser explorado.

O jornalista entende que a rede social é um campo útil de informações pessoais para o trabalho de investigação jornalística. E esse jornalismo do futuro que o blog de notícias pratica tem múltiplos caminhos. Um dele é o de compor e contrapor com os grandes meios, como entende Edivaldo Bitencourt: *Eu acho que o blog hoje vem para apresentar um ponto de vista diferente, mas não para substituir. O objetivo é acrescentar, não substituir.*

Desse grupo de 10 entrevistados, dois disseram que o futuro do jornalismo não está no blog, mas sim no rádio. Eles entendem que esse meio é o único capaz de competir com a velocidade da internet. E ainda porque o rádio tem conseguido se reinventar. Carlos Mendes, por exemplo, entende que as redações de rádio passarão por grandes transformações para atender a demanda por notícias: *cada dia mais a gente faz tudo ao mesmo tempo e a única coisa que você pode fazer para se informar ao mesmo tempo é o rádio.*

E há ainda quem acredita que o futuro do jornalismo não está apenas no blog, mas em um mix de meios de comunicação – alguns ainda que sequer foram inventados, mas que em breve estarão entre nós, como sustenta Claudemir Pereira: *O futuro do jornalismo não sei onde está. Mas não é o que tem hoje. Ele é mutante. Se há 40 anos era “rádio, TV e jornal” e há 20 anos “rádio, TV, jornal e internet”, daqui a 20 anos será “rádio, TV, jornal, internet” e todos os subprodutos que vão zarpar do modelo tradicional e vão se locomover.*

3.2 Síntese interpretativa

Os jornalistas blogueiros entrevistados apresentaram o fator “independência” como um dos principais motivos para montar um blog. Acrescentaram ainda o termo “liberdade” associando-a ao poder de publicar o que consideram relevante e de serem donos da própria rotina de trabalho. *Vou escrever um blog e no meu vai poder falar tudo. E foi assim, começou em uma brincadeira, na roda dos amigos, com 10 acessos, 20, 50. E nasceu disso a criação do blog, a vontade de se fazer o blog,* disse o jornalista José Eduardo Ferreira do Vale, do blog *Zé Dudu*, de Parauapebas (PA).

Apesar de considerarem um momento diferente do que eles mesmos viveram no período da ditadura no Brasil e por isso valorizarem tanto os conceitos de “liberdade” e “independência”, é inegável que, em uma mudança de regime democrático para autoritário, esses jornalistas blogueiros poderiam sofrer retaliações – algo que, por exemplo, já acontece na China, onde

médicos foram presos por denunciarem nas redes a chegada do novo coronavírus. Como entende Castells (2018), é preciso deixar que a “comunicação espontânea prospere”, o que no caso desses jornalistas blogueiros serve como segurança para que eles possam continuar exercendo o seu trabalho.

Essa liberdade, porém, tem ainda um outro preço que é cobrado de forma intensa na rotina produtiva dos jornalistas blogueiros: o tempo de dedicação. Aqui é preciso fazer uma observação: em uma redação convencional, o jornalista submetido a longas jornadas possui algumas garantias trabalhistas como o pagamento de horas extras, por exemplo (mesmo algumas empresas substituindo por banco de horas com folgas, não deixa de ser um pagamento). Além de ter outros direitos trabalhistas relacionados à sua força de trabalho.

Já o jornalista blogueiro não possui esses benefícios. Afinal, ele trabalha de forma autônoma. Curiosamente, esses profissionais não reclamaram da nova rotina - mesmo reconhecendo que agora trabalham mais, porque consideram as experiências anteriores de trabalho nas redações como piores.

No grupo entrevistado há jornalistas blogueiros que construíram carreiras em jornal impresso, rádio e televisão (dos 10 apenas um nunca trabalhou em uma redação convencional José Eduardo Ferreira do Vale, do blog *Zé Dudu*, de Parauapebas, no Pará).

A “máquina de informação”, citada por Marshall (2003) e Fonseca (2005), parece ter incorporado o funcionamento do sistema e se adaptado a ele. Eles enfrentam dificuldades como a de ter tempo disponível para lidar com a participação do público, seja no blog ou nas redes sociais. E a prática da mediação ou “remediação” como diz Paz (2009) é importante, para manter o blog ativo. Conciliar essa tarefa com o desafio de produzir a reportagem, gravar vídeos de debates e ainda negociar a publicidade oficial e de empresas privadas é algo bastante complexo.

Mesmo assim, há uma força maior que os motivam: a de poderem se contrapor aos tradicionais meios de comunicação, que agora não têm mais todo o domínio sobre o que é produzido de informação. Isso é uma da comunicação horizontal, onde o potencial informativo é maior – o que não representa menor dificuldade nesse modo de sobrevivência.

Uma dessas mudanças manifestadas pelo grupo pesquisado está no processo produtivo. O sistema de recolha citado por Wolf (1987) continua sendo seguido pelos jornalistas blogueiros, mas eles tentam escapar das informações distribuídas para todos os jornalistas dos órgãos oficiais. O objetivo é conseguir a notícia exclusiva e assim influenciar o noticiário dos meios tradicionais.

Quando eles obtêm a notícia, seguem estratégias de busca de audiência como a escolha do melhor horário para publicar – mesmo podendo informar instantaneamente, alguns jornalistas

blogueiros contaram que preferem colocar a notícia no blog em determinados horários (de preferência bem cedo) para tentar influenciar os programas de rádios, de emissoras de TV – fazendo assim uma ponte da internet com os meios tradicionais.

Mesmo trabalhando de forma solitária, eles ainda mantêm práticas do tempo da redação como o da apuração, seleção e edição. Essa solidão profissional se contrapõe à liberdade conquistada – a ausência de um editor pode prejudicar a qualidade do que está sendo publicado, já que não há questionamento.

Sem ter a participação do editor (que pode vetar uma reportagem por considerar que ela não esteja completa), o jornalista blogueiro, porém, acaba estreitando laços com a fonte - que ao reconhecer no jornalista blogueiro alguém que possa investigar e publicar o que foi informado – enxerga o compromisso do profissional. É como diz Pinto (2000), a visibilidade, a melhoria da imagem pública são fatores prioritários para as fontes. Não é à toa que os jornalistas blogueiros disseram que tiveram um aumento considerável no número de fontes, após começarem a publicar nos blogs.

O grande problema é que esse estreitamento com as fontes pode causar danos ao conteúdo produzido por esse jornalista blogueiro –pois ele não tem a companhia de um outro profissional que lhe possa alertar sobre eventuais armadilhas. Um dos jornalistas blogueiros, Carlos Mendes, de Belém (PA), citou na entrevista que quase foi enganado por uma fonte que lhe encaminhou um documento forjado e que por muito pouco, ele não a publicou.

Por outro lado, eles adoram o desafio de transitar nesse campo minado. A procura por notícias exclusivas, o “furo de reportagem”, continua sendo o primeiro item daquilo que os jornalistas buscam com as fontes (PINTO, 2000). Alguns disseram que procuram fugir das notícias produzidas por meios oficiais e distribuídas por agências, empresas de assessorias de comunicação, que muitas vezes acabam tomando o dia dos repórteres das redações convencionais. Cobrir anúncios de governo ou operações policiais, todos documentados pelos serviços de assessorias, é algo que passa distante de alguns dos jornalistas blogueiros pesquisados: *Como o trabalho que eu faço é de muita investigação, isso acaba repercutindo.*³⁶

O que eles querem é colocar a concorrência para correr atrás. Com exceção de Carlos Wagner, do blog *Histórias Mal Contadas*, de Porto Alegre (RS), que prefere fazer uma cobertura mais analítica, comentando o noticiário publicado, os demais jornalistas blogueiros mostraram que o objetivo é tentar pautar o resto da imprensa tradicional (local, regional e nacional).

³⁶ Entrevista concedida por Ruben Berta (Rio de Janeiro) do *RB Blog do Berta – Jornalismo Artesanal* ao autor em 7 de outubro de 2020.

Alguns inclusive disseram que já conseguiram publicar primeiro algumas notícias importantes e que não foram citados quando tiveram as reportagens produzidas por outros meios – algo que precisa ser revisto pelas grandes redações que possuem o hábito de dar crédito ao jornalista que publica o furo de reportagem. Afinal, esses jornalistas blogueiros que “farejam” a notícia também abrem mão do seu tempo como qualquer outro jornalista de um meio tradicional. A observação que Travancas (2011, p.30) fez sobre o ser do jornalista da redação tradicional que fica atento as notícias 24 horas, no caso desse grupo pesquisado, é intenso.

Estrategicamente, essa fragilidade do profissional – a de precisar utilizar quase todo o tempo disponível para trabalhar– foi usado por algumas autoridades para tentar prejudicar a atividade do jornalista blogueiro. Foi o que relatou Anderson Soares, de João Pessoa (PB), que teve de responder a uma sequência de processos judiciais de um governador afastado. Toda vez que ele precisava ir ao Fórum para participar de uma audiência, ele tinha menos tempo para produzir uma reportagem.

E isso não deixa de ser um prejuízo considerável, pois para manter o blog em uma linha mais informativa, esse “multiprofissional” precisa se desdobrar em diversas funções. A título de comparação, um modelo de produção tradicional é desenvolvido por um repórter, repórter fotográfico e editor, (em caso de impresso), produtor, repórter, repórter cinematográfico (TV), tudo previamente estabelecido. Os jornalistas blogueiros entrevistados disseram que se ocupam de todas as funções: apuração, produção, reportagem, edição de texto e chefia de edição. Incluindo a reportagem fotográfica nesse contexto, há seis funções desenvolvidas pelo mesmo profissional. E pensar que a maioria dos jornalistas blogueiros entrevistados disse que começou a escrever nos blogs como uma simples maneira de informar. Eles seguiram a trilha dos primeiros blogueiros – que publicavam comentários, detalhes da vida pessoal – só que no caso deles, passaram a publicar notícias utilizando o sistema decrescente, em formato de coluna (PINHANEZ, 1994; HALL, 1994).

Alguns jornalistas blogueiros ainda continuam publicando nesse formato (casos Carlos Wagner, do blog *Histórias Mal Contadas* e do Berta, *Blog do Berta*, com pequenas variações de formato de apresentação), enquanto outros desenvolveram em cima do modelo, transformando o blog em uma plataforma que agora abriga outras linguagens (multimídia), aumentando a oferta de conteúdo.

Carlos Mendes, do blog *Ver-o-Fato* de Belém (PA), por exemplo, possui um espaço para a publicação de vídeos, chamado *Linha de Tiro*. O programa passa toda quinta-feira, fica do lado direito da página e é renovado semanalmente. Feito ao vivo, os leitores fazem perguntas para os convidados. Um historiador, um antropólogo e cinco jornalistas se revezam participando

do programa - um deles direto de Brasília. No último programa de 2020, por exemplo, eles fizeram uma retrospectiva e conversaram sobre o negacionismo, a ciência e a pandemia.

Dentro dessa linha de criar estratégias para valorizar a publicação, o exemplo de Brasília também chama atenção. Como já dito no capítulo anterior, lá foi criada primeiro uma plataforma, depois os blogs de Marcia Zarur (entrevistada para essa pesquisa) e da sócia dela, a também jornalista blogueira Samanta Sallum. Segundo Marcia Zarur, funcionou porque causou a sensação nas pessoas de que elas possuíam uma redação com uma grande equipe – quando, na realidade, apenas ela e a sócia estavam produzindo conteúdo.

A maioria dos entrevistados disse que os blogs jornalísticos criados se transformaram e ficaram complexos. Apesar dessas modificações no formato, os jornalistas blogueiros analisados ressaltam que mantiveram o fator da “pessoalidade”. Figaro, Nonato e Grohmann (2013, p. 124) citam que na época da pesquisa sobre “As mudanças do trabalho do jornalista” essa era uma característica constante: “a marca da personalidade (do diário intimista que lhe deu origem), da argumentação com a interpretação a partir de dados e fatos de opinião”.

O que foi possível observar é que esse grupo de jornalistas blogueiros é profissional com marcas pessoais, como diz Primo (2010). Alguns como Berta, do Rio de Janeiro (RJ) e José Eduardo Ferreira do Vale, de Parauapebas (PA), relataram o uso constante de dados públicos nas reportagens. No caso de Berta, ele disse checar os dados públicos para investigar decisões políticas do uso de dinheiro público nas obras e ações do Governo do Rio de Janeiro e Prefeitura do Rio de Janeiro. Já Ferreira do Vale extrai de pesquisas de institutos nacionais, dados locais e da região onde mora, no sul e sudeste do Pará.

O uso da base de dados pode deixar a publicação mais viva, dinâmica como considera Barbosa (2007). Interessante nesse caso é que os dois jornalistas blogueiros citados além de estarem distantes pouco mais de 2 mil quilômetros³⁷ estão separados ainda pela formação profissional (Berta é formado, Ferreira do Vale não) e mesmo assim, seguem práticas semelhantes. Nesse aspecto de encontrar semelhanças foi possível observar ainda que muitos caminham pela mesma trilha com pequenas variações motivadas por escolhas profissionais. Eles, porém, não abdicaram do domínio das técnicas jornalísticas e da experiência sobre determinados temas e editorias, além do uso de estratégias de captação de informação para abastecerem os blogs. E isso garante credibilidade.

³⁷ Disponível em: <http://br.distanciadades.net/distancia-de-parauapebas-a-rio-de-janeiro>. Acesso em: 24 jan.2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse momento da pesquisa é imprescindível voltar à pergunta problema e aos objetivos perseguidos durante todo o trabalho da dissertação. Só assim será possível concluir esse processo, elaborando algumas considerações finais e com a esperança de que inúmeras questões possam surgir a partir daqui.

Nesta jornada, este autor buscou responder à seguinte questão de pesquisa: como jornalistas blogueiros e experientes conseguem manter a sua relevância como profissionais da área em um ambiente de transformações no jornalismo? A resposta mais simples seria: dando notícia, informando. Mas essa é uma pergunta complexa. Para respondê-la, foi necessário realizar uma revisão teórica sobre as mudanças no jornalismo, nas atividades e no trabalho jornalístico na contemporaneidade, como também aprofundar o conhecimento sobre blogs. Nesse sentido, a trajetória deste pesquisador no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero (FCL), incluindo o momento da qualificação do projeto de pesquisa, colaborou para o avanço das reflexões.

Por isso, são necessários acrescentar outros pontos. O primeiro deles é que se está diante de um grupo de jornalistas experientes, conhecidos no meio onde vivem e reconhecidos pelo domínio das técnicas de reportagem. Mantendo essas características, eles conseguiram garantir o caráter de instituição social, descrito por Machado (2008, p.33), pois não deixaram de utilizar os sistemas de “apuração, produção, circulação e de financiamento”.

São jornalistas que perseguem o furo da notícia, a exclusividade. E que são acessíveis, que possuem canais de comunicação variados e que gostam de apurar. Nesse contexto, o autor acredita que uma maneira mais objetiva de resposta para a pergunta problema seria: os jornalistas blogueiros e experientes participantes da pesquisa conseguiram manter a relevância como profissionais da área em um ambiente de transformações no jornalismo privilegiando a notícia, procurando o furo de reportagem, a exclusividade.

Além disso, eles usufruem da experiência acumulada adaptando o domínio da técnica jornalística ao novo meio, adquirindo um número maior de fontes e dando retorno, checando e publicando aquilo que lhe é repassado de informações. Ressalta-se ainda que ao partirem para os blogs, em carreira solo, esses profissionais acabam incorporando as múltiplas tarefas da produção jornalística, além de terem de gerir o próprio negócio. As entrevistas mostraram que nem sempre estão preparados para isso, optando pela fórmula da publicidade como alternativa de sobrevivência.

Quanto aos objetivos da pesquisa, entendo que eles colaboraram na elaboração do roteiro de questões e principalmente nas estratégias para identificação do *corpus* da dissertação.

A partir do objetivo principal, “entender as estratégias adotadas pelos jornalistas blogueiros para se manterem atuantes e relevantes como profissionais de imprensa, em um ambiente de mudanças estruturais no jornalismo”, foi possível observar as estratégias usadas pelos jornalistas blogueiros para se manterem visíveis dentro do noticiário das suas localidades. Eles fiscalizam constantemente o poder público com a leitura de relatórios, pesquisas e documentos que envolvem o município, o estado e o judiciário e dão voz à comunidade.

Os blogs paraenses *Ver-o-Fato* e *Zé Dudu*, o capixaba *Elimar Côrtes*, o gaúcho *Claudemir Pereira*, o sul mato-grossense *O Jacaré*, o paraibano *Anderson Soares*, o maranhense *Marco D’Eça* e o carioca *Blog do Berta* são produzidos por jornalistas blogueiros que estão nessa linha informativa (alguns inclusive, se dedicando a reportagens investigativas). Já os blogs da brasileira Marcia Zarur e do gaúcho Carlos Wagner fazem uma cobertura analítica dos fatos.

Analisando os objetivos específicos, foi possível identificar que o principal motivo para os jornalistas criarem os blogs é a necessidade de dar vazão à informação recebida, ficar visível para os grandes meios de comunicação e se manterem ativos no debate público - exercendo uma liberdade editorial que não tinham antes.

Além disso, foi verificado que a experiência profissional ajudou na atuação como jornalista blogueiro, a partir do reconhecimento por parte das fontes que os veem como alguém com capacidade para apurar e publicar. Foi também possível identificar que os jornalistas percebem a mudança na rotina do trabalho no meio digital e tentam se adaptar a elas, embora reconheçam que o novo meio consome muito o tempo que teriam livre para o lazer e os afazeres do dia.

Ainda observando os objetivos específicos, foi verificado que os jornalistas blogueiros tem como foco editorial a rotina das cidades, a política, a polícia, as causas sociais, as análises sobre o noticiário, serviços de utilidade pública e a investigação sobre os gastos do poder público. Um trabalho cansativo e prazeroso. Essa foi uma resposta frequente dos jornalistas blogueiros quando questionados sobre as vantagens de trabalhar em um blog e como desvantagem, a solidão profissional.

Agora, de toda a pesquisa, a identificação das estratégias dos jornalistas blogueiros para se manterem financeiramente foi a que se mostrou mais sensível. Os entrevistados revelaram como buscam patrocínios públicos e privados e como essa relação de independência editorial e dependência comercial ainda é um ponto frágil.

É um aspecto que ainda precisa ser aprofundado e discutido em futuros estudos. Seria possível uma reunião desses jornalistas blogueiros em torno de uma cooperativa que pudesse se dedicar exclusivamente a venda de anúncios? Ou em coletivos ou em consórcio, a exemplo do que a grande mídia faz em momentos de crise, de grandes coberturas? Ou que pudesse intermediar o contato dos anunciantes públicos e privados com os jornalistas blogueiros? Eles poderiam trabalhar em conjunto fornecendo assinaturas por listas em e-mail? Haveria no campo da publicidade empresas interessadas em financiar o jornalismo independente das grandes corporações de mídia?

E esse é um desafio que precisa ser resolvido rapidamente. É estratégico para a liberdade democrática, a manutenção e a sobrevivência dos jornalistas blogueiros. O trabalho desenvolvido por eles contribui para novas leituras da realidade, para a diversidade de pontos de vista, para influenciar a cobertura na grande imprensa (como foi visto no capítulo 2), para a formação da opinião pública.

De qualquer maneira, foi extremamente prazeroso ouvir os depoimentos desses jornalistas blogueiros. Ouvir o sotaque, a maneira como cada um enxerga a profissão, os desafios constantes da reportagem e principalmente, como eles entendem o papel que desempenham no desenvolvimento da sociedade democrática, particularmente onde vivem – foi muito engrandecedor. Uma aula de Brasil para este pesquisador.

Por tudo isso, o futuro do jornalismo e dos blogs jornalísticos é uma incógnita. O que é possível ter certeza é que existe um elemento motivador dentro desse processo de transformação que dificilmente um fator político ou empresarial conseguirá eliminar. Esses jornalistas blogueiros entendem que noticiar e interagir com a comunidade local é uma atividade missionária, onde ainda persiste o imaginário do “Super-homem”. Nem mesmo o peso da idade, das lembranças, das decepções do trabalho nas redações, do novo trabalho precário, solitário e suscetível às ameaças físicas, financeiras e psicológicas, parecem ser capazes de impedi-los de informar.

REFERÊNCIAS

Livros/E-books:

AMARAL, Adriana, RECUERO, Raquel e MONTARDO, Sandra. **Blogs.com: Estudos sobre Blogs e Comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

BARBOSA, Suzana. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. **Notícias e Mobilidade: o jornalismo, na era dos dispositivos móveis**. In: CANAVILHAS, João. Notícias e Mobilidade. O Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis. Covilhã (Portugal): Livros LabCOM, 2013. 2013, p. 33-54. **Dialnet**. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4185374>. Acesso em: 25 jan.2021.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução: Ronei de Venancio Majet. 19ª ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

CHARRON, JEAN e BONVILLE, Jean de. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis/Brasília: Insular/FAC Livros, 2016.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A crise do jornalismo tem solução?** (Coleção Interrogações). Barueri (SP): Estação das Letras e Cores, 2019. Edição do Kindle.

DINES, Alberto. Entrevista a Alzira Alves de Abreu e Fernando Lattman-Waltman. In: Alzira Alves Abreu; Fernando Lattman-Weltman e Dora Rocha (Orgs.). **Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2003.

FIGARO, Roseli Aparecida, GROHMANN, Rafael do Nascimento e NONATO, Cláudia do Carmo. **A mudança no mundo do trabalho no jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e Jornalismo**. A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hackers Editores, 2000.

MARSHALL, Leandro. **O jornalismo na era da publicidade**. 1ª ed. São Paulo: Summus, 2003.

MARTINELLI, Maria Lúcia. O uso de abordagens qualitativas em serviço social. In: MARTINELLI, Maria Lúcia et al.(Org). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999.

MARTINO, Luís Mauro. **Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos**.5.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. (Edição do Kindle).

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio: Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 20 jul. 2020. (Edição do Kindle).

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2012. (Edição do Kindle).

NONATO, Cláudia do Carmo. “O perfil diferenciado dos jornalistas associados ao Sindicato de São Paulo, presente na obra “As mudanças no trabalho dos jornalistas.” In: FIGARO, Roseli Aparecida, GROHMANN, Rafael do Nascimento e NONATO, Cláudia do Carmo. **A mudança no mundo do trabalho no jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013.

OLIVEIRA, Maria Regina M. de; LOUZADA, Maria Sílvia O. Jornalistas e blogueiros: cindidos nas malhas identitárias da cibermídia. In: FIGUEIREDO, Maria Flavia et al. **Sentidos em Movimento: identidade e argumentação**. Franca (SP): Unifran, 2008.

SANTOS, Marli dos. **Práticas de produção no webjornalismo: estudo sobre portais e sites jornalísticos da grande mídia e da mídia independente** [recurso eletrônico: e-book] 1. ed. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero (FCL), 2020.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são**. Florianópolis (SC): Insular, 2005.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 2011.

WERNECK, Humberto. **O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 1.ed. Lisboa: Editorial Presença Ltda, 1987.

Trabalhos e artigos em publicações acadêmicas:

ASSIS, Francisco de. Os blogs e os novos ares dos valores-notícia. **Revista Comunicação & Inovação**, Universidade São Caetano do Sul (USCS), São Caetano do Sul, IMES, v.8, n.14, jan.jun/2007. Publicado em: 13 maio.2010. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/672. Acesso em: 8 dez.2020

BARBOSA, Suzana, DA SILVA, Fernando Firmino, NOGUEIRA, Leila, ALMEIDA, Yuri. A atuação jornalística em plataformas móveis. Estudo sobre produtos autóctones e a mudança no estatuto do jornalista. **Brazilian Journalism Research: Journalism, Theory, Research and Criticism**. Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo – SBPJor, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília (UnB), Brasília (DF), v.9, n.2., 2013. Disponível em: Acesso em: 11 jan.2021.

BARBOSA, S.; TORRES, V. Extensões do Paradigma JDBD no Jornalismo Contemporâneo: modos de narrar, formatos e visualização para conteúdos. In: **Anais XXI Encontro Compós**. Juiz de Fora (MG): Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), n. 21, v. 1., 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/274829097_O_paradigma_'Jornalismo_Digital_e_m_Base_de_Dados'_modos_de_narrar_formatos_e_visualizacao_para_conteudos. Acesso em: 14 dez.2020.

BERGAMO, Alexandre, MICK, Jacques (Coord.) e LIMA, Samuel. Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ, Florianópolis (SC), 2013. **Perfil do Jornalista**. Disponível em: <https://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>. Acesso em: 13 jan.2021.

CARVALHO, Eleonora de Magalhães. Jornalistas empreendedores: o segmento progressista brasileiro como nicho de mercado na web. **Aurora – Revista de Mídia, Arte e Política**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, v.11, n.32, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/37880>. Acesso em: 6 dez. 2020.

CHRISTOFOLETTI, Rogério e LAUX, Ana Paula França. Confiabilidade, credibilidade e reputação: no jornalismo e na blogosfera. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação São Paulo**, São Paulo (SP), Intercom, v.31, n.1, p. 29-49, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/194/187>. Acesso em: 6 dez. 2020.

DEUZE, Mark e WITSCHGE, Tamara. Além do jornalismo. In: **Leituras do Jornalismo**, Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação de Bauru (FAAC), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Bauru (SP), v.2, n.4, 2015. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/leiturasdojornalismo/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/74/64>. Acesso em: 6 dez. 2020.

FERNANDES ARAÚJO, Willian. A construção da norma algorítmica: análise dos textos sobre o Feed de Notícias do Facebook. **E-Compós - Revista Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós**, Compós, Brasília (DF), v. 21, n. 1, 26 abr. 2018. Disponível em: <https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/1402>. Acesso em: 28 dez. 2020.

FERREIRA, Aletéia; VIEIRA, Josiany. A moda dos blogs e sua influência na cibercultura: do diário virtual aos posts comerciais. In: **E-Compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós**, Brasília (DF), v. 10, 2007. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/205>. Acesso em: 12 maio. 2020.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. O jornalismo no conglomerado de mídia: reestruturação produtiva sob o capitalismo global. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre (RS), 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5023/000463613.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2020.

GRISCI, Carmem Lúcia Iochis and RODRIGUES, Paulo Henrique. Trabalho imaterial e sofrimento psíquico: o pós-fordismo no jornalismo industrial. **Psicol. Soc.** [on-line], Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco (PE), Recife (PE), 2007, v.19, n.2, pp.48-56. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000200007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 10 jan.2021.

KISCHINHEVSKY, Marcelo e FRAGA, Renata. O jornalismo refém do algoritmo do Facebook: desafios regulatórios para a circulação de notícias numa sociedade de plataformas Journalism as host age to Facebook's algorithm. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Vale do Rio dos Sinos (RS), 22(2):126-136, maio/ago. 2020. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/viewFile/fem.2020.222.11/60747932>. Acesso em: 28 dez. 2020.

MACHADO, Elias. Sistemas de circulação no ciberjornalismo. In: **ECO-PÓS**, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro (RJ), v.11, n.2, agosto-dezembro 2008, pp.21-37. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/983. Acesso em: 31 jan.2021

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. (Tese Doutorado). Salvador (BA): Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (FACOM/UFBA), 2003. In: **Repositório UFBA**. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6057>. Acesso em:26 jan.2021

NONATO, Cláudia do Carmo. **Jornalistas, blogueiros, migrantes da comunicação: em busca de novos arranjos econômicos para o trabalho jornalístico com maior autonomia e liberdade de expressão**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), São Paulo, 2015. Orientação: Profª Drª Roseli Figaro. In: **Teses USP**. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-26062015-112522/publico/CLAUDIADOCARMONONATOLIMAVC.pdf>. Acesso em: 26 jan.2021.

PAZ, Hélio Sassen. O impacto da sociabilidade online/offline em blogs de crítica política: um estudo do *Blogring Sivuca* durante as eleições municipais de 2008. In: **Repositório Digital da Biblioteca Unisinos. Vale do Rio dos Sinos (RS)**: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), 5 mar. 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2651>. Acesso em 26 jan.2020.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intexto**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, v.1, n.24,jan./jun. 2011. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/view/19208%26gt%3B>. Acesso em: 14 jan.2020.

PINTO, Manuel. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. **Comunicação e Sociedade 2, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação**, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho - Campus de Gualtar, Braga (Portugal), v. 14 (1-2), 2000. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/242300336_Fontes_Journalisticas_contributos_para_o_mapeamento_do_campo. Acesso em: 13 abr.2020.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira e RECUERO, Raquel da Cunha. Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia. **Revista FAMECOS**, Escola de Comunicação Artes e Design (FAMECOS) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (RS), Porto Alegre (RS), n. 22, dez.2003. Disponível

em:<https://www.researchgate.net/publication/255662082> Hipertexto Cooperativo Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia 1. Acesso em: 4 dez. 2020.

QUADROS, Claudia; ROSA, Ana Paula; VIEIRA, Josiany. Blogs e as transformações do jornalismo. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (E-Compós)**, v.3, 2005. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/324232866> Blogs e as transformacoes do Jornalismo. Acesso em: 28 dez.2020.

ROXO, Michelle e GROHMANN, Rafael. O jornalista empreendedor: uma reflexão inicial sobre jornalismo, flexibilização do trabalho e os sentidos do empreendedorismo no campo profissional. In: **Líbero**, Faculdade Cásper Líbero (FCL), São Paulo, n. 35. 2015. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/79/57>. Acesso em: 8 dez.2020;

SANTOS, Marcelo, PENTEADO, Claudio e ARAÚJO, Rafael. Metodologia de pesquisa de blogs de política: análise das eleições presidenciais de 2006 e do movimento “cansei”. **Revista de Sociologia e Política**, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba (PR), v. 17, n. 34, out. 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/240972773> Metodologia de pesquisa de blogs de política análise das eleições presidenciais de 2006 e do movimento cansei. Acesso em: 26 jan. 2021.

SCHWARTZ, Yves.; DURRIVE, Louis. **Trabalho & Ergologia**. Rio de Janeiro: Eduff, 2008 apud ROXO, Michelle e GROHMANN, Rafael. O jornalista empreendedor: uma reflexão inicial sobre jornalismo, flexibilização do trabalho e os sentidos do empreendedorismo no campo profissional. In: **Líbero**, Faculdade Cásper Líbero (FCL), n. 35. 2015. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/79/57>. Acesso em: 8 dez.2020.

SILVA, Inara Souza da. **Weblog como fonte de informação para jornalistas**. 2006. 100 f. Dissertação (Mestre) - Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2006. **Repositório UnB**. Disponível em:https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2974/1/2006_InaraSouzadaSilva.pdf. Acesso em: 13 jan.2021.

Textos em jornais:

CHANDRETTI, Priscila. **UNIDADE**. São Paulo: Sindicato dos Jornalistas de São Paulo (SJSP), jan./fev.2021, p. 4).

SILVA, Álvaro Costa. Água de beber, camará. **Folha de S.Paulo**. São Paulo: Grupo Folha, ano 99, n.33.183, 8 fev. 2020. Opinião, p. 2.

ZOCCHI, Paulo. O emprego encolhe. **Unidade**. São Paulo: Sindicato dos Jornalistas de São Paulo (SJSP), n.402, p.8, 2019/2020.

Blogs/Sites/Textos em sites:

ANDERSON SOARES - UM OLHAR DIFERENCIADO SOBRE A POLÍTICA. Disponível em: <https://www.blogdoandersonsoares.com.br>. Acesso em: 13 jan.2021.

BLOOD, Rebecca. Weblogs: a history and perspective. **Rebecca's pocket**, 7 set. 2000. Disponível em: http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html. Acesso em: 20 mar. 2012.

CAROLYN DIARY. Disponível em: www.carolyn.org. Acesso em: 13 jan.2021.

CARRO, Rodrigo. In: **Digital News Report**, 2019. Disponível em: <http://www.digitalnews.report.org/>. Acesso em: 25 abr.2020.

CASTILHO, Carlos. Sustentabilidade financeira define o futuro do jornalismo online. **Observatório da Imprensa**. 3 nov.2020. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/tendencias-no-jornalismo/sustentabilidade-financeira-define-o-futuro-do-jornalismo-online>. Acesso em: 13 jan.2021.

CASTILHO, Carlos. Como a técnica etnográfica pode ajudar a resolver dilemas do jornalismo2020, on-line. 25 ago.2020. **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/dilemas-da-imprensa/como-a-tecnica-etnografica-pode-ajudar-a-resolver-dilemas-do-jornalismo/>. Acesso em: 13 jan.2021.

CLAUDEMIR PEREIRA. Disponível em: <https://claudemirpereira.com.br/>. Acesso em: 13 jan.2021.

OS DESERTOS de notícias do Brasil. **Atlas da Notícia**. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/desertos-de-noticia/>. Acesso em: 13 jan.2021.

DUAILIBI, Julia. A nova sinfonia paulistana. In: **piauí**. <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-nova-sinfonia-paulistana/>. Acesso em: 13 jan.2021.

BLOG DO ELIMAR CÔRTEZ. Disponível em: <https://elimarcortes.com.br/?m=0>. Acesso em: 13 jan.2021.

CLAUDIO SANTOS PINHANEZ - FAPESP - Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/708873/claudio-santos-pinhanez/>. Acesso no dia: 30 jan.2021.

CLAUDIO PINHANEZ - LATTES – Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5774595361715876>. Acesso em: 28 jan.2020.

CLAUDIO SANTOS PINHANEZ – Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA - USP) - Disponível em: <http://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoac/claudio-santos-pinhanez>. Acesso no dia: 30 jan.2021.

CLAUDIO PINHANEZ, Heloisa Candello e Paulo Costa – apoio IBM. In: ITAÚ CULTURAL - Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/conscienciaticibernetica/2017/artista/claudio-pinhanez-heloisa-candello-e-paulo-costa/>. Acesso no dia: 30 jan.2021.

CLAUDIO PINHANEZ - RESEARCHER – WATSON - Disponível em: <https://researcher.watson.ibm.com/researcher/view.php?person=br-csantosp>. Acesso no dia: 30 jan.2021.

DEMOGRAFIA das Empresas e Estatísticas de Empreendedorismo. In: **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/industria/22649-demografia-das-empresas-e-estatisticas-de-empreendedorismo.html?=&t=downloads>. Acesso em: 13 jan.2021.

DISTÂNCIA Cidades - Disponível em: <http://br.distanciacidades.net/distancia-de-parauapebas-a-rio-de-janeiro>. Acesso em: 24 jan.2021.

FISHER WRAP – NEWS MIT. Disponível em: <http://news.mit.edu/1994/newspaper-0309>. Acesso no dia: 30 jan.2021.

GILBERTO LÉDA. Disponível em: <https://gilbertoleda.com.br>. Acesso em: 13 jan.2021.

AGÊNCIA O GLOBO. O legado de Doris Lessing. 18 nov. 2013. In: **Gazeta do Povo** – Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/o-legado-de-doris-lessing-375bidcg435whgx4t1hn2ueku/>. Acesso em: 30 jan.2021.

ALLYN, Justin. JUSTIN'S LINKS FROM THE UNDERGROUND. LINKS.NET. 1994. Disponível em: <http://www.links.net/vita/web/original.html>. Acesso em: 13 jan.2021.

HISTÓRIAS MAL CONTADAS, POR CARLOS WAGNER, REPÓRTER. Disponível em: <http://carloswagner.jor.br/blog/>. Acesso em: 13 jan.2021.

INSTITUTO VERIFICADOR DE COMUNICAÇÃO. **IVC**. São Paulo, 2019. Arquivo digital restrito. Acesso em: 10 nov.2019.

INSTITUTO VERIFICADOR DE COMUNICAÇÃO. **IVC**. São Paulo, 2020. Disponível em https://sag.ivicbrasil.org.br/conteudos/estatutos/estatuto_social_2016.pdf Acesso em: 25 abr.2020.

INTERNET WORLD STATS. **IWS**. Disponível em <https://www.internetworldstats.com>. Acesso em: 10 nov.2019.

O JACARÉ. Disponível em: <https://www.ojacare.com.br>. Acesso em: 13 jan.2021.

JACK DRISCOLL – WEB MEDIA – 2008. Disponível em: <http://web.media.mit.edu/~driscoll/bio.php/>

BLOG DO JORGE ARAGÃO. Disponível em: <https://www.blogdojorgearagao.com.br/>. Acesso em: 13 jan.2021.

JOVEM PAN. Disponível em: www.jovempan.com.br. Acesso em: 7 jan.2020.

LEITE, André Luís. Aventuras de um blogueiro acidental. 23 maio. 2005. **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/aventuras-de-um-blogueiro-acidental/>. Acesso no dia: 1º 12. 2020.

MALLE, Louis. TIO Vanya em Nova York. **IMDB**. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0111590/>. Acesso em: 30 jan.2021.

MAGALHÃES, Vagner. Carsughi é demitido da Pan e critica postura “de direita” da rádio. In: **UOL Esporte**. Disponível em: <https://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2015/04/13/carsughi-e-demitido-da-pan-e-lamenta-postura-de-direita-da-radio/>. Acesso em: 13 jan.2021.

MARCO AURÉLIO D’EÇA. Disponível em: <https://www.marcoareliodeca.com.br/tag/blog>. Acesso em: 13 jan.2021.

MARQUARD, Bryan. John S. Driscoll, longtime editor who led *Globe* for seven years die. 5 fev, 2019. In: **Boston Globe** – Disponível em: <https://www.bostonglobe.com/metro/obituaries/2019/02/05/john-driscoll-longtime-editor-who-led-globe-for-seven-years-dies/RrNKPF81fmREm7m2dD233M/story.html> Acesso em: 30 jan.2021.

MATIAS, Alexandre. Viviane Menezes. 26 jun. 2007. **Trabalho sujo**. Disponível em: <http://trabalhosujo.com.br/viviane-menezes>. Acesso em: 13 dez.2020.

MÍDIA DADOS BRASIL 2019. São Paulo: Grupo de Mídia São Paulo, anual. p.219, 220, 221, 238 e 243. Disponível em www.gm.org.br. Acesso em: 10 nov.2019.

OLHAR BRASÍLIA. Disponível em: . <http://www.olharbrasil.com/>. Acesso em: 13 jan.2021.

PINHANEZ, Claudio. **Geocities - Open Diary**. Disponível em: PINHANEZ, Claudio. **White Media**. 1994-1996. Disponível em: http://www.geocities.ws/pinhanez/open_diary/open_diary.htm.

POLLI, José Carlos. Contra Bolsonaro. Notícia do Blog do Polli: 31 jan.2021. In: **Blog do Polli** . Disponível em: <https://blogdopolli.com.br/contra-bolsonaro/>. Acesso em: 25 jan.2020.

PROJOR e VOLTA DATA LAB. Os desertos de notícias do Brasil. **Atlas do Jornalismo**. 17 fev.2020. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/desertos-de-noticia>. Acesso em: 13 jan.2021.

RB BLOG DO BERTA – JORNALISMO ARTESANAL. Disponível em: <https://blogdoberta.com>. Acesso em: 13 jan.2021.

REUTERS INSTITUTE: **Digital News Report 2019**. p.122-123. Disponível em: <http://www.digitalnews.report.org/>. Acesso em: 25 abr.2020.

REUTERS INSTITUTE: **Digital News Report 2020**. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR_2020_FINAL.pdf. Acesso em: 25 abr.2020.

BLOG DO RONALDO ROCHA. Disponível em: <https://blogdoronaldorochoa.com.br/>. Acesso em: 13 jan.2021.

SAMBROOK, Richard. Are Foreign Correspondents Redundant? The changing face of international news. **Reuters Institute for the Study of Journalism**, 2010. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/our-research/are-foreign-correspondents-redundant>. Acesso em: 13 jan.2021.

SAÚDE pública é foco no *Blog do Berta*. 4 jun.2020. **Associação Brasileira de Imprensa (ABI)**.Disponível em: www.abi.org.br. Acesso em: 2 dez.2020.

SOUZA, Edney. **Blog do Edney** “InterNey” Souza, **Blogroll**: Porque deveríamos voltar a fazer lista de links. **Wordpress.com**, 2016. Disponível em: <https://wordpress.com/pt-br/blog/2017/01/24/blogroll-porque-deveriamos-voltar-a-fazer-listas-de-links/>. Acesso em: 14 dez.2020.

TORRES, Cleyton Carlos. Feitos & Desfeitos. **Observatório da Imprensa**. 24 abr.2012. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/ed691-jornalistas-devem-ser-jornalistas-e-empresarios/>. Acesso em: 13 dez.2020.

VASCONCELOS, Monica. Era uma vez um prêmio Nobel. 12 out. 2007. **BBC**. Disponível em: https://www.bbc.co.uk/blogs/portuguese/london/2007/10/era_uma_vezum_premio_nobel.shtml. Acesso no dia: 30 jan. 2021.

VER-O-FATO - OPINIÕES E DENÚNCIAS SOBRE FATOS DE INTERESSE PÚBLICO. Disponível em: <https://ver-o-fato.com.br/>, Acesso em: 13 jan.2021.

ZÉ DUDU. Disponível em:https://www.zedudu.com.br/?fbclid=IwAR0mOCWi59Em-1cruo3Sj2tnJCVeCUM-nH_YINV2NY6XLLtQQvaysjNZxVk. Acesso em: 13 jan.2021.

Entrevistas

JOSMAR JOZINO. Gravação com vídeo (celular) no dia 2 jul. no Shopping Itaquera, na Zona Leste de São Paulo (SP).

JOSÉ CARLOS POLLI. Entrevista gravada por vídeo *in loco* com o celular no dia 28 jul.2019 na casa do entrevistado, em Poços de Caldas (MG).

CLAUDIO PINHANEZ. Entrevista gravada por Skype (videoconferência) e por áudio (reserva) no dia 24 jul. 2020.

RUBEN BERTA. **RB Blog do Berta - Jornalismo Artesanal** - Rio de Janeiro (RJ). Entrevista gravada por Skype (videoconferência) e por áudio (reserva) no dia 7 out.2020.

CARLOS MENDES. **Ver-o-Fato- Opiniões e Denúncias sobre Fatos de Interesse Público** - Belém (PA) - Entrevista gravada por Skype (videoconferência) e por áudio (reserva) no dia 8 out.2020.

MARCO AURÉLIO D'EÇA. **Marco Aurélio D'Eça** - São Luís (MA) - Entrevista gravada por Skype (videoconferência) e por áudio (reserva) no dia 8 out.2020.

ANDERSON SOARES - **Anderson Soares - Um Olhar Diferenciado sobre a Política** - João Pessoa (PB) - Entrevista gravada por Skype (videoconferência) e por áudio (reserva) no dia 9 out. 2020.

EDIVALDO BITENCOURT. **O Jacaré** - Campo Grande (MS). Entrevista gravada por Skype (videoconferência) e por áudio (reserva) no dia 10 out. 2020.

JOSÉ EDUARDO FERREIRA DO VALE. **Zé Dudu** - Parauapebas (PA) - Entrevista gravada por Skype (videoconferência) e por áudio (reserva) no dia 10 out. 2020.

MARCIA ZARUR. **Marcia Zarur (Olhar Brasília)** - Brasília (DF) - Entrevista gravada por Skype (videoconferência) e por áudio (reserva) no dia 12 out.2020.

ELIMAR CÔRTEZ. **Blog do Elimar Côrtes** - Vitória (ES) - Entrevista gravada em vídeo usando o aplicativo WhatsApp e por áudio (reserva), no dia 21 out. 2020.

CARLOS WAGNER. **Histórias Mal Contadas, por Carlos Wagner, repórter** - Porto Alegre (RS) – Entrevista gravada por Skype (videoconferência) e por áudio (reserva) no dia 27 out.2020.

CLAUDEMIR PEREIRA. **Claudemir Pereira** - Santa Maria (RS). Entrevista gravada por Skype (videoconferência) e por áudio (reserva) no dia 2 nov.2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ENTREVISTAS REALIZADAS DECUPADAS

Entrevista com Josmar Jozino

Realizada gravação com vídeo (celular) *in loco* no dia 2 de julho de 2019 no Shopping Itaquera, Zona Leste de São Paulo (SP).

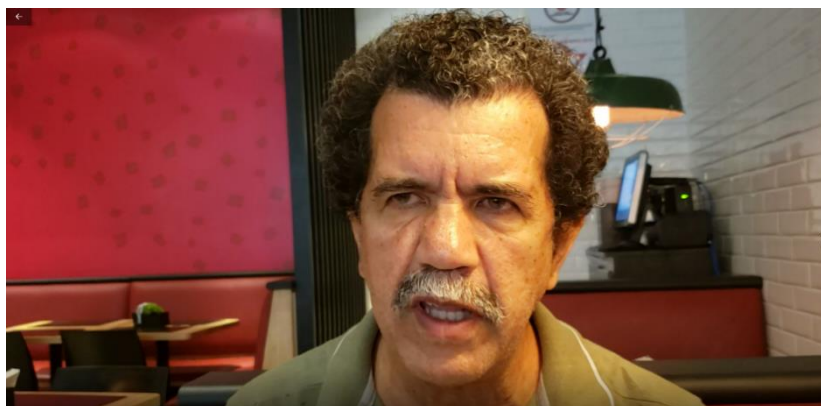


Figura 14. Entrevista com Josmar Jozino. Fonte: Autoria própria.

Primeiro, seu nome completo?

R: Josmar Jozino, 61 anos, jornalista.

Há quanto tempo, você é jornalista?

R: 35 anos aproximadamente.

Você começou onde?

R: Comecei no jornal *Folha Metropolitana de Guarulhos*, uns amigos jornalistas trabalhavam lá e tinham feito faculdade no mesmo lugar que eu e eles me chamaram para fazer um teste lá, eu fui, fiz uma reportagem policial, eles gostaram do texto...E eu comecei lá, embora eu não entendesse nada de jornalismo. Foi a minha primeira experiência. Eu fiquei dois anos e meio trabalhando nesse jornal, depois eu saí e fui trabalhar em um jornal de maior porte, que foi o *Diário Popular*, foi isso.

Você ficou no *Diário Popular*, quanto tempo?

R: Eu fiquei aproximadamente um ano e meio no *Diário Popular*, depois eu saí, fui trabalhar na rádio Eldorado, aí eu trabalhei uns cinco anos nas principais emissoras de rádio de São Paulo: rádio Eldorado, rádio CBN, rádio Jovem Pan, Rádio Capital. E em 1995, o *Diário* me chamou de novo pra trabalhar lá. A proposta era boa, aí eu voltei. Fiquei lá até 2004, quando o jornal já tinha sido comprado pelas Organizações Globo e mudou o nome para *Diário de São Paulo*. Em março de 2004, eu saí, na semana seguinte o *Jornal da Tarde* me convidou para trabalhar lá, eu fui e fiquei até 2010. O *Jornal da Tarde* passou por um período de crise financeira e acabou fechando, poucos anos depois. Mas, depois eu saí de lá e fui trabalhar no *Agora SP* do grupo *Folha* e fiquei até 2014. Aí recebi uma proposta para trabalhar pela primeira vez na televisão e fui para a Rede Record de TV, trabalhar no programa *Repórter Record de Investigação*.

Você foi como produtor?

R: Eu fui como produtor, mas fazia reportagens sem rosto, sem aparecer.

Sempre na editoria de polícia?

R: Sempre na editoria de polícia, com exceção das rádios, onde trabalhava internamente como editor, não como repórter.

Você deve ter uma agenda de fonte invejável?

R: Eu acredito que todo esse tempo - quase três décadas de jornalismo policial - devo ter centenas de fontes. Eu não tenho número exato, mas boa parte dessas fontes, são fontes fidedignas, fontes fiéis, que são responsáveis por grandes matérias que eu fiz.

E depois que você saiu da Record, você publicou alguns livros...

R: Depois que eu saí da Record, eu publiquei um livro e estou terminando um quinto livro, que é de ficção. Eu escrevo para o site *Ponte Jornalismo*, que é um site de notícias voltado para os Direitos Humanos, que eu gosto muito. Eu escrevo lá como voluntário. Nem ganho nada com isso, assim financeiramente. Escrevo com maior carinho e colaboro para eles.

Ao sair da Record, você publicou um livro?

R: Depois da Record eu publiquei o *Meio que em off*, que é um livro basicamente de memórias, fatos que eu vivenciei no jornalismo, situações tristes e alegres e inusitadas, envolvendo meus amigos repórteres, um livro que foi em homenagem a todos os repórteres com quem eu trabalhei; não só repórteres, mas jornalistas assim que exercem outras funções: editores, redatores.

Prêmios jornalísticos, você chegou a ganhar também?

R: Eu ganhei três menções honrosas, no *Prêmio Vladimir Herzog*: uma de uma reportagem que eu fiz em 2000 e outra de dois livros: *Cobras e lagartos* e *Casadas com o crime*.

Você cobriu grandes casos?

R: Eu cobri os grandes casos de repercussão. Nos últimos 10 anos, eu cobri todos: “Suzane Richthofen”, “Nardoni”, “Carandiru” (estava na rádio Eldorado e fiz a edição e coloquei o jornal no ar). Posteriormente eu cobri muito o Carandiru, quando eu estava no jornal impresso. Uma das grandes descobertas minhas foi a existência do crime organizado que já estava enraizado nos presídios paulistas, o temido PCC. Eu fui um dos primeiros repórteres a divulgar a existência dessa facção criminosa, que na época, o governo não admitia de jeito nenhum que existia e hoje...deu no que deu.

Você chegou a ser ameaçado?

R: Eu já fiquei afastado do serviço quando eu estava nas organizações Globo, no *Diário São Paulo*. Chegou uma carta para o jornal dizendo que eu estava ameaçado pelo PCC. Acho que Luiz Roberto Marinho mandou um e-mail para o Orivaldo Perin dizendo que daquele dia em diante, eu ficaria afastado do serviço. Ou eu iria para Miami ou eu iria para Europa ou teria de andar com escolta. Daquele dia em diante, eu fui afastado mesmo. Quando eu acordei, já tinha dois seguranças na porta da minha casa, me esperando para andar comigo o dia inteiro. Só que no dia seguinte que eu fui afastado, o PCC mandou uma carta para o jornal, dizendo que não tinha ameaçado nem a mim, nem as outras pessoas, cujos nomes estavam na carta, que eram jornalistas, juízes, promotores e outros secretários de estado. Enfim, eu continuei afastado do mesmo jeito, eu andei com escolta durante 40 dias e fiquei quatro meses afastado das minhas atividades. Daí eu aproveitei para escrever o meu primeiro livro. Até hoje, não sei se foi o PCC que me ameaçou ou se foi um grupo de policiais bandidos, militares, que na época eu estava fazendo uma série de reportagens que contrariava esse grupo da tropa de elite da Polícia Militar de São Paulo.

Quanto tempo você ficou na Record? E como é a história do “repórter perdigueiro”?

R: Eu trabalhei dois anos e um mês. Eu trabalhava no núcleo que tinha muitos repórteres antigos. Repórteres que tinham muitas fontes na polícia. Repórteres que iam para a rua, que traziam matérias boas. Chegou uma época lá que a direção do núcleo dizia que não queria saber mais de

“repórter perdigueiro”. Queria assim repórteres, produtores mais jovens, com outras ideias, com aparência melhor, mais bonitas. Eu lembro que começaram a demitir um por um. Eu fui um dos últimos e fui demitido, porque o programa acabou da noite para o dia, o *Repórter Record Investigação*. Então, eu acredito que 60% a 70% do núcleo foi demitido e eu fui um deles. Eu senti mesmo que, aquele repórter antigo, “perdigueiro”, que vai atrás de notícias na rua, acho que não estava mais interessando mesmo para aquele núcleo de reportagem da Record. Eu sinto que nos outros veículos acontece o mesmo, em jornais também. Acho que o pessoal tá preferindo uma meninada jovem, com outro estilo de trabalho, enfim.

Pessoas mais velhas não servem?

R: Eu acredito que a mentalidade deles é: o jornalista mais velho, mais experiente, até com muitas fontes, acho que está ultrapassado, não sei, acho que não tem muito interesse. É até difícil explicar porque essa falta de interesse. Eu vejo que pelo menos na Record, onde eu trabalhei, os repórteres antigos, que tinham muitas fontes assim, sabiam tudo sobre polícia, não estavam sendo valorizados como deveriam. Eu acho uma pena, porque quando tem um caso grande, de repercussão, é esse pessoal que vai para a rua e traz o material que a equipe quer.

Como você hoje a questão dos blogs? Você já pensou em abrir um?

R: Eu nunca pensei nisso não, alguns colegas chegaram a falar sobre isso. Eu nunca pensei se era viável ou não. Eu tenho uma opinião a respeito: eu acho que é outra plataforma, eu acho que é uma saída para o jornalismo. Eu acho que é uma saída para o trabalho independente, ter um patrocínio e viver dele. Eu acho que é uma excelente alternativa para a nossa categoria.

Por que você não foi por esse caminho?

R: Como estou escrevendo livros, estou escrevendo para *A Ponte*, eu ainda não pensei nisso. Eu acho que é uma possibilidade, eu vou parar e pensar direitinho nessa hipótese.

O fato de você trabalhar muito tempo em empresas sólidas, métodos de produção bem definidos, impedem você de nadar nesse oceano, que é internet?

R: Eu acho que se eu montar esse blog, eu não vou ter dificuldade nenhuma. Pelas fontes que eu tenho, pelo conhecimento, pelo texto que eu tenho...pela maneira fácil que eu tenho de escrever, com a rapidez que eu tenho, com o acúmulo de três décadas de atividade, eu acho que não vou ter problema algum.

O fato de você ser de outra geração, atrapalha, assusta?

R: Não, não assusta. É uma novidade. No meu caso específico, é que não parei para pensar.

Para onde vai o Jornalismo?

R: Bom, tem uma gíria que eu falava nas redações, porque eu sou de Itaquera, eu falava: “acabô, mano”. Havia assim uns “passaralhos” (demissões em massa nas redações). Antes eram anuais, depois semestrais e por último trimestrais. As redações estão cada vez mais enxutas. Eu lembro que quando trabalhava no *Diário Popular*, havia de 15 a 20 repórteres de polícia. A redação ficava completa 24 horas. Todos os dias. O jornalismo impresso está acabando mesmo.

Entrevista com José Carlos Polli

Realizada gravação por vídeo *in loco* com o celular no dia 28 julho de 2019 na casa do entrevistado, em Poços de Caldas (MG).

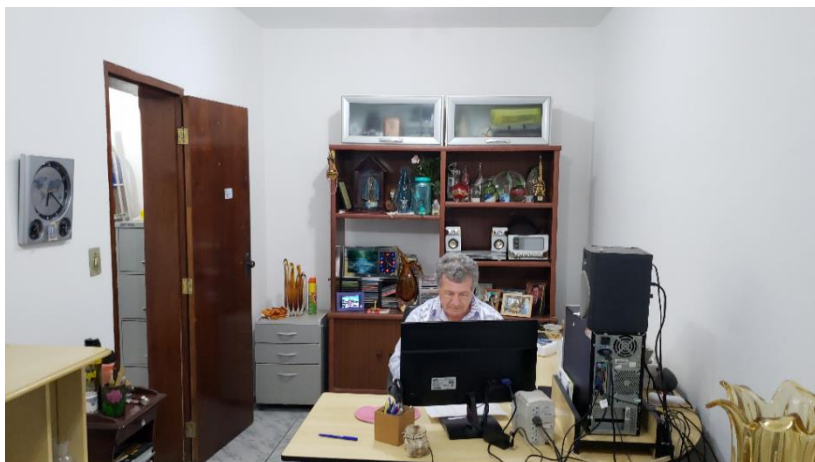


Figura 15. Entrevista com José Carlos Polli. Fonte: Autoria própria.

Nome do senhor?

R: José Carlos Polli

Quantos anos de jornalismo?

R: 50 anos de jornalismo. Eu tenho 74 anos de idade.

O que o senhor já fez como jornalista?

R: Eu vim a ser jornalista aqui em Poços. Eu era do ramo gráfico. Sou do tempo das artes gráficas. Jornal era feito a composição a mão. Eu vim daí, eu comecei no jornal com 9 anos de idade, dobrava, entregava jornal. Em Jundiáí. Comecei trabalhando na *Folha de Jundiáí*, que era um jornal do círculo operário, que era da Igreja Católica. Tinha um negócio chamado linotipo e o maior sonho de todo mundo era ser linotipista, mas não era qualquer um que poderia ser linotipista. Porque o linotipista, na verdade era o cara mais importante do jornal, mais importante que o redator. E era o tipo de cara metido. Os linotipistas eram os caras mais metidos que tem. Tudo metido a intelectual, um monte de jornalista famoso. E era uma máquina - como é que a gente pode dizer - era a perfeição da mecânica. Uma máquina muito complicada mesmo, cheia de “tric”. E eu fiquei bom nesse negócio aí. Acabei aprendendo.

De linotipista virei mecanotipista. Era mecânico de linotipo, montava, desmontava. E eu fui fazer curso no SENAI em Cambuci em São Paulo, no mesmo tempo, na mesma época que o Lula estudava torneiro mecânico no mesmo lugar. Eu ajudei a montar os primeiros linotipos Intertype, que veio para o Brasil dos Estados Unidos, na chamada “Aliança para o Progresso”. Daí eu fiquei bom. E virei instrutor de SENAI de mecanotipista. E formei muitos linotipistas, lá em Jundiáí, onde tinha um SENAI. Trabalhei no *Estadão*, na *Folha de S. Paulo*, em vários jornais de Jundiáí, queria ser linotipista. Aí eu queria ser piloto de avião. Entrei para a base aérea de São Paulo, mas virei um soldado comum. Mas lá tinha uma gráfica lá das escolas de oficiais e tinha uma linotipo. Aí eu virei o cara mais importante da escola, mais importante do que os professores. Não gostei, voltei para Jundiáí. Montei uma loja de máquinas gráficas em São Paulo. Aí apareceu lá o Luis Nassif - que trabalhava na revista *Veja*, ele nem era jornalista ainda, era economista. Ele queria montar um jornal em Poços de Caldas (MG) para derrubar a oligarquia. A oligarquia era o Navarro, o Ronaldo Junqueira. Eles não tinham dinheiro, eram todos quebrados. E a gente financiou umas máquinas para ele. Aí eu vim aqui, montamos as máquinas,

minha mulher gostou daqui, aí eu abandonei tudo, disse para o diretor que iria passar umas férias e nunca mais voltei.

Aqui você ajudou a fundar um jornal?

R: Ajudei a fundar o *Jornal da Mantiqueira*, pus o jornal na rua. Depois, eu acabei ficando dono do jornal, foram saindo os donos do jornal. No fim saiu todo mundo e eu acabei ficando dono, por uns seis anos. Ele começou no centro e depois passou para João Pinheiro. E depois acabamos vendendo o jornal para o Sebastião Abrantes.

Mesmo assim, você ficou no ramo do jornalismo, fundou outro jornal?

R: Eu sempre fui jornalista. E por que eu virei jornalista? Eu virei jornalista, porque quando eu vim aqui no tempo do Nassif, cada edição que ia para a rua, era uma reunião que tinha lá, com o famoso Tenente Hélio, que era do Exército e censurava as matérias, era um “rolo danado”, porque eles também só escreviam... E se você falasse mal do prefeito na época, Ronaldo Junqueira, estava sujeito a ser preso... E era o que eles mais eles faziam era “meter o pau” no prefeito. Cada edição que saía, era um “rolo”. E a polícia daqui era uma polícia violenta na época e eles não tinham nem coragem, nem repórter para cobrir polícia. Como eu era de fora, eles falaram: “Pô, Polli, você não quer pegar os dados da polícia? Ninguém te conhece mesmo.” Eu falei: “eu vou”. E até eu me dei bem lá. Encontrei uns caras que foram legais comigo, um sargento lá. Como eu era linotipista, tinha uma noção de como escrever. Fui repórter policial dos bons. Ganhei muitos prêmios. Cheguei a fazer muitas manchetes do famoso *Notícias Populares*, de São Paulo. Foi um negócio legal. Aprendi. Depois até por necessidade, larguei o linotipo e acabei virando redator.

Como era o trabalho do linotipista?

R: O linotipista usava uma máquina que escrevia no chumbo. Escrevia inverso para depois imprimir depois. E depois no chumbo aí você ia montar o jornal.

Mas não era uma máquina de escrever?

R: Não. Era algo... De vez em quando as minha filhas perguntam como é que era e eu nem consigo explicar direito (rs). Eu tenho um vídeo que me arrumaram e eu mostro (rs). Era a perfeição da mecânica, porque não tem nada eletrônico. Ela é inteirinha mecânica. Sinto não ter, porque era algo fantástica. Todo mundo que ia visitar jornal, todos, têm muitas fotos de governador em tudo que é lugar. Era uma tradição: o redator tinha de levar ele lá para visitar o linotipo.

Como linotipista, você tinha contato com os textos?

R: O jornalismo era diferente. O jornalismo lá atrás ele era romântico. O redator colocava o tanto que ele queria escrever e mandava para baixo. A gente fazia a composição e ia para o setor de paginação. Aí começava a montar as páginas. Aí tinha de fazer os títulos que eram letra por letra. Umas letras grandes, aquele negócio tudo. E o redator, principalmente no fechamento do jornal, ele era obrigado a ir para a oficina, porque ele escrevia e depois ia acompanhar a montagem da página. Por que isso? Porque aí os caras falavam: esse título tá muito grande, não cabe, corta um pedaço. Ou olha essa matéria aqui, isso não vai dar, tá muito grande, corta um pedaço. Ou essa matéria está muito curta, vai ter de esticar a matéria. Porque você tinha de montar o negócio, era um verdadeiro “quebra-cabeças”. E o que acontecia nisso aí: é que o pessoal da redação acabavam tendo um contato físico com o pessoal da oficina. E não era só o redator, era o cara que escrevia o esporte, o da social, qualquer um, tinha de acompanhar. Depois inventou o diagrama. Aí você colocava o tipo de letra, contava, o tamanho, para você dar uma ideia para o cara montar lá embaixo.

Eu estou lhe perguntando isso, porque a sua memória de linotipista deve ter lhe ajudado a escrever os textos, já que você lia o que lhe mandavam?

R: Certamente, eu inclusive fiz muito “bico” em editora. Você tinha de reescrever o livro, passar tudo ali para o chumbo. De tanto você ler, você aprendia. É por isso que muito linotipista era metido a intelectual, entendeu? Além de ser uma máquina muito difícil de operar, ele adquiriu uma cultura muito legal e um relacionamento com o pessoal da redação, porque o jornal fechava duas, três horas da manhã e eles iam para o boteco. Tinha uma amizade muito grande. Isso que era o bom. Isso era gostoso, esse que era o romantismo do jornal. Quando se tinha um “furo de reportagem” - o mais importante era o “furo”, uma matéria que ninguém tem, que aconteceu a meia noite e dava no jornal, isso que incentivava a gente.

E quando você saiu do *Mantiqueira*?

R: Depois que eu saí do *Mantiqueira*, eu fiquei muito pouco tempo na redação, porque a minha cabeça não batia com os novos donos do jornal. Eles não eram jornalistas, eles eram comerciantes. Como é até hoje. Aí eu fiquei bronqueado. Aí eu montei outro jornal, o *Jornal da Cidade*, que é esse que hoje que anunciou que parou de circular em papel. A partir de agora, será apenas em digital.

Como você se sente, diante dessa notícia?

R: Normal, eu acho que você tem de acompanhar a evolução. A imprensa - se você for olhar lá atrás - depois de que Gutemberg inventou a prensa, ela sofreu várias transformações. A imprensa começou com o cara montando “letrinha por lettrinha”. E eu sou desse tempo aí. Eu cheguei a montar letra, por letra. Quando saiu o linotipo, foi uma revolução fantástica. E depois teve algo interessante: a primeira vez que o *The New York Times* deixou de circular, foi em uma greve de linotipista. Os caras fizeram greve e ele deixou de circular. Aí os diretores do jornal encomendaram algo novo para substituir o linotipo e o linotipista. Aí eles inventaram a *offset*. A *offset* aí sim, você dispensava o linotipo. E você acabou com uma máquina complicada, cara, o profissional era difícil de se achar. E o *offset* ficou aí até hoje. Foi a segunda revolução que teve. E a terceira chegou agora. O meu blog, por exemplo, está fazendo oito anos agora. Oito anos atrás, eu comecei a ver, pensando assim, acho que isso aqui vai ser o futuro. E eu tenho um amigo em Jundiaí e eu vi que ele tinha montado uma rádio. Mas só na internet. Ele mostrou, disse que era fácil. Eu pensei: “Pô, esse negócio é bom. Você monta uma para mim?” E ele: “Claro, qual nome você quer? E eu falei: “Ah, todo mundo vai falar que a rádio é do Polli. Coloca aí: Rádio Polli.” E ao mesmo tempo da rádio, que tem música instrumental e você pode ter um ouvinte selecionado. Aí comecei a escrever o blog no *UOL*. Mas a rádio, o provedor que hospedava, me dava uma rádio na internet. E a página era para colocar música, falar de artista e tal. Aí olhei aquilo lá e pensei: “Ah, vou pôr a minha página aqui.” E hoje eu tenho a rádio e o blog. E agora eu dei um outro passo. Vou montar uma televisão.

Depois você montou mais algum jornal?

R: *Mantiqueira*, *Jornal da Cidade*, *Jornal de Poços*, *Folha Popular*, *Jornal dos Negócios*, TV Poços, TV Plan. Na verdade, tudo que tem em Poços em termos de comunicação, fui eu que fundei.³⁸

E um dia você resolveu migrar para o blog?

R: Sim, comecei com a rádio, o texto e agora estou transformando em televisão. Às segundas-feiras, eu vejo aí, você estava filmando aí com o celular, isso poderia ser ao vivo, do jeito que você está me filmando, isso aqui poderia ser um programa. Mas eu inovei: contratei uma

³⁸ Nota do pesquisador: não é bem assim, Poços tem algumas rádios mais antigas, como Difusora e Cultura, sendo que ele não participou da fundação.

produtora, que é a DNA e montei um programa de debate, com cenário, toda segunda-feira, que é um sucesso aqui. Nós pegamos três velhos, três apresentadores, eu e mais dois que gosto muito, que é o Roberto Teresiano e o William de Oliveira. E toda segunda-feira, nos reunimos para apresentar o *Poços em Debate* e a gente “quebra o pau”.

Mas isso não é igual ao que você fazia na TV Poços?

R: Não na TV Poços era o *Hora da Verdade*. Lá um dia me pediram para fazer um teste para treinar o pessoal para o debate. Eu fiz e o dono da televisão perguntou se eu já tinha feito isso antes e eu disse que não. Ele achou que levava jeito e depois montamos o programa. Depois disso eu ajudei a montar a TV Tati. Fui parceiro da Record, da Alterosa, da Band Campinas, tive produtora. Agora voltando a falar do programa. Esse programa nada mais é o seguinte: montei uma TV no blog, chamado de Elo TV. E o que que acontece na segunda-feira? E essa é a grande revolução. Não adianta o que muita gente faz por aí, que o cara tá aí com o microfone, o celular e põe pro cara assistir com o celular e o *tablet*. Acontece que hoje você está no “bolso” de todo mundo. Todo mundo está no “bolso” deles. O meu blog está no “bolso” de todos. Mas se eu não tiver: falando o que o cara quer ouvir, mostrando o que eu cara quer ver e escrevendo o que o cara quer ler, esquece. Você não vai ter ninguém que vai lhe assistir, ler ou ver você. Então tem um negócio que se chama conteúdo... Se você não tiver conteúdo, esquece, que você não vai a lugar nenhum.

Sobre isso é uma questão interessante. Você tem ligações com a política local...

R: Olha, quanto a isso tem um parêntese interessante. Esses dias eu entrevistei o Paulinho Couro Minas (ex-prefeito de Poços). No programa seguinte eu levei o Eloísio Lourenço (PT) que foi prefeito e que eu passei os quatro anos falando mal do Eloísio, porque a administração dele foi ruim. Não foi boa. E pedi para um amigo meu, para que convidasse para ele ir no programa.

Ele ficou uns dois dias consultando, porque ele não acreditava. E ele foi lá. Foi o maior programa que nós tivemos até hoje. Teve mais de 10 mil acessos, que em uma cidade igual a Poços foi extraordinário. O que aconteceu depois desse programa aí? Aí fez o programa, rebateu um monte de crítica e tal. Quando terminou o programa, ele quase chorou. Ele me disse: “Polli faz dois anos que eu deixei a Prefeitura, que eu quebrei, que eu deixei a prefeitura, e os meus amigos da TV Plan, nunca mais tive a chance de ser convidado por ninguém. A última pessoa que eu achei que iria me convidar era você ...e você me convidou. E eu vim aqui, ‘tô’ muito agradecido.” E eu disse: “Olha, eu não estou fazendo nada demais, ‘tô’ fazendo jornalismo. Os caras vêm aqui, criticam você. Só fiz a minha obrigação.” Bom, a partir desse programa, ele está saindo novamente candidato a prefeito, está em plena campanha pela cidade. Ele sai na rua e o pessoal fala que viu o programa, etc...Ele está super empolgado...

Quer dizer, ele falou com a “bolha” do outro lado? Por que, você é de centro-direita?

R: Não, não, já fui. Porque é o que eu falo: ficar velho é bom. Nós estamos os três fazendo o programa hoje? Eu tenho um programa que não devo satisfação pra ninguém. Não “tô” precisando de anúncio, anúncio, verba pública se vier tudo bem, se não vier, amém. Mudei. Já fui muito preso. Hoje falo o que eu quero, escrevo o que eu quero. Não sou dono da verdade. Aceito muito o contraditório. Quando erro, peço desculpas.

O senhor tem um blog, uma rádio, um programa de TV dentro do blog. Qual o custo disso? Como o senhor consegue sobreviver?

R: Tem coisa que não se compra na farmácia, nem em lugar nenhum. Ao longo dos anos você vai criando uma coisa que se chama credibilidade. E junto com a credibilidade, você vai criando pessoas que gostam daquilo, que gostam do que você escreve e muitos sabem pelo fato de você

ter audiência, anunciam porque querem vender mais. Eu tenho anúncios de construtoras, tenho anúncios de hotéis. É muito diversificado.

E quem vende? Você mesmo?

R: Não, eu não tenho vendedores. Eles vem atrás, eles que me procuram. Eu tenho os parceiros, que começaram comigo e vem comigo até hoje. Eu tenho o Hotel Nacional, o Hotel Palace (Polli foi secretário de Turismo), tenho a Coopoços (de onde veio o atual prefeito, Sérgio da Coopoços), a Alcace, que é de transporte.

Você faz um contrato? Qual o caminho? Parta do princípio que você esteja falando para um jornalista na casa dos 50 anos e que foi demitido... como teria que ser?

R: Você faz um contrato. Corre atrás. Você tem de oferecer o seu produto. A grande coisa é que eu não tenho custo. Eu fico aqui no meu computador, no meu celular, todas as informações estão aqui...o que você precisa e você sabe melhor do que ninguém, o que você precisa para escrever, se chamam fontes. Então eu fico aqui o dia inteiro, recebendo informações o dia inteiro, o que me dá condições para escrever um blog. Eu escrevo seis laudas por dia. Você ser jornalista, hoje tem um monte na praça, a faculdade está colocando um monte. Mas o jornalista que está aí hoje, e eu falo e critico muito eles...as faculdades formaram jornalistas de gravador e de pauta.

O jornalista hoje ele sai do jornal, da redação, com a pauta e faz uma pergunta, outra, dentro da pauta. E ele pergunta no que está dentro da pauta. Segue dentro da pauta. As matérias não têm criatividade, não são mais profundas, não têm detalhes, são jornalistas de gravador. Acabou, eu venho de uma época aqui em Poços de Caldas, que você tinha o Cassinho da Rocha, o Vitor de Carvalho, até o Kakalo, com toda a loucura dele, a gente tinha pessoas que criavam as coisas, para o bem ou para o mal, que criavam, criticavam as coisas. Desse pessoal, sobrou só eu, não tem mais ninguém; quem diz muito isso é o William, que é jornalista, é professor aqui do Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ensino (UNIFAE). Sobrou só eu, que tenho uma coluna, eu sento na frente do computador e é fácil escrever. Você pega um cara que escreve sobre “Polícia”, por exemplo. Ele pega os dados e põe um formato. O duro é você fazer o que eu faço. Você sentar na frente do computador e pensar: “Nossa, o que eu vou escrever hoje?” Você não tem um dado, você não tem informação. Estou falando no blog, mas no jornal também era a mesma coisa. Você sair do nada e escrever algo. Você escrever um assunto, com começo, meio e fim ou fazer uma notinha, que é o que eu faço hoje. Mas as notas têm de ter informação, têm de ter começo, meio e fim.

Em relação à propaganda, você tem uma tabela de preço, como funciona?

R: Eu tenho anunciante que anuncia na rádio. Eles não anunciam no blog. Eles não anunciam no blog, porque ele é político. Tem empresa que não quer se desgastar, eles gostam, mas preferem a rádio. Tenho casos até do poder público. Hoje, com essa proliferação de blogs, sites, emissoras de TV e têm 30 a 40 programas terceirizados e todos batendo na mesma porta. Até o poder público, quando vai anunciar, se ele anunciar com você tem de anunciar com todos, então os caras, muitas vezes, preferem anunciar na rádio. A rádio tem uma audiência ilimitada e por isso tem muito anunciante que prefere anunciar por lá.

Hoje você consegue ganhar mais como blogueiro do que como jornalista da mídia tradicional?

R: Ah, sim, sem dúvida. Se você pegar o maior salário do jornalista de Poços de Caldas, deve ser entre 2 mil e 3 mil e 500 reais, não deve passar disso. Graças a Deus, eu tenho 14 mil e 500 reais de anúncios no meu blog. Eu gasto mil reais com meu parceiro, que cuida da rádio e põe as matérias no blog. O resto eu tudo faço e me divirto.

E quanto tempo você trabalha por dia?

R: Ah, não trabalho muito não. Trabalho assim: ponho um pedaço, aí dou umas voltas, vou cuidar dos passarinhos, dos jardins, dou uns telefonemas, mando umas mensagens e de repente coloco mais uma nota. Aí quando vejo, já está pronto.

Tem algum horário específico que você publica?

R: Não, só para mandar. Para enviar sim: eu levanto 4 e meia da manhã todo dia. Quando é 5 e pouco, eu “tô” aqui no computador. Aí eu leio os jornais de Belo Horizonte, os de São Paulo e às vezes puxo muito assunto...quando é matéria que tem ligação com a cidade. Basicamente local, não tem uma única matéria de fora. Tem lá uma sessão, que eu coloco *clipping* (que eu copiei da sua coluna, do tempo que você trabalhava aqui) (rs). É um resumo do que saiu, que na verdade eu pego dessas notícias nacionais, da Agência Brasil, os *releases* dos anunciantes, como o Departamento Municipal de Água e Esgoto (DMAE). Eu tenho notícias locais de um lado e aí eu coloco na parte de baixo todas as informações da Caldense (porque ela é minha anunciante também). Eu não vou no campo, mas os repórteres me passam também.

Mas e se o time da Caldense começar a jogar mal? O DMAE deixa a cidade sem água por alguns dias... Como você faz para criticar?

R: Eu faço. A Caldense é meu anunciante e eles fazem questão de anunciar comigo, por que? Porque é o seguinte, a Caldense passou por uma turbulência administrativa e eu que fiz a cobertura. Eu que fiz as notas, criticando quem eu achava que deveria criticar, comprei a briga toda da diretoria. Então o blog teve uma atuação interessante não na cobertura de jogo, mas na cobertura dos bastidores do clube.

E você não sofreu retaliação por causa disso? Ninguém nunca deixou de anunciar por conta de uma crítica que você publicou?

R: Ah, muito. Ninguém gosta de ser criticado. Não é só político não. Você fica dois anos só elogiando o cara. Se você faz uma crítica, ele fica de “cara virada” para você. E isso faz parte. Você só tem de ser equilibrado. Eu nunca tive processo, nunca tive.

O blog lhe deu mais independência?

R: Deu mais independência, porque quando você está trabalhando em um veículo, você tem uma série de amarras. Já no blog não. Você tem liberdade para escrever, tem liberdade de fazer. Você tem muito mais liberdade.

Agora é como “atravessar o oceano no braço”?

R: Eu não tenho nenhum processo. Por que eu não tenho? Porque eu tenho um limite de crítica. Não faço crítica pessoal. Eu faço crítica aos políticos na função dele. O que dá problema é quando você faz crítica pessoal, isso eu nunca fiz. Eu posso criticar o prefeito nas ações enquanto prefeito. Não entro em termo de comportamento pessoal. Eu faço crítica diante de uma série de aspectos que eu acho que ele está fazendo errado. O prefeito atual, por exemplo, é meu amigo, eu tive participação na indicação dele tudo. Mas ele não está correspondendo. Tem sido um prefeito muito ruim, se propôs fazer um governo e o governo perdeu o sentido. Até hoje não fez nada, absolutamente nada, vive de cuidar de jardim. Eu, em 16 anos de prefeitura, passei por cinco prefeitos.

Você já foi assessor de imprensa, secretário de Comunicação?

R: Fui assessor de imprensa, secretário de Comunicação, secretário de governo, então eu conheço um pouco de prefeitura, até conheço mais do que o prefeito que está aí. Ele até me convidou,

insistiu para que eu retornasse para a prefeitura. Eu disse que não. Você tem de saber a hora de parar, fazer outra coisa. Hoje eu não tenho entusiasmo, essa vontade de fazer.

Você ganharia mais lá ou ganharia no blog?

R: Hoje, comparado com o salário lá, mais aqui. Além do salário, e além disso, menos responsabilidade. Eu vejo assim. Os prefeitos aqui em Poços, nunca tivemos um prefeito cassado por denúncia de corrupção, graças a Deus. A maioria saiu mais pobre do que entrou na prefeitura.

Você participou da indicação do atual prefeito?

R: Sim, ele só é prefeito, porque eu e o ex-prefeito, Luis Antonio, a gente estava procurando um candidato que tivesse um perfil mais técnico. A gente achou que ele tinha perfil para ser prefeito. E tem. O que acontece hoje é que não tem mais aquelas pessoas de antigamente, competente...a formação do governo dele é de pessoas muito fracas, inexperiente. A cidade passa por uma fase que não tem mais liderança. A última grande liderança foi Sebastião Navarro (ex-prefeito várias vezes, ligado ao grupo mais conservador da cidade). Faleceu e hoje a gente sente uma falta danada dele. O Abrantes também, o Ronaldo Junqueira, toda aquela turma do passado. Você não acha mais lideranças daquele tipo e que lutem pela cidade, para que ela seja cada vez melhor.

Como você consegue separar essa atividade do blog com o seu envolvimento na política local?

R: Eu faço críticas ao prefeito, ele nunca me respondeu nada, me trata muito bem.

Quanto tempo durou a sua fase de paciência com ele?

R: A primeira crítica veio já no quinto mês. Eu fui em uma reunião na casa do Luís Antonio, tomar um vinho e ele estava. Estava em véspera de discussão salarial dos servidores. E ele é servidor. E ele falou pra mim que ia dar um reajuste. Eu disse a ele: “você é louco, eu tenho duas filhas servidoras, eu conheço muito os servidores, os servidores sabem que a Prefeitura está em uma situação muito ruim, quebrada, sem dinheiro, devendo e você vai dar um reajuste real agora? No primeiro ano de governo? Nenhuma prefeitura do país vai fazer isso.” E ele: “é mas os servidores não tem culpa.” Eu falei: “você vai fazer bobagem. Vai fazer asneira. Você vai dar 10% de aumento? Você não vai ter dinheiro para mais nada...” Agora eu encontro com ele e ele diz: “Você tinha razão. Então, ele começou errando. Em dois anos ele pegou mais de 100 milhões de reais do DME e não sabe onde foi parar o dinheiro.” A prefeitura está endividada. Ele já fez um empréstimo de 110 milhões. Eu faço crítica nesse sentido. Críticas administrativas.

Você contou isso para as suas filhas?

R: Conteí e elas concordaram. Eu tenho muito contato com o pessoal do sindicato. E eles contaram que ficaram espantados, porque disseram que estavam em uma sala esperando o prefeito chegar para uma reunião e um conversando com o outro já sabendo que não adianta pedir, porque a situação está complicada. Daí, ele chegou e disse: não adianta vocês pedirem mais o valor é 9,7. Daí ele começou a errar com gastos desnecessários. A cidade de Poços hoje está crescendo para cima. Impressionante o número de prédios. Quando você tem esse tipo de investimento, você tem um impacto grande no trânsito, por exemplo. Ele encomendou um plano de mobilidade urbana para uma universidade e o plano foi uma tragédia, um horror. Gastou 600 mil. Tem gente aqui com competência para fazer algo melhor.

Como você faz para conseguir as suas informações?

R: Você tem de ter boas fontes. Você dar uma “peneirada”. E a partir daí você faz as suas notas no blog. Como sou o único que está acontecendo nos bastidores da política aqui, tudo está mais

facilitado, né? Se as pessoas querem saber de política, aqui acaba lendo o blog, porque é lá que ela vai ter todo tipo de informação.

Você já pensou nesses modelos de participação, doação, fechar o blog, assinaturas... O que você acha disso?

R: Eu acho que isso não funcionaria. No meu caso aqui, como dos jornais também, você não tem um conteúdo “tãoooo para pagar para ler”, se fosse, seria muito pouco, então não compensa. Acho que até os próprios jornais, estão abrindo cada vez mais, porque você assina *O Globo* hoje por 17 reais e tem todo o conteúdo. Está se descobrindo agora - e *O Globo* anda na frente de todo mundo mesmo - que o que importa é você ter alguém para ler, é o número de leitores. Se você tem um jornal que ninguém lê, ninguém vai querer anunciar.

E vender em quantidade na internet...com valor baixo?

R: Quanto mais gente você tiver lendo, mais repercussão terá aquilo que você escrever e consequentemente, mais retorno vai ter o próprio anunciante. Isso vale para todos, blogs e não só os jornais.

Que conselho você daria para um jornalista que estivesse saindo agora de uma redação?

R: Você tem primeiro que procurar uma coisa que você gosta de fazer e que você tenha conhecimento. Eu gosto de política, mas podia estar escrevendo sobre esporte, poderia estar escrevendo coluna social, cinema. Desde que você se dedique e faça uma coisa bem feita. Você tem de despertar o interesse do leitor sobre aquilo que você está escrevendo ou aquilo que você está mostrando. Se você fizer qualquer coisa que você tenha conhecimento - e que você gosta - e se você tiver informação que não tem nos veículos tradicionais, eu acho que você vai conseguir leitor e se conseguir leitor, você vai conseguir anunciante. Hoje, por exemplo eu não tenho. Mas tem muita gente, o próprio Google direcionando os anúncios para o blog. Já me foi oferecido. Eles usam a sua página e injetam a propaganda dessa região na sua página. E pagam muito. Eu tenho um problema: na verdade o meu blog não fica aqui. O meu blog é uma rádio que fica em Jundiaí. E por que ela fica em Jundiaí? Porque oito anos atrás a internet aqui era um desastre. Eram poucos que tinham internet aqui. E a internet em Jundiaí era boa, hoje está melhor ainda. Então se você procurar onde fica a Rádio Polli, você vai ver que ela não está aqui, ela está lá em Jundiaí. Ele queria anunciar lá. Mas aí fica um negócio meio esquisito. A minha página mandar comprar em um supermercado lá em Jundiaí. E ele está em Poços. Não casa. Oficialmente, a página da rádio, do blog está lá em Jundiaí, pro Google. E tem uma coisa sentimental, da amizade e você não deve esquecer quem lhe ajudou.

Hoje eu teria a maior facilidade de fazer tudo por aqui, mas eu tenho um parceiro lá, que eu tenho um respeito muito grande por ele, que abriu um caminho, que fez a minha rádio, que gosta do que faz. Eu prefiro perder dinheiro aqui, do que perder a amizade dele. A gente não pode esquecer os amigos. Isso eu não faço.

Entrevista com Claudio Pinhanez

Entrevista gravada por Skype (videoconferência) e por áudio (reserva) no dia 24 julho de 2020.



Figura 16. Entrevista com Claudio Pinhanez. Fonte: Autoria própria.

Como surgiu a ideia de montar um blog?

R: Naquela época, em setembro de 1993, eu fui começar o meu doutorado no Media Lab no Massachusetts Institute of Technology (MIT). O laboratório foi formado em 1985. Ele começa a ter um bom público interessante de professores e alunos, nessa primeira fase, em 1996 e 1997. E em 1995 ele começa a ser um centro de toda essa ideia de difusão do que pode ser a internet, do que está sendo pensado. Eu não trabalhava com social naquela época. Eu trabalhava com visão computacional, tentava fazer o computador entender imagens, algo assim. Mas a gente começou a ver os primeiros sites, que legal, internet. Aí um pessoal do meu grupo começou a pensar: vamos fazer o nosso site. Isso em 1993, deveria ter uns seis sites no mundo, nessa ordem. Aí a gente junta com um cara que era muito bom, o Martin, que era um *hacker* fantástico, a gente botou o primeiro servidor, “http do MIT” no ar. E as primeiras páginas, que eram as páginas do meu grupo, que eram páginas de conteúdo falando dos professores, dos alunos. Aí, nessa brincadeira, eu sabia como montar uma página, eu sabia o básico e aí ao mesmo tempo, a gente estava em uma página que era do Media Lab que era muito visível, a gente tinha bastante tráfego. Eu sempre gostei de escrever – fazia doutorado. Aí eu olhei e achei legal – e se eu colocar algo sobre o que eu penso publicamente? Era essa a ideia. Isso aí calhou com que eu estava lendo o livro da Doris Lessing, o *The golden notebook (O carnê dourado)* e ele resume muito o que estava sentindo na época: Será que só eu estou pensando isso? Será que tem mais gente no mundo pensando se faz sentido?. Se você olhar a primeira entrada, é sobre um filme, que é um filme do Louis Malle, um filme superlegal, que eu fui ver com uma amiga, mas que ninguém estava falando a respeito, a mídia não estava falando. Aí eu comecei por aí. O início começo um pouco mais constante. Nesse website eu continuo, depois quando for em 1996, eu fico em Nova York. Mas foi isso.

Eu tive a impressão de que você escrevia uma espécie de diário virtual?

R: Era essa a ideia. Publicar as coisas que você colocaria em um diário, mas aberto.

Quando eu vi os seus registros, a primeira imagem que me veio foi das cavernas com desenhos pré-históricos. Não sei se você concorda com isso, mas eu fiquei com essa imagem na cabeça...

R: Era isso, sabe? Deixa eu colocar para ver se alguém lê. Fiz o mais recente em cima, isso foi desde o início. Eu pensava assim: fazer um diário regressivo, porque eu achava que tem a ver com você, o mais recente ficar visível. E há momento na internet que tem pessoas explorando, para que isso serve? Lá no Media Lab já tinha um grupo de pessoas que trabalhava um tempo e aí quando apareceu os servidores do “http”, que já estava falando em personalização de notícias há mais de três, quatro anos. Mas dentro de servidores internos, quando apareceu esse protocolo, resolveu o problema e eles começaram e hoje a gente tem outros problemas por causa disso, até foi discutido naquela época: se todo mundo personaliza, a gente perde o fato comum a todos.

Naquela época já foi discutido isso?

R: Já se via. Naquela época se discutia, um projeto chamado *Fisher Wrap*³⁹ (“Jornal para embrulhar peixe”), do Pascal R. Chénais e do Walter Bender. Depois, inclusive, nesse projeto, vem o Jack Driscoll⁴⁰, que era editor do *The Boston Globe*, sai do *The Boston Globe* e vem trabalhar com esse grupo. O cara era um “editorzão”, um dos cinco *tops* do país e veio trabalhar com ele. Aliás, um dos maiores elogios que eu já recebi na minha vida foi do Jack Driscoll. Ele leu e um dia chegou e disse assim para mim: *Good writing* (“Boa escrita”). Do nada, eu ouvi isso do Jack Driscoll!

O senhor é aqui de São Paulo mesmo?

R: Sou aqui de São Paulo mesmo. Eu era aluno da Universidade de São Paulo (USP) de Matemática, depois fiz Mestrado em Computação – não precisa falar senhor, fala Claudio, tá? Aí primeiro tentei fazer Mestrado no Japão, fiquei dois anos em 1991 e 1992, mas como não deu certo, mas o que eu fiz lá, melhorou muito meu currículo e eu fui aceito no MIT.

E você é de qual região, Claudio?

R: Sempre morei aqui na região central. Exceto quando fui morar no Japão e aos 15 anos, em que eu passei a morar nos Estados Unidos.

Você estudou em colégio público ou particular?

R: Fiz tudo público. Escola Técnica Federal, fiz colégio municipal até a oitava série. Aí eu fiz Escola Técnica Federal, que na época era muito difícil para entrar, pois eram poucas escolas de qualidades abertas, pública. Eu venho de uma família que mexe com cinema. Meu pai foi diretor de cinema, Roberto Santos, que trabalhou no Cinema Novo. Na época da universidade, eu fiz muito teatro. Fiz teatro seriamente. Tínhamos um grupo amador e ganhamos prêmios. O grupo se chamava Ivama.

E o seu pai assina como Roberto Santos, como diretor de cinema?

R: Os filmes mais conhecidos dele eram dos anos 1960, como *A hora e a vez de Augusto Matraca*.

³⁹ *Fisher Wrap*. Disponível em: <http://news.mit.edu/1994/newspaper-0309>.

Acesso no dia: 30 jan.2021.

⁴⁰ Sobre Jack Driscoll - Mais informações nos links: “Driscoll.” *Web Media*. Disponível em: <http://web.media.mit.edu/~driscoll/bio.php/> MARQUARD, Bryan. “John S. Driscoll, longtime editor who led *Globe* for seven years die.” 5 fev, 2019. In: *The Boston Globe* – Disponível em: <https://www.bostonglobe.com/metro/obituaries/2019/02/05/john-driscoll-longtime-editor-who-led-globe-for-seven-years-dies/RrNKPF81fmREm7m2dD233M/story.html>

Acesso em: 30 jan.2021.

The Boston Globe. Disponível em: <https://www.bostonglobe.com/metro/obituaries/2019/02/05/john-driscoll-longtime-editor-who-led-globe-for-seven-years-dies/RrNKPF81fmREm7m2dD233M/story.html>.

Acesso em: 30 jan.2021.

Como morador do centro você deveria ler muito jornal, porque a região central é muito privilegiada com muitas bancas...

R: Eu lia. Em 1993, em Boston, tinha uma banca que recebia todos os jornais internacionais. Aquela banca que fica em Harvard Square – que inclusive, acabou de fechar. Como estudante, eu não tinha dinheiro para comprar isso, mas ficava lendo.

Mas você tinha o hábito de ler jornal nessa época, ler notícia?

R: Ah, sim, ler jornal, ler notícia, livros. Se você olhar aqui em volta, eu tenho muitos livros. Foi nessa época que eu comecei a ler o *The golden notebook*, em torno de 1989 comecei a ler em inglês mais fluente, lia no original, algo de estudante, comprava com desconto. Por um acaso, do nada, achei essa citação que fazia sentido, achei legal essa imagem. O que é interessante é que eu recebia alguns e-mails de volta de pessoas que liam. Um dia eu recebi um e-mail de uma mulher na Califórnia dizendo: “Olha só a citação que eu usei na minha dissertação de Mestrado e era exatamente essa (que ele havia usado no blog)”...E eu pensei: “De repente, tem alguém que não tem relação nenhuma, a ponto de colocar em uma dissertação de Mestrado e de repente eu acho essa pessoa.”

E qual era a citação?

R: A citação é a que está na foto do *Open Diary*. (Faz a citação em inglês), que define bem a motivação. Aí chega ao cúmulo de uma pessoa achar o mesmo trecho em um livro. E naquela época não havia Google.

E nem programas que compara o que você publicou com o que já havia sido publicado?

R: Nada, nada. Podia até ser uma citação famosa, mas eu não tinha acesso a isso. Eu achei umas cinco ou dez no livro. O que achei legal é alguém do outro lado dos Estados Unidos, sei lá onde, não tinha buscas e devia ter milhares de sites no mundo e encontrou o meu: “Uau!”

O seu blog você o mantém ativo ou você parou?

R: A última entrada foi em 1996, eu tenho impressão que eu quando saí do MIT em 1999, eu desativei. Quando eu fiz um site pessoal, eu recoloquei, mas as últimas entradas são dessa época. Quando eu comecei a trabalhar, parei. Eram registros de uma época diferente. As pessoas estavam tentando descobrir para que aquilo iria servir. Mais ou menos nessa época tinha uma aluna do Media Lab, que faz o primeiro site para montar cartões digitais por e-mails para outras pessoas. E isso “bomba”. Virou o trabalho de Mestrado dela.

Naquela época, você tinha noção do que poderia virar o blog?

R: Se você olhar o que eu fiz, nessa época, aparecem outras pessoas com outra noção sobre você escrever pessoalmente. Eu trabalhava muito esse formato do mais atual para o mais antigo. Isso é algo que vem do documento que não acaba, que não precisa acabar nunca, que era uma ideia nova na época. O que eu não fiz e o que eu acho que é essencial para um blog é a ideia de que a conversa também pode ser lá e não de forma privada. Eu conversei com algumas pessoas que leram, mas virou uma conversa de e-mails. Quando você adiciona a noção do comentário do usuário, isso ganha uma dimensão muito mais interessante. Acho que é isso que está faltando ali. É mais uma noção do *Open Diary* que vai resolver um pouco do que o blog precisa, mas não dá para ter um blog sem ter uma participação visível do leitor. O que faz a diferença é a participação visível do leitor, que deixa muito mais rico, mais novo.

Você acha que esse formato da notícia que desce fica mais atraente?

R: Eu acho que o formato blog, assume a interação visível com o leitor. O que eu fiz foi precursor de um blog. O blog não termina nunca. O passado é visível. Não é o jornal que só me dá o

presente, eu consigo ver o que essa pessoa falou antes. Para mim, o blog assume a interação com o usuário, com o leitor, de algum nível.

Ou seja, você acha importante ter um jornalista para dar um retorno para aquela pessoa que mandou a mensagem ali?

R: Eu acho. Moderar essa conversa é tão importante quanto escrever. O blog funciona - como forma pra mim, é um espaço de conversa, direcionado por uma pessoa, por um curador, que propõe temas e conversa com as pessoas e que elas conversam entre si e que não dava para fazer antes.

Você acha que dá para fazer isso num blog jornalístico, por exemplo?

R: O problema é que nos últimos 10 anos houve uma “aplenização” disso aí. Principalmente em política, questões econômicas. Gente paga para comentar, *robots*, máquinas. A gente perdeu esse espaço. No instante que vira uma profissão, tem matéria paga lá escondida. Tem toda uma cultura de celebridade que é complicada e de confiança que é complicada. Blog de moda é o típico: tenho uma amiga que trabalha lá com isso e tem matéria paga. Muitas vezes você não distingue aquilo. Entendo que as pessoas precisam viver. Mas nessa transformação alguns aspectos se perderam. Se você tem 14 milhões de seguidores, que tipo de conversa você está tendo?

E se você está conversando com pessoas ou robôs...

R: Pode ser o Felipe Neto. Não é um espaço de conversa, mas sim de audiência. Se tem todo mundo tentando conversar ao mesmo tempo, está todo mundo gritando com todo mundo. Acho que é essa a dificuldade. Um certo limite nessa quantidade de gente, você deixa mais efetivo nessa opinião.

Você tem o hábito de ler blogs hoje?

R: Leio muito pouco. Eu uso os meus amigos no Facebook para achar notícias interessantes para ler. Eu leio jornal pra saber o básico dos fatos. Os meus amigos acham notícias interessantes. Eu não preciso ir atrás. Eles leem os blogueiros...

Eu lhe encontrei pelo LinkedIn, mas você tem outras redes sociais?

R: Eu tenho Facebook. O Facebook eu uso. Não posto publicamente. Tomei a decisão de virar um espaço de amigos e conhecidos. O LinkedIn é um espaço profissional. Todo mundo é bem sucedido no LinkedIn, mas é um espaço falso. Todo mundo é bem-sucedido, tem aparência profissional, mas você está lá para o melhor possível.

Eu acho curioso que mesmo no LinkedIn, as pessoas se expõem muito...

R: Acho que não. O LinkedIn é só uma imagem de entrevista (para emprego) (rs). É o que faço lá. É um lugar de bom mocismo.

Se você tivesse que montar um blog da sua área, você se vê dentro disso, capitalizando. Se você fosse tomar algo nesse sentido, qual caminho você tomaria?

R: Eu acho assim: é um jeito de fazer propaganda. De ficar visível no mercado, principalmente para um profissional de consultoria, hoje ainda mais com pandemia. Agora é um meio saturado. É duro ficar visível. Ou você sai com uma plateia inicial, que até no meu caso, seria factível, porque muita gente me conhece. Se eu estiver falando de política, não. Se eu estiver falando de tecnologia, talvez.

Inteligência artificial com certeza, não é? Você já tem 30 anos de estrada...

R: Eu acho assim: tem gente que é muito boa nisso, escreve bem, faz vídeo bem, que não é necessariamente a minha qualidade. Eu posso até ter uma visão – por ter estado 10 anos no Media Lab – tenho uma visão crítica a processos de inovação. Processos, ideias novas, muito assim: eu já vi isso 20 anos atrás. 20 anos atrás e já estavam falando isso. Você acha que isso é novo, não é novo...sempre que eu vejo alguém falando que vai ver uma novela, que gostou da roupa do ator, clica lá e compra. Olha essa uma ideia de 30 anos. Que não deu certo. Não que pode dar certo um dia. Mas essa é uma ideia que não deu certo. É uma opção? Acho que é. Mas hoje é menos provável que eu vá viver do blog, do que o blog traz. Isso é válido pra muita gente que tem o blog. Você tem o blog, mas é o evento *Corpore* que paga as contas. Porque você tem de ter um volume de leituras para ganhar dinheiro via clique, que é muito grande.

Por último, você falou que foi o primeiro a escrever um blog. Está no seu Lattes. Você tem alguma comprovação de que realmente você foi o primeiro?

R: Se você olhar no Wikipedia, o que eu fiz, é anterior ao primeiro registro que estava lá. Foi assim que eu descobri.

O primeiro registro de blog?

R: Do *Open Diary* é. Isso é anterior àquilo? É. Tinha alguém fazendo antes? Possível. Mas tinha poucos servidores fazendo aquilo.

Antes do meu contato, quando foi que você deu entrevista sobre o seu blog.

R: Faz tempo. Profissionalmente pra mim, isso não é importante. Porque eu fiz uma carreira científica, em uma área completamente diferente. Eu fiz porque não dava trabalho, eu gostava, mas não era a minha pesquisa. Eu estava fazendo pesquisa com teatro eletrônico, completamente diferente. Então para mim eu fiz, acho que é legal, mas não é algo que me define profissionalmente.

Mas você pode ser reconhecido futuramente como o inventor dos blogs?

R: Mesmo que seja verdade, vira aquela discussão sobre Santos Dummont... Ah, mas ele não enxergou, não abriu para as pessoas.

Mas no seu caso você está mais para os irmãos Wright do que para Santos Dummont, não é?

R: Eu acho que estou mais para Santos Dummont. O Santos Dummont levantou do ar, mas ele não entendeu o que era o avião. Isso pode ser discutido. E eu não entendi que ali o ponto era abrir a conversa. Era o “pulo do gato”.

Você acha que fez 90%, mas faltaram 10%?

R: Eu acho que era um 10 fundamental, que eu acho que era você enxergar. A conversa pública tem um valor. Ela é importante tanto de vista para outras pessoas, como para quem lê. A pessoa começa a ser ouvida. Ela vira blogueira também. Outras pessoas querem ser ouvidas.

Mas hoje, por mais que você escreva, não parece que não flui...?

R: A gente perdeu. Só os blogs pequenos conseguem fazer isso. O que a gente precisa resgatar é: será que eu preciso fazer curadoria da minha plateia, para deixar o blog que funciona, com mais alguém, discutindo com outras pessoas? Nesse momento, eu preciso fazer isso, porque a plateia está descontrolada.

Entrevista com Ruben Berta Stein - *RB Blog do Berta - Jornalismo Artesanal - Rio de Janeiro (RJ)*

Entrevista gravada por Skype (videoconferência) e por áudio (reserva) no dia 7 de outubro de 2020.



Figura 17. Entrevista com Ruben Berta. Fonte: Autoria própria.

Por que você decidiu criar um blog jornalístico?

R: Então, eu venho de um histórico já longo de trabalho dentro de redação, eu estou agora com 21 anos de carreira, sendo que 17 deles foram passados dentro de uma redação de jornal, do jornal *O Globo*, lá eu fiz minha carreira toda. Na verdade, o blog ele surge depois de um momento que eu me vi fora de uma redação e inicialmente mais para que eu tivesse um portfólio de trabalho, para continuar vivo no mercado de trabalho. Essa foi a ideia inicial de lançar o blog. Logo duas três semanas depois que eu saí de *O Globo*, em janeiro de 2017, no meio de fevereiro eu já lancei o blog de uma maneira bem incipiente, mais para eu me manter vivo no mercado de trabalho. Em vez de eu sair de um veículo e “bater na porta” de outros e conseguir um novo emprego, eu preferi na verdade abrir um site com conteúdo de notícias que eu sabia que eu tinha condição de fazer, de cobertura do Rio de Janeiro, que eu tenho aí essa *expertise* acumulada. Então a ideia inicial foi essa: ter um portfólio ao vivo para que as pessoas pudessem acompanhar o meu trabalho, eventualmente, eu fosse recontratado por uma outra empresa. Esse era o objetivo inicial. Isso até aconteceu com uma certa rapidez, eu lancei em fevereiro e fiquei só cuidando dele, de fevereiro a abril de 2017, eu devo ter recebido em torno de quatro propostas de trabalho.

Aí na época o que me seduziu mais foi a proposta do *Intercept Brasil*, porque era algo diferente do que eu fazia no *O Globo*. Eles me chamaram inicialmente para fazer um trabalho de *freelancer* lá e eu acabei ficando um período maior, porque abriu uma vaga lá. Nesse período inicial, curto, de mostrar que eu estava vivo para o mercado e funcionou muito bem. Eu tive um período no *Intercept* de mais ou menos um ano e na saída do *Intercept*, porque eu não me enquadrei muito no projeto, tive problemas internos que acabaram resultando na minha saída. Aí no início de 2019, em fevereiro ou março, juntei os meus “cacos financeiros” para tocar um projeto que não era viável financeiramente ainda em um determinado período. Eu imaginei que estaria dentro de um ano e um ano e meio. E ele já está até um pouco além do que eu imaginava. Mas passei a me dedicar exclusivamente aí sim, a partir de março de 2019, como um projeto pessoal de vida. Como fazer o que eu penso para jornalismo: jogar ali o meu melhor jornalismo, poder fazer o que realmente eu quero.

Em jornais, você só trabalhou em *O Globo*?

R: Eu fiz a minha carreira toda em *O Globo* desde a época de estagiário. Fiz todo aquele processo: prova de estágio, fiz *trainee*, depois fui contratado como repórter, passei por várias editorias, fiz toda a minha carreira lá dentro de *O Globo* mesmo. Como estagiário, entrei no segundo semestre de 1999. Como contratado mesmo foi em 2000. A minha carreira foi toda lá dentro, fora essa minha passagem pelo *Intercept* depois.

Por que você escolheu o formato blog?

R: Por ser um projeto pessoal. Sou eu que faço todo o conteúdo, então o formato blog, ele se enquadra melhor em projetos individuais. Foi algo empírico. Não foi nada que eu planejei. Dentro do meu pensamento, por ser um projeto individual, não faria muito sentido. Por mais que esse nome blog, ele acabe sendo um pouco depreciativo, em geral existe uma tendência, quando você fala blog, achar que é um site puramente opinativo. Essa é a primeira visão que a pessoa tem da palavra “blog”. Mas ao mesmo tempo eu não me preocupei muito com isso. O blog é feito basicamente de reportagem, reportagem investigativa. São raros os textos de opinião. Ele é mais um site de reportagem, mas eu achei que não faria muito sentido, por exemplo, colocar sei lá: “notícias do Rio de Janeiro”, por exemplo. Eu achei que teria de ter o meu nome: é o *Blog do Berta*, o *Site do Berta*.

Por que mais reportagem, sem opinião?

R: Não que eu não me posicione, que eu não goste de colocar minhas posições. Eu preferi no site, no blog, tratá-lo como um site de reportagem, deixar a parte opinativa, eventualmente, também muitas vezes eu faço isso, quando eu vou chamar as reportagens nas minhas redes, seja no Twitter, Facebook, Instagram, eu meio que comento, eu, cidadão, as reportagens do repórter Ruben Berta. Eu deixo um pouco mais para as minhas redes, do que para o site. Eu fiz um produto paralelo a esse, na verdade, que é uma coluna dominical, exclusiva por e-mail, para os cadastrados na *newsletter* e nessa também mantém o caráter mais de crônica, mas sempre de informação, eu não gosto de fazer algo puramente opinativo, sem informação que embase aquilo. Eu já estou na trigésima quinta ou trigésima sexta coluna, todo domingo também com um texto um pouco mais solto, informativo com um caráter opinativo também. Eu não me furto de dar opinião. Eu preservo a parte de reportagem para o site.

Como você escolheu esse foco editorial?

R: Eu na verdade, o que eu pensei: o que eu acumulei melhor na minha carreira? Saber de cobertura da administração pública do Rio de Janeiro. É isso que a minha experiência acumulada ao longo de 20 anos, ela está totalmente junta, nessa cobertura de administração pública do Rio de Janeiro. Não faria sentido, por exemplo, eu querer fazer cobertura de Planalto. Eu seria quase que um foca, ainda mais no Rio de Janeiro, não faria muito sentido. Às vezes, até me cobram um pouco sobre isso: “Ah, mas você tem de cobrir Bolsonaro, você tem de cobrir Brasília”. Mas assim, fica um pouco fora do que eu acumulei de experiência. Não que talvez um dia eu não possa fazê-lo, mas eu queria retornar um pouco para a sociedade do Estado do Rio de Janeiro, um pouco da experiência que eu acumulei e dar de volta para a sociedade mesmo. É um objetivo muito claro que eu tenho. Hoje, na verdade, eu não gosto muito disso do conceito, mas às vezes a gente precisa falar sobre o conceito: o jornalismo hoje tem basicamente dois conceitos: o jornalismo artesanal, que ele até vem no título do blog. Porque é isso mesmo: quase um trabalho de artesanato, é um trabalho individual, praticamente sem recurso. Enfim, basicamente é o meu capital intelectual que está ali, não tem nenhum recurso.

Você não tem equipe?

R: Não tenho, inclusive fiz tudo sozinho, desde o design do site, até o envio de *newsletter*, das minhas redes.

Qual a sua idade?

R: 44.

O que lhe atraiu no blog?

R: O que eu vi na verdade...eu acho que o que eu faço hoje, eu não conseguiria fazer dentro de uma grande redação. Esse é que é o meu problema. A minha cobertura não chega a ser muito atrativa. É uma cobertura que se antecipa muito aos fatos, em alguns momentos, ele não chega a ser um atrativo. Principalmente aqui no Rio de Janeiro. Aqui no Rio de Janeiro, você tem pouquíssimas opções de trabalhos. Mais em São Paulo, em Brasília. O mercado aqui está reduzidíssimo. A gente tem basicamente aqui *O Globo*, que foi o lugar de onde eu vim e que mesmo assim, eu vejo muita diferença do trabalho que eu faço hoje em dia para o trabalho que eu fazia em *O Globo*. A liberdade de poder me pautar e ter esse meu foco – aí eu entro no segundo conceito, que é o jornalismo de resultado. Quando eu faço uma matéria, eu quero que aquilo ali realmente dê algum resultado efetivo. Eu faço um jornalismo basicamente de fiscalização do poder público e que em geral, se antecipa às autoridades. Ele não é um jornalismo reativo, aquele jornalismo que vem depois, quando o sujeito já está fazendo a delação ou quando o Ministério Público já está investigando. Eu estou procurando olhar para tudo quando ninguém está olhando. Eu via dificuldade de fazer esse tipo de trabalho dentro de uma grande redação, porque talvez não exista ainda um interesse em se fazer isso, porque às vezes realmente, é um jornalismo denso, as reportagens são pesadas, muitas vezes, ela não tem aquela atratividade imediata para o público. E eu passei a não ver oportunidade de fazer isso em grandes veículos e realmente me vejo em um momento especial profissionalmente podendo fazer o que eu acho importante para a sociedade nesse momento. Acho que o maior exemplo disso foi a cobertura que eu fiz aqui durante a pandemia no estado do Rio e eu me orgulho bastante disso, porque sozinho fui o primeiro efetivamente antes de qualquer veículo a levantar que havia problemas na utilização de recursos da saúde aqui do estado e isso caminhou para onde a gente viu... Um governador afastado e começou porque eu estava lá olhando diariamente o que as pessoas não olham. O meu medo de sair do projeto e voltar para uma grande redação – não que isso não possa acontecer, eu já recebi convites recentes agora nessa fase do blog, mas recusei por não se enquadrar dentro do projeto do blog. O que eu quero hoje em dia é levar o projeto do blog para um grande veículo. Mas o meu medo é isso: perder o sentido do que estou fazendo. Se eu começar a entrar em uma cobertura de rotina de jornal, eu vou perder essa “veia” que eu tenho agora, que é de apontar o que está no submundo dos governos antes de tudo acontecer. E com isso a gente consegue um resultado muito efetivo. Foi muito legal. Esse ano durante essa crise da pandemia, em várias peças do Ministério Público, as minhas matérias estavam citadas, então é muito gratificante ver isso.

Você tem noção de quantos “furos” você deu durante essa crise, que acabaram resultando no afastamento do governador?

R: Se eu for contar, eu estou em 35 (rs). E continua, a crise da saúde continua. Houve duas emblemáticas: a primeira foi no dia 26 de março, quando eu apontei pela primeira vez quem era a pessoa que estava cuidando do dinheiro da saúde no estado do Rio de Janeiro. Que foi o ex-subsecretário de Saúde, Gabriel Neves, que foi o primeiro preso dentro do governo, depois nessas operações que vieram mais para frente. Agora atualmente ele está solto por decisão do STJ, mas ele ficou um bom período preso. Essa foi a primeira matéria.

A partir dali, eu iniciei a cobertura mais pesada de tudo que foi gasto, no estado do Rio, durante a pandemia. Ali eu mostrei que o Gabriel Neves, apesar de ocupar um cargo tão importante, de ser advogado, ele tinha um passado recente, um processo contra ele. De ter uma cliente que o acusava de ter dado um golpe e roubado 200 mil reais de uma causa dela. Então basicamente apontando para esse personagem e mostrando esse passado recente dele, eu desencadeei todo esse processo de cobertura.

Qual foi a data?

R: Foi 26 de março. Eu lembro assim. Sem querer entrar em crítica se é A ou B. Mas os grandes veículos – até de uma forma justa e natural – naquele momento eles estavam muito focados nas medidas preventivas mesmo: de orientar a população, de fazer contagem de doente, de pessoas mortas...e é natural. Então o que eu falo: por que é importante estar em um blog fora da redação? Porque eu não preciso dessa cobertura de *hard news*, entendeu? Eu posso me pautar e dizer: “Olha só, ninguém está olhando isso aqui, então deixa eu olhar, eu vou apontar e depois o negócio vai para a frente”. Eu fui o primeiro ali em 26 de março, foram três ou quatro matérias, até que a *Folha de S.Paulo* entra no caso e me cita na matéria deles já como referência. E depois entra a TV Globo e aí a TV Globo entra também na “avalanche”: eles começam a dar uma série de matérias. Então, essa primeira do Gabriel Neres é muito importante. E outra: não sei a data precisa, mas se depois você quiser, eu te mando. Acho que já no início de abril que foi a primeira vez que alguém levantou a suspeita de corrupção na compra de respiradores. Então eu também apontei isso pela primeira vez.

Isso antes ou depois de São Paulo?

R: Foi primeiro aqui no Rio, antes de levantar essas suspeitas.

Que data foi?

R: Cara, eu vou te mandar.

Aqui foi junho, mas até agora não se conseguiu confirmar a questão do preço. A discussão está na multa?

R: O que foi interessante nessa matéria: na época se dizia muito, “respirador está caro”. Essa era a justificativa do governo e era bem plausível. Mas eu não parei nisso. Eu disse: “O.k., o respirador está caro, mas você não pode comprar respirador com empresa de informática que nunca vendeu respirador. Tem algo esquisito aí.” A partir dali, o dono dessa empresa foi preso lá na frente. Se viu que a história realmente não era correta. Então não foi só uma questão de preço. Realmente o governo até convenceu as pessoas que essa história do preço estava “O.k.” e se não falava mais nisso, mas eu já apontava não só a questão do preço, mas a questão da empresa, levantando suspeita que aquela empresa não teria capacidade de fornecer um equipamento daqueles. Foi no dia 6 de abril que eu fiz essa reportagem “Estado do Rio compra respirador pelo dobro do preço com empresa de informática”. E efetivamente o dono dessa empresa e o subsecretário foram presos um tempo depois. Aí é como eu falei: a imprensa toda entrou na cobertura, mas graças a essa possibilidade de eu estar olhando o tempo inteiro, que talvez em uma redação não se olhe, eu acabei saindo na frente.

Você avaliou a oferta de trabalhar em outros blogs? O seu percurso profissional o ajudou na criação do blog?

R: Eu tive ofertas de trabalhos, em veículos, mas não em blogs. Não me atraíram, porque basicamente eu iria fazer o que eu já fazia nos meus 17 anos de *O Globo*. É algo que não me interessa no momento. É claro que assim, não consigo ficar tanto tempo em um projeto que não é financeiramente viável, talvez não tenha tanto fôlego... Tive de esticar até o ano que vem, pra

tentar começar um trabalho de captação de recursos... Mas assim, ao mesmo tempo, não me vi interessado em voltar a fazer aquilo que eu já fazia, não fazia muito sentido pra mim. Sobre a questão da experiência anterior, é claro que é a minha bagagem. A minha bagagem de jornalista sempre ajuda no sentido de ter experiência para fazer o trabalho que eu faço atualmente. Mas assim, eu posso dizer que eu cresci muito mais intensamente nesses três anos do que nos 17 anos de *O Globo*. Eu não sei se é porque por mais que você tenha estrutura, as mil dificuldades dentro das redações, você ainda tem alguma estrutura que lhe auxilia. Agora não: agora eu tive de aprender a fazer do “A ao Z”. Está sendo muito engrandecedor profissionalmente esse período profissional que eu estou vivendo. Às vezes cansa trabalhar sozinho, porque é bom dialogar. Eu me senti crescendo muito. Eu acho que o trabalho que estou fazendo hoje, até em termos de resultados, de mudanças que a sociedade que a gente vive, de fiscalização, ele é muito mais intenso do que ele era em tempos de *O Globo*.

Dentro dessa questão do percurso profissional, além da experiência, teve algo mais que lhe ajudou nesse acesso com as pessoas? Se você teve algo mais que lhe pudesse ajudar a ter esse contato com as pessoas, com as fontes, por exemplo?

R: Isso é ponto muito bacana de você tocar. Cara, eu nunca tive tanta fonte na minha vida.

Você tem uma ideia de quanto você levou da sua agenda e quanto você tem hoje?

R: Cara, eu, sei lá, tenho 90% a mais do que eu tinha até agora. É uma pegada completamente diferente, porque como o que eu faço é muito investigativo, a maioria das fontes eu nem conheço, não sei nome, as pessoas simplesmente me mandam as informações e eu vou lá e apuro e vejo se procede. Eu passei a lidar com muita fonte anônima, algo que eu não tinha muito em *O Globo*. Eu não sei se é porque dentro de uma redação, você não tem muitos contatos com o leitor. Enfim e talvez amanhã esse trabalho que eu já venho fazendo de investigação acaba atraindo confiança. Então eu disponibilizo todos os meus contatos no site. Está tudo lá, as pessoas têm essa facilidade de me mandar e eu respondo na mesma hora. Cresceu muito. Na verdade, eu não consigo nem dar conta hoje em dia. Eu vejo que existe uma demanda muito grande aqui no Rio de Janeiro por jornalismo investigativo, a gente está em um lugar onde a corrupção é explícita, que está cada vez mais presente o tempo inteiro. Então seria ótimo que tivesse mais gente voltada para cobrir isso. Hoje em dia eu tenho de botar uma fila nas matérias que eu faço e manter a minha sanidade também. É muito difícil. Agora, por exemplo, eu estou dando uma descansada três, quatro dias, porque não para.

Eu imaginava que você iria falar que havia levado a agenda de contatos do jornal. Mas pelo que você está me falando, o meio tecnológico lhe traz muito mais fonte e fonte que sequer você conhece, porque é um perigo muito grande...

R: Exatamente. As melhores matérias que eu tenho feito... Na verdade eu trabalho muito com investigação documental, é muito trabalho de rotina, de leitura de diário oficial, de documentos, muitas pautas saem dali. É necessário também essa experiência. Você começa a “catar” tudo, vai lendo, lendo, lendo. Você vai pegando essa experiência e eu caso isso, com basicamente fontes anônimas, que eu utilizo atualmente. Isso acontece das formas mais inusitadas. Às vezes vem de uma maneira cifrada, você precisa meio decifrar aquilo e correr atrás, mas realmente se eu fosse lhe falar em termos de fontes que eu carrego... Eu carrego a experiência profissional, agora fontes, te digo que muito pouco.

Quantas mensagens você recebe sugerindo pautas?

R: Hoje, de fonte deve ter sido isso aí: no WhatsApp umas cinco, de e-mail, umas três.

Para uma pessoa sozinha é muita coisa?

R: Sim, só que tem assim: tem aquelas fontes que são mais fiéis. E algumas realmente eu nem sei o nome, mas elas sempre me mandam informações e já estão meio que na minha agenda mesmo. Já sei que quando eu quero perguntar algo... Sei lá, o hospital tal eu vou falar com aquela fonte ali, que ela vai me dizer o que está rolando ali. Então você já vai acumulando e vão surgindo coisas novas também. Essa semana por exemplo eu tenho aqui uma fila, estou vendo o que tem mais prioridade ou não. E aí às vezes essa fila fura, porque chega um e-mail de um desconhecido mas que dá uma baita história e ele passa na frente...

Quer dizer que temos “fura-filas” no *Blog do Berta*?

R: (Rs) Mas, cara, essa cobertura foi muito desgastante.

O critério que você adota é a relevância?

R: É a relevância que é o que eu acho que efetivamente é mais urgente em termos de consequências do dinheiro público para o nosso estado. Se eu estou vendo que aquilo é um assunto mais relevante que o outro, isso “fura a fila”. Isso aconteceu essa semana agora. Chegou um e-mail dizendo que chegou isso, isso, isso. Eu fui lá confirmei. E passei na frente. Agora é bom porque eu tenho o meu tempo, eu até comentei no meu Twitter que o bom de ter um trabalho individual é que você pode respeitar o tempo da reportagem, porque eu não tenho “chefe no meu ouvido” dizendo que eu tenho de entregar a matéria amanhã.

Como funciona a sua rotina de trabalho e de publicação?

R: Eu tenho de botar metas para não fugir muito disso. O que é a minha meta mínima: duas reportagens por semana e a coluna *newsletter* de domingo. Esse é o mínimo. Quando eu quero ficar mais tranquilo. Tem sido mais por aí. Eu faço aí. Praticamente tudo que eu faço é reportagem. Então não é uma produção em massa. E aí a gente volta ao conceito de jornalismo artesanal. Eu até tenho uma possibilidade de mais para frente de colocar umas notas, porque isso alimenta a audiência, aumentando a produção. Mas eu continuo com a tendência a fazer mais reportagem porque isso dá consequência, que efetivamente gera investigação, e tem como consequência o foco na reportagem. Essa é a minha atual meta. Pelo menos duas reportagens por semana, uma coluna. Podendo avançar. No auge da cobertura da pandemia cheguei a fazer cinco matérias por semana. Mas como eu falei, foi um desgaste.

E o seu horário de trabalho?

R: Eu acordo lá pelas 8h. Leio as notícias até umas 9h e pouco, 10h. E aí passo a ler diários oficiais, do estado, do município, do Tribunal de Contas e no período da tarde eu utilizo para a apuração de tudo o que está na fila. Começo 8h, 9h e aí às vezes entro noite adentro. Como eu trabalho em casa, eu descanso um pouco. Às vezes vou até meia noite. E deixo ela lá programada. Deixo um e-mail para as matérias também. Faço um resumo no e-mail também. Isso está na caixa das pessoas, às 6h da manhã, faço chamadas de redes e tenho de ir movimentando meu Twitter, Instagram, Facebook, com assuntos pontuais para também ganhar seguidor e o trabalho vai se expandido. Então tem esse trabalho de rede, paralelamente.

Trabalha mais hoje ou antigamente?

R: Trabalho mais hoje, porque eu não paro, né? (rs). É meio que direto (rs). Eu não tenho muita pausa. Às vezes a fonte te manda mensagem domingo, 10h da noite. E eu respondo e vou trocando ideia. Porque é meio vício. Eu não consigo parar totalmente de estar fazendo jornalismo. Eu me sinto muito bem com o que estou fazendo. Agora lidar com todas as pressões de mexer com histórias tão delicadas, às vezes pesa. Eu tive uma queda de saúde “braba” nesse

último mês, comecei a ter pressão alta, algo que eu não tinha. Eu tive de “baixar a bola”, porque senão você se envolve mesmo. É “brabo”!

Vantagens e desvantagens de se ter um blog?

R: Acho que o que é fundamental é a independência. É você poder se pautar. É claro que isso também lhe traz um nível de responsabilidade muito alto. Você que controla o processo do início ao fim. Você não tem um editor. Eu sou editor de mim mesmo. Na verdade, eu tenho de ter um cuidado redobrado sim, por conta dos assuntos que eu mexo. Mas destacaria a principal vantagem a da liberdade de conseguir ver o resultado do que estou fazendo, estar modificando tudo, isso é muito prazeroso. A rotina de trabalho eu gosto, porque ela é pouco mais flexível de estar dentro de uma redação. Eu tenho essa possibilidade de dar uma parada, descansar, dar tempo à reportagem para que ela esteja pronta na hora que ela tem de estar pronta. Isso já aconteceu várias vezes. Eu estar com uma pauta e apuro, apuro, apuro. Então deixa eu parar um pouquinho porque eu acho que tem alguma coisa para apurar, mas eu preciso sair um pouco daqui, voltar, respirar e olhar de novo. Aí quando eu volto e olho de novo, descubro algo importantíssimo, mas que eu não tinha visto. Desvantagens? Questão financeira. Não ter um salário certo todo fim do mês. É ruim. É óbvio que é. Não ter o diálogo e a possibilidade de fazer parcerias com colegas. Às vezes isso me faz falta, do trabalho em equipe, às vezes ter alguém mesmo para conversar, dá uma saudade de trabalhar com as pessoas, dividir as histórias...

Você teve problemas de ordem jurídica?

R: Apesar de eu lidar com temas tão densos, nunca tive nenhum problema. Tive uma vez não foi nem um processo, foi uma notificação extrajudicial para que eu tirasse uma reportagem no ar, mas não tirei. Eu pedi ajuda para um advogado de forma voluntária e ele me embasou, eu já tinha em mente uma resposta, fiz uma resposta e se convenceram com a resposta que eu dei para eles. Isso foi mais próximo de uma questão judicial. É o que eu falo às vezes: “se for parar para pensar, eu não vou fazer.” Às vezes as pessoas confundem um pouco: “Ah, você faz um site de política.” Cara, eu praticamente não tenho *off*. Tenho fontes que me indicam documentos, faço links para os documentos, faço rasgadinhas. As matérias não podem ter dúvidas. É “preto no branco”. As minhas matérias não têm margens para fofocas, porque aí eu estou correndo risco. Eu não posso ser um colunista de fofoca de política. Aí a possibilidade de tomar processo é muito grande. Por isso, o meu foco é reportagem, com documentação, com base nisso, eu “tô” relativamente bem embasado.

E ameaça? Você já sofreu alguma?

R: Não, mas não que eu me preocupe. Quem faz, em geral, não ameaça, geral faz. É claro que é uma preocupação. Eu sei que mexi com gente muito poderosa nesses últimos meses. As pessoas sofreram consequências na Justiça, não por causa totalmente das minhas matérias, mas começou por algo que eu abordei. Então é natural que eu fique mais ligado. Mas nunca recebi nada diretamente, nenhuma ameaça direta. Hoje ando um pouco mais preocupado, ligado, não ando tão relaxado como andava.

Você tem tomado algum cuidado específico?

R: Ficar de olho, para ver se aparece algo diferente, fico ressabiado. Estou tocando a minha vida. Eu acho que de certa forma, a exposição de certa maneira ela preserva. Não adianta você se esconder muito. Meu trabalho tem de ter divulgação, se ele não tiver divulgação, não vai ter repercussão, porque aí mesmo que é capaz de acontecer algo. Estar presente, divulgar notícias, não deixa de ser uma certa proteção.

Por falar nisso, o que você tem de redes sociais?

R: Eu faço um pouco à parte mesmo. Para as matérias faço chamadas diferentes para cada uma das redes. No Facebook tem a página do blog e a minha página pessoal. Tem notícias que me “dão na telha” colocar no Facebook eu boto, às vezes, só de comentário. Eu uso bastante o Twitter e ele vem crescendo. Também não necessariamente só para matérias, mas para me manter vivo, colocando tudo nas redes. Cada passo demanda mais trabalho e a gente vai vendo o que dá para fazer. Eu tenho de criar uma lista de WhatsApp para as pessoas receberem as matérias. Na verdade, hoje tudo corre muito mais no WhatsApp do que nas outras redes.

O WhatsApp você ainda não tem?

R: No WhatsApp o que acontece é muito orgânico. Eu sei por exemplo que estou fazendo uma matéria de saúde e eu sei que tenho dez contatos nessa área e que vou repassar e elas vão encaminhar para mais dez. E eu sei que já vai correr, entendeu? Eu passo para algumas fontes, para aquele determinado universo e a partir dali vai andar. E as vezes da própria *newsletter* também, apesar de não ser uma quantidade muito grande. Hoje a *newsletter* está com 2 mil e 500 pessoas mais ou menos, também dali alguma coisa acabe reverberando também. Mas é legal porque eu acho que esse público estará mais junto nas próximas etapas de manutenção do site.

Quais são as informações que você acha que impactam as pautas dos jornais e lhe dão relevância?

Como o trabalho que eu faço é de muita investigação, isso acaba repercutindo. Como às vezes não dão crédito, o que é chato, existe. Eu não sei exatamente, mas um certo preconceito de alguns colegas quando não é um outro grande veículo. Mas já fui citado algumas vezes pela *Folha*, pelo *O Globo*, uma rara vez pela TV Globo (rs)... Foi uma comemoração, depois de toda a cobertura da pandemia, eles me citaram uma vez.

Alguma história específica?

R: Na verdade, o que aconteceu? Eu comecei essa história toda lá atrás, mas o jornal local daqui, eles também fizeram uma cobertura muito boa. Mas começaram depois. E aí até colegas meus disseram: “Poxa, não lhe deram crédito?” Eu acho que é uma questão cultural assim da gente. Não sei de onde parte, se parte do próprio repórter, do editor, mas existe algo de conseguir um crédito, ainda que você veja a sua notícia lá dos grandes veículos – e eu vejo isso rotineiramente. Como eu faço uma cobertura muito intensa de rotina de governo, eu acabo me antecipando muitas vezes aos grandes veículos.

E isso magoa, não é?

R: Cara, é difícil. Eu passo uns dois meses sem desabafar e depois desabafo. Aí melhora. É chato porque as pessoas não percebem, mas quando você dá o crédito para o colega, cresce o jornalismo, cresce todo mundo. É muito legal pro jornalismo do Rio que o blog se consolide. É outra opção. Essa semana demitiram uma “cacetada” de gente do jornal *O Dia*, que era uma segunda opção, de jornal do Rio. Então sei lá, vai que de repente eu consiga manter o blog por mais um tempo só comigo ou que eu consigo um financiamento e que eu consiga gerar uma oportunidade de trabalho para mais uma pessoa, então só se ganha. Às vezes o repórter se vê meio diminuído pela questão do blog. Mas ao mesmo tempo tem muita gente que me incentiva, colegas de outros veículos. Eu já passei até por situações como de colega me passando a pauta, porque não consegue fazer em um grande veículo. Aconteceu já duas ou três vezes.

Como você consegue se manter financeiramente?

R: Eu fiz um planejamento para me manter. Quando eu comecei, eu sabia que não ia ganhar dinheiro. Eu também ganhei uma ação – minha passagem pelo *Intercept* foi meio complicada e isso acabou tendo um processo, eu fiz um acordo com eles e me deu um retorno financeiro interessante que serviu para me dar um “gás” por um período – minha mulher está empregada, eu tenho o plano de saúde dela. Tenho uma vida de classe média normal, moro em um quarto e sala, não tenho luxo, só de viajar às vezes. Não preciso de muito dinheiro, graças a Deus, como diz a música (rs) e me preparei para pelo menos dois anos sem ganhar dinheiro. Na verdade, eu trabalhei também 17 anos em *O Globo* e tive um fundo de garantia bom, tenho algo que a minha família me deu também. Ainda que a Varig não tenha – eu sou da família do Ruben Berta da Varig – a minha família tem isso na história, ainda que eu não tenha pegado muito e que não tenha sido uma pessoa rica, nem nada, ainda estou acima de 95% da população do Brasil.

O seu nome Ruben Berta tem a ver com o Ruben Berta que dá nome para uma avenida aqui em São Paulo (perto do aeroporto de Congonhas)?

R: Sim, sou neto do Ruben Berta, que foi presidente da Varig durante muito tempo. Na verdade, ele foi o primeiro funcionário da empresa e ele foi presidente no período em que a empresa cresceu muito. E aí houve uma fundação com o nome dele. Enfim, eu tenho uma condição de vida razoável que me permitiu dedicar aí dois anos da minha vida a um projeto. E que basicamente eu estou devolvendo um pouco do que eu ganhei na minha vida para a sociedade do Rio e estou me realizando profissionalmente também. Pode ser que daqui a um período, o meu próximo, para viabilizar um projeto como esse a saída é o *crowdfunding* também não tem muito que ir muito além disso. É você conseguir que seu leitor tenha um nível de engajamento com você. Que ele vá colaborar com aquele seu trabalho. Que ele sabe que o seu trabalho é importante, relevante para a sociedade. Isso também faz parte do meu trabalho – não só fazer matéria, mas também ir cativando um grupo pequeno de pessoas. Mas que seja suficiente que esse grupo possa há algum tempo sustentar o meu trabalho. Eu ainda não lancei – era pra ter lançado por abril ou maio – exatamente pela questão da pandemia. Mas tá chegando essa hora, ela vai chegar. E eu preciso muito disso. O que eu penso comigo mesmo? Que eu consiga 500 pessoas e que cada pessoa dê 10 reais por mês. São 5 mil reais. Vou ficar rico com isso? Não. Mas eu consigo me virar, razoavelmente.

Hoje você está com quantos leitores?

R: Eu tenho cadastrado na minha *newsletter* 2.500 e que abrem o e-mail, uns mil. Que metade tope colaborar ...pode ser ousado, pode ...pode não ser? Isso eu vou ver na prática, de repente, não vai rolar. Mas vai chegar um momento e eu aí eu vou ter de fazer uma série de ações para tentar cativar as pessoas para que esse projeto se sustente. A vantagem é que um projeto individual ele não precisa de uma grande quantidade de recursos. Basicamente, eu vou precisar de um *pró-labore*, de algo que me ajude nos custos. Mas eu não preciso de 10 mil leitores para me bancar, porque eu não preciso muito disso.

Anunciantes você chegou a pensar?

R: Anunciante na verdade é complicado. Eu poderia colocar *banner* de *Google adds*, acaba que é tão pouco relevante que vem disso, eu ganharia sei lá, uns 300 reais ao mês? Meu site não tem uma produção imensa acaba não tendo um volume de acessos gigantescos. Por que o que fazem em sites hoje em dia? Hoje você tem dezenas de sites que fazem isso, colocam uma quantidade enorme de textos, copiando de outros veículos ou inventando como esses sites mais ligados a bolsonarismo, mais ligados a *fake news*. E aí os caras conseguem 5 milhões de acessos por mês e aquilo traz um retorno de anúncios. Mas agora no meu caso, com 50 mil e 100 mil acessos por

mês, não valeria a pena fazer anúncio. Pelo menos, por enquanto, iria poluir o site e com um retorno muito pequeno. É claro que se chegar de repente e dizer que tem alguém que lhe quer patrocinar com alguma quantia relevante e essa empresa não tem qualquer interesse político ou manipular o trabalho que você faz, você aceitaria? Sim. Mas o que eu penso em monetização é contar com o apoio dos leitores.

O futuro do jornalismo está no blog?

R: O futuro do jornalismo está muito incerto (rs). O futuro da desinformação está mais consistente do que o futuro do jornalismo, infelizmente. Hoje é muito mais fácil...

Mesmo com a pandemia?

R: Eu acho que ainda é muito difícil mesmo fazer jornalismo de verdade e tornar isso em algo viável. E acho muito fácil você criar sites de desinformação e fazer isso ser viável financeiramente. Acho que consegue algumas iniciativas que conseguem se monetizar, mas elas contam fundamentalmente com apoio de fundos estrangeiros e contam muito com dinheiro de fora, o que para mim é algo inviável. Até o projeto do *Intercept* – que talvez seja o projeto mais bem-sucedido de captação- hoje eles conseguem um volume de recursos bem razoável dos leitores, mas também conta com apoio de um financiador internacional. Então você tem também por trás dessas figuras desses beneméritos – que em geral estão nos Estados Unidos e mandam um “trocadinho” dos bilhões deles para o Brasil para alguns veículos de comunicação.

Mas eu ainda vejo surgir poucas notícias, principalmente nesse eixo Sudeste. Como você está entrando por outros eixos, você vê isso um pouco mais na região Norte, Nordeste, você tem mais essa cultura dos grandes blogs. Com a preocupação que em geral, alguns tem vieses muito políticos, determinados por alguns grupos. Nesse eixo Sudeste, estamos muito presos aos grandes veículos. Fora disso, você ainda tem muita opinião. “YouTubers”, esse pessoal todo repercutindo, mas se você for pegar quem produz informação é pouca gente ainda. Você tem *Agência Pública*, *Intercept*, *Jota*, *Nexo* e você aí começa a contar nos dedos. Blogs de reportagens? São alguns dentro de grandes veículos. Tipo: Rubens Valente, saiu da *Folha*, mas tem o blog dele no *UOL* agora. Ligado a um portal, blog como fonte de informação, reportagem, que não seja opinião é muito incipiente ainda. Aqui, o único paralelo que eu vejo com o trabalho que eu faço é o trabalho do Lúcio de Castro na agência *Spotlight*. É um trabalho individual, de reportagem e como se fosse um blog, mas é um site. É um trabalho muito parecido com o que eu faço, mas que não se viabilizou financeiramente ainda. Algo que praticamente eu não vejo. Porque a gente é meio maluco, né? (rs) Na verdade, estamos desbravando um caminho. É muito pouco que se faz de reportagem, fora das grandes redações, muita opinião e pouca reportagem.

Entrevista Carlos Mendes - Blog *Ver-o-Fato* - Opinião e Denúncias sobre Fatos de Interesse Público - Belém (PA)

Entrevista gravada por Skype (videoconferência) e por áudio (reserva) no dia 8 de outubro de 2020.



Figura 18. Entrevista com Carlos Mendes. Fonte: Autoria própria.

Por que você decidiu criar um blog jornalístico?

R: Deixa eu te dizer: em 2015, meu último emprego foi no jornal *Diário do Pará* aqui de Belém, que pertence à família do senador Jader Barbalho e do atual governador do Pará, Helder Barbalho. Antes eu já havia passado, trabalhei 23 anos no jornal *Liberal* e bem lá atrás trabalhei no outro jornal *A Província do Pará*, no início dos anos 1970. E eu tenho 70 anos de idade, vou fazer 71 em dezembro. Nunca parei. Passei por todos esses jornais todinho e 23 anos como correspondente do *O Estado de S.Paulo*. Quando eu parei, meu último emprego, no jornal *Diário do Pará* – eu sempre quis montar um blog. Mas eu não tinha tempo, eu acho que para você montar um blog você tem de ter tempo de se dedicar principalmente à área jornalística, você tem de fazer tudo aquilo que você faz normalmente no seu trabalho: filtrar informações, checar, ir atrás de fonte, ligar, receber e-mails, trocar ideias, aparar dúvidas, passar tudo a limpo e um blog exige essa dedicação. Como eu não tinha tempo para isso, eu pensei: agora que estou parado, aposentado, vou montar um blog. Aí montei o *Ver-o-Fato Opinião e Denúncias sobre Fatos de Interesse Público*. Fiquei com o *Ver-o-Fato* durante quatro anos como blog. E em setembro do ano passado, acabou de fazendo um ano, graças a evolução que foi tendo consegui transformar em um portal de notícia. Foi assim que ele surgiu: ele surgiu como planejamento, como uma ideia de transformar isso também de agregar financeiramente algo para complementar a minha aposentadoria de jornalista.

Só para eu entender: desses 70 anos, quanto você tem de blog?

R: Tenho cinco anos de blog. Comecei a trabalhar com 16 anos, escrevendo crítica literária e cinematográfica nos jornais de Belém, no início dos anos 1970. São 50 anos de jornalismo na mídia tradicional e 5 de blog. Fazendo jornalismo na Amazônia, essa é verdadeira “selva” a ser desbravada de informações.

Por que você escolheu esse formato de blog?

R: Ele se adaptava mais a minha dinâmica de trabalho. Eu tinha saído de uma redação de jornal, sou da época da máquina de escrever, com barulho, pessoas chegando, aquelas brincadeiras. Hoje em dia as redações de jornais são verdadeiros sepulcros. Você não consegue mais ter aquela

dinâmica, as pessoas, as redações são quase impessoais. Cada um na sua. O sujeito chega ali só consulta o colega para determinada informação, ainda há aquelas brincadeiras assim, mas muito pouco em relação ao que era da máquina de escrever. Eu passei por essa fase passar para o computador. Aliás, eu fui um dos últimos jornalistas do Pará a aderir ao computador. Todo mundo já tinha computador e eu tinha máquina de escrever. Teve um dia que um diretor chegou e disse: “vais ter de fazer, porque agora o sistema aqui está tudo computadorizado e tu vais ter de entrar nessa”. E eu me adaptei e hoje não consigo mais sair. É diferente agora.

Dessa época eu só não tenho saudade do cigarro, porque o pessoal fumava muito dentro das redações...

R: Eu virei fumante passivo por causa das redações. Eu sempre procurava me afastar.

Como foi a escolha do foco editorial?

R: Eu sempre fui do jornalismo da escola generalista. Eu sempre fui generalista em especialidades e não especialista em generalidades. Eu já fiz polícia, já fiz política, já cobri palácio do governo, assembleia legislativa, câmara municipal, delegacia de polícia, bancos, escrevi matérias sobre economia. Sou dessa área generalista. Escrevendo um pouco de tudo. Eu já tinha essa dinâmica quando eu comecei a trabalhar no jornal, porque eu já tinha lido, aos 16, 17 anos, já tinha lido quase toda a literatura universal. Mas eu escolhi os clássicos, os meus, não é? Kafka, Rimbaud, Graciliano Ramos, os contistas russos, todinhos, Dickens, Proust, Poe e sobretudo o Franz Kafka me deram muito a dinâmica de como desvendar os mistérios do jornalismo e os corredores insondáveis do poder. A minha leitura de Kafka me ajudou muito a fazer o que eu fiz nos últimos 40 anos e o que estou fazendo até hoje, que é o jornalismo investigativo.

E você leva isso para o blog?

R: Eu trouxe esse vício, entre aspas, do jornalismo impresso, porque eu acho que você precisa fazer a diferença na rede social, que é uma verdadeira terra de ninguém, onde todo mundo que tem um blog, se acha um pouco repórter. Mas a diferença de quem é do ramo, está no sentido de checar, de filtrar informação, evitar *fake news*. Eu fujo de *fake news* como o “diabo da cruz”. Eu sou obsessivo em evitar isso.

Em quantos jornais você trabalhou?

R: Eu trabalhei em todos os jornais aqui. *A Província do Pará*, jornal *O Estado do Pará*, que me deu uma dimensão muito grande, porque graças a ele, eu fiquei conhecido não pelo jornalismo investigativo que eu faço. Muita gente no Brasil me conhece como o repórter que investigou a “Operação Prato” – que foi a primeira operação militar no Brasil para investigar objetos voadores não identificados, os famosos “UFOs”. Um caso emblemático dos ETs de Colares – não sei se você já ouviu falar – que a Globo já fez muito especial, no canal de TV a cabo History toda hora está passando, que já rendeu muita entrevista para canais estrangeiros. Então de vez em quando sou convidado para proferir palestra no Brasil, porque eu fui o repórter que esteve nos locais dos acontecimentos, antes dos militares brasileiros, em plena ditadura, a mandar a Aeronáutica investigar esses fenômenos. Me atritei com esses militares, tive problemas – tanto que acabei de lançar um livro chamado *Luzes do medo*, onde eu conto tudo isso, toda essa história.

Você chegou a avaliar ofertas de outros blogs para trabalhar?

R: Eu sempre quis essa independência. Quando terminou eu disse chega de patrão, chega de cara dizendo que: “Olha, tá ótima a matéria que você fez. Mas eu vou cortar aquilo, vou segurar porque temos clientes comerciais e isso vai nos prejudicar, vamos acabar perdendo cliente, você

não vai receber o seu salário porque fez uma matéria que contraria o interesse comercial da empresa”. Quando chegou 2015, eu disse: “Chega, patrão nunca mais! Vou ser patrão de mim mesmo.” E eu trato as pessoas do *Ver-o-Fato* exatamente como gostaria de ser tratado. Dou ampla liberdade a elas, mas eu digo a elas: o critério editorial é meu. O critério editorial, a seleção, a manchete, é minha. Você pode sugerir, se eu achar que a sua sugestão bate com aquilo que eu penso. Eu aproveito totalmente a manchete que eles dão quando escrevem as notícias para mim. Essa liberdade é fundamental não só para gerir o seu negócio, mas também para editar no caso de o *Ver-o-Fato* ter essa liberdade de edição. Tem gente que lê o *Ver-o-Fato* porque diz que gosta das manchetes, não gosta tanto do conteúdo. Eu digo: não faça isso, você tem de ler o conteúdo. Eu sempre uso essa figura de linguagem: a manchete no jornalismo ela tem de ser seguida de um bom texto, porque senão não tem graça. É como você vestir uma roupa nova em um defunto ou em um cara doente. O cara está doente, bem doente, compra uma roupa nova e sai desfilando por aí, até que alguém diz: “Olha, fulano, você está bem doente, estou notando por sua aparência. Aí acabou a festa do cara”. Então, no jornalismo, na rede social, é o mesmo. Até porque o *strip-tease* que você faz, digamos, o *strip-tease* moral e editorial da rede social, ele é muito maior do que no impresso. No impresso, ninguém está vendo o que você escreve. É um pedaço de papel. É diferente: aqui você tem de se mostrar, tem de aparecer. E detalhe: eu não gosto muito de aparecer. Mas eu tenho um programa aqui, que eu apresento toda quinta-feira.

É programa de TV, rádio?

R: De TV mesmo, de imagem. Eu convido jornalistas e nós temos o programa chamado *Linha de Tiro*. Eu criei. Eu chamo de “jornalismo sem patrão, sem censura, sem balcão”.

E ele passa onde?

R: Ele passa toda quinta-feira na página do *Ver-o-Fato*. Ele fica do lado direito da página e se chama *Linha de Tiro*. Fica durante uma semana até que vem o da próxima semana. Ele é feito ao vivo, eu gosto do contato ao vivo, os leitores fazem perguntas para os convidados. Tem jornalista que fala de Brasília, que o André Mutran, ele cobre o Congresso Nacional, traz as notícias direto de Brasília. Eu tenho um historiador e um antropólogo da Universidade Federal do Pará (UFPA), que dividem o programa comigo. Mais um outro jornalista. Tenho cinco jornalistas que participam do programa. Às vezes um não pode e entra outro. A média é sempre quatro e o Mutran de Brasília. Eu apelidei ele de “a nossa luneta jornalística na capital federal”.

Esse modelo já é de multiplataforma, não é? Você já está agregando mais elementos...

R: O *Linha de Tiro* já tem três anos. Ele é anterior ao blog. Já fazia antes. Eu já estava empregado e já tinha o *Linha de Tiro*.

Você se lembra da primeira notícia que você deu no blog?

R: A primeira notícia que eu dei foi de uma empresa baiana que se instalou no Pará e montou um “Lixão”, a gente chama assim – essa empresa armazena todo o lixo da cidade de Belém e da região metropolitana, que está em torno de 2 milhões de pessoas e essa empresa montou esse local que eles chamam de resíduos sólidos e nós apelidamos de “Lixão”. A primeira vez que eu fui lá, eu fiquei espantado, porque tinham fechado um “Lixão” antigo e tinham inaugurado um novo, que iria aproveitar os gases e tal e transformar isso em bioenergia, fecharam um contrato bilionário. Quando foi ver, os resíduos estavam sendo depositados, criando novas montanhas de lixo. Isso só tem quatro anos. Eu abri uma guerra, investiguei essa empresa descobri uma série de problemas: contrato superfaturado e o governo todo do Pará prorrogou o contrato com ela, mesmo com uma série de ilegalidades. Ela violou as leis ambientais do estado, fechou igarapés na proximidade do “Lixão”. Ou seja, ela degradou completamente a área. E aí ela estava

impunemente fazendo isso. Eu comecei a denunciar. A grande mídia ficou calada. Os dois jornais ficaram calados, porque ela era cliente dos dois jornais, onde eu havia trabalhado e eu comecei a bater, a bater. Aí os caras começaram: “o Carlos quer isso?”. Queriam me dar entrevista e eu dizia: “então venham para o *Linha de Tiro*”, quero ver a sua empresa, vamos lá filmar a sua empresa. E eles: “não, não pode”. E eu dizia: “vocês estão vendo? Vocês querem enganar a população do Pará e eu não vou permitir isso. Meu jornalismo não vai aceitar esse tipo de coisa que vocês estão fazendo. Vou denunciar vocês”. Denunciei. O Ministério Público abriu procedimento, tem vários processos contra eles e agora a Justiça do Pará deu um prazo no ano passado para que esse lixão seja fechado definitivamente em maio de 2021 agora. Nós estamos acompanhando com o *Ver-o-Fato*, tem uma série de denúncias, desde a primeira reportagem.

Pela descrição que você está fazendo eles prometeram um aterro sanitário e entregaram um lixão?

R: Ainda estão fazendo um “Lixão”. Rapaz, é um mau cheiro horrível, a população foi para a rua. Gente vivia nos hospitais. As pessoas sentiam dor de cabeça, náuseas, aquele mau cheiro dentro de uma cidade pequena, como Marituba. Nós encampamos essa luta contra as pessoas e quando eu comecei, eu fui lá, levava câmera, os caras diziam: “Olha, esse jornalista quer ser deputado, quer ser senador, quer ser algo”. Veio a eleição e provei que não tinha nada a ver. Não sou político. Eu sou político no outro sentido, de fazer jornalismo, da denúncia jornalística, isso aí é fazer política, outro é a política partidária. Eu bato em todo mundo.

O seu percurso profissional ajudou no blog?

R: Tive de agregar a minha experiência com o entusiasmo de fazer jornalismo. Mesmo aos 70 anos. Isso é algo que eu trago comigo e eu vou morrer fazendo jornalismo. Rapaz, “tu trabalha” mais hoje aposentado do que quando você estava no jornal. Hoje “tu vive trancado nesse estúdio, tem de atualizar o *Ver-o-Fato*, tem de checar determinada informação”. Tem gente que liga para mim até na hora de ir dormir e ela diz: “Desliga esse celular” e eu digo que não posso, porque sou jornalista 24 horas. “Você está ficando louco” e eu digo: “Bendita loucura!” e a gente ri. Eu consegui agregar esse entusiasmo – que não é um entusiasmo senil – mas sim de quem vibra pela profissão, mesmo aos 70 anos, com a experiência que eu consegui agregar, que vai evoluindo com o passar do tempo. Aquele cara que diz que é um “bam bam” que não erra nunca, esse aí é um farsante, é um mentiroso, tem de desconfiar. Jornalismo está aprendendo todo dia e a gente vai aprendendo com os próprios erros. Alguns não assimilam os erros e continuam a praticá-los. Eu procuro sempre consertar os meus erros e melhorar cada vez mais.

E a sua relação com as fontes?

R: Aumentou muito e com um detalhe. Eu consigo trazer todas as antigas fontes por onde eu passei. Quando as pessoas me viram assinando matéria no blog, me procuraram perguntando se podiam mandar alguma notícia, mesmo morando fora de Belém e eu dizia: “Pode mandar, o *Ver-o-Fato* é nacional.” Eu adquiri novas fontes na internet. Quando você agrega credibilidade, você consegue dentro dessa terra de ninguém que é a rede social, a internet, você consegue fazer a diferença.

A diferença está aí: quando você demonstra que tem credibilidade, é quando as fontes te procuram já sabendo que você vai dar a notícia. Você vai dizer o seguinte: olha eu quero prova gravada, documental, testemunhal. É assim que eu trabalho: jornalismo investigativo é isso. E ainda tem mais: depois de tudo que você apresentar, eu vou checar pra ver a autenticidade de tudo isso, porque já teve gente que plantou provas contra determinadas pessoas com base em falsidade ideológica, documento falso. Quase que eu caio nessa – não agora na rede social, mas no impresso, de publicar vendetas pessoais com base em documento falso, fui checar, descobri,

“fui para o pau” com a fonte, rompi com a fonte. Acontece muito raramente. Eu e a minha fonte temos cumplicidade. Eu digo para ela: a minha cumplicidade é até morrer. Ela é indissolúvel. Ela é melhor que o casamento.

Numericamente, aumentou, diminuiu?

R: No impresso, a fonte anônima mandava alguma coisa e a gente recebia na caixa de correio do jornal. Tinha um telefone, eu ligava para a pessoa e pedia se havia documentos, fatos, uma gravação, algo que você tenha, para que dê credibilidade e eu posso avançar no fato, ouvindo o outro lado. É assim que eu trabalho. Hoje na internet, eu tenho as fontes que se identificam pra mim. “Olha, eu sou engenheiro, eu sou professor, isso aquilo, está aqui meu ‘Zap’”, eles dizem. É muito mais rápido, muito mais instantâneo checar, se aquilo é uma fonte falsa ou uma fonte que está se apresentando porque ela quer desabafar.

E eu continuo fazendo esse cotejo. Eu acho que a rede social hoje ela abandonou um pouco essa ideia de escrever uma matéria e ouvir o outro lado: para mim isso é fundamental. Às vezes eu fico dois dias com uma matéria, segurando, que eu sei que ninguém tem, porque estou correndo atrás da fonte, do outro lado. Só quando eu não consigo ou eu sinto que não quer falar, eu coloco que “fulano de tal foi procurado e o espaço está aberto”. Depois que eu publico, sempre aparece um advogado para dizer que: “Não foi assim, não foi assado”. Então eu digo: “Olhe, mande a sua resposta, o espaço está aberto”. Eu digo sempre para todos eles que eu não tive como segurar porque a informação estava documentada, tem prova. Hoje tem conversa de “zap”, no impresso não tinha isso. Hoje tem Twitter. Você deixa rastro de informação em tudo que é lugar da rede social. A rede social é uma “terra de ninguém”, mas é muito produtiva para o trabalho jornalístico. Tem jornalista que fica de olho fechado, que não consegue investigar nada, porque ele acha que o mais importante é produzir. Eu acho que esse é um mal da imprensa nacional. Eu já trabalhei em um grande jornal e ainda continuo, que é o *Estadão*, onde havia um rigor, um critério na informação, a informação enxuta. Às vezes eu tinha material para escrever uma página e o cara dizia: “Olha, transforma isso em 60 linhas”. Eu fui me adaptando a essa realidade de “vender o peixe” em 60 linhas tranquilo e o jornal dar a manchete. Se você colocar o meu nome no *Estadão* vai encontrar mais de 6 mil matérias. Quando eu olho pra trás, eu me pergunto como eu consegui produzir tanto? Eu, um cara aqui da Amazônia, mais requisitado quando eles exigiam e conseguia dar conta do recado. Onde foi que eu cheguei? Como cheguei a fazer isso? Dentro das minhas limitações. Eu tenho uma seqüela de poliomielite. Aos 2 anos de idade, eu tive paralisia infantil. Os médicos diziam que eu não ia andar, que eu ia ficar paralisado. Não só andei, como corri, subi em árvore, joguei futebol, quebrei a perna jogando futebol. Viajei toda a Amazônia, pelo *Estadão*, pelos jornais daqui...

Pegou malária?

R: Não, mas estive no auge da malária no município de Afuá, na Ilha do Marajó, quando 92% da população estava com malária. E a minha mulher dizia: “Agora, tu não escapa”. E eu escapei. Os cientistas do Instituto Evandro Chagas, aqui de Belém, investigaram a malária e estavam no avião comigo e disseram: “Carlos, olha eu tenho uma teoria: como você teve pólio, você deve ter adquirido algum tipo de imunização contra determinados vírus” (rs). Agora com a Covid, muita gente pegou – eu não diria que ia me expor, eu fiquei e estou de quarentena até hoje. Os protocolos aqui de casa são rígidos, tiramos os sapatos antes de entrar, usamos máscara, álcool em gel. Agora: arma na cara, ameaça de morte, eu sofri inúmeras.

Você teve muita ameaça nesse período?

R: Sim, principalmente na área de conflito de terra, que é a minha praia. Extração ilegal de madeira, trabalho escravo, crime organizado, garimpagem ilegal, tráfico de mulheres e crianças

para abuso sexual de Marajó para Europa. Tudo isso eu já relatei em muita reportagem. Agora imagina os interesses contrariados por trás disso.

Você citou o tamanho da reportagem no jornal, das 60 linhas e lá no blog, como funciona?

R: Eu aprendi que quanto menor e mais condensada for a informação na rede social, ela é mais digerível para o público. O meu conselho – se eu tivesse condições de aconselhar alguém – eu diria o seguinte: escreva texto bem curto, enxuto, se você puder transformar 60 linhas em 15 linhas... O leitor de rede social não tem tempo de ler notícia muito longa. Só quando interessa a ele. Eu digo: olha eu vou narrar porque o E.T. de Colares desceu do céu, chupou o sangue das pessoas, como está no meu livro lá. Aí o cara que se interessa vai ler. De vez em quando vem gente aqui em casa e pergunta quanto está o livro? Eu digo: 50 reais. O sujeito leva dois, dá de presente e volta depois para comprar, porque a pessoa que leu quer dar de presente para outra pessoa. Essas notícias na rede social hoje elas agravam mais a responsabilidade, porque você tem de escrever menos, mas dar a mensagem de um conteúdo que seja interessante para as pessoas.

Qual a vantagem e desvantagem de ter um blog?

R: A vantagem é administrar o seu tempo. Ao contrário das cinco horas do jornalismo, mas ninguém nunca trabalha só as cinco horas, a não ser o burocrata do jornalismo. Eu vivia nas redações. Quando eu chefiar nas redações, eu não podia cobrar dos outros o mesmo desempenho que eu tenho, porque cada um tem a sua dinâmica. O sujeito que não se dedica tanto é porque o jornalismo para ele é só para ganhar um dinheiro ali e depois partir para uma outra profissão.

É só um pulo para ele. Jornalismo para mim é uma praia, algo que eu me dediquei, razão da minha vida. Eu não posso querer das outras pessoas da mesma forma que eu sou. Então eu entendo isso. Eu compreendo isso. Na rede social, eu consigo administrar esse tempo hoje, porque chega muita notícia. Algumas informações são de colegas que dizem que “Olha eu não posso publicar isso no *O Liberal*, nem no *Diário do Pará*, nem no jornal do governador, nem no jornal do senador, você publica no *Ver-o-Fato*?”. Então eu falo: “Deixa eu ler, ‘tá amarrada a matéria?’” “Tá sim”. Então me dá que eu publico. Aí a pessoa diz: “Mas se você publicar do jeito que eu lhe mandei vão saber porque está lá a matéria original”. Eu digo: “Deixa que eu reescrevo”.

Aí eu pego toda aquela “maçaroca” e vou ter de reescrever. Quando eu vejo que vale a pena, que ninguém deu, censuraram, eu gosto de colocar a tarja de exclusividade. Isso faz a diferença, entendeu? Exclusivo...eu criei essa tarja da exclusividade e isso fez o blog crescer, porque o cara diz: “Opa, só ele que tem. Só ele que tem”. Um dia desses eu vi um blog aqui no sul do Pará, de Marabá, ele botou em caixa alta “exclusivo”, até o meu filho falou: “Olha, pai, já estão imitando, *Ver-o-Fato* está fazendo escola...”, eu disse: “Que bom, que bom, essa escola que eu aprendi. Estamos dando só os caminhos das pedras.”

Esse exclusivo é o furo jornalístico. Ele faz diferença no blog?

R: É a grande diferença na rede social. É o furo jornalístico também. Recentemente, eu fui convidado para voltar a dirigir a redação do jornal *O Liberal*. O jornal *O Liberal* já foi o de maior vendagem no Norte e Nordeste. Ele estava “pau a pau” com o jornal *A Tarde*, de Salvador, no início de 2010, por aí. Era uma das maiores tiragens. Tirava 150 mil exemplares no domingo e de 60 mil a 80 mil durante a semana. Fui 10 anos chefe de reportagem. Teve um momento que eu quis sair para fazer o que eu gosto que é reportagem, vou investigar, porque eu sou essencialmente repórter, porque você fica se envolvendo demais. Você acaba tendo um envolvimento que foge à sua competência. Você acaba se envolvendo demais com falta de condições da redação: filme para fotógrafo, pilha para gravador, motorista que precisa buscar repórter não sei aonde, assinar ordem de serviço, isso estava me burocratizando.

Eu sempre dizia que estava me “burrocratizando”. E eu não quero me “burrocratizar” dentro de uma redação, saí, fui ser repórter especial. Mas em uma rede social, qual é a desvantagem? A desvantagem é que você está muito sujeito a uma interrupção – se houver um *bug* na internet, acabou o seu trabalho. Ontem a área técnica me informou que nós sofreremos mais de 1.800 ataques na rede social. Tivemos de bloquear tudo isso. Três blogs aqui do Pará foram tirados do ar: portais, blogs e sites. O *Ver-o-Fato* escapou ileso, porque tenho uma equipe técnica que é muito boa. Paga para não ter problema. Eu estou aqui, mas ele está cuidando. Ele está atualizando os *plugins* que chegam. Tá sempre atualizando, bloqueando tentativa de ataque. Ele me disse que às vezes, à 1h da manhã, ele não dormiu, ele vai ver antes dele deitar se tem alguém tentando algum ataque. Ele já conseguiu identificar. Quando ele acorda, a primeira coisa que ele faz de manhã é correr e ver se alguém conseguiu tirar o *Ver-o-Fato* ou não. Tem dado certo, mas é o trabalho de um profissional.

E isso é resultado do seu crescimento...

R: Exatamente. Isso agrega também credibilidade de pessoas que estão por trás, sustentando isso. O público pensa que a credibilidade só é de quem está escrevendo, assinando matéria. Não é não. É de quem está por trás. Trabalho em equipe. Sempre valorizei esse trabalho. Todo mundo tem a sua importância dentro da dinâmica da informação.

Hoje você tem quantas pessoas trabalhando?

R: Hoje eu tenho só três pessoas que produzem informação: sou eu e mais, que são pagas. Os outros são só colaboradores. São colunistas, mas que também são remunerados. Eu falo para eles escreverem quando tiverem uma folga. Tem colunista aqui que escreve duas vezes por semana, outro uma vez por semana. E eu tive a felicidade de ter na nossa equipe uma pessoa que é meu amigo e é um dos maiores intelectuais brasileiros e que a *Folha de S.Paulo* e *O Globo* estão correndo atrás dele para fazer capa de “Caderno Cultural”, que é o Vicente Cecim. Ele é um intelectual paraense que acaba de lançar o livro dele em vários idiomas. Ele tem *Os jardins da noite*, *Viagens a Dandara*, ele criou uma Amazônia imaginária, mítica, nem real, nem irreal, mas uma Amazônia que é uma quantidade do real e do irreal, ele vem sempre aqui e conversa muito sobre isso. Eu disse para ele criar uma série sobre a Amazônica mítica. Deixa que sobre a Amazônia que está tendo a madeira roubada, eu escrevo. Essa Amazônia do dia a dia, que toma “porrada” toda hora, que as ONGs não fazem nada, que o governo Bolsonaro não faz nada, essa Amazônia eu tomo conta, do dia a dia, da denúncia, do Ministério Público Federal tomando providência. Agora a Amazônia mítica, do boto, a Amazônia grande, do curupira, encantada, essa Amazônia “tu vai cuidar”. Então ele está cuidando e está dando muito certo.

Quais são os tipos de informação que você acha que impactam as pautas dos jornais e lhe dão relevância?

R: Eu para começo de conversa não leio mais os jornais daqui. Primeiro porque pra muita gente e para mim também, eles perderam o interesse. Estão muito repetitivos, não se renovaram, não criam. O jornalismo hoje ele te induz à ousadia da criação. Se você não estiver preparado para ousar na rede social, você vai ser tragado, você vai ser mais um que tem um blog. Mais um que tem um site, mais um que tem um portal. Com essa compreensão que eu tenho, eu acho que todo dia eu tenho de apresentar alguma coisa nova para o meu leitor. E onde está essa novidade? Como identificar isso? Eu ainda estou tentando. Para mim é uma praia nova. Eu tenho de penetrar na mente do internauta, saber o que ele gosta. Eu já sei identificar alguns aspectos. Tem muita gente que ainda gosta do velho estilo. Eu pergunto para as pessoas do que você gostava de ler? E elas dizem que abriam o jornal para ler política, esporte, fofoca de TV, a “bunda” da celebridade...e política? “Só abria pra ver se o governador estava roubando, se o prefeito estava

batendo em alguém, se na Câmara Municipal tinha algum vereador falando besteira, isso me interessava”.

E hoje na rede social? “Ah, eu prefiro ver o que o *Ver-o-Fato* diga o que é interessante”. Você veja que interessante: o público espera que o conduza à informação. E não é isso que eu quero. Eu quero que o público diga o que é interesse dele. Você vê o desemprego grande. Meu filho disse para criarmos uma página – muita gente desempregada, cresceu o número de pedintes, batendo nas casas das pessoas, pedindo comida. Eu acho que isso está no Brasil inteiro, aqui em casa não é diferente. Antes da pandemia, poucas pessoas, raríssimas pessoas batiam para pedir comida, hoje todo dia tem gente batendo. Às vezes a minha esposa fala que tem gente pedindo comida e eu sempre mando dar um prato. A pessoa come e a gente vê que ela está com fome – esse problema social hoje me leva a escrever sobre isso, porque acho que muita gente que não tem dinheiro para comer, mas tem um “celularzinho”, se você disser que tem uma dica de pedreiro, encanador... Nós estamos fazendo isso agora, divulgando a lista de empregos do Sistema Nacional de Emprego (SINE) e divulgando isso e tem gente que tem agradecido, dizendo que é um belo serviço de utilidade pública. Mas eu não me contento com isso, eu quero dar dicas para se defender da violência, da criminalidade, da marginalidade.

Nós já estamos conseguindo fazer isso também. Eu peço para os nossos colunistas escreverem artigos do cotidiano em que as pessoas se identifiquem, ele conta na história dele, uma história que o sujeito vai se identificar. Tem um rapaz que está escrevendo para nós, ele é motorista de Uber (aplicativo de carros). Eu o chamei e disse: “Olha quantas histórias do ser humano, dos dramas sociais, você não ouve no dia a dia? Põe isso no papel, põe isso na rede social, o cara se inspirou e não quer mais parar de escrever. Ele quer escrever todo dia.” Eu disse a ele: “Todo dia não. Tu vais se desgastar. E vai chegar um momento que tu ‘assumiu’ um compromisso de escrever todo dia e tu vai dizer que não teve tempo.” Quando chega no fim do mês, o meu filho deposita um dinheiro para abastecer o carro dele. O que eu quero? Quero ampliar essa oportunidade de trabalho. Pagar uma remuneração que seja digna para essas pessoas, mas ao mesmo tempo, a gente precisa faturar. Eu nunca pensei que além de jornalista, eu seria um empresário de comunicação de mídia social. O *Ver-o-Fato* é uma empresa jornalística, com registro na Junta Comercial, pagamos ISS, estamos no Simples, quer dizer, nós somos uma empresa jornalística. Tem gente que às vezes liga e diz que quer publicar uma nota de utilidade pública que é de graça. Eu digo: “Olhe, liga no departamento comercial, que não é assim que funciona.” Poxa, o cara tem uma empresa e quer publicar uma nota de graça? Não tem sentido. Ainda mais a gente sendo uma empresa jornalística. A gente tem no fim do mês, que de uma forma ou de outra, pessoas que precisam receber.

Você não foi treinado para ser empreendedor?

R: Não, não fui treinado. As circunstâncias me levaram a essa condição.

Essas pessoas que você contratou são do mercado?

R: Dois jornalistas do ramo mesmo, que trabalhavam como repórter. Eu digo para eles: tu não precisas escrever muito, tu precisas produzir uma informação curta e que seja de interesse dos nossos leitores, dos nossos internautas. Tu não precisas ficar o dia inteiro na frente do computador. Eu preciso porque sou o editor e preciso me atualizar. Mas você que está só ganhando o seu dinheiro para fazer aquilo, administra o seu tempo, manda só uma notícia de manhã, 15 linhas desse assunto, eu vou ler e vejo se vale a pena. No fim do dia, o cara manda duas, três, quatro matérias, ele nem sente que vai mandar aquilo. É diferente de você ter de cumprir uma pauta dentro de uma redação, onde você tem de cumprir coisas e compensar produzindo uma outra informação, de horário imposto pelo contrato de trabalho que você tem. Ainda temos isso, nós temos uma contadora que analisa essas questões do cara ficar doente, como é que é. Já estamos pensando em agregar plano de saúde. Estamos conversando para a

gente agregar, mesmo que o sujeito não tenha um horário fixo com a gente. Eu acho mais do que justo a gente ter uma garantia de que, quando ele ficar doente, o plano de saúde vai atendê-lo, pago pelo *Ver-o-Fato*.

Como você fez para organizar o blog financeiramente?

R: Foram quatro anos sem nenhum anúncio e eu sozinho produzindo compulsivamente. Eu achava que quanto mais informação eu produzia – detalhe eu trouxe a dinâmica da redação para o meu blog – então eu produzia normalmente o que eu estava acostumado a produzir. Escrever meia página, às vezes, até uma página diariamente. Vários tipos de notícias, depois fui eu vendo que isso estava me consumindo, me desgastando, vou começar a reduzir isso. Foi por aí que eu comecei a me cercar de uma série de pessoas, uma delas é o meu filho que disse para gente começar a cuidar da parte financeira. Ele começou a ir atrás de publicidade.

Aí, ele começou a fazer os contatos?

R: Ele começou a fazer os contatos. O nosso crescimento veio – de um ano para cá, ele deixou a ter formato de blog e passou a ter formato de departamentos, editorias, meio ambiente, política, atualidades, esportes, lazer, cultura...

Eu tive dificuldade para entender onde vocês estavam, se era mesmo em Belém, são notícias de tantas cidades...

R: Pois é. Nós estamos devagar, mas nós conseguimos trazer colegas de onde eu já colaborei como Marabá, Parauapebas... Às vezes a pessoa pergunta se a notícia que ele produziu para o blog dele lá, serve para *Ver-o-Fato*. Aí eu digo: manda. Só fazemos uma reescrita, citando a fonte. Eu faço sempre isso, procuro ter essa lealdade. Não usurpar o trabalho do colega, mas adaptar aquela informação feita localmente para ter uma amplitude maior no *Ver-o-Fato*. Eu dou uma “mexida”, dou o meu “molho” na matéria. Mas aí eu digo: fonte lá no original. Aí o cara quando vê a “mexida” diz: “ ‘Égua’, ‘tô’ com vontade de reproduzir essa notícia que eu já tinha dado aqui, mas tu “deste” para outra cara. Ficou legal, tá todo mundo me ligando aqui, os colegas viram o meu blog no *Ver-o-Fato*”. Os colegas vibram com isso, porque eles acham que eu tenho esse “jogo de cintura” de pegar e ler, fazer uma leitura da notícia, do que pode ser melhorado, “apimentado”. Às vezes eu tenho a informação que o cara não tem, eu já agrego, porque eu “tô” aqui na cidade (capital) o cara não está lá, não vai poder ouvir o governador, o prefeito, o secretário de Segurança, eu já tenho uma rede de fontes.

De repente, a matéria que era curtinha foi ampliada, não perdeu a essência da fonte. E isso é muito bacana. Então já tenho gente no sul do Pará que quer ser repórter, mas remunerado. A minha ideia é criar uma rede de correspondentes. Eu já tenho gente no Amazonas e Roraima. Eu já estou publicando matérias de lá. Logo, logo, a gente vai ter uma rede de correspondentes só da Amazônia. E isso é projeto para 2021.

E a parte do financeiro? Você consegue ter um rendimento maior, menor ou empata do período que você trabalhava no jornal?

R: Eu te diria que entre receita e despesa, com pagamento de todo o pessoal no fim do mês, parte técnica, repórteres, fotógrafos, cinegrafista, colunista do Uber, dá para pagar as despesas e sobra algo. Estamos criando uma renda que sobra algo no fim do mês para o anúncio que falhar. Temos anúncio estatal e privado. Priorizo o anúncio privado, porque o anúncio estatal, dependendo do que produzir uma reportagem, pode provocar prejuízo. Eu já passei por isso nos jornais. Eu sou meio doido em relação a isso. A liberdade de publicar e o direito do público de ter acesso à informação são sagrados. Se eu não puder fazer isso, eu perco o grande anúncio que eu tenho no governo ou na prefeitura, mas eu não vou abrir mão disso. Agora, da iniciativa privada é diferente. Nós temos quatro clientes privados, que eles não pedem nada, não nos cobram nada e

está lá o banner deles, está lá a informação – quando eles querem mandar algo deles, eu coloco como informe publicitário, para não ser confundido com noticiário produzido pela redação e para que o público saiba que aquela matéria não foi produzida por nós e sim pela assessoria do cliente. A gente delimita os parâmetros comerciais sem sacrificar a qualidade jornalística. Hoje o *Ver-o-Fato* me dá um ganho de mais de 50% do que eu ganhava.

E você está dando emprego, dando notícia...

R: Detalhe: dos repórteres que recebem hoje estão recebendo acima do piso salarial do Estado do Pará. Estão recebendo acima. E ainda tem desconto do ISS. Não existe carteira registrada, mas existe imposto pago.

E a sua rotina?

R: Hoje só de matérias que chegaram pra mim e eu não pude publicar, eu tenho nove matérias. Eu vou dar tratamento para publicar amanhã. São matérias exclusivas nossas. Começo a trabalhar às 7h30 da manhã e vou até às 20h30. Essa é a minha dinâmica. Eu gosto de trabalhar ouvindo música. Tem música rodando. Gosto de ficar ouvindo rock, blues, jazz. Eu tenho uma rádio na internet, que administro e ainda faço programa. A sintonia está 24 horas no ar. Tem gente que vem aqui apresentar programa. Ela ainda não está no *Ver-o-Fato* estamos tentando colocar.

Para você, o futuro do jornalismo está no blog?

R: Eu acho que o futuro do jornalismo está em tentar se reciclar, ousando. Eu não vejo essa ousadia, eu vejo uma meninice de você correr atrás de informações oficiais. As informações oficiais são boas, mas a verdadeira informação é aquela que está na sociedade, pulsando, reclamando, denunciando. Eu acho que a gente tem mais que estar sintonizado com isso. E a maneira de se encontrar essas fontes é a rede social, é a internet, esse é um vastíssimo campo a ser explorado. Eu te diria hoje que a rede social, a internet, para *Ver-o-Fato* é um campo maior a ser explorado do que a Amazônia. Nós estamos aqui e em muitos aspectos a gente se identifica: nós já temos uma rede de informantes. Eu tenho informante onde você possa imaginar: na Polícia Federal, Secretaria de Segurança, no governo, na prefeitura, nas áreas política, empresarial e sobretudo em movimentos sociais. Eu acho que o futuro do jornalismo está na rede social.

Entrevista com Marco Aurélio D'Eça - Blog *Marco Aurélio D'Eça* - São Luís (MA)

Entrevista gravada por Skype (videoconferência) e por áudio (reserva) no dia 8 outubro de 2020.



Figura 19, Entrevista com Marco Aurélio D'Eça. Fonte: Autoria própria.

Por que você decidiu criar um blog jornalístico?

R: Na verdade, o blog hoje é o mais antigo em atividade no Maranhão. Antes de mim tinha apenas do Décio Sá e o do Walter Rodrigues, ambos já falecidos. Jornalistas que foram os primeiros a usar essa plataforma, a gente chamava de “coluna eletrônica”. Aí depois vieram os blogs, o meu foi criado em 26 de setembro de 2006, completou agora 14 anos. Eu entrei logo no início quando estava no *boom* da blogosfera – era uma alternativa da gente ter uma comunicação mais pessoal, a gente tinha mais condições de emitir a nossa opinião, apresentar o nosso ponto de vista por meio dos fatos, era quase uma coluna eletrônica. Quase 14 anos depois, o meu blog hoje tem essa característica: ele não é um blog estritamente noticioso, mas um blog analítico, de análises pessoais, da situação política. A gente trabalha especificamente com política, análise de dados...

Naquela época você trabalhava em algum jornal? Conta um pouco pra gente da sua trajetória?

R: Eu comecei no jornal *O Estado do Maranhão*, trabalhei antes numa pequena rádio evangélica, passei 3 anos lá, depois fui para *O Estado do Maranhão*, ainda na faculdade de Jornalismo. E aí entrei lá em 1995, logo no início do governo Roseana Sarney (dona do jornal e do grupo Mirante) e passei pelas editorias de cidade, polícia. Um ano depois eu estava na editoria de política, onde fiquei como repórter até 2010. A partir de 2010, eu assumi a editoria de política do jornal e fiquei lá até 2018. Saí de lá em 2018 porque eu resolvi trabalhar na campanha de um dos candidatos a senador aqui do Maranhão e eu decidi me afastar do jornal e também para cuidar mais do blog. Hoje eu tenho a minha atividade jornalística, mas no blog mesmo. Eu trabalho mais com consultorias e na atividade do blog noticioso. Informação é por meio do blog que eu tenho diariamente. É um blog que atualizo diariamente, com exceção aos domingos, que eu tiro para descansar.

Você se formou em que ano?

R: Eu me formei em 2001 mais ou menos. Eu fui trabalhar e fiquei adiando as cadeiras, as disciplinas. E acabei atrasando um pouco. Estudei na Universidade Federal do Maranhão

(UFMA) e fez um *Master* em Jornalismo Digital na Universidade Estadual de Londrina (UEL), uma especialização, em 2014.

De 2006 a 2018, nesses 12 anos, você trabalhava no jornal e mantinha o blog?

R: No início, o blog era vinculado ao portal imirante.com, que é vinculado a uma repetidora da Globo, a TV Mirante, uma afiliada que tem um portal de notícias, o *Imirante.com*. Os blogs quando surgiram, surgiram vinculados a esses portais. Todos os blogs que tinham dados pessoais da casa, do grupo Mirante, eram vinculados a esse portal: o *Imirante.com*.

Aí a gente ficou lá até 2010. Em 2010, por questões legais e até de prevenção da própria empresa, havia aquela questão dos processos, muitos processos, como os blogs também, com os adventos dos blogs que a gente passou a mostrar mais a cara do jornalista, sobretudo na área de política, aí vieram aquela enxurrada de processos. Qualquer opinião que a gente desse no blog era motivo de um processo, por calúnia e difamação, aquela coisa toda. E aí a empresa que mantinha o blog tentava se desvincular disso, “não a gente tem, mas não se responsabiliza pela opinião”. Aí como tinha aquela relação toda de funcionário – o departamento jurídico via aquilo – houve um certo cansaço. Até que a gente decidiu se afastar. Embora eu tenha continuado no jornal como editor de “Política”, meu blog passou a ser independente, a gente deixou o jornal e passou a ser uma página independente. Aconteceu com vários, não foi só comigo. Vários outros jornalistas que tinham um blog, optaram por esse afastamento. Até para manter uma linha de independência. Uma independência editorial em relação ao jornal e ao grupo.

Você tem noção de quantos processos você tomou até hoje?

R: Olha, chegou uma época que eu tinha mais de 100 processos. Em todas as esferas: desde a esfera federal, na Justiça Federal, até aquelas mais informais, juizados informais e sobretudo na Justiça Eleitoral, a grande confusão era na Justiça Eleitoral. Felizmente eu nunca tive nenhuma condenação criminal nesse período todo. A maioria foi arquivada. Eu acho que de todo, desses mais de 100 nesse período, sobraram dois ou três, que ainda estão tramitando, mas sem perspectiva de resolução de causa e até com encaminhamento para arquivamento mesmo. Até as decisões do Supremo Tribunal Federal têm encaminhado para que haja uma certa – posição uníssona, unânime – de entender que os blogs, os veículos de comunicação, ainda que seja uma crítica ácida, não significa exatamente uma calúnia, agressão pessoal. Tem encaminhado para isso. Então acabou aquela tensão que existia. Logo no surgimento dos blogs – para o bem ou para o mal – ele deu essa liberdade de comunicação, “mais pessoal”, “mais livre” – entre aspas – mas abriu muito espaço pra muita gente sem informação, sem informação profissional, se ocupou desse espaço, aí virou blogueiro.

Eu costumo dizer, por exemplo, que eu sempre usei nos textos: eu sou blogueiro, porque eu sou jornalista diplomado e não virei jornalista porque sou blogueiro. Fiz o processo todo: fiz Jornalismo, atuei em jornalismo e aí quando eu surgiu a coluna optei pelo blog, como jornalista. Mas tem muita gente que entrou, nunca tinha passado por uma faculdade de Jornalismo, não tinha atuado em nada de jornal, não entendia absolutamente nenhum conceito do que é jornalismo e entrou e fez o blog hoje tem até uma relevância na blogosfera. Eu não, sempre disse que era jornalista.

Você falou sobre ter mais opinião. Pelo fato de o blog estar dentro da plataforma você não tinha essa condição?

R: A gente conseguia sim. Apesar de escrever mesmo como editor, eu sempre escrevi muito e fazia sempre as minhas próprias matérias. Eu era repórter e editor – ao contrário da maioria dos editores que passaram pelo jornal, eu ia para a reportagem, acompanhava o noticiário, acompanhava os fatos e escrevia a matéria como editor e assinava – nós sempre tivemos essa liberdade toda de opinar, de fazer análise dos fatos, sobretudo nas matérias especiais aos

domingos, mas como havia o vínculo político com o grupo detentor do jornal, que é a família Sarney, sempre existia aquele choque – nunca houve censura, do tipo que você não pode fazer isso ou aquilo – mas a gente percebia uma certa tensão em alguns pontos. A crítica maior ao governo Roseana Sarney era motivo de tensão de animosidade, eu diria.

No jornal você não fazia essa crítica, no blog você conseguia fazer?

R: Exatamente. No blog era mais livre. Quando havia essa crítica no jornal, sempre havia uma repercussão disso: olha o fulano reclamou, não tem que fazer assim, tem que ir com mais calma, era meio velado. No blog não, havia mais liberdade, era algo assim que mesmo que as pessoas soubessem que eu trabalhava no jornal, que era editor no jornal e pensassem: “Como ele faz aquilo no blog?” Mas o blog é dele, é de responsabilidade dele, a gente não tem nada a ver com isso. Hoje em dia está mais tranquilo.

Nessa época vocês tinha aí o jornal *Pequeno*?

R: Tem. O jornal *Pequeno* e os seus blogs que também teve o mesmo processo, mas que depois cada um foi saindo. Eu acredito que hoje a blogosfera só funciona mesmo como uma página pessoal, do jornalista. Esse vínculo a um portal tem muitas crises. Eu acompanho muito esses grandes jornalistas nacionais como Reinaldo Azevedo, Ricardo Noblat, Josias de Souza, Fernando Rodrigues, todos eles – um tempo o outro já tiveram problemas de crises por causa das suas opiniões. O Reinaldo Azevedo sobretudo sempre está mudando de veículo por causa do choque de opinião diante do momento político. Eu acho que, quando se cria uma página de opinião mesmo, meu domínio *marcoareliodeca.com.br*, sou eu respondendo. Fica mais livre, mais solto, é claro que a responsabilidade aumenta muito, porque aí nós não temos o anteparo jurídico da empresa, de um grande grupo. Mas a gente consegue ser mais solto, mais livre e passa a ter uma relação de maior respeito pela própria fonte e dos personagens da notícia que não vê mais como aquele cara ali é ligado a fulano de tal, ele está fazendo isso porque recebe dinheiro de alguém, porque ele é ligado ao grupo tal e está “tacando pau”, entende?

Então tudo isso, aquela opinião daquele cara é mais respeitada. Eu consegui isso e posso dizer com um certo orgulho de 14 anos depois ser alguém que as pessoas esperam o que eu digo sobre determinado fato. Hoje, por exemplo, saiu uma pesquisa de opinião sobre as eleições municipais de São Luís e aí todo mundo botou a notícia de manhã cedo. Mas as pessoas durante a manhã inteira até agora estão esperando o meu comentário. Eu acabei de colocar no blog essa análise da pesquisa. Aí as pessoas começam a acessar e a responder. Geram aqueles fóruns. Tinha muito isso no começo. A gente fazia o *post* e vinham os comentários. Hoje está mais tranquilo: as pessoas leem e fazem o comentário. Mas hoje não tem mais aquela “gana” de ficar respondendo aos comentários.

Você falou dos processos e eu lembro que aí no Maranhão já teve blogueiro assassinado. Você já recebeu alguma ameaça nesse período?

R: Ameaça não. Tem aquela provocação: ainda hoje eu ouço após uma publicação: “Olha, foi por isso que aquele blogueiro morreu, fala demais”. São “ameaçazinhas” da pessoa chegar e dizer: “Se cuida, prepara”. Eu fiquei com muito medo na época do assassinato do Décio Sá, confesso. Eu andava muito assustado, quatro, cinco meses depois, eu andava assustado. A gente andava no trânsito com medo, qualquer movimentação de motociclista já era mais uma preocupação. Houve esse momento muito difícil na relação de blogs aqui.

Houve alguma movimentação das autoridades por vocês serem mais expostos?

R: A gente chegou até a conversar. Alguns jornalistas foram até a Secretaria de Segurança. Eles diziam que estavam acompanhando. Qualquer problema, a gente vai comunicar vocês. Se for preciso uma proteção maior, a gente vai disponibilizar para vocês. Mas assim, nada

efetivo. O mais efetivo aqui foi uma conversa que a gente teve com um desembargador da justiça – ele muito ligado aos jornalistas – uma vez conversando com a gente ele disse: “você todos os jornalistas estão sob uma condição chamada legítima defesa presumida”. Eu perguntei para ele: mas o que significa isso? Ele disse: “qualquer um de vocês que se sentir ameaçado por alguém e tomar uma atitude contra ele é considerado legítima defesa presumida, porque vocês estão em um estado de tensão. Se um motoqueiro começar a seguir vocês e por um acaso você der uma batida e derrubar ele é uma legítima defesa”.

Mas você não precisou usar essa legítima defesa presumida? Alguém comprou arma por conta disso?

R: Não tenho conhecimento. Acho que não. Eu nunca comprei (rs).

Como você escolheu esse foco editorial de política para o blog?

R: Eu já tive um certo interesse por política mesmo antes de entrar para a faculdade. Eu entrei na Comunicação em 1992 em uma campanha eleitoral... Eu trabalhava com um amigo que seria candidato a vereador e passei a trabalhar as articulações de mídia dele, muito rudimentar, não tinha quase nada. A gente vivia em um mundo analógico. Datilografia, fax, mas a gente conseguiu fazer. Aí fui trabalhar na rádio evangélica Esperança FM, antes mesmo de entrar na faculdade. Comecei a trabalhar como locutor, depois repórter e fui diretor de jornalismo por três anos. Passei no vestibular e entrei em 1994. Quando entrei na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), logo no primeiro semestre, teve uma seletiva para entrar no jornal *O Estado de Maranhão* e aí foi aí que eu entrei, mas ali sempre pronto – “pau para toda a obra”. Comecei com “Cidades”, mas se tinha “Esportes”, “Polícia”, eu ia fazer. O pessoal percebia o meu desprendimento para tudo. Até que chegou um convite. Saiu um repórter de “Política” – uma das meninas que faziam reportagens de políticas, eram mulheres – e me perguntou se eu tinha interesse.

A partir daí eu fui, me envolvendo, focando, na área de “Política”, no jornalismo político. Comecei a cobrir o setor judiciário, os tribunais e depois passei para cobrir a Assembleia Legislativa. Foi lá que eu praticamente comecei a construir algumas matérias. Em 1999, teve o escândalo da “CPI do Crime Organizado” no Congresso Nacional e que veio para cá, para o Maranhão - uma das matérias que repercutiram foi feita por mim, que foi a matéria sobre a carreta roubada. A carreta foi roubada no interior do Maranhão. E essa carreta estava na casa de um deputado, no pátio da oficina que ficava anexo à casa onde morava um deputado. E essa carreta estava lá. Eu fui fazer uma reportagem política com ele. E atentei para a carreta e percebi que a placa era a mesma que a gente já tinha dado no jornal. Aí olhei e pedi para o fotógrafo fazer discretamente. Quando a gente chegou no jornal e comparou, as placas era exatamente as mesmas. Aí foi uma crise durante quase todo dia – aquela indecisão do jornal se publica ou não publica. Como publicar a situação? Até que o Fernando Sarney (dono do jornal) chegou e disse para a publicar. Ele ainda foi alertado que a história envolvia deputado, que iria ser um escândalo. Daí eu publiquei, foi em 1998.

A gente publicou a matéria “Carreta roubada é encontrada em oficina de deputado”. Aquilo foi um escândalo. Daí o delegado que investigava isso aí invadiu a casa do cara, pegou o mandado, trouxe a carreta, prendeu um monte de gente. Daí um ano depois esse delegado foi assassinado. Por conta do episódio dessa carreta. Começou outra investigação para saber quem eram os mandantes da morte do delegado. E isso resultou na “CPI do Crime Organizado”, quando estava lá em Brasília, no Congresso, o então secretário de Segurança, Raimundo Contrim, conseguiu que a CPI viesse para cá para acompanhar esse caso- prenderam deputados, delegados de polícias, empresários, policiais militares, todos envolvidos com crime organizado, a salvar carreta, roubo de carga, chegaram a colocar tráfico de drogas também, tudo resultado dessa reportagem de dois, três anos atrás.

Se hoje, no blog, você deparasse com situação semelhante, você teria condição de publicar no blog, da mesma maneira?

R: Hoje no blog a decisão de publicar, ela é mais pessoal. E levantar os riscos, lá no jornal, os riscos que tinham eram políticos. Acho que ninguém levou em consideração que se ele publicasse poderia virar um alvo, desse pessoal da quadrilha. Nem houve esse entendimento. A questão era mais envolver deputado, envolver político, vai criar uma crise política no governo, etc. Hoje, no blog, talvez a minha decisão era de avaliar os riscos que eu poderia correr com a publicação de uma matéria dessas, de atrair a atenção de uma pessoa ou de pessoas de uma quadrilha e aí acabar sendo vítima disso. No blog, passa mais por isso. Claro, tem todos os critérios de noticiabilidade, do valor da notícia, que também a gente prega na página pessoal, mas também pesa a questão do risco físico, do perigo que a gente está exposto.

E a reportagem naquela época foi assinada?

R: Não, não foi assinada (rs). Na verdade, até o final da década de 1990 – aliás eu como editor consegui mudar isso muito, o repórter assinar uma matéria dele era uma briga. Hoje não, a decisão de assinar não era nossa era do editor e essa discussão eu comecei no jornal – aí a gente passou a assinar todos as matérias.

E essa discussão da autoria acabou levando ao blog?

R: Exatamente.

Você chegou a ter algum tipo de oportunidade de levar o blog pra outras plataformas?

R: Houve alguns sites, algumas pessoas. Teve um site da TV Difusora que estavam contratando jornalistas. Chegaram a fazer um convite pra mim. Eu disse “não prefiro ficar com um blog pessoal mesmo”. Alguns jornalistas tem repórteres que trabalham pra ele. Já tive isso também: um ou dois jornalistas iniciantes trabalhando. Quando eu viajava com a família, eu deixava e dizia: a liberdade é o que quiser, só não pode xingar a mãe (rs).

Hoje você tem uma assessoria?

R: Hoje como está mais assentada a vida na blogosfera, já não tem mais aquela adrenalina, está mais tranquilo, hoje eu faço sozinho mesmo. Eu faço agendamento. À noite, eu agendo as minhas matérias – como elas são muito analíticas, mais análises, eu geralmente faço uma análise e durante a manhã eu agendo, quando eu tenho liberdade para fazer algumas atividades pela rua.

Como é a sua rotina?

R: Geralmente às 6 horas da manhã, eu já estou acordado. É quando eu vou agendar os *posts* da manhã. Eu agendo as 7hs, outro as 9h30 e outro ao 12h e por fim as 14h30. É o intervalo para o almoço. Eu chego para almoçar, eu paro ali, pra descansar, resolver alguns assuntos. Eu sei que se eu quiser resolver algo lá fora, tiver algum assunto pendente na vida pessoal, real, eu posso entre 14h30 e 17h. Tem academia, treinamento, compras de casa, família. Hoje eu sou empresário da noite, eu tenho um *pub*, lá na minha comunidade, que funciona só de sexta e sábado, uma casa de shows. E isso me tira inteiro. Sexta e sábado sou todo dedicado a eles. Na sexta e no sábado, eu agendo mais ainda. No sábado, eu publico de manhã, à tarde e à noite, a não ser que tenha algum fato relevante. No domingo, eu não escrevo nada, deixo mais para descanso mesmo.

O seu percurso profissional ajudou na criação do blog?

R: Sem dúvida nenhuma. Tudo que eu adquiri na rádio e sobretudo no jornal me deu essa canja de fazer um blog mais profissional e deu também visibilidade que a gente não tem, como

jornalista de jornal diferente da TV, não é? O jornalista estava meio excluído, só quem está ali no meio sabe, o povo não te conhece, o blog trouxe isso também. Tem a minha fotinho lá e tal. O povo nas ruas te reconhece: “aquele ali é blogueiro”. Isso deu a visibilidade toda e, é claro, trouxe também os processos judiciais. Tem muito disso também: tentar intimidar a pessoa, com a “enxurrada” de processos, evitar que ele dê a notícia. Entre 2006 e 2014, com o esgarçamento do grupo Sarney, isso gerou um acirramento de ânimos muito grandes no Maranhão.

Na sua opinião, quais são as vantagens e desvantagens de ter um blog?

R: A vantagem é que a gente passa ter o controle absoluto sobre aquilo que vai ser publicado. A forma como vai ser publicado, o horário que vai ser publicado. O texto nosso é final, não há uma hierarquização como há na redação. A gente passa a construir a nossa visão de mudo a partir do que vai escrevendo ali no jornal. Essa é a principal vantagem: aquele material lá é nosso, não passou por crivo algum, não teve nenhuma censura, corte ou mudança. A desvantagem é exatamente essa: estar mais exposto. Tanto a crítica quanto ameaças também. A nossa cara que está ali. Nós estamos mais expostos, seja lá a processo, a agressão física, a xingamentos ou até ameaças de morte. Eu passei 11 anos no jornal *O Estado de Maranhão* e não recebi um só processo. Em um ano de blog, eu já tinha 30 processos.

Você acha que é porque você passou a emitir opinião?

R: Mesmo nos textos que a gente tinha uma certa carga de opinião, era opinativo, havia o anteparo do jornal. O jornal estava ali. Foi publicado no jornal *O Estado do Maranhão*. O jornal estava junto, você se sentia mais protegido, porque havia ali um departamento jurídico por trás, para tentar evitar a uma coisa mais drástica. Isso acontecia. Agora lá no blog não. No blog a gente estava sozinho.

E você tem advogado?

R: Hoje eu tenho advogados. Alguns trabalhavam de graça. Mas nisso nunca fui muito bom. Como o cara fazia de graça, era só para dar uma força. Agora aqui no Maranhão, hoje tem uma moça que era jornalista e que também se formou em Direito e ela se especializou para atuar em defesa de jornalista. Ela tem um escritório bacana e ela cobra taxa simbólica para os colegas jornalistas e ela assume a defesa. A vantagem é que como ela é jornalista e é muito aguerrida, então não deixa a gente desamparado. Ela cria todas as oportunidades para se evitar processo, se for preciso conversar com a pessoa para esquecer a história ela conversa; se for preciso ir para frente para derrubar, ela vai. A gente se sente mais protegido com ela: é a Rita Margareth, ela é jornalista e advogada. Tem essa especialização curiosa: atua muito na defesa de blogueiros e jornalistas.

E você teve que tirar alguma reportagem do ar por conta desses processos?

R: Houve algumas decisões judiciais que inclusive a gente considerou arbitrária. Foi logo no início: o juiz determinava que você tinha 24 horas para tirar matéria do ar sob pena de multa de pagamento de “x” e a gente não tinha como apelar da decisão. Chegava o pedido lá para tirar a matéria, sem justificativa nenhuma. Simplesmente porque a pessoa não queria aparecer e o juiz dava sem ouvir a gente. O sujeito chegava com a liminar e a gente era obrigado a tirar algumas vezes.

Você lembra quem mais entrava? Mais políticos, pessoas físicas?

R: Geralmente políticos, empresas e empresários que tenham vinculação com a política. Tipo: empresa que fornece medicamento para “x”. Aí a gente descobre que existe alguma irregularidade no contrato, como desvio de verba, a gente noticia... Aí essa empresa manda na justiça e cria aquele clima todo. Agora já teve caso que eu entrei na justiça e o juiz mandou a

matéria voltar. O juiz cassou a liminar e disse que não havia nenhum problema com a matéria e que ela tinha de estar no ar pelo menos até o decorrer do processo. Aí a gente voltava com a matéria e fazia um novo *post* dizendo que a justiça havia derrubado a liminar (rs).

A sua relação com as fontes mudou com o blog?

R: A relação com a fonte no jornal era mais do repórter do jornal que estava indo fazer uma matéria. Hoje não. Hoje é o contato pessoal, agenda de celular a gente já tem. Já conversa pelo WhatsApp com a fonte: “Fulano, está acontecendo isso, isso e outro.” Hoje eu estou em uma situação aqui no Maranhão, que eu tenho todos os contatos pessoais dos candidatos a prefeito e converso com eles diretamente no WhatsApp, se eu preciso de alguma informação. Vou lá rapidinho. Não existe mais o intermediário de assessoria, de contato, ainda existe o assessor mais para mandar matéria, aquilo de campanha. Quando a gente quer algo mais exclusivo, o contato era direto com a fonte, ele aumentou muito a partir do blog. Quando eu deixei a editoria do jornal, havia essa questão toda. O peso jornalístico meu, o meu nome, era uma referência. Não era mais o Marco Aurélio D’Eça do jornal. Era o Marco Aurélio D’Eça, o blogueiro.

Criou-se essa relação mais próxima. Tanto que foi também desprendendo aquela carga de jornalista sarneysista, de blogueiro sarneysista, isso a gente foi saindo disso. As pessoas explicavam que “ele trabalhou com o Sarney, mas lá a opinião dele é outra, vocês tem de conhecer”. Então isso melhorou bastante. É claro que as pessoas que não compreendem, principalmente do senso comum, que geralmente mandam mensagem... Ontem para “tu ter” uma ideia, o cara me ligou e disse: “Sabe o que que é rapaz? Você é jornalista, tem um blog, algo assim? Então tem um cara aí que está me devendo e eu queria que você fizesse uma matéria contra ele, porque ele está me devendo...”. Eu expliquei que eu não faço isso, que eu dou notícia. Como assim? O cara quer que eu faça uma matéria para ele cobrar uma dívida? (rs). Acontece muito isso: “As vezes aparece alguém dizendo que tem uma denúncia contra uma prefeitura, mas sem documento, sem querer aparecer. Eu digo: “Como você quer que eu assumo isso?” Eu explico que se você mandar documentos, alguém falar, eu publico. Caso contrário a responsabilidade é minha. Alguns compreendem, outros não.

E proposta de suborno? Ainda acontece? Já trabalhei no interior e naquela época isso sempre acontecia...

R: Acontece sim, tem muito disso. Sem dúvida nenhuma. Aconteceu um fato recente. Uma empresa que presta serviços para as prefeituras, governo do Maranhão, foi denunciada por um blog. A pessoa fez a matéria, mostrou, fez uma série de matérias com documentações colocadas bem direitinho e fez a matéria com ele. Alguns dizem que essa empresa ofereceu dinheiro para o cara parar com as matérias ou tirar do ar e que o cara pediu muito dinheiro ou não aceitou. O fato é que depois eu recebi esse contato. Um jornalista que trabalhava para ela entrou em contato: “Marco, tem um pessoal de uma empresa aí que quer fazer um contrato de divulgação contigo. Por seis meses. Tu tens interesse?”. Eu perguntei qual era a empresa. Ele disse qual era e eu recusei porque eu mesmo posso pegar um documento desses aí e vou fazer matéria e vai gerar todo um constrangimento. Mas eu vi depois vários blogs com matérias dela (rs)... Aquilo que passa como informe publicitário disfarçado de notícia.

Eles queriam pagar então para publicar matérias no blog?

R: Eles queriam para publicar como matéria, como notícia, como *post*. E está acontecendo isso aí. Geralmente uma vez, duas vezes por mês. Se você for pesquisar e colocar o nome da empresa vai ver as notícias lá. E eu fico incomodado com isso. É claro que eu tenho também as minhas parcerias para sobrevivência e tal. Mas me incomoda muito aquelas matérias em série, que mandam o mesmo texto para todo mundo. E aí quando a gente publica, sai aquela publicação em série. Acaba com qualquer credibilidade de jornalismo. Geralmente eu digo: “Olha, por favor,

mande uma matéria separada, que você quer que a gente publique, manda um texto exclusivo, você pode fazer?” “Ah, mas é muito cansativo”. Eu digo: “Então deixa que eu vou trabalhar o texto, quando é relevante, eu faço.” Eles mandam a matéria para mil pessoas e todos saem. Eu mesmo abro o blog para ler e só vejo o título porque é tudo igual, todas repetidas.

Você foi apontado como referência pelo pessoal de mídia impressa aí do Maranhão. Quais são as informações que você acha que lhe dão relevância?

R: Acho que a principal notícia é a política, principalmente, aqui no Maranhão. Geralmente cobertura de notícia política e de grandes fatos como tragédias ou de algo de impacto social no Estado. Na semana passada teve aquele episódio da queda da prateleira no supermercado Matheus, que desabou em cima das pessoas e acabou matando uma funcionária e isso repercutiu em todos os lugares. Hoje tem algo curioso que é “extra blog”, que é o WhatsApp, que passou também a ser um canal de informação. Todo mundo publica e aí começa aparecer notícias, gera *fake news*, pega algo antigo e coloca como se tivesse acontecido. Apareceu uma imagem como se fosse a queda da prateleira e nem no Maranhão era.

A relevância que dá hoje é para o jornalista, sobretudo no blog, geralmente a notícia em “primeira mão”, sobretudo, aquela que impacta. Eu gosto de dizer hoje, eu não tenho hoje, tem muitos blogs hoje que devem ser lidos mais do que o meu, mas são blogs gerais. Dão todos os tipos de notícias, não são especializados. Mais um portal. Dá notícia de futebol, dá notícia de comunidade, política, shows, eventos, alcançando um público maior. Eu gosto de dizer que as minhas matérias, as minhas análises que é informar o público formador de opinião. A minha relevância, que eu entendo, é analisar o cotidiano político na cidade. Analisar os círculos de poder. Eu tenho hoje certeza de que eu sou lido por essas pessoas, por esses formadores de opinião. As pessoas que decidem no Maranhão elas tem o hábito de buscar a informação no site *marcoareliodeca*, o que ele está dizendo? Esperam para eu dizer o que ele pensa sobre a pesquisa tal ou sobre a desistência de um candidato. O que o Marco Aurélio D’Eça pensa disso? Criam isso. Até na Assembleia a gente ouve que vai acontecer algo porque viu no blog. Então é isso, essa relevância eu acho importante, que eu tenho de influenciar o círculo do poder.

E como você mantém financeiramente o blog?

R: A gente tem anúncios formais, tem aquilo dos cliques do Google. Tem outras empresas que fazem anúncios próprios, que são os *banners* laterais e tem *banner* de topo. E tem os anúncios do poder público. Existe também a questão política: o blogueiro lá faz oposição e acaba não recebendo anúncio.

E você tem essa situação?

R: Nesses seis anos de governo Flávio Dino (PC do B) eu não tive anúncio nenhum do governo. Já teve via Google. Mas o contrato direto comigo tem seis anos que eu não tenho. Tenho da Prefeitura, da Câmara, da Assembleia, geralmente ficam mandando para a gente. Mandam mídia pronta e eles pagam normalmente. Mas do governo do estado não tem. Outra forma de divulgação são as parcerias de monetização, de divulgação. Por exemplo: tem um fulano de tal que quer ali fazer, que é político, que quer divulgar as ações dele, geralmente fecho uma parceria: só para divulgar uma matéria positiva, isso também é uma forma de monetização. Nesse aspecto, tem um problema sério que é um efeito colateral, que tem muita gente que não quer pagar para divulgar as ações dele, mas para atacar o adversário. Nesse aspecto, eu digo não. Eu digo se você quiser divulgar a sua notícia, não tem problema nenhum. Se você quer divulgar as suas ações não tem problema nenhum, você quer divulgar o seu mandato, quer divulgar as suas ações, eu posso fazer. Mas eu não vou pegar o dinheiro seu para detonar um adversário. Ele não é meu adversário, ele é seu adversário. Mas tem gente que faz.

Hoje você consegue ganhar mais do que no jornal?

R: Com certeza. Outra decisão de sair é o salário que a gente ganhava no jornal não era tão significativo. Eu ficava muito amarrado. Perdia parte do dia inteiro lá no jornal, editando, fazendo reuniões, discussões de pauta, me prendia muito e não tinha os benefícios financeiros. Tinha a questão do plano de saúde que era importante, da assessoria jurídica que era bom, mas em termos de remuneração não tinha tanta relevância assim. Eu conseguia ver blog, conseguia algo que mantinha bem superior ao salário do jornal.

Sem entrar em valores, você diria que isso significa quanto em porcentagem?

R: Representava menos do que 20% dos meus ganhos. Eu ganho oito vezes mais do que eu recebia no jornal.

E aí você tem muitos concorrentes...

R: Realmente, aqui a blogosfera é muito grande.

Você acha que isso acontece por conta da situação da mídia tradicional aí? De ser muito concentrada?

R: Como aqui a gente vive em um estado em torno da política, criou-se esse clima de acirramento, criou-se essa expectativa. Muita gente vai para a faculdade de Jornalismo achando que iria montar um blog para ganhar dinheiro. Muita gente sem nenhum tipo de informação. Há ainda muitos desses que sobreviveram e estão aí até hoje e alguns têm uma certa relevância, sem dúvida e outros ficaram para trás porque não eram do ramo.

Não deixa de ser um trabalho cansativo, porque você tem de agendar blog toda hora, agendar, organizar, às vezes você está resolvendo algo seu, por exemplo, eu daqui a pouco vou começar a malhar, mas eu tenho de deixar uma matéria agendada e depois pensar na pauta de amanhã.

Você consegue malhar todo dia?

R: Todo dia, caminho e eu tenho um *personal*. Justamente por falta de tempo de ir na academia. Eu treino aqui em casa. Hoje trabalho *home office*. A Assembleia está fechada.

A pandemia afetou?

R: Hoje os meios de mensagem de internet ajudaram muito. Você não precisa estar no local. A gente que vai passar a informação pega aqui, joga no blog e vai em frente. Muito melhor assim. O próprio jornal *O Estado do Maranhão* só tem três edições impressas.

Pra você o futuro do jornalismo está no blog?

R: Eu não diria só no blog, mas nos canais eletrônicos, digitais. O blog como ferramenta de notícia, de informação, ele tem durado muito: já vai fazer 15 anos.

Entrevista com Anderson Soares - Blog *Anderson Soares - Um Olhar Diferenciado sobre a Política - João Pessoa (PB)*

Entrevista gravada com Anderson Leandro Fontes Soares por Skype (videoconferência) e por áudio (reserva) no dia 9 de outubro de 2020.



Figura 20. Entrevista com Anderson Soares. Fonte: Autoria própria.

Por que você decidiu criar um blog jornalístico?

R: Eu iniciei com um blog que leva inclusive a minha marca: blog *Anderson Soares*, em 1º de janeiro de 2016. Eu trabalhava em um dos maiores sistemas de comunicação da Paraíba, de rádio e TV e percebi que a comunicação passava por um novo paradigma. A minha área específica sempre foi rádio e TV. Nunca foi minha “praia” o jornalismo escrito, mas como eu sou um profissional que gosto de me desafiar, decidi entrar nessa “praia”, conhecer. E mergulhar nessa área aí e terminei me fascinando, me encantando com a questão do mundo digital, da interatividade, da espontaneidade, da velocidade das informações veiculadas, comecei a me encantar com isso e a coisa foi funcionando de uma forma ao ponto de uns dois anos depois, comecei a caminhar com as próprias pernas e já me dei ao luxo de me tornar um profissional independente.

Óbvio que houve muitas outras questões, mas a partir disso, eu percebi que poderia haver um caminhar independente ao jornalismo tradicional. Me fascinei cada dia mais e confesso a você que a cada dia estou mais encantado e querendo me aprofundar mais nas mídias digitais, no marketing digital, no jornalismo digital.

Eu vi que você é formado em jornalismo na Universidade da Paraíba...

R: Eu sou formado em Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e também em Relações Públicas.

Em que ano você se formou?

R: Eu me formei em Jornalismo em 2008. Eu já trabalhava. Comecei no rádio em 2003, muito novo, comecei como estagiário aqui em João Pessoa, uma rádio AM e a partir daí eu fui convidado para um dos maiores sistemas da Paraíba, para o rádio também. A partir do rádio, ingressei na televisão, em programas policiais, todo tipo de programa de TV. E foi quando em 2016 comecei a me interessar por essa área.

Em que sistemas de TV você trabalhou?

R: Eu trabalhei no Sistema Irapuã de Comunicação, que é ligado à Rede TV e ao Sistema Correio de Comunicação, que é ligado à Rede Record de Televisão. O Sistema Correio é um dos maiores aqui da Paraíba: rádio, TV, jornal, tem uma penetração muito forte na camada popular. E a TV Irapuã também tem muito esse segmento popular. Voltado para às questões policiais e de política

também – porque a política aqui na Paraíba é muito forte. Aqui tem programas políticos, específicos. Nos rádios, os programas são específicos de política. São carros-chefes das emissoras. Horário do meio-dia, exclusivamente de política.

De debates?

R: De debates, comentários, polêmicas, enfim...o moído, como a gente fala aqui na Paraíba. Tem que ter muito moído, que são as informações de bastidores, aquelas notícias exclusivas, polêmicas, enfim.

Em 2016, você montou o blog. Você já saiu do sistema e viu o blog como alternativa de trabalho ou foi levando os dois juntos?

R: Foi muito rápido. Em 2016, eu retorno, porque eu tive um período que eu saí de rádio e TV, fui demitido. Entre 2014 e 2015, passei um ano fora. Eu retornei. Quando eu retornei para o rádio, eu percebi esse nicho de mercado, ainda continuei no rádio por mais ou menos um ano, no rádio e no blog, depois que eu iniciei o blog e eu fui demitido novamente por várias questões, inclusive, entre elas, o combate a corrupção... Mas enquanto eu estava no rádio e na TV, eu já percebi que com o blog, ele já tinha um ano de existência, eu sobreviveria com o blog. E foi o que aconteceu: saí da mídia tradicional e desenvolvi minha carreira. Aliás, eu diria que dei um salto profissional a partir daí, quando eu conquistei uma certa independência para fazer o trabalho que ganhou notoriedade.

Você credita a perseguição política a sua demissão?

R: Total. Inclusive expressei isso nas redes sociais, no próprio blog quando fui demitido, dei “nomes aos bois”, expliquei como aconteceu. E vi a solidariedade dos Sindicatos dos Jornalistas aqui da Paraíba, a Federação Nacional também emitiu uma nota. Teve bastante repercussão. Totalmente política a minha demissão.

O que aconteceu exatamente? Você pode contar?

R: Aqui na Paraíba a questão política é muito forte. É um estado paupérrimo, onde há uma dependência muita forte do poder público, sobretudo, dos meios de comunicação. A gente sabe que em qualquer parte do Brasil os meios de comunicação precisam e dependem da verba pública – aqui mais ainda, por se tratar de um estado pobre. As autoridades daqui têm muita influência nos meios de comunicação. Elas colocam as verbas publicitárias, quando deveriam ser apenas uma parceria institucional, porém, elas têm influência muito forte até em relação aos recursos humanos das empresas: quem entra e quem sai de acordo com a linha editorial. E o ex-governador aqui da Paraíba, inclusive foi preso, o ex-governador Ricardo Coutinho, ele tem um perfil muito autoritário, muito centralizador. Ele tem uma forte influência, domínio dos meios de comunicação. Ele cooptava os meios de comunicação.

Eu sempre fui um profissional, creio que, revolucionário, idealista – que leva a sério o ócio de ser jornalista de fato, prezar pela verdade, pela justiça e eu sempre tive essa linha combativa e aí começaram os embates entre eu e o governo. A partir daí, as pressões muito fortes começaram e aí eu recebia recados claros, diretos, velados do proprietário do sistema de comunicação da Paraíba para dar uma recuada, para dar uma amenizada. Enfim...tentar chegar a um consenso, um acordo. Mas eu percebia que daquilo ali não poderia sair algo muito bom – as denúncias já começavam, inclusive eu estive à frente de muitas denúncias, o Ministério Público já vinha investigando e não tinha como recuar.

E esse programa que você fazia era na rádio ou na TV?

R: Eu fazia na rádio e na TV. Nessa época eu estava no sistema Arapuã – que era ligado à Rede TV – a pressão maior foi lá. Quando eu fui demitido duas vezes. O sistema Arapuã é menor em

termos de estrutura, mas ele compete com o Correio (Record). Aqui tem o sistema Cabo Branco (Globo), CBN (rádio) que é segmentado e tem os sistemas que são mais populares que entram nas camadas C e D e com mais força política, inclusive. O proprietário já foi senador da República, do Correio. Enfim, Arapuã e Correio têm redes de rádio que, ao meio dia, competem entre eles. Eu fazia na Arapuã. No Correio, eu fazia um programa bem no início da carreira.

Após você ser demitido, você monta o blog?

R: Na verdade, eu fui demitido por causa do blog, também. Eu passei o primeiro mandato de Ricardo Coutinho (governador) nessa luta, nesse conflito, entre o poder representado por ele, o dono do sistema Correio e eu – uma pressão muito forte para recuar das denúncias, da postura, do perfil – e eu não recuava de jeito nenhum. O proprietário ainda conseguiu relevar quatro anos nessa guerra. Quando ele foi reeleito, aí me manda demitir. A primeira demissão em 2015. Poucos meses depois, o dono me chama novamente. Eu retorno, de certa forma, mais moldado. Eu não tenho mais os espaços que eu tinha, tinha um espaço limitado, mas eu retorno. A partir daí também surge a ideia, o interesse de criar um blog. Caminho alternativo a tudo isso. Eu recebi também além desse desafio de entrar em um novo nicho de mercado, com uma ferramenta de comunicação, eu percebi que o momento era adequado, porque não existiam mais aqueles espaços.

Eu retornei, mas de uma forma muito engessada, muito mecânica. E isso foi de 2015 para 2016. Eu crio o blog em 2016, passo a usar como ferramenta várias reportagens, sobretudo notícias de bastidores. Começava já a “Operação Calvário”, que trazia muitas informações que incomodavam o poder até que o proprietário da empresa chegou pra mim e pediu para eu retirar uma matéria que não era de interesse da emissora – e eu disse que não tirava... por conta disso eu fui demitido por causa dos interesses conflitantes entre o blog e a emissora. Ele perguntou até o que eu optaria e eu optei pelo blog, porque nesse momento eu percebi que poderia sobreviver de forma independente.

E isso acontece em que ano?

R: Eu fui demitido em 2017. Já tinha um ano e tanto de blog.

E depois disso você não voltou mais para os meios tradicionais?

R: Não voltei mais para nenhum meio de comunicação. Aliás, fui convidado novamente agora pelo mesmo sistema. Mas eu recusei.

Mas como foi a conversa? Toda vez ele faz isso com você...

R: Certa forma uma *mea culpa*. Interessante essa história: o secretário de comunicação, gestão anterior, ele deixou o governo porque Ricardo (ex-governador) elegeu um sucessor. Mas eles romperam, logo no início da operação Calvário. O secretário de Comunicação, que era do sistema – saiu de lá para ser secretário – foi, deixou o governo em metade de 2019 e voltou para o sistema Arapuã. Foi esse secretário que articulou – com o ex-governador – toda a perseguição, inclusive mensagens dele para o dono da empresa. Então ele retorna. Aí quando foi uns dois meses agora, a mando do dono da empresa, chamando para retornar. Me chama para retornar e fazendo um *mea culpa*. Dizendo que não havia nada contra mim, que aquilo era só um personagem e me chamando para retornar para o rádio e para a TV.

Você acha que esses convites ocorrem mais por conta do período eleitoral para que você amenize o blog?

R: Não, foi por uma questão mercadológica, porque é o seguinte: o que aconteceu aqui na Paraíba, quando existia tudo isso, as pessoas pensavam que se você saísse de um sistema tradicional de comunicação, o que eu ouvi foi o seguinte: você se apagou profissionalmente.

Como você sair, digamos da Globo e montar um veículo independente as pessoas ficam ressabiadas desde o princípio, não é? Mas como eu já vinha dos meios tradicionais, eu acredito o seguinte: o bom jornalista, independente do meio, se ele tiver informação, tiver notícias exclusivas, ele se destaca em qualquer meio. Inclusive, eu comecei a minha carreira em uma difusora, uma rádio de poste aqui do bairro, onde eu moro em João Pessoa e a partir daí, eu fui galgando espaços no meio de comunicação. Eu acredito muito nisso: a força da informação é muito maior do que a força do meio. Então, quando eu estava no sistema, eu já começava a trazer informações, a pautar a mídia e continuei. Aliás, deslanchei, quando eu saí da mídia tradicional pra viver de forma independente. Então aí que começaram os furos, as informações exclusivas. Então em virtude disso, acredito que a partir disso, desse funcionamento do mercado, eles me chamaram para retornar, por essa questão mesmo: mercadológica e profissional.

Qual a importância dos furos, das informações exclusivas, no meio blog?

R: É força, é poder, sobretudo aqui no estado onde tudo é muito controlado, muito amarrado, muito subserviente ao poder. Então se você consegue navegar fora dessa curva, você se destaca. Existe a história da perseguição também. Tem o ônus e o bônus. Eu passei por uma situação muito constrangedora, muito difícil aqui. Passei por muitas dificuldades, mas sempre acreditei nesse poder da informação, da comunicação, da liberdade da comunicação.

Por que você escolheu o formato blog?

R: Blog é mais ligado a uma questão particular, é uma marca pessoal. Blog tem mais essa característica de marca pessoal: quis imprimir a minha marca, a minha identidade. Como sou eu, o blog, apenas eu. Eu não tenho estrutura. Você sai (e vê) tem mais estrutura, maior, outros profissionais. Enfim...o meu apenas era extremamente direcionado: o segmento político da Paraíba.

Você não tem repórteres, nada? Foto é você quem faz?

R: Faço tudo.

Alguns blogueiros já estão criando plataformas. Você pensa em caminhar nesse sentido ou pretende continuar nessa maneira que você está administrando?

R: Eu particularmente acho melhor dessa forma, nesse caminho. Óbvio que precisa aperfeiçoar em alguns aspectos, investir, mergulhar em outros, sobretudo em relação à tecnologia. Mas aqui na Paraíba, eu acho que a minha marca é muito forte e acho que eu tenho de investir exatamente nisso.

Como foi a escolha do foco editorial?

R: Eu sempre fui do jornalismo da militância política, digamos assim. Aqui na Paraíba, sempre foi muito partidário, aqui é algo que precisa ser estudado, rapaz, é algo incrível. Já “tá na veia”, já tá na cultura da gente.

Quantos grupos políticos tem aí?

R: Tem vários grupos políticos. Fica o rodízio entre dois grupos políticos. Na verdade, se resume a dois grandes grupos políticos: o Ricardo Coutinho, de fato, ele conseguiu desconstruir isso, mas sempre ligado a um grande grupo político, forte. Ou seja: sempre houve a polarização aqui na Paraíba. E eu decidir ser direcionado porque é o forte aqui da Paraíba e também por causa dessa missão. Eu sempre tive esse princípio: daquela história de universidade de consertar o mundo, eu sempre tive esse ideal, aquele sonho utópico, de combater as injustiças. Percebi que na política poderia mergulhar nisso.

Você ainda mantém esse sonho? Você está com quantos anos?

R: Claro, estou com 40 anos. Apesar de ter visto e vivido muitas coisas, obviamente a gente tem de se alimentar das utopias.

Chegou a avaliar ofertas de trabalhar em outros blogs?

R: Não, nem penso. Até em relação a mídia tradicional. Recebi proposta e recusei. Pensaria duas vezes. Teria de ser algo muito vantajoso para mim, principalmente no tocante à questão da independência e da liberdade.

O seu percurso profissional ajudou na criação dos blogs. E a sua relação com as fontes como ficou?

R: Eu acho que em relação às fontes – por causa dessa postura combativa – eu fui conquistando muito a confiança das fontes. Algo assim, impressionante. Virei uma espécie de referência. Por conta desse perfil, eu conquistei muito mais fontes, muito mais espaço. Essa questão dessa perseguição que todos perceberam e viram aqui na Paraíba, presenciaram, me fortaleceu muito, porque as pessoas passaram a confiar, acreditar mais, apostar no trabalho. As fontes vieram assim por “efeito osmose”. Não tive nenhum esforço para ir atrás de fonte, para construir essa relação. Foi algo assim muito espontâneo, natural.

Como se houvesse um represamento? Como se o blog abrisse as comportas para que essas fontes lhe acessarem?

R: Exatamente. Essa postura no início do blog de fato. Eu tenho um comportamento muito agressivo – no sentido da busca de informações, de fato, eu dei uma “mergulhada”. Nos seis primeiros meses, eu me dediquei quase 24 horas: para fortalecer o meu nome, para me inserir no mercado – era um produto novo. Então, eu me dediquei durante quase seis meses incessantemente. A partir daí, foi construída essa relação de total confiança e tudo começou a acontecer de forma espontânea e natural.

Você teve um aumento de fontes em relação ao que você tinha?

R: Aumentou de forma surpreendente, impressionante. Quando você está nos meios tradicionais, as pessoas sabem de certas formas das limitações que nós temos: pela linha editorial da empresa; pela relação com o poder. As pessoas sabem: existe um limite ali. Quando você cria esse meio alternativo, você fica completamente livre, independente. As pessoas lhe procuram, têm mais confiança, porque sabem dessa liberdade que você tem a partir daquele momento. Foi o que aconteceu comigo: aumentou assim em mais de 100%. Era limitado nos meios tradicionais, a partir disso que eu dou esse passo que tudo começa a fluir de forma surpreendente. Por conta dessa independência.

Fontes anônimas também?

R: Eu não tenho essa relação com fontes anônimas. Oficiais sim. E você sabe sempre existe os insatisfeitos, dentro de qualquer poder. Aqui teve ocasião – sobretudo nas campanhas eleitorais – veja a questão de confiança que você cria com as fontes – teve reuniões em que foi proibido o uso de celulares, porque as fontes, dentro das reuniões me passavam todos os detalhes do que era discutido, na pauta, tudo. E eu publicava.

Você publicava on-line?

R: Sim, automático, instantaneamente, às vezes, me passavam fotos das reuniões. Essa relação foi construída a partir da relação de independência que você tem. Quando as fontes percebem o seu grau de independência, obviamente, elas confiam mais e têm mais segurança em te passar informações. Mas em relação à fonte anônima não. Até porque para você ter a certeza e a

confiança da informação, eu acho que o anonimato no meu caso e até onde eu tenho trabalhado não seria o meio mais interessante não.

Vantagens e desvantagens: no presente e na trajetória?

R: Eu percebo muitas vantagens, sinceramente, pela minha trajetória, eu não vejo muitas desvantagens não, pelo contrário. Hoje eu tenho total independência para exercer o jornalismo da forma que eu acho que é interessante. Do jeito que deve ser. Questão financeira também, melhorou muito. Da forma que eu vejo, profissionalmente, amadureci muito mais, me projetei muito mais. Se você for fazer uma pesquisa sobre a minha trajetória profissional antes e depois do blog, você vai perceber a diferença gigantesca, impressionante isso. Eu quebrei um paradigma: você tem muito mais projeção nas mídias tradicionais, na TV. Eu saio disso e me projeto muito mais por meio do blog. Particularmente, no meu caso, eu só vejo vantagens.

E em relação a trabalhar sozinho, a proteção judicial, o ritmo da rotina?

R: Bom, o ritmo foi muito frenético no início, como eu lhe falei, mas quando a gente cria assim uma referência, uma marca no mercado, você vai desacelerando. Até porque, graças a Deus, a gente vai chegando a um ritmo, que de certa forma, as informações vêm até você. Então você se dá um luxo de desacelerar um pouco mais. É até bom para o seu emocional. Não dá para trabalhar 24 horas por dia.

Hoje você trabalha quanto por dia?

R: Na média, entre 6h e 8h. Assim, não há horário fixo. É quando o fato acontece, quando a notícia acontece, não há uma escala de horário determinado, mas em média, geralmente isso.

E era mais ou menos o quanto você fazia na rádio e TV?

R: Mais ou menos isso, só que com muito mais liberdade. Hoje, onde eu estou, eu trabalho: onde estiver, eu estou trabalhando hoje. As tecnologias permitem isso. Até viajando, eu estou conectado, estou interagindo. Então permito essa liberdade, que eu sempre almejei.

E em relação às questões jurídicas?

R: Essa foi uma grande desvantagem. Não lembrava disso, para você ter uma ideia, há um desgaste muito grande. Eu nunca tinha enfrentado processo na mídia tradicional, quando parto para o blog, há independência, aí você sabe como funciona.

Quantos processos você já tomou nesses quatro anos?

R: Rapaz, que eu lembre, perto de sete por aí. Só do ex-governador. Tiveram outros. Em quatro anos, eu acho que já respondi a uns 10 processos. É um desgaste muito grande. Financeiro, você não tem a proteção do setor jurídico da empresa, do emprego. E o desgaste emocional também participando das audiências, perda de tempo, é muito desgastante. Essa é a grande desvantagem também. Mas, no meu caso, compensador. De tudo que eu denunciei, foi comprovado pelos órgãos de fiscalização: Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (GAECO), Ministério Público. E tudo que eu publiquei foi confirmado também. A gente fica lisonjeado. Digamos assim, que é um processo que vale enfrentar.

Você acha que o estado democrático de direito utiliza o Direito para perseguir quem luta pela liberdade de expressão, de informação?

R: Não, cada um busca o seu direito. Cada um está no seu direito. Cabe à justiça julgar. Quando você tem consciência do papel que você faz, baseado na lei, nas informações de fonte segura. Eu acho que você não deve temer, nem questionar. Acho que o estado democrático de

direito é muito consolidado, a liberdade de imprensa também é muito consolidada. É claro que existem percalços, perseguições, os interesses políticos, mas acho que está bem consolidado.

O problema só é a questão da estrutura financeira, para se defender...

R: Não é simples nesse aspecto, porque você é independente e aí você tem de arcar mesmo com as despesas, em pagar advogados. Inclusive, eles fazem é para isso mesmo: para te importunar. Inclusive, em uma das sentenças, a juíza, ela declara isso - porque ele pedem direito da imagem, difamação, multas em relação a isso – não enxergou nada que está previsto nessas questões constitucionais. E além disso, deu uma chamada nele, porque hoje existe no Judiciário essas questões da indústria das multas para conquistar alguns dividendos financeiros. A juíza foi por essa linha, criticando o ex-governador por essa conduta. São casos esdrúxulos que o cara entra com a ação sem motivação nenhuma, só para importunar mesmo.

Essa sentença está no seu blog?

R: Eu acho que coloquei ela sim.

Gostaria de ler, porque essa reclamação do uso do judiciário tem sido recorrente...

R: Você vai encontrar um material farto em relação a isso que você está dizendo, inclusive, foi usado por muitos magistrados a decisão dela em defesa dos jornalistas. Eles usavam – sobretudo o ex-governador, que tem um perfil muito autoritário – foi usado nas sentenças judiciais, que ele promovia perseguição. Essa foi uma das estratégias pra perseguir e calar jornalistas independentes.

Quais são os tipos de informação que você acha que impactam as pautas dos jornais e lhe dão relevância?

R: Eu tenho duas características no blog: são notícias exclusivas e bastidores. Então o blog sempre tem novidades. Eu estou em busca disso, dessas novidades, sobretudo os bastidores – são aquelas informações que ninguém tem, ninguém revela, por questões óbvias, inclusive e eu publico no blog. As duas questões são extremamente relevantes para criar essa marca, essa referência no jornalismo político aqui da Paraíba.

Você acha que a notícia exclusiva atrai pelo ineditismo?

R: Pelo ineditismo, porque nem sempre a notícia exclusiva, ela é tão relevante. E existem casos dela sim, como essa “Operação Calvário”, aqui na Paraíba, foi onde eu conquistei uma grande notoriedade pelas informações exclusivas, relevantes. Existem outras que nem tantas, são mais bastidores da política.

E o bastidor, por que você acha que atrai?

R: É a curiosidade do ser humano para saber o que “rola entre quatro paredes”. Reuniões secretas, isso desperta muito a curiosidade do senso comum. Aqui na Paraíba especificamente. Aqui a gente chama de “moído da política”. Esses “moídos”, isso “dá um Ibope”...é algo incrível. Muitos blogs aqui desses veículos estão se pautando com “mais do mesmo”. Factual que todo mundo já traz e não traz nenhuma novidade. Quando você se propõe a trazer algo de novo, diferencial, obviamente dispersa a situação do público.

Por que você acha que o bastidor atrai, você acha que pode ter relação com o fato de a capital onde você mora estar em desenvolvimento?

R: Eu acho que é um conjunto mais especificamente por essa questão do ser humano, pelo ineditismo, curiosidade, pelo segredo. Acho que não é só aqui em João Pessoa, isso é no mundo.

É verdade. Um dos primeiros blogueiros jornalistas a se destacar estava em Washington e ele tinha como diferencial os bastidores. É a política e a curiosidade. Você tem razão...

R: Aqui se respira política, 24 horas. Muitos acham que a Paraíba é um estado politizado, eu diferencio muito essa questão. Não é. É um estado que se respira política por razões óbvias: pela questão da pobreza e da dependência do poder público. O número de cargos comissionados aqui é algo assustador. São pessoas que dependem da política para sobreviver. Por isso elas estão ligadas constantemente no noticiário político porque está em jogo ali a vida delas.

Como você mantém financeiramente o blog? Como você monetiza?

R: Olha a gente tem parcerias privadas, que é uma minoria aqui na Paraíba. E temos as parcerias públicas também, que existem. Nenhum sistema hoje vive, principalmente, os independentes. O que eu sempre questioneei é a relação que se tem a partir dessas parcerias. Eu acredito sim que a gente pode ser parceiro do poder público e ter uma relação idônea, adequada, correta, institucional. O problema, sobretudo aqui na Paraíba, é que essas relações extrapolam: elas passam de uma relação institucional para de subserviência dos meios de comunicação. É isso que não concordo, nunca concordei, não me permito a isso. Eu tenho sim, a gente sobrevive disso, mas temos uma relação muito institucional e ética.

Quando você chama de parceria é o que? São anunciantes?

R: Anúncios e *banners*. E do privado já tive anúncios de bancos, planos de saúde, que eu lembre especificamente mais dessas.

Ninguém com medo das suas denúncias?

R: Não (rs). No privado não. Até quando eu tinha parceria não. Mas depois eu percebi que tinha esse lado também. No público, pela visibilidade do blog, por ser um dos mais acessados, pela marca que a gente conseguiu construir e obviamente que a gente sabe que existe essa cultura aqui da Paraíba. As autoridades aqui elas confundem – elas acham que invés de estarem comprando o acesso para divulgar, o *banner*, a mensagem institucional – eles confundem com a compra de opinião. Isso é muito forte aqui. E eu resisto muito a isso. Eu procuro resistir a isso e deixar bem claro que a parceria é institucional.

Você consegue fazer a crítica ao governante que anuncia no seu blog, por exemplo?

R: Preciso fazer, não é?

Ele não faz retaliação, tirando os anúncios?

R: Existe as insatisfações. Você vai construindo esse perfil, vai colocando em uma posição de respeito. Existem limites. Eu só entro até aqui: baseado nos princípios éticos da profissão, da verdade, da veracidade dos fatos. Eu, particularmente, deixo muito bem claro: o meu limite é esse aqui. E nunca tive problema até agora.

Você consegue captar anúncios de todos os lados? De todos os grupos políticos?

R: Sim, o único grupo que eu tive muita dificuldade foi do ex-governador.

Esse, quando está no poder, não anuncia?

R: Anuncia. Muito benevolente, mas exatamente com quem tem uma postura oposta: de omissão, de submissão. Algo muito terrível que aconteceu aqui na Paraíba nos últimos oito anos. Terrível. E era exatamente a pessoa que se propunha fazer o oposto. Discurso do novo, republicano, do direito às minorias, à liberdade de expressão – na prática foi totalmente contrário; mas existe sim, essa relação e existem as dificuldades, porque é claro que não é um “mar de rosas”, mas

pela sua postura, pelo seu perfil profissional, você vai se impondo e adquirindo respeito nessas relações.

Você hoje consegue fazer uma relação de quanto você ganhava e quanto você ganha em porcentagem?

R: Rapaz, em porcentagem é algo estratosférico: algo para mais de 500%.

Você ganha 500% a mais do que você ganhava?

R: Exatamente. E eu estou ganhando por baixo. É muito mais. É porque a sua realidade é diferente. É muito diferente da nossa.

Você ganha cinco vezes a mais?

R: Quase dez vezes. Para você ter uma ideia, o piso do jornalista é 1.600 reais. É o que eles pagam. E eu vivia exatamente desse salário. Essa era uma outra postura que criou muito atrito também, porque o que acontece é o seguinte: aqui na Paraíba, os proprietários lhe dão o espaço em rádio e TV, te dão um salário mínimo, digamos assim e você tem de correr por fora para fazer o seu salário. E eu nunca fui afeito a esse perfil. Aí tinha muita dificuldade: vivia exclusivamente desse salário, que é o mínimo. Aí quando eu fui para o blog, eu não tenho perfil de ir atrás de patrocínio, pelo trabalho, meu foco foi sempre esse: notícias exclusivas e de bastidores, o resto vai vir. E foi o que aconteceu e é o que acontece.

Você se lembra quando começou acontecer?

R: Com um ano eu já estava bem. A partir dos seis primeiros meses que eu disse que iria arrebentar e comecei a pautar tudo do noticiário de política, tudo começou a acontecer. E assim começou.

E você mesmo negocia os contratos?

R: Tudo sou eu. As pessoas pensam: quantos funcionários tu tens? Eu digo, rapaz, deixa eu pensar: tem eu, eu e eu (rs). Tem a minha esposa que ajuda também nessas questões das mídias digitais, ela é mais atenta a isso do que eu. Mas em termos jornalísticos, apenas eu.

A nossa formação não observa essa questão do empreendedorismo, publicidade. E o jornalista blogueiro precisa ter essa “pegada”. Você acha importante ter uma pessoa para auxiliar nesses momentos ou você acha que dá para fazer tudo sozinho?

R: Eu acho importante sim, dependendo do nível que você esteja, você tem de se profissionalizar cada vez mais, mas para o meu momento, eu acho que está tudo dentro do padrão.

Você acha importante então separar os dois mundos?

R: Hoje não sinto essas necessidades, porque tudo vai acontecer assim – obviamente que se tivesse seria melhor, teria um crescimento muito melhor – mas de fato ainda não pensei nesse aspecto não. Por enquanto, está sendo conveniente para mim assim, dessa forma. O meu foco sempre foi de cuidar da questão jornalística, me dedicar a isso, porque o resto é consequência. E é o que está acontecendo. Eu nunca fui atrás de uma parceria.

Quem trabalha com jornalismo político acaba tendo uma situação no limite. Eu fico tentando imaginar o ritmo que vocês estabelecem com o outro lado...

R: Inclusive essa era a minha preocupação no início, eu te confesso. Até tive muita dificuldade nessas questões financeiras, nunca foi o meu forte. Passei pelos meios tradicionais e é uma vitrine, mas nunca tive facilidade em negociar minha marca, meu peso profissional. Eu só vivia do meu salário, em certo aspecto, abri mão disso. Eu não quis entrar por esse viés

político para ter a independência. Esse era o meu grande dilema: como vou me manter em relação a isso? Mas eu me preocupei com isso, estava muito preocupado em estar sendo podado pelo sistema, no rádio e na televisão. A minha preocupação de imediato era criar um meio e dizer: “Olha eu estou aqui, estou vivo.” Esse foi o meu foco. E a partir daí, as parcerias, a questão financeira começou a andar.

E o que você diz para o agente público insinuando que vai anunciar ou deixar de anunciar?

R: Na verdade eu não tive ainda uma experiência de alguém, de um agente público chegar e dizer: “Olha vamos fechar uma parceria e você vai ter de fazer assim...”

Isso de “pegar leve?”

R: Não até pelo meu perfil.

Nem o ex-governador?

R: Não, até pelo perfil. Agora, obviamente se você coloca algo que desagrade e tal, mandam uma mensagem: “Rapaz, essa mensagem aí não ficou muito legal”, com jeito, mas tudo dentro dos padrões éticos. Aí obviamente você precisa ter a flexibilidade de negociar isso também. Agora do ponto de vista de interferir na linha editorial, jamais.

E o seu dia a dia, como você se organiza?

R: A minha rotina tradicional é de 6h da manhã ao meio dia, porque os programas políticos tradicionais aqui na Paraíba, são do rádio, ao meio dia. Das 6h da manhã até às 12h estou totalmente focado atrás de informações para alimentar o blog e o noticiário político também. Ele virou referência de noticiário político aqui. Então tradicionalmente é esse horário. Aí eu dou uma relaxada a tarde e à noite com algumas exceções.

E você não tem rádio dentro do seu blog ainda. Você pensa em montar uma rádio no blog?

R: Rádio não. Eu penso muito nas mídias digitais. Uma vez ou outra eu estou usando o Instagram – faço comentário no Instagram e publico no blog – acho que eu devo enfatizar mais isso a questão da imagem, porque esse sempre foi o meu forte. Eu estou negligenciando um pouco isso, mas é uma meta agregar com as redes sociais.

Para você, o futuro do jornalismo está no blog?

R: O futuro não, o presente. Eu acho que já é o presente do jornalismo. Aqui na Paraíba especificamente muitos colegas foram demitidos dos meios tradicionais principalmente da mídia impressa, o jornal mais antigo da Paraíba, o *Correio da Paraíba*, ele fechou. Muitos profissionais foram demitidos e todos eles, sem exceção, migrando para a mídia digital, para os blogs. Esse é o caminho. O presente. Não é o futuro - é uma realidade já. Tanto é que eu estou dando o meu exemplo, eu estou vivendo muito bem com o blog.

Entrevista com Edivaldo Bitencourt - Blog *O Jacaré* – Campo Grande (MS)
Entrevista gravada por Skype (videoconferência) e por áudio (reserva) no dia
10 de outubro de 2020.



Figura 21. Entrevista com Edivaldo Bitencourt. Fonte: Autoria própria.

Por que você decidiu criar um blog?

R: Sou jornalista aqui do Mato Grosso do Sul, formado na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e eu gosto muito de escrever – trabalhei em todos os jornais aqui do Estado, *Correio do Estado*, que é o maior, os portais da internet e eu em 2015 eu era chefe de redação do *Campo Grande News*. Era o cargo mais alto lá, que é o maior portal do estado. Eu gostava do meu trabalho. O que eu sentia é que faltava aquela satisfação pessoal. Por exemplo: você fazer um diferencial e contribuir para que tudo melhore. Quando você está em um lugar desses... (Obs.: Há problemas no sinal e a gravação é reiniciada). Contribuir para que algo mude, desde que não seja atrelado ao poder como é hoje.

Você se formou em que ano?

R: 1997.

Quando o *Blog do Jacaré* foi fundado?

R: Foi em 2017.

Nesse período anterior ao blog, onde você trabalhou?

R: Fui repórter de “Cidades” do *Correio do Estado* durante duas ocasiões: na primeira, eu trabalhei três anos e me mandaram embora. E na segunda, eu trabalhei seis anos e pedi demissão. Aí na terceira vez fui editor de “Economia”, “Cidades”, “Geral” e aí eles me mandaram embora. Aí fui trabalhar no *Campo Grande News* como chefe de redação. Fui chefe de redação do *Midiamax* – fico até meio constrangido em falar, porque fiquei só 42 dias no cargo – depois eu voltei para o *Campo Grande News* de novo e fiquei três anos, quando eu pedi demissão para tentar fazer algo diferente. E eu fiquei um ano sem fazer nada, mas acabei fazendo: trabalhei como assessor na campanha, escrevi um romance e em 2017 comecei com *O Jacaré*.

O que lhe fez sair de um portal e fundar o seu blog?

R: Na verdade, quando eu pedi demissão do *Campo Grande News*, eu pedi demissão para eu pensar no que eu ia fazer. Eu não sabia o que eu ia fazer. Aí os amigos, meu irmão, ficavam falando: “Por que você não abre um blog?” E eu falava para eles: quem vai ler o meu blog? Eu dizia: fazer um blog para mil pessoas lerem, eu não quero fazer. O pessoal acabou me

convencendo. Em julho de 2016 eu registrei o domínio do *Jacaré*. Aí um amigo meu falou: “Ah, faz aí...tem a campanha para prefeito e você já ganha um dinheiro”. Eu pensei: vão falar que eu abri o blog só por causa da campanha para prefeito. Eu pensei: não, deixa um pouco, vou pensar mais. Aí eu peguei e decidi esperar um pouco e comecei em 2017. Acabei fazendo a diferença, por exemplo, em 2018 quando teve a campanha para o governo do estado, o Reinaldo (Azambuja, do PSDB), que é o atual governador, mandou o pessoal dele me procurar propondo conluio e tal – aí eu fui o único que eu não fechei com ele. O resto todo mundo fechou. Aí eu já comecei a atingir o meu objetivo: fazer um diferencial em algum ponto.

Não teve algo específico para você mudar?

R: Todo jornal tem aquela tensão. Tem a linha do chefe, você se esforça para fazer o que o chefe quer, tem aquele stress todo. O que me levou a pedir demissão foi que, quando chegava no fim do dia e eu achava que havia feito um bom trabalho, o dono do jornal, ele não falava que eu havia feito um bom trabalho. E quando tínhamos boas pautas, ele reclamava de algo que não tinha nada a ver. Sempre inventava algo para continuar reclamando. Eu acho assim: não é legal na vida fazer algo que nunca satisfaz ninguém. Por mais ingrato que o jornalismo seja, onde todo dia você precisa de uma pauta, uma notícia, mas pelo menos o reconhecimento é o preço que você tem de pagar. Você tem de ter uma satisfação no fim do dia para dizer: “Poxa, eu fiz um bom trabalho, meus chefes reconheceram, estão todos gostando.” Sempre tinha alguém falando que: “Pô, essa matéria tá uma bosta, tá faltando notícia, tá muito fraco”. Eu acho que tinha muito disso e eu gostava muito de planejar as pautas.

Na segunda-feira, eu já pautava os repórteres para matérias no sábado e no domingo. Aí o dono do jornal, ele entrava no sistema, via as matérias e queria publicar: “vou publicar”. E eu dizia: “Cara, isso é para o fim de semana.” E ele: “como no fim de semana, hoje é segunda-feira... Por que esse povo não escreve no fim de semana?”. E eu: não dá tempo. Mandava refazer folga. Aí ele dizia que eu estava certo. Dali a pouco, passava dois, três dias, ele reclamava de novo. Aí ele perguntava quando eu ia liberar as matérias. Eu falava que estava sem tempo, mas que iria olhar. E ele falava que queria liberar. Era aquela briga (rs). Eu fazia questão de orientar cada repórter para explicar do jeito que eu queria.

Por que você deu o nome de *O Jacaré* para o blog?

R: Eu queria um nome regional. Eu sou de Paranhos, que faz fronteira do Mato Grosso do Sul com Paraguai, eu tenho orgulho da minha cidade – apesar de que ninguém acha que lá tem algo bom – mas eu gosto. Eu gosto do estado que eu moro, então eu pensei que eu não iria colocar um nome norte-americano, com idioma estrangeiro. E aqui a gente tem o *Pantanal News*, *Capital do Pantanal*, *Campo Grande (MS)*, então já tem nomes de todos os tipos. Pensei em algo diferente como “capivara”, “onça” – ia ficar meio estranho – aí eu pensei em “jacaré”. Então ficou *O Jacaré*, mas já tem uma concorrente agora: *A Onça*.

E o blog de *O Jacaré* caiu no gosto popular?

R: Quando eu criei o blog, havia o *Blog do Nélio* e o do *Carlos Jorge*, o *Comunique-se*. No início, o pessoal tirava sarro: “ah, esse *Jacaré* é uma lagartixa”, querendo me desprezar. Agora hoje esse mesmo pessoal fica pedindo para pôr notícia. Ontem eu fiz uma análise do horário eleitoral e a mulher de um candidato ligou: “Você não viu o meu marido no horário eleitoral?” Eu disse: “Putz, dona, acabei esquecendo, vou acrescentar aqui.” Ou seja: o fato das pessoas fazerem questão de estar no blog. A mulher de um outro político – que junto com a esposa são réus por corrupção, ocultação de patrimônio e receber propina da prefeitura – me ligou por eu ter colocado a matéria, dizendo que ela estava junto com o marido. “Tira a minha foto, eu não sou mais casada com ele”. Aí você vê a importância: ela não estava preocupada que ela é acusada de ser “ladrona”, de ter roubada os cofres públicos de estar perto de ser condenada...

A preocupação dela é que tinha uma foto com o marido no site. Todo o jornal da cidade não fala dele. O cara foi condenado há oito anos de prisão, há três anos que ele não cumpre a pena, ele conta com um apoio de um desembargador e você vê como tudo funciona.

Retomando, você dizia que tem um político aí que ninguém fala o nome dele... Qual é o nome dele mesmo?

R: Gilmar Olark, Ele está condenado há oito anos e quatro meses de prisão. Ele foi condenado pelo Tribunal de Justiça.

E a mídia tradicional não fala dele? Ele é preservado?

R: Não. Ele tem várias ações por improbidade e duas ações penais por desvio de dinheiro público e ocultação de patrimônio.

Você acha que o seu blog nasceu para tocar nesses assuntos?

R: Cara, o meu blog – eu não gosto muito do termo “incomodar” – eu acho que o blog nasceu para publicar algo que a mídia aqui do estado não publica. Quando eu resolvi criar o blog, uma das formas que eu uso para selecionar os casos, é publicar os casos que a mídia não publica. Teve um caso de um roubo – tão surreal que deu até no *Fantástico* – o filho do governador, que é advogado, contratou um grupo para roubar uma propina que ele ia dar para um cara. E o grupo roubou a propina de 300 mil – só que o cara que deveria vindo pegar a propina não veio, ele mandou um outro no lugar – eles foram e roubaram o cara e deram a propina para ele para simular um roubo, só que a polícia militar pegou o carro, pegou todo mundo e eles disseram: “não gente, isso aqui não tem nada a ver. Não é um roubo. O filho do governador contratou a gente para roubar 300 mil reais. A gente foi lá e roubou o que era a propina que ia pagar para o cara”. Ninguém deu nos outros jornais. O site *Midiamax* foi dar no ano passado, porque brigou com o governador. Muitas vezes não é bom ficar sozinho. Quando você fica sozinho, você fica muito visado. Mas foi legal. Acompanhamos desde o início e o Tribunal de Justiça aceitou a denúncia contra o filho do governador e ele virou réu por roubo.

E o *Fantástico* deu a história?

R: O *Fantástico* deu em setembro, quando o Tribunal de Justiça aceitou a denúncia e o filho do governador virou réu.

Por que você escolheu o formato blog?

R: O blog é algo mais pessoal. Como hoje só eu trabalho nele, acabou ficando como blog. Mas nada impede de no futuro, ele vire um site na mesma linha.

E a escolha do foco editorial?

R: Quando eu comecei, eu pensei em apenas fazer uma análise da cobertura da mídia local. Com o tempo, eu descobri que o pessoal daqui não cobria as ações do Ministério Público, era muito mal acompanhado. Era algo que toda vez na minha carreira jornalística, eu já vinha fazendo. É algo que eu domino bem. Aí acabando indo nessa linha. Eu defini bem a linha de *O Jacaré*. Eu acompanho todas as ações na justiça, as esferas estadual, federal e acompanho a política local. E na pandemia, eu acabei acompanhando também, porque é algo que impacta diretamente na cidade, na população, na sociedade. Eu acabei acompanhando também junto com os outros jornais. Agora, *A Onça* – que é a minha concorrente – ela cobre polícia e cobre tudo, tipo um site. Talvez ela tenha até mais audiência do que eu. Mas só que tem aspectos que eu consigo fazer de três, quatro matérias por dia, o que me dá bastante audiência, superando as minhas expectativas.

Como a gente pode definir a sua linha?

R: Acho que o jornal *O Globo* me define bem: é o país e a economia. A política de Campo Grande, Mato Grosso do Sul em geral, Tribunal de Justiça, transparência, política, justiça e a sociedade.

Casos policiais você também publica?

R: Os casos policiais só os mais emblemáticos. Eu acompanho. O caso do Jamil Name, por exemplo, porque até maio do ano passado, quando ele fez 80 anos, a festa dele foi mais celebrada. O prefeito da capital estava, os senadores da República, os deputados estaduais, juízes, desembargadores...

E agora ele foi preso?

R: Ele está preso há um ano. Ele é empresário. É criminoso, mas a gente chama de empresário. O filho dele é deputado estadual. O cunhado, que é o Pedro Chaves, é secretário do governo do estado, o outro cunhado, que é o Jaime Domingos, é conselheiro do Tribunal de Contas...

É uma família voltada ao poder?

R: É uma família voltada ao poder, quer dizer ao crime, mas deixa poder. Ele é acusado, desde 2013, vamos colocar assim: o delegado Paulo Magalhães, o chefe da Segurança da Assembleia, Martins, o Marcel “Playboy”, empresário, o segurança do Jorge Rafati, foram executados. Com a prisão dele, descobriram que foi ele que mandou matar, entendeu? E ele era um cara que corrompia – cinco guardas municipais foram presos com ele, três policiais civis, um delegado, até o cunhado, o conselheiro do Tribunal de Contas, já foi preso na operação. É um cara que, quando ele foi preso, eu fiquei com medo de noticiar, porque é um cara que manda matar. Mas eles nunca me ameaçaram.

Você já teve algum tipo de ameaça?

R: Esse empresário, como ele está preso e isolado, ele tem uma lista que é para quem ele quer matar primeiro: defensor, juiz, esperando quem ele mate o próximo...

Ele tem uma lista? Você está nela?

R: Não sei.

Foi encontrada uma lista com ele?

R: Foi. O juiz não está. Só o defensor, o delegado e o promotor do GAECO (Público).

Você chegou a avaliar ofertas de outros blogs para trabalhar ou mesmo levar o seu blog para outra plataforma?

R: Nunca ninguém me ligou com alguma oferta. O que eu recebi foi o Nélio Brandão, que queria me contratar para trabalhar para ele. Ele queria que eu publicasse as mesmas matérias que eu publico no meu blog, publicasse no dele. Ele ia ficar com os “louros”.

E aí, você não topou?

R: Não, porque ele queria que eu publicasse as minhas matérias no blog dele.

O seu percurso profissional ajudou na formação do blog?

R: Eu acho que a experiência que eu tive nos jornais foi importante para eu não depender de ninguém, porque eu mantive o meu blog por causa do meu trabalho de jornalista. Muitas vezes, eu tenho mais limitação com ele, por ser mais jornalista do que empresário. Se eu fosse mais empresário do que jornalista, eu estava bem de vida.

Se você fosse empresário, teria recebido muitas propostas?

R: Procura. Geralmente, as pessoas procuram assim tipo: “Ah, você vai ganhar tanto se você parar de falar mal da gente. A gente vai pagar para que assim que você tiver denúncia mandar antes para a gente responder. A gente vai pagar para você não falar mais. É só você dizer quantas “baterias” você quer ganhar.

Eles usam o termo “bateria”?

R: Usam. Aqui parece muito com o Brasil – toda hora aparece alguém envolvido em “maracutaia”. Teve político, empresário...teve uma vez que o presidente da Assembleia ligou querendo falar comigo. A secretária dele me ligou: “Ah, o fulano quer falar com o seu Edivaldo”, eu falei que não podia atender naquela hora e ela disse: “Ah tá, amanhã eu ligo para o senhor”. Chegou a tarde e eu “dei um pau nele”. Nunca mais, até hoje ele não ligou (rs). Teve um cara que é dono de hotel e tal, dizem que ele é muito rico e ele queria entrar com sociedade no blog.

Ele tentou ser sócio do seu blog?

R: Isso.

Você criou o blog para se tornar independente e eles estão tentando lhe amarrar de novo?

R: Isso.

Vantagens e desvantagens de possuir um blog?

R: Vantagem: a minha liberdade, para eu fazer as matérias que eu gosto, que eu quero; a independência e o *feedback*, o reconhecimento, é algo que nunca tive na minha vida. Foi muito engraçado, uma vez, um vereador resolveu me homenagear na Câmara. Uma assessora, que é minha vizinha, ligou perguntando se eu aceitava a homenagem. Eu perguntei: mas você tem certeza que ele quer me homenagear mesmo? Ela disse: “Não, ele vai sim”. “Bom, então tá”, eu disse. Eu não recuso homenagem. No outro dia, ela ligou pedindo para eu ir buscar os convites para receber a comenda, podia levar cinco pessoas. Fui lá pegar os convites. A homenagem seria na quarta-feira. Na segunda, ela me ligou: “Olha, primeiro era para o vereador te homenagear. Agora é a Câmara que vai te homenagear, olha que chique!”. E eu: “como assim?” Ela disse: “vai ser a Câmara”. Eu falei: “Olha, que legal.” Mas pensei: “Acho que não vou ser homenageado”. Na terça, ela ligou pedindo desculpas, porque eles publicaram no *Diário Oficial* a lista dos homenageados, mas não colocaram o meu nome. Então, eu pensei: não vou nessa homenagem, eu não estou na lista.

Aí ela ligou pedindo desculpas, porque o pessoal da Câmara se confundiu e que eu não iria mais ser homenageado. Aí, ela falou para mim: “Você conhece o vereador Eduardo Romero, você não é amigo dele?” Eu falei: “Sou.” Ela falou: “Você é amigo dele, ele é o presidente da comissão”. Eu falei: “Não vou pedir para o Eduardo me homenagear. Primeiro porque ele é meu amigo – ele faz a política dele e eu faço a minha. Ele foi acusado de estuprar um guri de 13 anos, eu fiz a matéria. Eu dei a versão dele, mas ele ficou ‘puto’ comigo.” Depois o Eduardo Romero me ligou pedindo desculpas, dizendo que a culpa não era dele, mas da assessoria do vereador. Aí a minha amiga falou assim: “Não, eu dei um jeito aqui. A gente vai colocar a fulana como homenageada do outro vereador”. Eu sei que foi criada uma crise lá e eu acabei sendo incluído. Quando anunciaram o meu nome, os vereadores arregalaram o nome e disseram: “Pô, esse é o dono do *Blog do Jacaré*. Que cara novinho”. Apesar de o meu nome aparecer ao lado no blog.

Qual a sua idade? E as desvantagens?

R: Tenho 46. As desvantagens: eu gosto de trabalhar com gente. Gosto de conversar, discutir a minha pauta. Discutir o gancho, trocar ideia. Eu trabalho muito tempo sozinho, fica até meio

depressivo. E a questão da viabilidade financeira mesmo: durante dois anos e meio, eu trabalhei sem receber nada de ninguém. E depois desses dois anos e meio, eu consegui ter um retorno só. Hoje eu estou mais tranquilo. Ao mesmo tempo que eu tenho a minha independência, eu tenho os meus compromissos, com contadora, manutenção.

Em relação às fontes... Teve vantagem, desvantagem?

R: Eu passei a ter mais fontes que eu não tinha. As pessoas acabaram me vendo de certa forma como resistência e acabam me procurando. Todos me procuram querendo ajuda, querendo resolver. E eu tenho muitas fontes. Muita gente quer descobrir onde eu arranjo as pautas, onde consegui a informação.

Fontes anônimas passaram a lhe procurar mais ou menos?

R: Passei a ser mais procurado por fontes anônimas.

Quais são os tipos de informação que impactam as pautas dos jornais e lhe dão relevância?

R: Eu acho que geralmente sentenças judiciais, denúncias do Ministério Público, detalhes das operações policiais o que acaba fazendo os jornais a irem atrás. Com a internet, muitas pessoas acabam não conseguindo segurar mais e acabam vazando. Por exemplo: eu estou sozinho no caso do governador do estado. Agora o *Midiamax* (outro site) virou tipo um parceiro. Tem um monte de site do interior do estado que acabam produzindo as minhas matérias, inclusive os daqui de Campo Grande. Se eu fosse cobrar direito autoral de todo mundo, eu estava rico. Tem um monte de gente reproduzindo as minhas matérias e alguns nem citam.

Não citam?

R: Alguns ainda são bonzinhos, assinam lá embaixo. Outros assinam em cima. Mas fazem como se as matérias fossem deles.

Como você mantém financeiramente o blog?

R: Aqui no Mato Grosso do Sul, a gente é muito dependente do poder público. Infelizmente... O pessoal do Tribunal de Justiça de vez em quando, manda um anúncio para mim. Aí eu “meto o sarrafo” na questão dos salários – os nossos juízes são os mais bem pagos do país e olha o nosso tamanho... Eles ganham em dobro do que no Rio e em São Paulo – e quando eu faço matéria, eu comparo... Eles não ficam contentes em ganhar o maior salário, eles ficam criando “penduricalhos”. Esses dias eles criaram auxílio-transporte. Como o auxílio-transporte e o de moradia foram cortados, agora eles criaram uma gratificação por excesso de ações, de processos também. Aí o cara do Tribunal me procurou perguntando se tinha algum problema ele mandar anúncio para mim. Eu disse: cara não tem problema, só não fica achando que o fato de você mandar anúncio para mim. Não quer dizer que eu vou deixar de publicar as matérias contra o Tribunal. Aí ele disse: a gente só quer que você ouça a gente primeiro. Aí eu disse que isso eu sempre faço. No fundo, eu acho que sou um mau negociante, porque eu já deixo claro que o meu trabalho jornalístico é independente da propaganda.

E aí, ele anunciou?

R: Anunciou.

Com prefeitura e tudo mais?

R: Olha, a prefeitura anunciou durante um tempão, mas eu sempre deixei claro que se tiver alguma denúncia contra o prefeito, eu iria publicar.

Você sempre demonstrou que haveria independência?

R: Na verdade, eu procurei manter a minha linha. Mas eu não posso brigar com todo mundo também, porque as pessoas querem que a gente faça um bom trabalho, mas ninguém quer pagar. Não sei se é por uma falta de conscientização, de cultura no Brasil, que a gente tem, a pessoa quer ter um bom jornalismo, mas não quer pagar por isso. A primeira vez que a prefeitura me procurou eles queriam que eu não publicasse nenhuma denúncia. Eu disse que não dava para fazer. Não houve acordo. Eles me procuraram de novo: “Mas o que você acha, não sei o que”. Eu coloquei que não iria personalizar, tipo assim: quando falo da prefeitura, não falo que é o prefeito. Disseram que “tirando o Marquinhos (prefeito) já é bom negócio”. Eu falei: “Então está bom. Eu posso continuar publicando e eu tiro o prefeito.” A prefeitura criou uma taxa do lixo. Na outra época eu colocava que o prefeito tinha criado a taxa do lixo.

Como você se organiza para alimentar o blog de notícias? Você tem uma rotina?

R: Eu começo a trabalhar as 7h. Vou até o meio-dia. Paro para almoçar. Eu volto e vou até às 7h da noite, mas tem dia que vou até às 10h da noite. Eu procuro colocar no mínimo três notícias por dia: duas de manhã e uma à tarde. E quando tem uma operação da Polícia Federal por exemplo: coloco sete notícias.

Você tem alguém de *webmaster* para lhe ajudar?

R: O *webmaster* fez a página para mim e ele dá manutenção, por exemplo, o *banner* (de anúncios), ele coloca pra mim. E quando sai fora do ar, eu o aciono.

Dá pra gente ter uma relação de quanto você ganhava e quanto você ganha hoje com o blog, sem entrar em valores, mas em termos de porcentagem?

R: Cara, é como eu te falei. Dois anos e meio não recebi nada. Às vezes, Deus dá algo para a gente, que você analisando, parece “coisa de louco”. Nesses dois anos que eu não recebi nada, o governador entrou com 16 ações contra mim, não é? E aí eu pensava: como vou apagar advogado? O Marun (Carlos Marun) era Ministro do Temer mandou a Polícia Federal abrir inquérito contra mim por calúnia e difamação. E o Nelsinho Trad, que era candidato a senador, entrou com uma ação contra mim, na Justiça. Cara, teve um dia que eu saí aqui de casa e pensei: “Meu Deus do céu, o governador (Reinaldo Azambuja) entrou com 16 ações em três dias!” Eu comecei a ficar com pânico – acho que era síndrome do pânico – o ônibus buzinava na rua e eu achava que era a campanha com o oficial de justiça tocando. Uma vez o oficial chegou com sete ações da justiça para eu assinar. Você ficava com aquela paranoia de ver que qualquer hora – mesmo sabendo que ele optou pelo: “Eu aceito para você sem cobrar nada, mas o meu amigo que vai me ajudar, ele precisa lhe cobrar algum dinheiro. Ele cobrou 3 mil reais em 16 ações, parcelado em 10 vezes, paguei “trezentão” por mês. É tudo um gasto, principalmente pra quem não está ganhando nada. Sou bem econômico. Nesse período que eu trabalhei no jornal eu economizei uma grana. Eu tinha como princípio: quando chegava no limite, eu ia procurar um emprego, algo. Quando chegou no limite, o Temer liberou o FGTS, eu pensei: vem um “gás” aí. Hoje eu já recuperei o que eu investi nele hoje. Agora eu tinha um carro, fiquei só de moto. A moto é bem mais econômica.

E o que deram as ações?

R: Das 16 do governador, ficaram duas e uma do Nelsinho. Do Marun, não sei o que que deu. O delegado da PF que me ouviu disse: “Pô, você que é o ‘Jacaré’, gente boa (rs)”...O delegado foi engraçado, porque o advogado iria comigo, mas eu fui antes para saber o que estava acontecendo. Quando eu cheguei, a escritã começou a pegar os meus dados para ouvir o depoimento. Agora, voltando à sua pergunta sobre o ganho: hoje eu consigo retirar quase que o dobro do que eu ganhava no *Campo Grande News*, em um ano.

Que tipo de contrato que você faz com a prefeitura?

R: É *banner* na página. A prefeitura anuncia tem um valor “x” por mês, eles mandam os anúncios, eu emito nota e aí tudo é eu que faço. O *webmaster* faz o *banner*, eu faço os *prints*, levo as notas, assino e eu tenho uma contadora que emite nota pra mim. Tem uma empresa que me ajuda. Mas esse mês, eu perdi um anúncio do governo, mas o governador está respondendo no STJ.

Queriam dar o anúncio, mas não queriam falar da ação?

R: Isso.

Mas é na cara dura assim?

R: Vou lhe falar como foi a conversa: chamou para conversar um amigo meu, convenceu ele que o meu blog deveria receber um anúncio diferente para agregar valor ao produto. Me chamaram para fazer isso. Teve reunião no governo – parte dizia que *O Jacaré* não gostava deles. Pediram pra não citar o governador. Só que eu tive acesso ao inquérito da PF. Até ontem eu recebi um recado de que eu só ficava “dando pau” no governador. O anúncio era de seis meses, mas não teve jeito não. Eu tenho vontade de fazer uma campanha de arrecadação solidária. Eu ainda não tentei, porque eu fico pensando muito. Tem gente que mesmo não me pagando, já se acha dona.

Para você, o futuro do jornalismo está no blog?

R: Eu acho que não é questão de futuro. No meu entendimento, o jornalismo tradicional, de redação, deve existir, mas eu acho que a gente veio fazer essa realidade. Com certeza, nós fazemos parte do jornalismo do futuro, mas não para substituir, para compor. Eu acho que é para revisar uma visão diferente. Eu acho que o blog hoje vem para apresentar um ponto de vista diferente, mas não para substituir. O objetivo é acrescentar, não substituir. Ele veio para acrescentar ao jornalismo.

Entrevista com José Eduardo Ferreira do Vale - Blog *Zé Dudu* – Parauapebas (PA)

Entrevista gravada por Skype (videoconferência) e por áudio (reserva) no dia 10 de outubro de 2020.



Figura 22. Entrevista com José Eduardo Ferreira do Vale. Fonte: Autoria própria.

Abre dizendo seu nome: José Eduardo Ferreira do Vale, que é natural de Ceres em Goiás e veio para Parauapebas em 1984. Por que você decidiu criar um blog jornalístico?

R: O blog foi criado há 11 anos. Saiu de uma “besteirinha”... Aqui em Parauapebas tinha um blog apenas e aqui na minha rua, tinha uma empresa que veio para asfaltar cerca de 300 metros...e essa empresa passou seis meses para asfaltar e não asfaltou. E aí, um amigo meu, o Waldir Silva, colocou uma matéria no blog dele dizendo que essa mesma empresa havia ganhado 11 quilômetros de asfalto da sede do município até uma vila, onde tem o assentamento do pessoal do MST. Aí eu fiz um comentário no blog dizendo que a empresa passou seis meses aqui para asfaltar 300 metros e não deu conta, como ele poderia agora pegar uma obra de 11 quilômetros? Mas aí ele moderou o comentário. Eu liguei pra ele: o Waldir você moderou o comentário? E ele: “Não, é que eu trabalho na prefeitura, a obra é da prefeitura e fica chato pra mim”. (Eu disse): Então tá bom: vou escrever um blog pra mim e não meu vai poder falar tudo. E foi assim, começou em uma brincadeira, na roda dos amigos, com 10 acessos, 20, 50. E nasceu disso a criação do blog, a vontade de se fazer o blog.

Você fez Jornalismo? Já tinha trabalhado em redação?

R: Por incrível que pareça, não. Nunca tinha trabalhado em redação, não fiz Jornalismo. Eu fiz Economia, incompleta, quando terminei, quando eu fui para o Pará, eu deixei o curso de Economia lá. Meu pai veio para cá quando eu tinha 19 anos e fiquei até hoje.

Você trabalha só para o blog ou tem outras funções?

R: Eu trabalho exclusivamente para o blog. Tenho máquinas de esteira que eu alugo para empresas aqui, vivo do aluguel delas e do blog também. O blog é autossustentável.

Você contratou jornalistas? Como é que funciona?

R: De 2010 para cá o blog vem sendo muito regional. Eu “tô” em um local que fica a 30 quilômetros da sede da mina de Carajás, fico a 45 quilômetros de Canaã dos Carajás, fico a 160 quilômetros de Marabá e a 30 quilômetros de Curionópolis. Então é uma região minerária aqui próxima e eu me propus a tratar dessa região, da política, de tudo dessa região, mais Parauapebas, depois de cinco, seis anos comecei a distribuir nesse setor. Com o advento do plebiscito para dividir o Estado do Pará em Carajás, Tapajós e Pará, eu resolvi expandir esse blog para falar da minha região, que é Carajás, aí a intenção – não está concretizada ainda é colocar correspondentes nos 39 municípios que formariam o estado de Carajás. Hoje a gente está aqui em nove municípios consolidados com correspondentes, mandando matéria todo dia. E a

intenção é estar no 39. Hoje nós temos uma equipe de 12 pessoas no blog. Aqui na sede do município só eu e o *webdesigner* e no restante dos outros oito municípios tem um repórter que faz, pesquisa e faz tudo. Aqui em Parauapebas tem um repórter policial – por incrível que pareça, eu não colocava notícias policiais no meu blog – mas tem de colocar, porque dá muita visualização. Aí esse repórter manda pra mim, eu faço a edição do texto e publico.

São jornalistas formados ou são jornalistas de formação?

R: Da equipe eu tenho dos 12, três são jornalistas formados. Os restantes são autodidatas. Trabalham já há algum tempo no ramo, no rádio, na TV e agora estão comigo. Para você ter uma ideia, o meu blog hoje é o único veículo de comunicação do estado do Pará que tem um correspondente fixo em Brasília. Globo, RBA, jornais *Liberal*, *O Diário do Pará*, é o único que tem.

E por que você escolheu o formato blog?

R: Na realidade quando o blog nasceu lá em 2010, eu escrevia um artigo por dia sobre as notícias da região. Eu passava na rua e via aquilo que era certo ou errado e fazia um comentário sobre isso. Com o crescimento do blog, das visualizações, eu fui pegando gosto por tudo e fui escrevendo duas, três (colunas). Hoje a gente publica 25 matérias por dia. O formato jornalístico foi porque eu estou há 36 anos e conheço todo mundo, sou uma pessoa conhecida na cidade, conheço todos os políticos, então tenho boas fontes, que é o principal para você ser um bom blogueiro é ter boas fontes. Então como eu tenho boas fontes, eu chego primeiro. Eu tenho um ditado, que não é meu, mas eu levo comigo: “Quem chega primeiro na cacimba, bebe a água limpa”. Me passa a informação, que eu quero dar primeiro. Mas eu acho que com o advento do WhatsApp, está difícil você dar um “furo” hoje. Hoje você está na rua e todo mundo é jornalista com uma câmera de celular. Está difícil você conseguir uma boa matéria.

Como foi a escolha editorial do blog?

R: Hoje a linha editorial do blog, ela é não só política, mas eu estou tentando colocá-la mais informativa. Fazer pesquisas no site de mineração, fazer pesquisas em sites no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – todo dia eu olho o IBGE para ver se tem uma pesquisa nova – aquela pesquisa que o IBGE sai em nível nacional eu a trago para o meu horizonte, que é a região dos Carajás. Hoje o blog seria um professor de assuntos gerais para buscar informação e transmitir para outras pessoas.

Mas aí você tem “Polícia”, “Política”...

R: Eu tenho “Política”, “Esporte”, “Polícia”, “Economia” e “Assuntos gerais - Cotidiano”.

Essa diversificação de editorias aumentou a aceitação do blog?

R: Quando eu coloquei os correspondentes nos outros municípios – tenho dois correspondentes em Marabá – o blog passou a ser visto em Marabá. Antes disso, esporadicamente alguém lia. Hoje com o advento do WhatsApp também você manda nos grupos, tem grupo de tudo quanto é lugar, hoje eu estou sendo visto no Pará inteiro, no Brasil inteiro, muita gente de fora visualizando o blog. Só para você ter uma ideia, nós estamos aqui às 20h. Eu tenho 211 leitores on-line agora, tenho Brasília, Recife, Maceió, Imperatriz do Maranhão, Marabá, tenho de tudo quanto é lugar no Brasil. É dois aqui, três ali, mas é muita gente que já morou aqui e vive fora, cara que está estudando fora, que a família é daqui, da região. A pergunta que você me fez se aumentou? Aumentou. E acho que o mais importante com essa mudança de panorama na linha editorial criou mais credibilidade. É o ponto “x” da questão ou não para o cara ser um bom blogueiro. É credibilidade. Não adianta você ser tendencioso. Você pode até gostar do Vasco, mas você não pode ficar falando mal do Flamengo, porque o Flamengo está ganhando de todos.

Eu acho que o mais importante é a credibilidade. Essa expansão me trouxe uma credibilidade maior nas regiões onde estou sendo visto hoje.

Chegou outra oferta de algum blog para você ser incorporado?

R: Não. Até porque nós estamos no Sul do Pará. Bem no “interiorzão” do Pará, 500 quilômetros da capital, meio complicado uma oferta do *UOL*, da Globo ou outra plataforma qualquer. Essa informação precisa chegar nesses editores que fariam a contratação, talvez eles nunca leram o meu blog. Por enquanto não teve, ainda não. Para você me ver – você por exemplo está em outra região – para me encontrar tem de pesquisar um assunto no Google no assunto da região. Eu escrevo sobre essa região aqui. Algumas notícias em Carajás, certamente eu vou aparecer para você, mas por enquanto, esses editores não tiveram essa oportunidade ainda, mas estou aberto a propostas (rs).

Você disse que estudou Economia e parou o curso. Quando você olha o seu percurso profissional, o que lhe ajudou a criar o blog?

R: Olha, nós estamos na região onde o Índice de Desenvolvimento de Educação Básica (Ideb) é muito baixo, o gosto pela leitura é mínimo, é algo supérfluo. Eu sempre fui um bom aluno, desde muito pequeno eu sempre adorei ler. Sempre que eu tenho uma chance de pegar um livro, eu pego um livro e vou ler algo. E esse fato ajudou muito na composição da linha editorial do blog. Não tem nada mais chato do que você pegar um texto – onde a ideia é muito boa, mas o cara escreve casa, com “z”. Você não dá muita credibilidade para esse cara. A ideia dele é até boa, mas casa com “z”, Jesus com “g”, aí fica meio complicado. Tem muito pouco erro, tendo ao máximo, antes de publicar, dar uma relida. E esse fato ajudou muito: o fato de eu ler e ter sido um bom aluno, ajuda muito a escrever. Não tem bom jornalista, bom escritor se ele não gostar de ler. Pode mudar de profissão. Nem “blogueiro jornalista”.

Quais são as vantagens e desvantagens que você vê no blog?

R: A vantagem do blog em relação ao jornal é eficiência na hora de dar a matéria, de dar a notícia. Se algo acontecer aqui, eu coloco no mesmo instante. No jornal você só vai ler amanhã. Não tem como sair hoje. Eu acho que é essa eficiência. Não há nível de comparação entre o jornal, um blog ou um site de notícias. Outra coisa que eu acho bacana no blog é que o seu leitor consegue interagir com você nos comentários; no jornal, você pode ler a matéria e dizer que a matéria bacana, mas esse retorno não chega até você que fez a matéria. Já no blog não, o cara faz um comentário, você recebe um elogio ou pejorativo, mas está lá. Essa é a grande vantagem. A desvantagem para mim ter um portal é que muitas vezes você é incompreendido. Nós vivemos em uma região, com muita gente lutando do Piauí, Goiás, Mato Grosso, São Paulo, Rio e que veio atrás de uma melhora aqui. Logicamente aqui não tem só engenheiros e doutores. Aqui tem a classe mais operária que vem atrás de uma melhora de vida. E essa pessoa, às vezes, ela é meio inculta. E confunde as coisas: não sabe o que é imparcialidade. Não sabe o que é uma notícia tendenciosa. Principalmente nessa época de política. Você coloca o resultado de uma pesquisa. Se o candidato dele não está ganhando, ele fala que você é mentiroso, “puxa-saco”, tendencioso. É difícil, essa é a única desvantagem em relação ao blog, que é o poder que o leitor tem de absorver essa informação e analisar.

Quais são os tipos de informação que impactam as pautas dos jornais e lhe dão relevância?

R: Ultimamente o que tem mais trazido, influenciado os outros meios de comunicação, a pautarem, são as pesquisas e os estudos que eu tenho corrido atrás para eu publicar. Como eu disse, o IBGE, sites de estudos, grupos de estudos, sempre tem algo novo. Vou atrás, releio aquelas 200 páginas para puxar alguma informação para a minha região. Essa informação tem pautado os nossos veículos de comunicação da região, da capital, de certa forma de alguns de

fora. Outro dia a TV Record publicou uma matéria sobre uma notícia que eu dei em “primeira mão”.

Sobre o que era a notícia?

R: O município teve o maior índice de empregabilidade no semestre passado. A matéria deles começou bem pejorativa, dizendo: “Uma cidadezinha lá no interior do Pará”, mas a informação deve ter saído da gente. Não deram crédito, o que foi a maior sacanagem (rs).

O fator “primeira mão”, novamente você está fazendo referência ao lance da exclusividade...

R: Eu acho que esse é o diferencial de um bom blog. Você dar a notícia em “primeira mão”. Você dá notícia em “primeira mão”. Você vai atrás de uma notícia que foi dada. Foi dada assim: “o IBGE publicou lá um índice de empregabilidade no Brasil inteiro, nos 5 mil municípios do país”. Aí eu fui atrás para quais são os do Pará, como estava o Pará, comparo o estado em relação a São Paulo, em relação ao Rio, em relação à Goiânia. Faço esse tipo de apuração e escrevo isso. Esse tipo de informação que serve para pautar qualquer jornal de qualquer cidade. A partir do momento que lá do Espírito Santo fala assim: “Esse cara pegou aqui e o estado dele está em primeiro lugar em empregabilidade, como está o lugar aqui da minha região e ele faz a matéria daquela região”. A exclusividade hoje é muito difícil. Mas você tem de dar a matéria correta. Um acidente em Carajás. Daqui dois minutos você tem vídeo do acidente, tudo certinho, tudo correndo nas redes sociais... Mas o que você está vendo ali no vídeo não impacta a realidade. Aí você vai atrás da assessoria de comunicação da Vale, da família dos caras que supostamente se machucaram para quando você colocar no blog, dali uma hora, duas ou três, eu vou dar assim: o acidente foi isso, aconteceu foi isso, faleceram tantas pessoas, aqui está a nota da Vale... Você dá a notícia completa. Eu acho que você tem o dever a ter a credibilidade. Aqui na nossa cidade tem muito isso: “Está no *Zé Dudu*? Então é verdade”. Não é me gabando, mas “se não tá lá, suspeita, não bota fé não”.

Como você fez para manter o blog financeiramente?

R: Até o advento da emancipação, o blog era formado por eu e eu mesmo, então até lá, o custo era meu custo, era aquele custo pequeno que era só meu mesmo. A gente não tinha patrocínio de nada. Depois que eu comecei a contratar, aí eu comecei a arrumar patrocínios: prefeitura, câmara municipal, CDL, sindicatos, aí você vai arrecadando... Com essa arrecadação, eu fui passando para os meus colaboradores, correspondentes hoje. Hoje eu tenho anunciantes, tenho a Vale, o mercado aqui em torno dos blogs, tipo Marabá, tem um anunciante aqui que ajuda a bancar o correspondente lá.

E esses anunciantes – eles divulgam em forma de notícia ou de propaganda? Como você faz?

R: Essas informações são dadas como notícias, quando ela é notícia. Eu não publico *release*, eu não publico quando o prefeito fica se autoglorificando, eu não publico. Se for algo jornalístico do tipo que informa uma inauguração, com horário, eu publico. E outra: todos os contratos firmados com prefeituras e câmaras, que são entidades políticas, elas têm no contrato que o contrato não influencia a linha editorial do blog. O cara “pisou na bola”, “vai para o chinelo”.

Por exemplo, vou dar uma situação: eu sou prefeito de uma cidade e vou organizar uma festa para Nossa Senhora Aparecida. Eu mando texto e você publica em forma de matéria

ou você vai dar um “trato” ou lhe mando o anúncio e você coloca na página? Como funciona?

R: Normalmente as prefeituras mandam um *banner* institucional - época da queimada, por exemplo, um *banner* tradicional pedindo para as pessoas não colocarem fogo no mato – mas eu publico também, por exemplo, você vai fazer a festa de Nossa Senhora Aparecida, você me manda o *release*, eu pego aquele *release*, dou uma repaginada nele, faço alguns contatos para pegar alguma informação pertinente à matéria e publico.

E se eu não tiver um contrato com você e a festa for muito importante? Ainda assim você faz a reportagem?

R: Publico sim. Para você ter uma ideia eu tenho contrato – são 39 municípios que eu cubro aqui na região - e eu só tenho contrato com oito.

Você criou um departamento de marketing. Quem vende pra você os anúncios?

R: Normalmente o primeiro contato é feito com o correspondente lá da área. Ele passa o meu contato. A gente conversa, mas financeiro eu não trato. Eu contratei uma pessoa pra fazer esse contato financeiro, porque eu acho assim: eu que vou escrever, não falando de dinheiro com você, já melhora a situação. Apesar de eu saber o quanto eu vou receber, mas não tenho trato financeiro com cliente, eu tenho um setor especializado para isso.

Você achou melhor separar?

R: A partir do momento que cara, prefeito, um vereador, um presidente de Câmara me ligam querendo fazer um anúncio perguntando quanto eu cobro, eu digo que não cobro nada. Quem cobra é o departamento de lá, explico para ele como o trabalho vai ser feito, mas na hora de tratar o valor financeiro, a troca monetária, é com outra pessoa.

Você dá uma atenção para elas? Elas acabam tendo uma relevância maior no blog?

R: Naturalmente. Isso aí não tem como negar. O blog, apesar de não dar muito lucro, ele tem de dar lucro. Se eu tratar com indiferença quem está patrocinando, eu mesmo não me sentirei bem pagando, fazendo um anúncio no blog e amanhã tenho uma matéria pejorativa à minha cidade, ao meu mandato, onde sequer eu fui consultado para saber a resposta. Um trato que eu tenho com os meus correspondentes é de sempre ouvir os dois lados. Se tem uma denúncia, pega a denúncia, faz o texto e fala: “Secretário de comunicação de Marabá, estou com essa denúncia assim. Queria participar disso aqui e saber uma posição da prefeitura a respeito disso”. Se ela não responder, a gente coloca que “foi consultado e não respondeu”. Agora se ela respondeu, coloca que “ela respondeu, mesmo dizendo que tudo aquilo que a gente falou é besteira”. “Segundo a prefeitura, isso é besteira.” Eu acho que a gente tem de dar direito de resposta a tudo e em especial a quem está pagando.

Independentemente de ter ou não o contrato se vocês conseguem a denúncia acabam publicando?

R: Não, independente ou não, se eu vejo que a denúncia tem procedência - porque por eu conhecer a região, eu entendo mais ou menos se a denúncia é política. Eu sempre vou atrás e dou uma ligada para algum conhecido do município. Eu tenho uma mania também quando o correspondente manda a notícia: “Eu ligo para algum conhecido se está sabendo da parada, para checar.” Porque acontece muito no interior, o repórter faz amizade com o prefeito, faz amizade com o presidente da Câmara e começa a puxar sardinha para os caras, devem estar ganhando algum por fora e você aqui não está levando nada, por isso eu costumo dar sempre uma ligadinha, confirmar se era aquilo mesmo.

Você está aí com a Vale do Rio Doce. Como foi o seu contato com eles na época da tragédia de Brumadinho?

R: Eu recebia o material de Brumadinho preparava o texto, escrevia e passava para a assessoria de comunicação e perguntava o que eles tinham a dizer sobre isso. Publicava a minha versão e a versão deles. Sem problema nenhum. Nenhum contrato, nem com prefeitura, nem com entidade política, nem com a Vale, nem com cliente nenhum tem influência na linha editorial.

Vocês têm situações que preocupam, como a de Brumadinho em relação a represamento de minérios?

R: Não, como Brumadinho não. Na verdade, só tem uma represa da Vale que tem algum risco, porque é muito grande, se acontecer uma fatalidade, ela pode pegar uma região que tem gente morando. A represa foi feita no pé de Carajás, que é uma serra e tem outra serra. Ela foi feita no meio. Mas ali passa um córrego. Então, onde seria afetado é uma área de proteção ambiental. A cada cinco alqueires, tem um morador.

E você chegou a fazer matéria disso na época da crise? Mesmo ela anunciando no blog?

R: Eu fiz matéria a respeito. A Assembleia Legislativa do Pará abriu uma CPI para investigar todas as barragens do Pará, da Vale e das outras mineradoras. Nós acompanhamos a CPI, botamos bastante material, mas não deu em nada. Não deu em nada porque tem vários laudos periciando. Eu tenho amigos que construíram essa barragem para ela e não trabalham mais na empresa e garantem que elas estão bastante seguras. Não é impossível acontecer, mas...

Você disse que tem 12 correspondentes. É isso?

R: Tenho 12 pessoas trabalhando no blog. Nove correspondentes.

Todos são registrados ou são *freelas*?

R: Não, são todos *freelas*. Não tem nenhum registrado. Até porque o salário que eles ganham, não é aquele “salárioooo”... Mas não dá para pagar muita coisa também. Geralmente, ele escreve para o blog e a não ser o de Belém e o de Brasília, o cara trabalha em outro setor. De manhã em uma rádio e à tarde escreve para o blog. Ou trabalha na TV à tarde e escreve para o blog também. Ou já escreve para o jornal da cidade. Não tem exclusividade.

Agora você consegue pagar o piso salarial?

R: Eu pago pouco, mas eu pago mais do que o piso. Infelizmente jornalista ganha mal para danar (rs).

Qual o piso aí no Pará?

R: 1.830 reais. Depende da cidade, Marabá tem 250 mil habitantes. Até pelo deslocamento do cara, a área de cobertura dele é maior, você tem de pagar um pouco mais. Agora, Jacundá, por exemplo, tem 40 mil habitantes. Jacundá ganha quase 2 mil reais. Um pouco mais que o piso. Já o de Marabá ganha quase 3 mil.

Fora o outro trabalho que ele tem...acaba sendo um componente interessante...

R: Tem correspondente que o salário do blog é maior que o salário da empresa que ele está trabalhando no outro jornal ou na rádio. Geralmente já são fichados, já são registrados na empresa.

Como você se organiza para alimentar o blog de notícias? Tem uma rotina?

R: Hoje com essa pandemia está acontecendo assim: de manhã a gente coloca as notícias do dia, polícia, aquilo que aconteceu a noite, o repórter policial manda de manhã. Eu já estou com a

minha matéria de amanhã - com os meus estudos aqui, mais ou menos engatilhados para publicar amanhã, fase de conclusão. E aí amanhã cedo eu publico um ou dois artigos desses que eu tenho feito sobre esses estudos, dessas pesquisas, desses institutos de pesquisas. À noite, os boletins aqui da região saem às 19h, às 20h, a gente publica na parte da noite, esses boletins. Eu faço cobertura da região, dos 39, eu sintetizo esses 39 em uma matéria só: então eu digo que no Sul do Pará aumentou tantos mortos, diminuiu o número de mortes, pego as maiores cidades e faço uma exclusiva aqui da minha sede que é Parauapebas. Porque aqui para você ter uma ideia, nós já testamos quase 180 mil pessoas (Covid-19). É um dos municípios do Brasil que mais testou para Covid.

Mas tem os horários que o pessoal manda? Você combina?

R: A primeira eu solto 7h da manhã. 7h ou 7h30. Levanto, tomo o café, sento aqui e já tenho as matérias que foram enviadas à noite. Eu tenho uma filha que faz Jornalismo em Natal e de vez em quando ela “me dá uma mão”. Às vezes eu estou na rua e tem uma notícia importante no WhatsApp eu digo: “Filha, edita isso pra mim”.

E ela faz lá de Natal?

R: Ela edita em Natal e publica. A plataforma do blog é uma senha. Você entrou na plataforma – de qualquer lugar que você tiver, você faz – nesse momento ela está aqui porque as aulas estão paralisadas lá. Ela deve voltar em janeiro para lá.

E você não pensa em fazer jornalismo? Você a influenciou...

R: Eu falei para ela: “Minha filha, esse negócio não dá dinheiro”. Mas ela quis ir “quebrando a cara” (rs). Ela já é formada em Relações Internacionais e depois que se formou, prestou vestibular para Jornalismo e está cursando. Está no quarto período. Abriu um curso aqui em Parauapebas a distância, mas você tinha de ir ao sábado. Mas eu estou com 55 anos e aí falei “Rapaz, eu não dou conta de ficar frequentando faculdade mais não”, até que desisti e não fui.

Pra encerrar, pra você o futuro do jornalismo está no blog?

R: Eu não diria no blog, mas está nas redes sociais. O jornalismo vai passar para as redes sociais. Você vê jornais fechando, passando apenas para o digital. O futuro está no digital. Não deixa de ser um blog digital. Eu acho que esse WhatsApp, Facebook é só o começo do que vem aí para frente.

Você acha que está nas redes sociais ou nos meios virtuais?

R: Eu acho que está nos meios digitais, que inclui blog, Instagram, redes sociais todas. O blog era considerado rede social até pouco tempo. Era um veículo exclusivamente de opinião. Então você escreve um blog e vou falar de jornalismo, fotografia. Era opinião de fotografia. Hoje não, o meu foi diversificado. Tem opinião, mas tem todas essas matérias.

E o editorial? Tem aceitação?

R: Lê bem. Eu acho que segura mesmo a parada é o editorial, que eu escrevo uma vez por semana, sobre algo que está acontecendo aqui na região ou no mundo, no Brasil. Eu sempre tento focar aqui na nossa região. Já tem aí a Globo, o *Jornal Nacional*, o SBT, a Bandeirantes falando sobre as eleições norte-americanas, o desdobramento sobre o Congresso Nacional Brasileiro. Se você quiser algo do Trump, eu vou na Globo. Eu só uso esses temas quando não tem algo relevante aqui na região ou senão quando o fato que eu vi nas agências nacionais me interessa mesmo. A linha editorial eu puxo muito para a nossa região aqui.

Entrevista com Marcia Zarur - Blog *Marcia Zarur (Olhar Brasília)* - Brasília (DF)

Entrevista gravada por Skype (videoconferência) e por áudio (reserva) no dia 12 de outubro de 2020.



Figura 23. Entrevista com Marcia Zarur . Fonte: Autoria própria.

Por que você decidiu criar um blog jornalístico?

R: Tanto eu quanto a Samanta somos duas jornalistas de Brasília, cada uma atuando na sua área: Samanta Sallum mais no impresso e eu mais no audiovisual. Sou cria de televisão, venho há muito tempo no audiovisual e as duas trabalhando em Brasília. E a gente sentia – eu sou nascida em Brasília – e a Samanta é uma carioca que adotou a cidade – e a gente sentia que a visão da cidade era muito carimbada com aquele viés negativo de centro do poder, capital da corrupção, as pessoas só associavam Brasília a esse lado negativo da cidade, que a cidade acaba pagando um preço por ser a capital do país e por ser um centro político administrativo. Só que a gente que vive aqui, sabe que a cidade tem todo um outro lado de cultura, de gastronomia, de lazer, de cidadania e a gente queria muito abordar esse outro lado que a gente não via nos grandes veículos de comunicação. E aí a gente acabou em uma das conversas, acabou falando: “Por que a gente não cria um site?” Por que a gente não teria um compromisso noticioso, não seria essa função, objetivo do site, seria dar vazão a textos e a olhares nossos em relação à capital mais próximos à nossa vivência.

Aí a gente lançou o *Olhar Brasília*, a gente lançou o site em junho de 2017 com essa vontade de mostrar a Brasília mais real, a Brasília mais poética, a Brasília mais do dia a dia dos brasilienses. Lançamos o site em 2017 e estamos desde então com variações na maneira de fazer o site. Dentro do site tem um blog meu e um *Blog da Samanta*. A gente tem a liberdade também – quando você tem esse espaço – primeiro que com um site você permite um alcance que você perde até a noção de onde ele chega: é uma “janela para o mundo”. E a gente não teria a obrigação de responder a um chefe, a uma linha editorial, a gente teria total liberdade para escrever o que quisesse. Era um espaço livre para a gente se expressar e para a gente expressar a nossa visão a respeito de Brasília.

Na época, vocês trabalhavam em meios tradicionais?

R: A Samanta na época que nós lançamos o site era assessora de comunicação de um senador, trabalhava no Senado. E eu era colunista da rádio CBN. Eram as nossas atuações fixas na época, que a gente continuou também com o site paralelamente a essa outra ocupação. O site não é nossa fonte principal, mas é uma fonte de muito prazer para a gente poder mostrar essa Brasília, sem essas amarras, com essa liberdade de ter o nosso olhar em relação à cidade. Uma questão muito de valorização daqui e dos brasilienses, que é algo que a gente acha muito

importante: essa questão da autoestima. O brasileiro é sempre muito desrespeitado. Eu costumo dizer que eu desço em um aeroporto e pego um táxi, no Rio ou em São Paulo e as pessoas perguntam de onde está vindo... E eu digo: “Brasília...” “Ah, Brasília, capital da corrupção, não é?”, “Ah, Brasília, além da sua mala está trazendo outra de dinheiro?”. Então assim a gente sofre – eu acho que os brasileiros sofrem *bullying* do país inteiro. É uma maneira da gente responder. A gente tem muito orgulho de ser daqui... A cidade é muito bacana, tem uma qualidade de vida excepcional, tem muitas características boas a oferecer, mas sempre tem esse estigma, tem essa nuvem pairando sobre a imagem de Brasília e sobre a imagem dos brasileiros. O site foi uma resposta a essa maneira distorcida que a gente acha que acaba sendo muito divulgada.

Por que vocês decidiram por esse formato e não uma estrutura tradicional?

R: Eu acho que a carinha de site surgiu muito – a gente já pensava em fazer um blog pessoal e a Samanta também já pensava em abrir um blog pessoal também – a gente decidiu unir forças e em um primeiro momento, a gente tinha conteúdo vinculado todos os dias. No primeiro ano de funcionamento, a gente teve de fato, o meu blog, o *Blog da Samanta* (duas vezes por semana cada), mas a gente tinha outras seções que eram alimentadas diariamente. A gente tinha por exemplo: a “Dica do dia”. Hoje não tem mais todo dia, mas a gente ainda tem. Você abria e descobria o que poderia ser feito naquele dia na cidade – um programa cultural, algo que estivesse acontecendo, uma programação gratuita, o lançamento de um livro. Você sempre tinha uma dica do que fazer naquele dia. Além disso, a gente tinha outras seções. A gente ainda tem, mas não está alimentando como a gente fez no primeiro ano. Mas nessas outras seções a gente abre a possibilidade que outras pessoas participem também, embora a nossa estrutura de site sempre tenha sido muito enxuta, eu, a Samanta, às vezes uma estagiária, alguém para ajudar nas redes sociais. A gente sempre teve muita participação dos moradores da cidade.

Então uma das seções é o “Espaço convidado”, onde a gente abre um espaço para que as pessoas da cidade falem sobre assuntos que são importantes. A gente tem, por exemplo, uma moradora da Vila Planalto – que é um acampamento de candangos, anterior à construção de Brasília, de casas de madeira, que fica perto da Esplanada dos ministérios. A Vila Planalto tem uma luta muito grande de preservação e uma moradora é uma das mais atuantes defensoras da preservação da Vila. Ela já escreveu diversos textos para o site no espaço convidado. A gente tem, por exemplo, um jornalista que é super ligado à área de cultura, de rock, um dos criadores de um dos programas de rádios mais ouvidos pela tribo do rock que é o *Cult 22*. Ele também já fez vários textos falando de rock. Então a gente aproveitava a experiência e a *expertise* das pessoas das mais diversas áreas, que tinham a ver com o que a gente pensa, com o que a gente quer para a cidade e a gente abrigava esses textos dentro do site.

Isso foi maneira de juntar forças?

R: Exatamente. Foi uma questão de visualização, porque eu vejo muito o blog, quase como um diário. Você compartilha aspectos que você está a fim de compartilhar. A gente queria extrapolar um pouco esse modelo do diário (virtual), não era simplesmente um diário. Era um espaço para a gente dar visibilidade para os assuntos que interessavam à cidade. Extrapolava um pouquinho a questão do blog. É claro que tem algo absolutamente autoral. Por isso a gente fez questão dentro do site colocar um blog *Marcia Zarur* e o blog *Samanta Sallum*, para manter essa proximidade com a nossa vivência diária, mensal, periódica da cidade. A gente queria de certa forma dar visibilidade mesmo para esses assuntos. No nosso primeiro mês de site – teve uma questão aqui em uma das quadras da Asa Sul, do Plano Piloto, o governo do Distrito Federal queria derrubar uma área verde para construir um prédio comercial e os moradores se mobilizaram, fizeram abaixo-assinado, abraço das árvores da quadra, para evitar que essa área verde fosse derrubada para dar lugar a um prédio comercial – e o *Olhar Brasília*

foi extremamente atuante em defesa dessa área verde, a gente entrou no lado dos moradores e comprou a briga ao lado dos moradores. É algo que o veículo de comunicação não tem muito como fazer, não tem muita força para fazer isso. E um blog também não é muito espaço para você conseguir aglutinar essas forças para realmente ter uma mudança efetiva na cidade. A gente foi super bem-sucedido com esse movimento pelo verde. A gente conseguiu – o mérito é total dos moradores – mas a gente conseguiu dar um impulso a essa ação com os moradores e o governador voltou atrás, mantendo a área verde e desistindo da construção comercial.

São pequenos “tijolinhos” que a gente ajuda a construir, a manter essa qualidade de vida que tem em Brasília. Eu acho que era muito difícil conseguir esse tipo de mobilização, no caso de um blog. A gente precisava de um site para ter um pouco mais de força. Embora a gente não tenha estrutura de redação, de funcionários e tal, você tem um *layout* que sustente um pouco mais as opiniões, que dê um pouco mais de força e agregue mais gente. Para a gente era muito importante isso: ter a possibilidade de agregar o pessoal da quadra, escrever no espaço convidado, colocar o seu ponto de vista...

Como foi a escolha do foco editorial?

R: Eu acho que foi o foco editorial, foi algo muito natural, até porque a minha vida profissional não tem como dissociar a minha vida de Brasília. É como se ela se constituísse na defesa de Brasília. Eu comecei a minha carreira na Globo como repórter aqui em Brasília, cobri política, depois eu fui para o Rio de Janeiro, passei dois anos como âncora da GloboNews e eu pedi demissão. Eu já tinha uma perspectiva de ir para a rede e já tinha uma carreira toda promissora e pedi demissão para voltar para Brasília. Eu queria era estar em Brasília. Voltando para Brasília eu sempre me pautei muito por essa questão de defesa da cidade. Até por ter uma experiência fora, Rio de Janeiro, por ter visto muito de perto como as pessoas enxergam Brasília, da maneira distorcida como as pessoas enxergam Brasília e ter a vivência da cidade.

Não só por ser brasileiro, mas por ter morado quase que a vida inteira aqui eu tinha essa necessidade latente de mostrar para as pessoas: “Gente, olhem Brasília como ela é...” Ao sentirem essas “nuvens de preconceito”, abram, limpem isso para ter um olhar mais transparente sobre a cidade. Aí quando eu voltei para Brasília, ainda trabalhei na Globo, no *DFTV* e depois indo procurar esse lado mesmo, de carreira solo, de defesa de Brasília. Para mim, a escolha do tema não poderia ser mais natural. É quase uma continuação de tudo que eu venho fazendo. O *Distrito Cultural*, que é o meu programa que está na Globo, é um programa que mostra identidade brasileiro pelo viés da cultura. São entrevistas com famosos e anônimos que produzem cultura e que tiveram Brasília como grande musa inspiradora para produzir isso. Mesmo gente que já ganhou reconhecimento internacional, como o músico Hamilton de Holanda, a gente tem gente muito boa por aí fazendo arte e cultura da melhor qualidade que saíram de Brasília – essas pessoas foram forjadas em Brasília – eu acho que foi uma escolha natural. Eu não consigo nem imaginar outro aspecto se não fosse isso. Acho que o site acabou sendo uma consequência e não um objetivo.

Vocês avaliaram ofertas de outros blogs?

R: Na verdade nós recebemos convites dos dois maiores veículos de comunicação aqui de Brasília. Tanto o *Correio Braziliense*, quanto o *Metrópoles*, demonstraram interesse em levar o *Olhar Brasília* para dentro da plataforma deles. A gente não teve interesse. Primeiro porque o nosso objetivo não é virar algo grande, nunca foi. A gente não quer virar um portal, ter uma estrutura e ter redação... Não tem interesse nisso. E estar atrelado a um veículo de comunicação maior, nos dá um direcionamento editorial, pode ter algum tipo de cobrança. Não vai ter abertura ou liberdade de falar sobre o que a gente quiser, a hora que quiser, sem dar satisfação para ninguém, que é algo muito caro para a gente. A gente achou que não valia a pena. Não era nosso objetivo. Se o *Olhar Brasília* tivesse sido criado com o intuito comercial, até se a

gente dependesse financeiramente do site, precisasse torná-lo mais profissional, mais viável, isso teria sido um caminho a ser considerado. Mas como não era, a gente realmente optou por continuar pequenininho, continuar caseiro.

Sem cobrança, sem necessidade de produzir todo dia...

R: Isso também. A gente acabou mudando um pouco, como eu te falei, no primeiro ano a gente teve produção de conteúdo diária e acabou ficando algo muito pesado. No primeiro ano, muita gente falava o portal *Olhar Brasília* e a gente falava que não era portal, era pequenininho. As pessoas achavam que tinha uma redação, uma estrutura por trás, porque de fato a gente produzia conteúdo todos os dias. Além da dica do dia, a gente sempre tinha um conteúdo novo: no blog, no espaço convidado, na coluna de gastronomia ou na coluna de cultura, sempre tinha algo. E acabou sendo inviável manter esse esquema, porque é uma estrutura muito pequena, a gente teria de aumentar essa estrutura para manter esse ritmo meio alucinante que a gente começou. Nós começamos a perceber outro aspecto também: a gente teve muito acesso, tinha alguns *posts* nossos que viralizavam... Eu acho que a gente conseguiu essa relevância porque atingiu formadores de opinião, embora a gente não tivesse um público numericamente... É claro, a gente teve *post* dentro do Google Analytics 20 mil, 30 mil visualizações, que é bastante para uma estrutura pequena.

A gente sempre teve um público muito formador de opinião acompanhando a gente e isso fez uma diferença grande. Essa questão que a gente teve do verde, a gente teve o próprio governador respondendo ao site. Isso da relevância passa muito por aí. Você pode ter um monte de gente replicando – aquilo do robzinho dar número – ou você pode ter gente com o poder da caneta na mão e que vai fazer alguma mudança para a cidade. Eu acho que a relevância passa por aí. Aí a gente conseguiu – ao longo do tempo – ir ajustando o formato de uma maneira que não ficasse pesado e ao mesmo tempo não perdesse essa conexão com o público. E o que a gente percebeu? A gente tinha mais engajamento das pessoas quando tinha ações presenciais e a gente teve – eu comentei com você que fez o movimento “Mexeu com Brasília mexeu comigo” que foi uma resposta ao jornalista Ancelmo Gois de *O Globo*, que escreveu uma notinha falando mal de Brasília e dizendo que não tinha nada par, que ele não entendia como o turismo de Brasília aumentava e que se alguém soubesse o que tinha para fazer, que mandasse cartas para a redação e ele foi bem irônico, dizendo que tinha um monte de atividades para fazer em Brasília...

E nessa época vocês já tinham o site com os blogs?

R: Foi 15 dias depois do lançamento do site que o Ancelmo Gois fez a notinha.

Então foi bem presencial...

R: E foi algo...é engraçado. Foi assim: “Ah, a gente ficou maturando uma campanha, reuniões com agências de publicidade, não...” Foi algo completamente natural...a gente viu a notinha na coluna do Ancelmo Gois, foi “no nosso calcanhar, bateu ali feio” – exatamente o que a gente estava falando no site, o site é um manifesto,...

E ele respondeu?

R: Ele ligou depois para a Samanta e falou: “Olha, não foi por mal, foi Brasília, não sei o que...” Esse movimento “Mexeu com Brasília, mexeu comigo” foi algo muito espontâneo, porque tinha muito a ver com a essência que a gente estava propondo no site... Foi aquilo que a gente se ligou: “Você viu a nota do Ancelmo Gois?”. “Nossa, a gente não está acreditando, a gente tem de responder. Vamos fazer um movimento, vamos criar uma *hashtag*: “Mexeu com Brasília, mexeu comigo”. Uma publica um texto no blog um dia, a outra publica no outro. Bota nas redes sociais e vê o que acontece. E o troço viralizou. As pessoas compraram totalmente a ideia. E a gente viu que estava de certa forma, com o site e o movimento, preenchendo um nicho que existia e

que era uma verdadeira lacuna, porque ninguém estava preenchendo esse nicho. E aí engraçado: porque não foi algo assim: “Ah, a gente vai fazer um site, vamos fazer de que? Ah, vamos pensar em que...” Não! Foi algo absolutamente natural que a gente atirou no que viu e acertou o que não viu. Gerou um engajamento das pessoas, um movimento mesmo, a *hashtag* viralizou, todos passaram a usar a *hashtag* e aí a gente começou a fazer encontros presenciais.

O primeiro que a gente fez – a gente lançou o site em junho – em agosto a gente fez uma roda de conversa até para explicar o que era o site e falar para as pessoas participarem, mandarem texto, a gente fez em uma banca de jornal que é um espaço aqui que tem muitos aspectos da cultura, conversa, reflexão, que é uma quadra modelo aqui de Brasília. A gente fez essa roda de conversa, a roda de conversa foi um sucesso, normalmente nas anteriores que a dona da banquinha fazia iam de 10, 12 pessoas... Na nossa foram 70 pessoas, já foi algo assim... Ficamos espantadas e felizes com a repercussão e assim: gente arquiteto, gente do IAB aqui do DF – Instituto dos Arquitetos do Brasil - , muita gente da Universidade de Brasília (UnB), um público super qualificado para discutir a cidade, para discutir as questões da cidade: mobilidade, preservação do projeto original, cultura, preservação do patrimônio... Foi uma roda de conversa com altíssimo nível com muita gente qualificada e a gente começou a ver que também tinha uma certa demanda e que a gente gerava um engajamento muito bom para esses encontros presenciais. Aí no fim do ano a gente resolveu lançar o movimento: “Mexeu com Brasília mexeu comigo” e a gente lançou um vídeo de um minuto que esse viralizou...eu recebi de amigas que estavam na Noruega e que me mandaram... O vídeo tomou conta...um vídeozinho falando sobre a imagem de Brasília distorcida...um vídeo de um minutinho, bem redondinho, bem bonito e a gente fez o vídeo do movimento e fez o lançamento do vídeo em dezembro em um bar super tradicional aqui de Brasília e mandou produzir camisetas: “Mexeu com Brasília, mexeu comigo” e a gente conseguiu um patrocínio, fez as camisetas para distribuir no evento. Fim de ano, início de dezembro, aquelas disputas das confraternizações, você tem 1 milhão de confraternizações no mesmo dia. Chovendo, a gente falou: “Não vai dar ninguém.” O bar é em um lugar meio aberto, a gente tinha mandado fazer 200 camisetas e a gente pensou: “Vamos distribuir 20 e olhe lá...a gente pensa em um outro evento para distribuir o resto da camiseta para ver o que a gente faz. Vamos lançar aqui para quem tiver.” Aí a gente até brincou: “a minha família vem, a sua vem, a gente tem as famílias aqui para dar quórum.” Faltou camiseta. Nós distribuimos as 200, mas foram pelo menos mais umas 100 pessoas que passaram por lá e ficaram sem camiseta. Foi um negócio estrondoso: em um mês que você tem muita concorrência de evento, que é dezembro, um dia chuvoso – “Cara, não vou sair para ir no Beirute para ver as meninas falando de ‘Mexer com Brasília, mexeu comigo’ – cara, todo mundo saiu...” Brasília estava ‘em peso’ ali. E a gente viu que aquilo era maior do que a gente imaginava. A gente falou: “gente, o negócio é grande”! E a gente começou a ter ideias de reunir as pessoas. É até meio incongruente, porque o site é virtual, o digital, mas ao mesmo tempo as pessoas estão com uma necessidade muito grande de se encontrar, de sair um pouco do virtual também. Parece até meio contraditório, porque o site foi um estímulo para as pessoas se encontrassem cara a cara e as pessoas começaram a perguntar quando seria o próximo evento, quando a gente poderia se reunir de novo. E aí a gente começou a fazer uma série de eventos e o site hoje está até mais para a área de eventos do que para a produção de conteúdo – a gente até tem produção de conteúdo, mas não está como no primeiro ano e a gente faz, teve um recital lírico com uma cantora de Brasília aqui em uma Super Quadra, as pessoas desceram do prédio para ver a menina cantar, ela tem uma voz linda, é novinha, tem 16 anos, é uma promessa do canto lírico aqui de Brasília e tal.

Depois a gente fez uma parceria com um movimento que chama “Panela Candanga”, que aproveita ingredientes do cerrado para fazer pratos elaborados, gastronomia *gourmet*, com os ingredientes do cerrado e sempre visando a preservação do bioma e tal...aí a partir do ano passado, a gente decidiu fazer o prêmio de fotografia, tudo dentro do movimento “Mexeu com Brasília, mexeu comigo”. Aí a gente chamou os brasilienses a retratarem a cidade. Daí a gente

conseguiu um patrocínio, um patrocínio legal, para dar uma premiação em dinheiro para as pessoas participarem – inscrições gratuitas – mas os três primeiros lugares recebiam uma premiação em dinheiro. Foi superlegal, movimentou pra caramba a cidade e a gente conseguiu fazer algo que também tem em Brasília, que é essa constituição geográfica da cidade que tem plano piloto, apartado das outras cidades, que hoje se chamam regiões administrativas. Você tem o plano piloto no centro e você tem essas cidades, que antes eram cidades-satélites, que hoje são regiões administrativas, longe geograficamente do plano.

Aí você tem uma série de outras barreiras que separam o plano piloto dessas outras regiões administrativas. O que são as barreiras? Barreiras econômicas, sociais, uma série de preconceitos de lado a lado e a gente conseguiu com o prêmio que todas as regiões administrativas estivessem contempladas. Inclusive, a gente fez uma exposição que a gente queria ter pelo menos uma foto de cada região administrativa e aí na revelação do prêmio, a gente projetou essas fotos na cúpula do Museu da República. O Museu da República é ao lado da rodoviária, bem no corpo do avião, do plano piloto do avião, é aquele prédio do Niemeyer, que é uma cúpula perto da catedral e a gente conseguiu aquela projeção 3D... A gente conseguiu jogar aquela imagem de todas as regiões administrativas no Museu da República, o que simbolicamente foi a união de todas essas cidades no coração de Brasília. A gente conseguiu unir pela cultura, fotografia, a gente conseguiu fazer essa união simbólica no aniversário de 59 anos de Brasília. E esse ano a gente fez novamente o prêmio, mas por conta da pandemia, tivemos de fazer virtual. Mesmo assim a gente fez esse engajamento das pessoas e uma sensação muito forte de pertencimento, sabe? Eu sou de Brasília, eu tenho orgulho de ser daqui... Eu moro na Ceilândia, mas eu sou de Brasília, eu moro em Sobradinho, mas eu sou de Brasília...isso foi muito forte.

Você acha que o seu percurso profissional ajudou na criação do blog e você conseguiu sentir alguma diferença com as fontes?

R: Olha, eu acho que a estrada profissional sempre ajuda. Eu acho que ajuda em vários aspectos. Acho que na questão das fontes sim, porque tanto eu, quanto a Samanta, a gente tem um nome forte na cidade, eu dentro do audiovisual, da televisão e a Samanta no impresso. A Samanta é uma jornalista super respeitada aqui em Brasília, conceituada, certamente abre portas, inclusive com as fontes, a gente tem acesso com as fontes que se fosse um site de duas focas, recém-formadas. Provavelmente a gente não teria nem um centésimo do que a gente consegue, já tendo uma estrada profissional consolidada e respeitada na cidade.

Mas eu acho que a estrada profissional, ela ajuda em todos os aspectos. A questão da gente estar fazendo o site agora também com mais maturidade. Eu acho que a gente consegue até ter esse acervo, eu acho que consegue ter essa visão do que quer com o site. Por que site e não blog? Porque eu acho que a gente queria mais do que o desabafo, queria realmente contribuir mesmo, de alguma maneira pela cidade, o site acabou dando mais força. A gente conseguiu em um período da vida, de maturidade mesmo, de idade e acho que a estrada profissional contribui sem dúvida para a gente ter essa visão mais ampla de tudo, que você não tem quando você está no começo de carreira.

Vantagens e desvantagens de se ter um blog?

R: Desvantagem eu acho que a gente sofreu muito com a questão de tentar ser algo que a gente não tinha estrutura para ser. Eu acho que não chega a ser uma desvantagem, mas foi um obstáculo, eu diria. Aquele primeiro ano foi muito penoso, tanto pra mim, quanto para a Samanta. A gente estabeleceu e era um compromisso nosso, só da gente, com a gente mesmo. Mas essa coisa de alimentar, tendo outros projetos, a gente ter obrigação de alimentar diariamente um conteúdo sem estrutura, foi penoso. Desvantagem? Eu não consigo nem analisar o que foi uma desvantagem, porque eu diria que foi um obstáculo.

Mas vocês não sofreram processos judiciais, nada disso?

R: Não, até porque a gente é muito cuidadosa. A gente toma muito cuidado. Até no prêmio de fotografia – a gente recebeu fotos lindas, uma delas era a de um menininho, que não tinha autorização dos pais e que foi desclassificada – a gente é muito certinha. Pelo fato de ser certinha, nunca aconteceu nada nesse aspecto. E em relação à vantagem...é uma janela para o mundo, você tem a possibilidade de falar... É muito amplo o espaço, você atinge o mundo com o site. Você pode falar com qualquer pessoa em qualquer lugar. Isso é muito democrático. E é bacana você ter esse alcance. Eu acho que é a questão da liberdade. Por mais que a gente tenha liberdade em um veículo de comunicação, alguns mais, outros menos. Eu fiquei na CBN durante quatro anos como comentarista, colunista... Era minha opinião, eu falava sobre Brasília, chamava *Mais Brasília*...eu falava sobre Brasília, mas eu tinha a minha opinião, eu falava sobre o que eu quisesse. Mas você tem um maior grau ou menor dentro de um veículo estabelecido de comunicação. No site, você tem liberdade total, desde que você tenha responsabilidade – é claro você não vai sair atacando as pessoas inadvertidamente. Para falar notícias de interesses das pessoas, com responsabilidade, sendo jornalista nós temos noção de fazer direito. Eu acho que tem mais vantagem do que desvantagem. Os custos não são altos. Para você botar algo na internet, o que você quiser botar é muito mais barato. Enfim, você tem mais vantagem do que desvantagem.

Quais tipos de informação que impactam a pauta do jornal e que lhe trazem relevância?

R: Eu acho que a gente corre por fora do noticiário tradicional. Brasília tem esse foco sempre no noticiário de política. Você não tem muito como escapar. E tem isso da Esplanada dos Ministérios. E eu sempre falo isso: “Gente, Brasília é muito maior do que a Esplanada dos Ministérios.” Mas o que a TV e o jornal mostram é só a Esplanada dos Ministérios. Então eu acho que a nossa relevância é porque a gente conseguiu um espaço, um espaço que está sendo visto, não é escondido, as pessoas estão lendo e compartilhando, um espaço para mostrar essa Brasília paralela. Que é uma Brasília invisível para os grandes veículos de comunicação. E não tem como ser diferente. Na época, fiquei quatro anos no *DFTV* na primeira edição...

Mas tem algum tipo de notícias fazendo esses editores se ligarem?

R: A gente não corre atrás de notícia dentro do site. O site não é noticioso. O site é informativo. Então, eu posso te dizer que são temas comunitários, que os jornais locais cobrem aqui em Brasília, mas não com essa visão afetiva. Você não pode, dificilmente dar o exemplo como o *DFTV*. Dificilmente no *DFTV* você vai conseguir – você vai fazer matéria falando que os moradores fizeram um abaixo-assinado – mas dificilmente você vai conseguir dar uma opinião, dizer que está do lado daqueles moradores, dizer que você também é contra a construção do prédio no lugar da área verde. Você não vai conseguir fazer isso em um veículo estabelecido.

E lá no blog vocês conseguiram fazer isso?

R: Totalmente. Até porque a gente tem um lado, a gente não é isento, não é notícia, porque notícia tem que ser o mais isenta possível. Você tem de levar para o público o que está acontecendo, qual leitura você faz, o que cada um diz e que conclusão você chegou. A gente não. A gente não é notícia. A gente é informação: “Olha, estão querendo derrubar a área verde para construir um prédio residencial. Os moradores são contra. O *Olhar Brasília* também é contra”. A gente está junto com os moradores nessa briga. Não dá nem pra dizer que tipo de notícia. Não é notícia. É tomar partido, tomar posição. Com olhar afetivo, com o que a gente acredita. E se baseando no que a gente acha que é melhor para a cidade. E por que chama a atenção? Porque são duas jornalistas que tem história com a cidade, tem relevância com a cidade, tem credibilidade porque se pautam pela responsabilidade quando falam sobre vários aspectos. Não falam qualquer coisa e estão escolhendo um lado, que é o lado da cidade, do verde, da

cultura, da união das regiões administrativas, de menos preconceito, de mais cultura. Acaba que isso chama a atenção.

Como vocês mantêm o site, o blog, financeiramente?

R: Não é a principal renda da gente. A gente tem muitos meses que não recebe nada pelo blog, pelo site. A gente tem custo muito baixo, que é diluído ao longo dos anos. O custo é algo de manutenção, um registro que você tem de pagar novamente, são pequenos aspectos assim diluídos. Normalmente quando a gente tem algum evento de fotografia, a gente daí tem gastos porque precisa contratar uma estrutura para aquele prêmio andar e tem de pagar cachê, tem de ter um curador para receber. E aí a gente vai ter uma estrutura mínima e normalmente premia as categorias em dinheiro. E normalmente consegue um patrocinador. E esse patrocinador arca com esses custos do site. E acabamos ganhando uma remuneração também pela organização do evento...

Ele funciona como um propulsor de um evento e esse evento acaba ajudando, é isso?

R: Isso. E aí durante muitos meses a gente nem recebe nada, mas a gente também não tem custo.

Como vocês se organizam para alimentar o blog? Tem uma rotina?

R: Não tem periodicidade definida. A gente ainda tem os blogs, tanto meu, quanto da Samanta, a gente quando tá a fim, escreve. E a gente tem o espaço convidado que a gente mantém rodando... Muita gente ainda pede para a gente escrever no espaço convidado. Temos uma espécie de curadoria para ver o que entra ou não entra. Na semana passada teve uma menininha que precisou de um remédio de 12 milhões de reais – que foi até assunto em todos os meios de comunicação – ela tem de tomar o remédio até completar dois anos, ela está com um ano e pouco, o tempo está correndo, a família não consegue dinheiro... Agora saiu uma decisão judicial obrigando o Ministério da Saúde inteirar o dinheiro e comprar o remédio pra ela. Duas semanas atrás não tinha a decisão, mas aí teve um movimento de artistas que fizeram *lives* para arrecadar dinheiro para ela. Um deles pediu para escrever o texto e botar no espaço convidado – claro, estamos juntos. A gente está desse lado. Publicamos o texto dele. E assim a gente vai. Sem uma periodicidade definida e acho que também o público já se acostumou com esse novo modelo, esse novo formato. A gente não recebe cobrança. Mas recebe um *feedback* muito legal quando publica. As pessoas continuam. A gente não perdeu o público. Isso é muito interessante.

Para você, o futuro do jornalismo está no blog?

R: Ai, que pergunta difícil. Puxa, se eu soubesse onde está o futuro do jornalismo eu estava rica... É a pergunta de 1 milhão de dólares (rs). Eu acho que o futuro passa pelo blog, pelo site, pela internet, sem dúvida alguma. Agora está só na internet? Não acho. Embora a gente esteja vivendo uma revolução, a gente já passou por muitas crises – a gente que tem a mesma idade já viu muitas crises, demissões, que depois que a crise passava eram reabsorvidas – o que a gente está vendo hoje, é uma mudança drástica de modelo... Essas pessoas que estão saindo não vão ser reabsorvidas. Grande parte delas não será reabsorvida pelas redações. Por outro lado, tem isso de dizer que qualquer pessoa com celular na mão hoje é jornalista. A gente viveu essa pressão muito grande de “não precisa mais jornalista”. Ou “qualquer pessoa pega o celular vai para a manifestação e faz lá a imagem, bota na internet e pronto. Para que jornalista?” Eu acho que a gente está vivendo agora um refluxo, uma ressaca disso, que é essa infestação de *fake news*, que a gente não sabe mais o que fazer com *fake news*. A gente está vivendo isso muito forte na pandemia. O jornalismo se firmou como um pilar fundamental nessa pandemia. Como você se informa? Como você sabe se a notícia é verdadeira? Em quem você pode acreditar? Todo mundo vai para uma fonte confiável. O que é a fonte confiável? É o jornalista.

Não é o “Joãozinho da esquina” que usou o celular e filmou não sei o que. Eu acho que passa sem dúvida pela internet.

Mas não está só na internet. Está em todos os lugares onde tenha jornalismo sério. E aí é muito difícil. A sua pergunta tem um pouco a ver com mercado de trabalho. O que a gente pode esperar como jornalista em relação a mercado de trabalho? Eu acho que vai continuar tendo redação. Vai continuar tendo jornalismo produzido pelos veículos. Eles não vão minguar. Eles vão diminuir. Eles vão enxugar. E aí eu acho que vai ter gente que vai continuar nos veículos e quem sair vai ter de achar uma estratégia própria de sobrevivência. Que pode ser o blog, produção de audiovisual para o YouTube, que vai necessariamente passar pela internet. Mas eu não vejo só no blog. Eu vejo isso como algo mais amplo na internet. E acho que está sendo um exercício muito profundo para a nossa geração – que é uma geração que está na faixa dos 50 anos – que está exigindo demais da gente. A gente está sendo obrigado – está vendo o jornalismo clássico como conheceu e a profissão como história de profissão, está vendo esse modelo clássico morrer – e está vendo o outro modelo aparecer e está tendo nessa altura da vida, que se adaptar a esse novo modelo e se reinventar em plataformas que não são naturais pra gente. Por outro lado, a gente tem a nosso favor a credibilidade. A história profissional nos ajuda nisso. Se a gente entra com uma desvantagem absurda em relação aos jovens que nascem com essas ferramentas na mão – eu acho que por outro lado, a gente tem a nosso favor a questão da credibilidade de ter essa experiência que nos dá o peso de saber o que é, saber que barco entrar, saber o que divulgar... Então a gente tem – mesmo quando não está em um veículo – saber exatamente o que fazer com responsabilidade, pelo menos isso o tempo nos dá. Pelo menos algo, o tempo tem de nos dar (rs).

Entrevista com Elimar Côrtes - Blog do Elimar Côrtes - Vitória (ES)

Entrevista gravada por vídeo usando o aplicativo WhatsApp e por áudio (reserva), no dia 21 de outubro de 2020.



Figura 24. Entrevista com Elimar Côrtes. Fonte: Autoria própria.

Por que você decidiu criar um blog jornalístico?

R: Na verdade, ele nasceu em 2009, naquela época, porque a Polícia Militar do Espírito Sato passava por uma crise muito forte, muito grande e a crise atingia o governo do estado e o alto comando da Polícia Militar. Por incrível que pareça, o governo brigou com o alto comando da polícia. Não com acusações de crime, nada disso, foi tudo por uma questão política. E a imprensa, na época, notadamente, os jornais *A Tribuna* e *A Gazeta* não davam muito espaço ou nenhum para o Comando Geral da Polícia Militar (PM), nem para os oficiais. Um ano antes de eu iniciar o meu blog, eu era editor-executivo adjunto do jornal *A Tribuna*, um dos maiores da época do Estado e era editor de polícia. E eu tinha um círculo de amizade muito grande não só no alto comando da PM como também em outras esferas da segurança pública. Então foi a necessidade de um grupo de oficiais que eu acabei criando o blog. Inicialmente para sair em defesa não só daqueles oficiais, que eu considerava pessoas de bem, mas também da instituição. Daí em diante, o blog foi evoluindo para outras esferas de segurança pública, política etc...

Fale um pouco da sua trajetória, que ano você formou...

R: Eu me formei em 1988, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Desde 1983 eu já atuava em rádio e até em jornal. Eu comecei no jornal *A Tribuna* em 1987, quando o jornal reabriu, depois de ficar fechado uns dois ou três anos. E eu fui para trabalhar na redação, ainda não era formado em Comunicação, em Jornalismo, mas era estagiário, por incrível que pareça, um estagiário igual a repórter. Me deram um emprego de estagiário, mas me pagando igual repórter. Na verdade, a gente era estagiário, mas trabalhando mesmo. Foi a forma que a empresa e eu encontramos para que eu pudesse trabalhar e estudar ao mesmo tempo.

Qual sua idade e tempo de profissão?

R: Tenho 58 anos de idade e comecei efetivamente trabalhando em rádio no segundo semestre de 1983. Desde 1983 eu já venho trabalhando na empresa com jornalismo. Trinta e sete anos de profissão.

Você sempre foi repórter na área de polícia?

R: Não, eu comecei na área de “Esportes” e em 1983 quando comecei a trabalhar em rádio, na Rádio Capixaba, depois Espírito Santo. Quando fui para *A Tribuna* trabalhar como estagiário, eu também trabalhei de repórter esportivo, na editoria “Esportes”. Durante um bom tempo eu ia acumulando reportagem e também como redator. Alguns anos depois, surgiu uma vaga na editoria de “Polícia”. Aí o diretor do jornal perguntou se eu queria, eu disse que sim, aí fiquei dois anos como repórter, mais um ano como redator e depois vim ser editor de “Polícia” do jornal *A Tribuna*. Até que em 2005 eu abracei o cargo de editor executivo do jornal *A Tribuna*.

Por que você escolheu o formato blog?

R: O formato blog por ser mais simples. Mais fácil de administrar. A pessoa que criou para mim falou: “Vai no blog que ele tem uma capacidade limitada para você trabalhar com ferramentas, mas ele lhe dá uma audiência maior também.” Fiquei com o blog durante um bom tempo, com o mesmo nome e inicialmente só trabalhando com notícias de segurança na área pública. Mas com o tempo, o próprio mercado foi cobrando que eu passasse a melhorar a imagem do blog, o formato, transformei ele em site e ampliei as editorias para poder trabalhar com “Política”, “Economia”, “Cidades”, sem abandonar evidentemente a editoria “Segurança Pública”.

Como foi a escolha do foco editorial?

R: O foco editorial inicialmente era segurança pública para defender o grupo, a Polícia Militar, a minha intenção era defender a instituição da Polícia Militar. Ela vinha sofrendo muitos ataques, por incrível que pareça, do secretário de Segurança Pública da época. Ele comprou uma briga com um grupo de oficiais tão grande que ele ficou bom tempo de proibido entrar nas unidades da Polícia Militar, mesmo sendo secretário - e ele partiu para o ataque contra a instituição e eu senti necessidade de defender não os oficiais em si, mas a instituição policial militar.

Então nasceu fazendo a defesa da instituição, mas devido ao sucesso desse primeiro embate, eu acabei tornando o blog, ampliando as informações na área de segurança. Não o noticiário de crimes. Nada disso, “escreveu saiu sangue”. Assassinato no blog só entrava se fosse uma figura política, só a notícia de criar opiniões.

Essa sua relação com a polícia sempre foi algo com a profissão?

R: Por conta da profissão, como disse foi editor de polícia do jornal *A Tribuna*. E o jornal *A Tribuna* nesse período cresceu muito.

Você sempre foi editor de “Polícia”?

R: Por conta da profissão, como eu disse, eu fui editor de “Polícia” do jornal *A Tribuna* e o jornal nesse período cresceu muito. Ele tinha como forte: “Esportes”, “Cidade” e “Polícia”. Essa experiência com a editoria de “Polícia”, abriu as portas nas instituições. Aliás, deixa eu só fazer uma correção. Quando eu abri o blog, não era só notícia da área de segurança pública não, era do sistema do judiciário capixaba, foi o conjunto todo.

Você avaliou a oferta de outros blogs?

R: Teve um convite de um dos jornais aqui do estado, mas na época eu não achei interessante, porque como desde o início eu personalizei com o meu nome, se eu fosse para ir para outro órgão de comunicação, deixaria de ser personalizado. Aí eu preferi não ter vínculo empregatício com outros jornais. Eu fiquei praticamente desde 1987 até 2009 no jornal e me preparei para não precisar mais voltar aos jornais diários.

O seu percurso profissional, anteriormente, ajudou a você criar o blog?

R: Ajudou, foi fundamental. A experiência de redação, não só na reportagem, como também na administração. O editor acaba tendo de administrar o setor, as pessoas, na função de editor executivo você passa a administrar os editores, ou seja, todo o corpo de redação.

Vantagens e desvantagens de ter um blog?

R: Rapaz, no início as desvantagens eram maiores, aquele preconceito muito forte a blogs e sites. Até hoje blogueiro é chamado de blogueiro e eu falo: “Não sou blogueiro, sou jornalista.” A minha profissão é de jornalista, até porque, temos várias pessoas que não são formadas em jornalismo e escrevem blogs - não tenho nada contra, mas eu sou, antes de tudo, um jornalista. Por acaso, o meu veículo era o blog que agora se transformou em site. Havia, sobretudo, preconceito por parte das fontes oficiais, principalmente do executivo. O Ministério Público não, sempre tiveram as portas abertas não só para o meu trabalho, como também para outros colegas. Com o decorrer dos anos, a sensação foi melhorando. Hoje por exemplo, às vezes, a notícia chega antes - por causa da experiência - do que para a imprensa convencional. Graças também a esse trabalho jornalístico, eu consegui durante esse período, trabalhar em outras instituições, como a assessoria de imprensa do Tribunal de Justiça, da associação dos promotores de justiça do estado, sindicato dos policiais, porque eles viram o blog como parceiro de divulgação de notícia positiva, mas sabendo também, que a crítica sempre vem. Eles também entendem perfeitamente.

O executivo tinha mais preconceito?

R: É, quando eu criei a gente passava aqui pelo Estado, pelo segundo governo do Paulo Hartung (MDB). Havia um preconceito muito forte por parte do segurança dele, justamente, porque eu defendia a polícia militar na briga que ele comprou em relação aos oficiais da corporação. Então, os dois últimos anos de governo dele, 2009-2010, as portas praticamente se fecharam. Mas depois tivemos um governador eleito aqui em 2010, o Renato Casagrande (PSB), que teve um governo muito mais democrático. As portas se abriram, não só da área de segurança, mas como de qualquer outra secretaria. Aí em 2015, volta o mesmo governador (Hartung) que fechara as portas e de novo, começou a ter certos problemas, por incrível que pareça, com a mesma secretaria, sempre com a Secretaria de Segurança. A Secretaria de Segurança fechou as portas. Tanto é que, recentemente, participei de um debate - antes da pandemia - na Assembleia Legislativa com outros jornalistas, que por acaso estava lá o jornalista que foi assessor de imprensa da Secretaria de Segurança Pública no segundo governo do Paulo Hartung... Aí em determinado momento ele disse que as portas se fechavam para mim porque a ordem do governador era não dar entrevista - as secretarias não atenderem sites e nem blogs, apenas a imprensa tradicional. Evidentemente que ele tomou uma vaia falando isso dos estudantes de Comunicação. Isso foi agora em 2019, quando essa mídia alternativa tomou conta do mundo.

E a desvantagem?

R: A desvantagem inicial era só o de ouvir o outro lado, porque às vezes, o outro lado se fecha. Para nós jornalistas, a gente acaba “tirando de letra”, você acaba encontrando fontes alternativas.

E as questões judiciais?

R: Isso ainda é uma realidade. Das ações, que não são muitas, graças a Deus, eu sempre saí vitorioso. Não teve nenhuma condenação. Eu só tive algo na justiça especial, eu cheguei a um acordo e nesse caso favorável ao leitor, mas nada que comprometa. Jornalismo é isso... Você vai escrevendo e acaba esquecendo de um determinado termo que não pode ser usado, a gente tem de evitar adjetivar as pessoas, as situações. Eu aprendi muito isso com juízes, promotores de

justiça. A gente tem de publicar o fato e não adjetivar as pessoas.

Nesses 11 anos de blog, quantos processos você já respondeu? Você tem noção?

R: Eu acho que efetivamente só dois que não tiveram andamento, até por pedido das próprias partes.

E você acha que não sofre os processos por que? Quais são os cuidados que você toma?

R: Quando eu fui editor de polícia no jornal *A Tribuna*, a gente era muito cobrado pela direção da empresa e sobretudo pelo departamento jurídico da empresa. Eu tenho amigos nos jornais - e aí eu incluo o jornal que eu trabalhei - a gente tinha uma linha muito imprudente, irresponsável, tinha o costume de adjetivar as pessoas, chamar o assassino de assassino. Quando na verdade, ele não é o assassino, ele é o suspeito, o acusado. Mesmo depois de transitado em julgado, você fala que ele foi condenado pela acusação de assassinato. Você não pode estar adjetivando. Ao longo desse período no jornal *A Tribuna*, eu fui aprendendo com os advogados, com a própria direção da empresa a tomar certos cuidados, porque se não a gente prejudicava a empresa com processo atrás de processo. Na verdade, quem sempre ia responder esse processo era sempre eu na condição de editor de polícia. Depois na condição de editor executivo, os advogados sempre me levavam para ser a pessoa que iria defender os interesses da empresa e justificar uma reportagem mal produzida.

Aí você foi aprendendo...

R: Essa experiência, trabalhei dois anos na assessoria de comunicação do Tribunal de Justiça e mais cinco anos na assessoria da associação dos procuradores e promotores de justiça do estado, então você aprende... Até hoje quando estou com alguma dúvida sobre determinado termo, em que tenho de escrever uma determinada matéria de acusação, eu sempre peço para amigos advogados ou amigos promotores para que eles leiam antes de eu publicar.

Quais são os tipos de informação que impactam as pautas dos jornais e lhe dão relevância?

R: Primeiro ter credibilidade. Sem credibilidade, o jornalista não chega a lugar algum. É a notícia correta... É você dar chance para as pessoas que você esteja atingindo com determinada reportagem, que essas pessoas possam também se defender, se manifestar. Eu acho que é mais por aí, você procurar ser justo com as fontes, com cada pessoa que você esteja acusando, destruindo essa pessoa. Você tem de ser justo com essa pessoa, ter bom senso.

Sim, mas que tipo de notícia lhe dá relevância...

R: Inicialmente foi quando eu comecei dando espaço para o pessoal da segurança pública. A maneira como eu comecei a trabalhar a segurança pública sem usar notícias violentas, de crimes, isso aí deu um peso muito bom. Até hoje, depois de um tempo, eu tenho fontes de delegados, magistrados, promotores de várias partes do país, que quando chegam ou mandam notícias que eles produzem. A credibilidade é isso: a maneira como você trabalha a notícia.

Só para citar um exemplo: quando essa deputada federal, que agora é acusada de mandar matar o marido lá no Rio de Janeiro, aquele casal “entre aspas” de “evangélicos”, a Flor de Lis... Quando houve o assassinato do marido dela, o pastor, no segundo dia, eu já estava publicando que ela era a principal suspeita, coisa que a imprensa do Rio só foi divulgar agora, mais de um ano depois. Por que? Porque eu fiz amizade com um investigador no Rio que trabalha no caso, por meio do blog também. Ele veio fazer uma palestra aqui no Espírito Santo, alguém apresentou ele ao blog e ele entrou em contato comigo. Aí a gente fez uma amizade por telefone: ele é pastor no Rio e em uma igreja em Bangu, fizemos essa amizade e depois de dois dias do assassinato, eu dei essa matéria que a imprensa, a polícia só veio divulgar mais de um ano depois.

Então é a notícia exclusiva?

R: Isso. A notícia exclusiva. Você pegou o “gancho” certo. Isso faz a diferença. Quando eu estava no jornal *A Tribuna*, nem sempre a notícia exclusiva era primordial para os leitores. Aconteceu uma passagem...a Polícia Civil tinha perdido um assaltante e o jornal não tinha dado essa matéria. Dois dias depois, o delegado me ligou pedindo que ele noticiasse que ele tinha perdido o assaltante perigoso lá no bairro dele. Aí eu disse: doutor, já saiu na *Gazeta* (concorrente). E ele: “Mas se não sair em *A Tribuna*, ninguém vai saber”. Isso acontece até com a empresa convencional, tradicional. Dá determinada notícia, mas às vezes determinada fonte quer que publique também, mesmo que passe depois.

Como você mantém financeiramente o blog? Quais são as dificuldades? Você tem mais gente que trabalha com você?

R: Eu tenho um estagiário e o meu T.I. A ideia para esse ano era contratar dois jornalistas profissionais, mas em função da pandemia acabei encontrando dificuldade até de alguém com o próprio perfil. Por incrível que pareça, a minha filha é jornalista, mas não daria para trabalhar com o pai. Ela é assessora de imprensa. A dificuldade é o custo, mas a gente consegue anúncios de empresas, de estatais, consegue ir tocando.

Sem citar valores: mas você hoje está ganhando mais, está menos empatando?

R: Ganhando bem mais. Até porque nesse período, eu consegui aposentar, trabalho com carteira assinada desde os 15 anos de idade e em função dos anúncios ganho bem mais, não tem nem comparação. O que pesa mais são os impostos. A partir do momento em que eu abri o site, constituí uma empresa formalizada. O que quebra a gente são os impostos, mas são bem mais trabalhando por conta própria, apesar de ter de pagar aluguel de escritório...

Você criou uma redação, escritório...

R: No jornal eu estaria ganhando bem menos. Eu ganho umas três vezes mais.

E essa relação com o governo, como funciona?

R: Não abro mão da crítica, nem de dar notícias negativas quando há necessidade. Mas a ideia é independente de anúncios ou não é mostrar o que tem acontecido, o que vem acontecendo. Crítica em relação à segurança pública, você tem de expor quais são os principais problemas, o que vem acontecendo.

Como você faz para alimentar o blog de notícias?

R: As editorias que eu tenho: “Segurança Pública”, “Cidade”, “Justiça” e “Política”. A notícia é diariamente, duas, três por dia. De acordo com o nível de impacto. Na verdade, em função da concorrência - depois que eu abri o blog aumentou muito os blogs e sites aqui no Espírito Santo - e esses sites, esses blogs, na maioria das vezes, eles publicam muito *releases* da prefeitura, do Ministério Público, do governo. Tudo isso que as empresas acabam aceitando - no entanto, eu procuro fugir um pouco desse oficialato, procuro fazer um pouco diferente.

Você publica os *releases*?

R: Não. Peço até para conversar com a autoridade do *release*, que é o foco da notícia. Peço até para a assessoria me colocar em contato comigo, procuro a fonte.

E você que negocia esses contratos de publicidade?

R: Nós jornalistas temos uma dificuldade muito grande de vender a nossa imagem. A gente sabe vender a imagem dos outros, vender a notícia. Eu procurei ajuda de amigos de outros jornais

onde eu já trabalhei na área comercial e deixo a cargo deles: “Olha se você tiver um anúncio paro o blog, eu negocio a comissão com ele”.

Ah, você contratou alguém especializado no assunto para vender o seu anúncio?

R: Isso. Às vezes o anunciante quer outra mídia alternativa. Eu já fui procurado por exemplo por pessoas de uma fábrica de armas, mas aí eu não achei prudente colocar, eu tenho dificuldade. Apesar de o blog ter nascido na segurança pública, eu sou desarmamentista. Não defendo esse negócio de arma, não achei prudente colocar esse negócio de arma no meu blog.

E você trabalha quanto por dia?

R: Durante os meus últimos dez anos em *A Tribuna*, eu abria o jornal e o outro executivo fechava. Então eu começava chegar às 6h, às 7h da manhã. Depois que me aposentei no jornal, eu continuei nessa vida. Hoje era 5h da manhã, eu já tinha postado a primeira matéria. Eu acordo cedo para ler os jornais on-line, os diários oficiais do Estado e da União, para antes das 7h já postar uma matéria enorme no site e aos poucos ir diminuindo com notícias como queda de avião, a renúncia de um presidente...

Para você, o futuro do jornalismo está no blog?

Os jornais estão vendendo cada vez menos. O jornal *A Tribuna* chegou a ter entre 2005 e 2010 mais de 100 mil exemplares por dia. Hoje não passa de 15 mil. O jornal *A Gazeta*, que era o principal concorrente, simplesmente acabou. Não existe mais em papel. Ele existe uma edição semanal, só na internet. O jornal tradicional hoje só tem *A Tribuna*. O jornal impresso está acabando. Eu não sei se o futuro de site, blog, se vai durar muito tempo... Ainda vejo o rádio, por exemplo, como uma importância fundamental muito grande. Se dizia que o rádio poderia acabar...o rádio está se reinventando a cada dia. Eu acho que sites, blogs, se a gente não conseguir se reinventar também a tendência é acabar, é sofrer o impacto mais cedo ou mais tarde. As pessoas estão procurando outros meios de se comunicar, outras alternativas. Infelizmente eu não vejo um futuro muito grande para site ou blog não. Pra mim, o rádio ainda é fundamental. Cada vez mais crescendo em todo o país: Jovem Pan, Tupi, Bandeirantes. Eu mesmo lá em casa amanheço e durmo ouvindo rádio. Até porque se abriram muitos sites e blogs. E a onda de *fake news* é o que prejudica aqueles que efetivamente gostam de trabalhar de maneira mais séria. De vez em quando, sou alvo de *fake news*. Alguém pega uma reportagem minha e muda o título, para fazer determinada pessoa. É triste.

Entrevista com Carlos Wagner - Blog *Histórias Mal Contadas*, por Carlos Wagner, repórter - Porto Alegre (RS)

Entrevista feita por Skype (videoconferência) e por áudio (reserva) no dia 27 de outubro de 2020.



Figura 25. Entrevista com Carlos Wagner. Fonte: Autoria própria.

Ele começa a falar sobre sua carreira.

R: Meu nome é Carlos Wagner, nasci na cidade de Santa Cruz, interior do Rio Grande do Sul, me criei em Encruzilhada (uma cidade próxima), me formei pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e tomei uma decisão na minha vida, quando comecei a trabalhar no jornal do interior, em Carazinho e tomei uma decisão pela reportagem. A minha carreira foi focada em três aspectos. Porque quando comecei a trabalhar em jornal em 1979, eu defendo a especialização na nossa profissão. Tu tem (sic) de saber fazer tudo, tem de ser reconhecido em algumas questões. Eu foquei a minha carreira em conflito de terra...nas questões dos sem-terra, garimpeiros, índios, conflitos de terra, migrações, crimes organizados em fronteiras. Tenho dois ou três livros publicados. Trabalhei de repórter especial no jornal *Zero Hora* de 1983 a 2014 e depois eu saí de lá, fiz um bom acordo com os caras e se não fizer merda, eu não preciso trabalhar até o final da minha vida. Estou com 70 anos.

Você está aposentado desde quando?

R: 2014.

Por que você resolveu escrever um blog?

R: Depois você checa- se não me engano, eu o criei em 2015 - criei por dois motivos: o primeiro é porque nós somos contadores de história. E desde que o mundo é mundo, o contador de histórias troca ideias com os mais jovens. Sempre que entrava um colega novo na redação - vindo da faculdade - eu não via nele um concorrente. Eu via nele um aliado para lutar contra o editor. Eu acredito que o debate nas redações e nas mesas dos botecos é fundamental na nossa formação. É fundamental. Eu sempre viajei muito. Eu sempre convivi com outros repórteres do mundo. Então eu acho que esse meu blog não é para “atirar pedra” nas redações. Eu me interessou em ajudar o cara que está começando. Eu acho que o futuro da nossa profissão depende da boa formação nossa. E o jornalismo na minha opinião é uma ciência exata. Ele não é achismo. É uma ciência exata. E a tecnologia da investigação jornalística, ela não está nos livros. Ela não está

nos manuais de redação. A tecnologia é algo que o repórter vai desenvolvendo diariamente. Ele vai resolvendo os seus “abacaxis”, vai descascando os seus “abacaxis” diariamente e vai desenvolvendo tecnologia de investigação.

Quando você começou o blog, você já tinha saído da redação?

R: Eu parei em 2014. Em 2015 - depois você me dá uma checada - foram 35 anos de “pedreira”. Eu não estava presente quando os meus filhos - eu tenho quatro filhos - faziam uma “festinha”. Eu sou o tipo daquele cara que de vez em quando eu aparecia em casa. Eu passava 30, dias, 60 dias, viajando direto. Quando tu trabalha (sic) em investigação jornalística, você sabe quando começa, mas não sabe quando termina. De uma coisa puxa a outra e tu vai indo, vai indo, vai indo...

No Zero Hora, você sempre foi repórter, sempre repórter especial?

R: Isso. Tanto é que no *Zero Hora* eu avisei - repórter você sabe, é algo triste - eu apelidei os editores de “cabeça oca”. Você conhece aquela frase do Stanislaw Ponte Preta? O editor é que “separa o joio do trigo e publica o joio”...

E “publica o joio” (rs)

R: Eu falo isso às vezes e os caras querem me matar aqui: “Ah, mas você só traz joio também (rs)”...Eles dão o troco...(rs) Coitado do editor! Todo mundo “atira pedra” nele (rs).

Por que você escolheu o formato do blog?

R: Eu não caminhei por outro universo...logo que eu saí da redação ficou lá um colega meu chamado de José ... Aí tu tá (sic) em casa e tu lê. Quando você sai da redação, tu descobre (sic) um outro mundo - o mundo das pessoas normais. E é muito chato, cara. Você entra em um avião para viajar, torcendo para que o avião seja sequestrado. E o mundo das pessoas normais é muito chato. As pessoas não têm horário pra nada, chegam atrasadas...e eu estava em casa e era repórter de “Polícia” - repórter de “Polícia” aqui no Rio Grande do Sul é o que faz cobertura policial - é uma bela escola de repórteres. Só “puta véia” - que é o profissional experiente. Bom, aí eu lia as matérias do Zé e ligava: “ ‘p.q.p.’ Zé, essa sua história ‘tá’ muito mal contada.” Aí um dia, ele se encheu e me disse: “ ‘p.q.p.’ você só implica com as minhas histórias. Você vivia fazendo isso aqui na redação. E agora continua enchendo o meu saco”. Aí montei o blog com o nome de “Histórias Mal Contadas”.

O formato, bem ou mal, surgiu de um conflito...

R: Claro, claro. De um bate-boca. Aí um colega meu, que a gente chama de “Jacaré”, mas o nome dele é Zé, que é professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), ele foi meu colega de aula. Aí eu disse a ele: “Cara, eu tenho de montar um blog.” E ele é professor de informática aí ele entende de apertar botão. Aí ele montou esse meu blog. Aí o Jacaré montou para mim. Nós conversamos, eu disse: “Olha, Jacaré, nada que me dê trabalho.” Ele montou o meu blog, para você ver no celular. Ele é muito legal no celular, ele é que fez essa “bronca toda aí”, ele entende. Quando eu comecei em jornalismo, eu ganhava um salário para fazer texto. Hoje o cara que começa em jornalismo, ele ganha um terço do que eu ganhava antes e faz texto, áudio, imagens, fotos e deixava a redação. A vida do repórter hoje é um “inferno”. Os caras trabalham “pra caralho”, eles não têm tempo de se atualizar. Eu sempre digo: o repórter que faz a cobertura do cotidiano, do dia a dia, ele molda a opinião pública, que no nosso país, tudo que eu li, é moldada pelo noticiário do rádio e pela TV aberta. Aquele cara que faz de cinco a seis pautas por dia, “tu tem” (sic) de conversar com esse cara. O que esse cara faz? Por exemplo, ele tem de deixar uma matéria sobre o que o economista disse, o de política disse, ele tem de arrumar uma matéria, ele não tem como contextualizar tudo em 100 linhas, mas ele se for bem

informado, se tu investir (sic) na educação, na formação dele, ele pode fazer coisa melhor. O fenômeno do Trump e do Bolsonaro nasce dessas nossas falhas.

Como foi a escolha do foco editorial?

R: Eu vou lhe dizer como foi a escolha. Foi a conversa com o Zé. A primeira coisa não era atirar pedra no Zé. Ele me proibiu (rs). Na minha cabeça, não podia atirar pedras nos meus colegas de redação. A proposta é discutir as entranhas das matérias, a luz das informações do mercado disponíveis ou exclusivas - a redação é um trabalho escravizante, trabalha 24 horas, um repórter escrever um livro é uma “barra”...Você tem de deixar de beber uma cerveja ou um vinho para ler um livro. Tu não vai trabalhar (sic) 16 horas por dia, chegar em casa e dizer: agora vou ler um livro. Isso não existe.

A escolha começou ali...

R: Sim. Tu pegar (sic) a imprensa - e isso não é exclusividade da imprensa brasileira - ele é o seguidor de Satã...cara ele tem o direito constitucional de seguir quem ele bem entender, a *Constituição* lhe assegura isso. Desde que tu não vai (sic) contra as leis do *Código Penal* - a imprensa brasileira usa como se fosse crime; não o crime não é ser seguidor de Satã, mas eu só citei isso aí para dizer que a gente vai muito no automático.

Sem fazer a reflexão...

R: Porque a gente não tem...isso aí se chama cultura de redação. Por exemplo: quando eu comecei na redação em 1979 até a década de 1980, a gente não dava matéria de suicídio porque alguém disse para nós que se você der matéria de suicídio um monte de gente vai morrer de suicídio. O suicídio aqui no meu estado é um problema muito sério, é um problema de saúde pública, principalmente na cidade onde eu nasci, no Vale do Rio Pardo. Então as redações tem verdades, verdades que ninguém sabe quem inventou.

Você entrou em redação quando?

R: Eu entrei em 1989...

Você chegou a oferta de trabalhar em outros blogs?

R: Eu fui procurado, mas eu quando saí lá do *Zero Hora*, eu programei a minha vida econômica e se eu não fizer nenhuma merda, eu não preciso correr atrás. Saí de lá com 64 anos, aí eu fiz um cálculo: tenho mais 10 anos de vida útil. Vou fazer o que eu gosto pela primeira vez... A gente “voa” em cima das histórias. Esses dias eu fui no Paraguai, encontrei um cara lá, “enchi a cara” e fiquei conversando com o cara. Tenho saudades de sentar e conversar com o cara, mas conversar como gente. Uma vez, um repórter norte-americano me disse lá no Garimpo do Papagaio, lá em Rondônia - mas estávamos bebendo em Porto Velho em uma noite quente... Ele disse: “o Wagner...eu já vi muita gente virar repórter, mas nunca vi um repórter virar gente novamente”...

(Risos) Você montou o blog e aí...

R: Aí entra um aspecto. Hoje eu estou fazendo livro-reportagem, viajando pelo país. Quando eu saí da redação, o primeiro livro de reportagem que fui fazer foi sobre essas fronteiras agrícolas, a primeira entrevista que eu fui fazer, eu comecei a conversar com o cara - e pensei se eu tiver de explicar que me aposentei não vou parar de falar - mas quando eu comecei a falar com o cara, ele mesmo disse: “ ‘Tu foi’ o autor do *Brasil de bombacha*.” Diante disso, eu converso com os meus colegas, a minha geração, o Kotscho, o Caco Barcellos, eu sou o Carlos Wagner da *Zero Hora*, o Kotscho era da *Folha*, o Caco da Rede Globo, agora, essa geração que está vindo, é uma geração que vai ter de ter o fulano de tal, autor do livro tal, acabou a história de ficar 30, 40 anos

na mesma empresa, isso não vai existir mais. “Tu vai” montar o teu negócio e vai vender os seus contos e tem outra... “Tu vai” ter de te educar para isso aí. E dentro disso, “tu saber”, ter um blog, ficar livre, é importantíssimo...

Ter algo autoral...

R: Ou usando a linguagem dos capitalistas, tu vai (sic) ter de ter a tua marca. Eu posso não gostar de ti, mas “tu é” o cara que mais entende de vinho no Brasil e eu vou ter de ver o que “tu publicar”. O que eu faço hoje? Converso muito com a gurizada sobre essa nova realidade do nosso mercado ou seja... “tu vai” sair de uma faculdade hoje e se “tu tiver” sorte de cair em uma redação, ótimo... Que a redação é a melhor, das melhores escolas que tem, ali tu aprende disciplina no trabalho...

A sua relação com as fontes, como ficou?

R: Tenho fontes novas. Aquelas fontes velhas, quando eu converso com eles, eles perguntam se eu não estou disfarçado de blogueiro para vê-los (rs)... Então “tu começa” a conversar com os caras, essas fontes velhas aí têm um grande rolo: os caras falam algo e publicam outra. O cara vai botar uma “frasezinha” sua lá. O cara tem cinco linhas, ele não vai botar a sua vida lá e eles dizem (essas fontes): “é, mas escolheu a pior frase”. E essas fontes novas que eu tenho hoje é o seguinte: geralmente esse pessoal da nova tecnologia não leu os grandes clássicos, “comem na mão” do que a gente publicar. O clássico dele é o *Jornal Nacional*. Ou é tudo que for em inglês é clássico para eles. É uma gestão muito complicada. Eu tenho quatro filhos. Uma com 40 anos, uma com 36, um com 19 e uma menina com 13. A diferença entre a menina com 13 anos e a minha menina com 40 anos, não é 20 poucos anos. São séculos. Uma nasceu quando a internet estava começando e a outra nasceu dentro do Facebook. A geração atual, carece de informações, curtas, objetivas, contextualizadas.

Vantagens e desvantagens de ter um blog?

R: Olha, cara, a grande vantagem: “tu preserva o” teu patrimônio jornalístico. “Tu preserva” o teu nome, cara. E depois, “tu permanece” te atualizando. Um repórter não entra em decadência pela idade dele. Ele entra em decadência no momento que ele acha que sabe tudo. No momento que ele acha que sabe tudo, ele caminha para decadência. “Tu sabe” que na nossa profissão, o que é certo às 8h da manhã, não é certo às 8h e 2 minutos. Ela é assim. A desvantagem que o blog tem é que tu mantém o compromisso com o teu leitor. “Tu não pode” encher a cara em uma noite e dormir dois dias. Eu queria acrescentar algo: nós temos aqui no Bar do Alemão - que é do Alexandre, mas nós chamamos de Alemão, que era o nome do cachorro que mandava no bar e ficou - e lá nós reunimos para conversar e encher a cara. O blog, ser blogueiro, não significa que você seja inimigo das mídias tradicionais.

Que tipo de assunto impactam a pauta do jornal e lhe dá relevância?

R: É o assunto que todo mundo está comentando e o jornal esqueceu. Tipo: cada dia que eu escrevo sobre esse assunto eu tenho de 5 mil a 6 mil acessos diários - aqui no Rio Grande do Sul tem um grupo de mulheres que eu chamo de procuradas vivas ou mortas, incluindo uma professora da faculdade federal de Pelotas. São mulheres que foram mortas por seus companheiros, o principal suspeito é o companheiro, mas como os corpos desapareceram, não tem ninguém preso. Outro tema: boate Kiss. Tem quase 10 anos (27 janeiro de 2013) que aconteceu aquilo e a Justiça está empurrando com advogados dos acusados estão empurrando. Claro, é Direito deles, mas cara, 200 e poucos mortos 500 e poucos feridos, eu acho o maior escândalo da Justiça, que é a boate Kiss. E a imprensa... Poxa está aí o caso dessas mulheres que foram mortas e os caras estão livres...

Quantas mulheres são?

R: Eu elegi três, sendo que uma foi morta com o filho de 7 anos, que o cara ia reconhecer paternidade e mandou matar.

Os corpos sumiram?

R: Todos. Sempre que tu for fazer (sic) um caso de violência contra a mulher, tu tem de (sic) colocar? “Olha aquele caso lá que não resolveram”. Acho um desrespeito o Estado não reabrir esses casos, os caras têm centenas de delegados e não colocarem um cara para cuidar disso. A boate Kiss... Eu acho que é dever do repórter é chutar a porta dos caras diariamente para lembrar, o nosso leitor exige isso. Tu não precisa (sic) fazer isso com uma grande matéria. “Tu tem” (sic) de lembrar quando tiver uma matéria e lembrar daquele outro caso que não foi resolvido...

Incomodar...

R: Teve um caso que apareceu umas crianças mutiladas. E apareceu um delegado dizendo que era uma seita satânica. Foram lá, prenderam os caras da seita, “esculhambaram” os caras, chamaram de bandidos e tal, o delegado era evangélico e a imprensa entrou no barco do delegado. Aí eu fiz um *post* lembrando que na década de 1980 um operário ia para casa e alguém pegou ele e roubou os olhos dele. Aquilo ali foi um “rolo danado”. Aí disseram que o prefeito pertencia a uma seita satânica. Os jornais levaram um processo: escreveram, mas não provaram nada. Por que escreveram nesses casos? Preconceito. Você tem direito da seita, da religião, adorador de pneu de carro... É constitucional.

Como você monetiza o blog?

R: Já me ofereceram, mas eu não aceito nada. Não aceito anúncio. Primeiro, porque eu não preciso, o “Jacaré” não me cobra nada. E outro aspecto: quando tu escreves para jornalista, tu sabes como é que nós somos, nós somos cheios de preconceitos, então se “tu falar” como um deles, tu me ouve, mas se “tu souber” que eu tô faturando em cima disso, “tu me manda” para “p.q.p”. “Tu sabe” que é assim...

Em relação a sua rotina de trabalho?

R: Três *posts* por semana. Excepcionalmente quatro. Por que eu faço assim? O que a imprensa tá publicando, tá batendo ótimo. Mas eu entro naquilo que o cara esqueceu. Ou naquela relação que pode ser feita numa frase. Gasto tempo fazendo leitura diária, muitos livros e assistindo a documentários. O que eu não tinha tempo antes. É uma delícia você chegar em um canto, preparar o teu chimarrão e ler um livro. Tu na redação não “consegue ler”. Na minha opinião, caras como o Trump e o Bolsonaro ressuscitaram o bom jornalismo. Nunca se escreveu tanto sobre “esses diabos” quanto hoje. Nunca se escreveu tantos livros, quanto hoje. “Tu tem” ideia de quanto livros foram publicados a respeito do Trump e do Bolsonaro? Acho que mais de 10 livros.

Para você, o futuro do jornalismo está no blog?

R: Acho que o blog é uma coisa específica para nós trocarmos informação. Mas eu acho que o grande formador de se fazer jornalismo foi, é e continuará sendo o rádio. Cada dia mais a gente faz tudo ao mesmo tempo e o único aspecto que você pode fazer e se informar ao mesmo tempo é o rádio.

Você acha que o futuro do jornalismo está no rádio e não no blog?

R: Eu acho que o blog é um jornalismo especializado. E eu acho que ele vai ser a grande fonte de informação especializada no futuro. Por exemplo: eu quero saber sobre vinho? Serão dois ou

três caras no máximo que eu vou consultar. O blog vai cumprir aquela função do cara que está trabalhando, não tem tempo e tem de confiar, que não tem tempo de saber se o cara está falando a verdade, que você não precisa checar a informação. “Tu vai” lá ler o cara, porque ele é o cara e é de confiança. Eu acho que o blog vai assumir a posição que antigamente aqui no Rio Grande do Sul acontecia: antigamente você tinha o *Correio* e o *Zero Hora*, que era mais novo. Então os caras liam na *Zero Hora* e tinham de ler no *Correio do Povo* para ver se era verdade. Por exemplo: nos Estados Unidos hoje tu lê no *USA Today* e tu vai ver no *Post* se é verdade. As pessoas checam tudo desde que o mundo é mundo, sempre teve um referencial, uma fonte que tu considera, uma publicação em um jornal, em um noticiário, que tu considera, que fala a verdade. O blog vai assumir isso aí. Uma informação qualificada que vai ser a fonte de tudo. Para a grande massa, para a correria do dia a dia, acho que o rádio vai se especializar cada vez mais. O rádio ele cabe exatamente na nossa maneira de ser hoje. Eu acho que as redações de rádio vão passar por grandes transformações, porque elas vão ter de assumir essa característica de massa.

Entrevista com Claudemir Pereira - Blog *Claudemir Pereira* - Santa Maria (RS)

Entrevista feita por Skype (videoconferência) e por áudio (reserva) no dia:
2 de novembro de 2020.

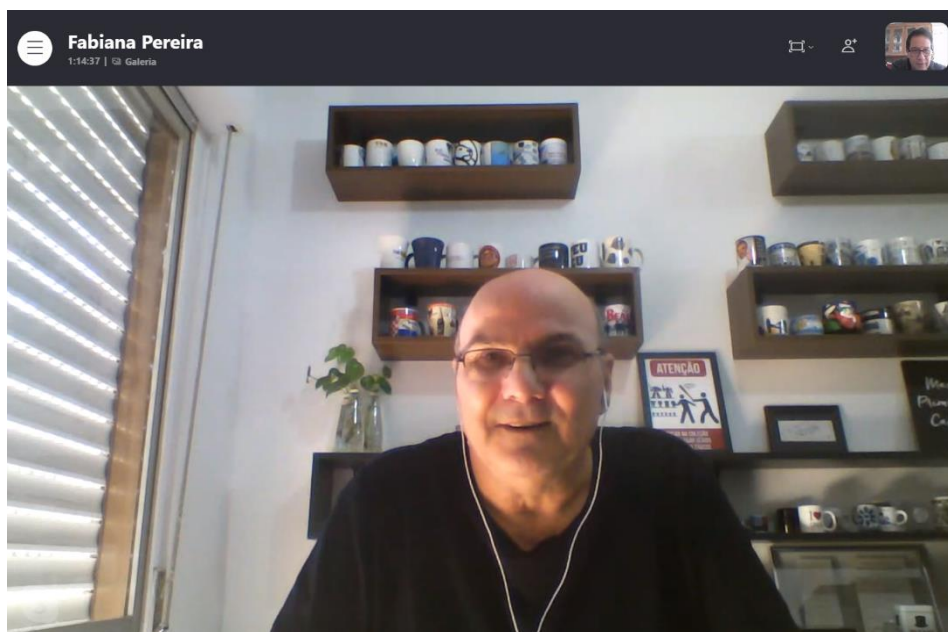


Figura 26. Entrevista com Claudemir Pereira. Fonte: Autoria própria.

Por que você decidiu montar um blog?

R: O blog nasceu em 2005, muito espelhado em poucos blogs. Eu me lembro que eu era leitor do Ricardo Noblat - até quando eu conversei com o técnico, eu não entendia, como não entendo até hoje, essa parte técnica – era o meu modelo. Eu tinha acabado de sair – tinha me demitido. Dos meus 38 anos como profissional desde metade de 1982, quase 30 anos, desses 38, foram passados dentro da redação do jornal ou não dentro, mas como colunista no jornal *A Razão*, que terminou, faliu, em 2017, em Santa Maria. Um jornal que foi criado em 1934, uma história comprida. Desses 38 anos – quando eu saí em 2013, pedi demissão, na época, fazia um programa na rádio CDN, que era afiliado da RBS e que depois virou Antena 1, eu trabalhava lá como âncora de um programa de debates (algo que eu faço até hoje) e fazia um comentário de manhã cedo, em um programa jornalístico quando tinha a rádio CDN e depois em um programa da Antena 1.

Você chegou a fazer faculdade?

R: Sim, sou formado em Jornalismo. Eu tenho três anos de Direito que foram feitos antes do Jornalismo. Em uma manhã eu acordei e pensei: vou ser pobre na vida e fui fazer Jornalismo (rs). Eu me formei em Jornalismo em 1983.

Qual faculdade você fez?

R: Fiz na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Aqui nós temos dois cursos de Jornalismo, um privado e outro na federal. Na época, só havia na federal.

Uma das melhores do país...

R: A Universidade Federal de Santa Maria está fazendo 60 anos agora em dezembro. É a primeira universidade federal do interior do país. Eu resolvi mudar, eu cansei.

Pelo que você explicou em 2003 você pediu demissão...

R: Em 2003 eu pedi demissão no jornal *A Razão*. Em 2003 eu trabalhava só na rádio CDN – onde eu fazia o comentário de manhã cedo e depois ancorava o programa do debate ao meio dia, algo que eu faço até hoje, já tenho 17 para 18 anos já – quando eu saí de *A Razão* em setembro de 2003, eu mantive o vínculo do jornal por meio de uma página de notas e análises políticas semanal. Mantive por um determinado momento e chegou a ser diária. Sem saber que o jornal iria fechar, eu saí antes. Não sei a entrevista que eu li, acho que foi uma do Kotscho (Ricardo) em que ele dizia que nunca foi demitido, mas que demitiu vários empregos. Eu também demiti vários. Demiti *A Razão* um mês antes de parar em fevereiro de 2017. O mais importante em manter a publicação era por causa do nome e alavancar o blog, que era o meu negócio.

Mas então, voltando, por que você criou o blog?

R: Então, saí em 2003. E era leitor. Aí eu descobri instintivamente que aquilo lá poderia ser um caminho profissional interessante. Se ele (Noblat) conseguia sobreviver com o blog, por que eu não vou tentar – guardada as devidas proporções – por que eu não vou conseguir aqui? Embora eu tenha nome, é muito difícil anunciar em mim. Olha, para conseguir anúncio é uma dificuldade, dificuldade da internet e do Claudemir. Por que? Porque eu não sei vender, não sou bom vendedor, não sou comprado, sou difícil. E também porque eu tenho opinião. E quem tem opinião, é complicado. E se tu tens opinião mais à esquerda, é mais complicado ainda. Embora eu tenha amigos empresários, todo mundo sabe que eu brinco que o meu problema não é ser chamado de pequeno burguês, porque eu gostaria de ser chamado de grande burguês (rs)...

Não consigo, eu vou ficando pequeno burguês e vou angariando o que é possível. Se tu observar (sic) o site, ele tem hoje poucos anunciantes e poucos que pagam. Alguns que estão ali não pagam, mas eu mantenho por parceria – os caras foram meus parceiros durante tanto tempo, por que eu não posso ser parceiro na medida em que o custo não aumenta, nem diminui, se eu tirar ou deixar de colocar – mesmo porque eu ainda aproveito uma rebarba deles. Então comecei a pensar em como fazer essa “joça aí”. Como eu posso fazer? Isso era abril de 2005. Certamente em Santa Maria, no interior do estado, é pioneiro. Eu ousou dizer que, ininterruptamente, são raros que têm no Rio Grande do Sul. Não tem nenhuma estatística, mas pelo que eu conheço, muita gente nesse meio termo me pergunta como fazer, eu incentivo todos... Quanto mais gente fizer, quanto mais o bolo for maior, mais chance eu tenho de fortalecer o meu negócio, porque é uma empresa que está ali e tem de sobreviver. Eu me lembro das pessoas dizerem que era para parar de fazer notícia – que hoje pra mim é uma “encheção de saco”, quero me aposentar, quero entregar para alguém tocar como negócio do dia a dia – é a parte mais fácil (de fazer notícia). Agora o resto de constituir como empresa, viabilizar economicamente, isso é o mais complicado. Então, as pessoas acham lindo. Bom, mas tem de vender, né? Se eu não tivesse funcionário – tenho um – eu ganharia hoje o equivalente de dois a três pisos de jornalismo (o meu faturamento chegou a ser 8 mil reais, tu tira (sic) os impostos, que eu pago, não têm nenhuma dívida). Hoje com a pandemia, o faturamento caiu tanto que eu tiro do meu para manter o blog, mas isso vai passar. Uma hora eu quero entregar saudável para quem quiser. Se eu perdesse todos os meus empregos – tenho dois hoje formais, como assessor de comunicação do hospital e da rádio – e a aposentadoria, que tem sido usada para cobrir as despesas durante a pandemia. Eu sou privilegiado, eu ainda consigo fazer isso. Colegas não estão conseguindo fazer isso. Colegas que montaram um site, eu olho e fico pensando: “Puxa vida, tomaram que eles tenham reservas, porque senão vão falir”. Os blogs, os sites que eu vi nascer foram uma grandeza. Os que eu vi morrer foram de uma grandeza maior ainda.

Quando você criou lá atrás, ele veio com esse formato ou ele foi sendo modificado ?

R: Foi uma cópia exata, muito semelhante do Ricardo Noblat, notícias que iam descendo, não tinham esse: “Nhem, nhem, nhem”. Eu postava uma notícia agora e ela ficava em cima. Tinha até pouco foto.

E por que você foi mudando?

R: Não fui eu que fui mudando, foi a internet que foi mudando. Cada vez que aumenta o número de consumidores, há uma exigência que você tem que suprir ou você fica para trás. Por exemplo: uma vez eu ouvi de um editor de jornal, em um desses encontros que eu fui, 1994, 1995, início da internet, eu vi uma entrevista de um cara de uma área gráfica do jornal. Ele disse: “Você faz um projeto gráfico novo no jornal de três em três anos. E agora com a internet, hoje, de seis em seis meses você tem de fazer”. O meu estava se sustentando no meu nome. Fazia três ou quatro anos que eu não mexia nele. Mexi nesse final de semana. Começou no dia 1º de novembro. Estou louco de medo, porque sou eu que edito. Inclusive hoje estou de folga. Eu tenho um acordo com o repórter: uma semana ele faz, a outra sou eu. Para eu ter final de semana, algo que fazia muito tempo que eu não tinha, agora tenho. Eu volto a editar porque estou preocupado sobre como eu fazer, porque eu ainda não domino essa porcaria da técnica, é complicado. “Tô” treinando, treinando, treinando, passei o final de semana para ver se eu não erro. Eu precisava fazer isso, senão eu ficava para trás. Aliás, já estava para trás. Só se sustentava no meu nome, agora já estou adequado ao que é atual, mas daqui seis meses, talvez eu tenha de mexer de novo. E essa é uma característica da internet. Naquela época, isso era difícil, hoje é muito simples.

Como foi a escolha do foco editorial?

R: Não pode ser muito diferente de mim. As pessoas sabem que eu sou um sujeito “à esquerda” ou “de esquerda”. Vamos botar assim, não é? Depende de quem me vê. Hoje até o Doria foi chamado de comunista - eu não estou falando de São Paulo, “tô” falando daqui, um cara mandou uma carta chamando o Doria de comunista, eu vou fazer o que? Perto desses caras, eu sou de extrema esquerda (rs).

Eu vi que tem bastante notícia de campanha política...

R: Na verdade o foco é Santa Maria. E dentro de Santa Maria, política. Agora há temas e temas: eu não posso ignorar a questão da pandemia. Hoje, por exemplo, tem gente - e isso me dá um “puta” de trabalho - tem gente que espera que sabe que assim que sair o boletim epidemiológico da pandemia - e às vezes sacaneiam, soltam lá pelas 9h30 ou 10h da noite - que o site do Claudemir vai dar os dados e vai dar também - não vai falsificar os números - mas vai dizer como está, fazer relação com o dia anterior, trazer os dados que o governo do estado traz. Tem gente que se informa primeiro pelo meu site. Aquele *slogan* que diz acesse e saiba antes - é claro que já foi mais, porque hoje todo mundo notícia, mas as pessoas sabem que se deu no Claudemir, é porque a informação está correta. A opinião é de menos. Eu prezo muito a informação. Acho que a informação é fundamental. O resto é análise. E aí entra a questão ideológica. Ainda assim eu consigo me relaciono com todos. Todo mundo me atende: da extrema-direita à extrema-esquerda. Essa é uma característica do blog. Eu tenho articulista - eu sempre tive dificuldade, porque a direita não é pródiga em gente que escreva - e menos pródiga ainda em gente que escreva bem. E menos pródiga ainda em gente que escreva bem e que queira transformar isso em algo público. Sempre foi uma grande dificuldade. A maior parte dos meus articulistas é de esquerda. Mas eu tenho um deputado do Novo, de 23 anos, deputado estadual que escreve todas às quintas-feiras. É o único lugar que ele escreve - além dos canais oficiais. Então o blog é independente, tem os seus pontos de vista, mas não é fechado. Eu não uso como regra, por exemplo, fontes, eu reproduzo matérias também, sempre dou a fonte e o link para ler

correto - só tive um problema até agora com a RBS, que me proibiu de reproduzir, mesmo dando fontes, links. Mas não tem problema, eu sobrevivo sem a RBS, tem o *Correio do Povo* aqui, tem outras fontes de levar ao meu leitor que não tem acesso. Eu acho que essa é uma das funções. Por exemplo: eu uso *Consultor Jurídico*, *Congresso em Foco*, *Poder 360*, reproduzo, analiso, comento, mas não uso o *Brasil 247*. Nem o *Diário do Centro do Mundo*. Embora eu os respeite e leia e até gosto, mas o meu perfil de leitor é bem mais amplo do que o dele. Pode chamar de autopatrulha: também é.

Você acha que o seu leitor é de centro?

R: O meu leitor é amplo. Eu não tenho uma pesquisa para te afirmar. Mas eu sou capaz de te afirmar que ele é como o Claudemir, ele é lido até por... quem não gosta de mim, me lê. E usa o que eu digo, tem mais essa ainda.

Você chegou a avaliar a oferta de trabalhar em outros blogs?

R: Não. O Claudemir profissional já foi convidado. Agora não. Depois de uma certa idade, ninguém convida a gente para nada. Isso não é só jornalista. Eu demorei muito tempo, porque achava que ninguém ia me convidar para trabalhar em outro lugar. Eu tenho de fazer por mim mesmo. Essa ilusão - quando eu estudava que tinha só três veículos - inclusive eu era muito bom escrevendo. Hoje a “minha lata” - a TV - aceita qualquer “lata”, qualquer cara. Na época que eu comecei, televisão - nem gostava, nem me preocupei. Hoje até vídeo eu gravo. E fiz comentário durante uns três anos. Eu fui convidado para fazer um teste - os caras gostavam de um comentário que eu fazia na TV, porque eu atingia a classe C. Eu tenho um linguajar que o pessoal agrada, agrada às classes C,D e E. Porque sou debochado, gosto de dizer umas bobagens de vez em quando, usar palavras antigas...Eu falo no rádio que isso é português castiço. Aí eu fui convidado para fazer um teste. Graças a Deus, não passei! Em 2007, eu fui convidado para fazer um teste em um programa popular da Record, graças a Deus não passei.

Mas por que graças a Deus não passei?

R: Porque, primeiro eu não gostaria de ser marcado por alguém... Se for marcado por algo, eu gosto de ser marcado por uma reverência, mas não por um cara... Eu respeito esses caras que fazem isso, até porque devem sofrer uma barbaridade na sua vida pessoal, eu duvido que as pessoas sejam como elas mostram na televisão, como acariciam um filho ou o neto. Eu duvido que eles sejam aquela caricatura que a gente vê na televisão. Eu prefiro ver que não são assim. E eu sou um problema, porque eu sou assim... Aí é complicado por isso aí... Eu prefiro ser marcado por ser um cara de esquerda que convive com todo mundo.

Seu percurso profissional ajudou na criação dos blogs? Sua relação com as fontes mudou?

R: Não tive problema. O fato de ter saído da mídia tradicional - eu era editor do jornal, quer dizer, nessa época não era, mas eu era conhecido. Eu tinha um programa de rádio, não faturava, mas era conhecido. Hoje mesmo que eu não faço mais no dia a dia - “isso aqui ó” (mostra o celular), cai no colo. Aí eu escolho: vou ter de fazer essa matéria? Aí, eu penso: “poxa vou ter de ligar para mais três lugares. Aí eu encaminho para o repórter. Ou está pronta aqui (mostra para o celular), basta um telefonema e eu faço. Naquela época que eu não tinha ninguém e era só eu, tudo era fácil, eu buscava. Já fazia uma coluna no jornal, onde eu tinha de naturalmente estar bem informado. Facilitou, nesse aspecto eu não tive problema. Problema tem esses meninos e meninas que saem da faculdade e vão fazer um blog. Porque eles não têm o que tu tens e eu tenho: na nossa época tinha cadernetinha. Agora tem tudo aqui (mostra o celular). Tu tens e eu tenho, que eles vão demorar 30 anos para ter, que são as fontes.

Vantagens e desvantagens de ter um blog?

R: Vantagem: deixa escrever e fazer o que “tu sempre quis” fazer. Desvantagem: você poder fazer o que sempre quis fazer...não podendo fazer o que sempre quis fazer. Eu explico: você tem um nível de liberdade absurdo, tu és chefe de sim mesmo. Mas aí você tem exatamente o que seu chefe tem: tem de fazer escolhas, tem de fazer opções, abrir mão de alguns aspectos. E “tô” falando no profissional mesmo. Por exemplo: às vezes você diz que: “Poxa vida, gostaria tanto de fazer o jogo do Grêmio com o Bragantino hoje.” Mas não posso, porque eu tenho hoje de cobrir a “porra” de um debate que eu preciso cobrir. E no dia a dia, tem metas. Quando você é repórter, a meta te é imposta. Eu não sei como é o seu esquema... Se você tem lá a pauta e você tem de cumprir duas ou três por dia. Na pauta, você cumpriu e você vai pra casa, você cumpriu e é problema do editor. E se tu és o editor, não muda muito, porque você tem a sua cota diária a preencher... Agora, quanto tu tens o teu próprio negócio, você tem de determinar...Eu, por exemplo, eu tenho que no mínimo, entre 00h e 00h30, tenho como meta sete informações. Eu já puxei aqui do *GI* – algo que eu dou sempre de madrugada: concursos, que dão muita leitura. Se tem leitura - e não é só porque tem leitura que eu publico, mas porque é importante. Tem mais de 80 concursos no Brasil inteiro. Se o cara vai olhar, não sei. Mas não dá para dizer que não tinha a opção.

Terça-feira quem tinha de escrever era o prefeito da cidade. Por razões eleitorais, ele não está escrevendo. Embora, pudesse. Eu deixei bem à vontade: “olha a lei não te impede”. Eu deixei bem à vontade. Tem um candidato a vereador - que é meu articulista - que deixou de escrever por vontade própria. Se eu botar um vereador pra escrever, eu tenho de botar 20. Aí é um pouquinho demais pra mim. Eu tenho metas. Isso não muda. O jornalismo não muda. Eu tenho sete. Eu tenho uma estagiária minha que é fantástica. Isso é algo que eu conquistei. O curso de Jornalismo da instituição privada, que é muito bom, me procura semestralmente para eu ver se eu posso receber estagiários. E o maior orgulho não é esse. É ter alunos que queiram ser, que eles pedem para ser meu estagiário. Eu tenho uma estagiária agora que ela é extraordinária. Ela faz a pauta, se vira, escreve bem, não preciso revisar nada. Agora eu vou à caça. Pelo menos três (notícias) mais 2 (notícias) que o meu repórter vai atrás. Então tem organização. Tem tudo igualzinho a um veículo. Mais do que isso, eu disputo verba na prefeitura e só faço uma exigência: vocês podem não anunciar em mim, mas eu não vou admitir que vocês anunciem em blog que não seja instituído como empresa, que pagam impostos regularmente, porque para mim não tem problema. Se o cara não quer anunciar em mim, eu também não vou fazer sacanagem. Mas eu exijo que se derem anúncio para alguém que não tem CNPJ e é devedor, aí vai ter “pega”.

Mesmo porque isso não fere a lei?

R: Sabe que blogueiro tem MEI. A empresa de comunicação como tal não pode ser microempresa, sabe disso? Não pode ser microempresa. Empresa de comunicação tem de pagar todos os impostos. Todos os impostos que a loja lá paga: estaduais e federais, eu também pago. E tem um agravante: uma “porra” de um deputado, ele isentou empresas de comunicação de um imposto, mas isso não se aplica a empresas de internet. Enfim, eu só falo assim: “não aceito, eu vou ficar bravo, vou noticiar se fizerem isso”. Porque hoje com a lei de transparência você tem tudo.

Aproveitando, como você mantém financeiramente o blog?

R: São anunciantes normais, não tenho nenhum financiador. Tenho até hoje sete anunciantes dos quais um é permuta, meu contador, querido, nós crescemos juntos. Hoje, por exemplo, eu dou prejuízo para ele. Mas dos 40, 50 clientes que ele angariou nos últimos 20 anos, ele me mantém - eu tenho uma permuta e mais três pagantes e tem mais três: um anunciante que não me paga há dois anos, mas eu mantenho porque um dia o cara vai se recuperar, tem outro que é pró-abono

que é a cooperativa dos estudantes - que estão sofrendo uma barbaridade por causa da pandemia. E o outro é economia solidária, que de vez em quando tem mídia e eu sou beneficiado - mas aí é pela causa, economia solidária: tem o meu apoio. São pequenos produtores, artesanais, essas coisas. São sete. Se “tu achar” um oitavo, é porque entrou dinheiro. A prefeitura é anunciante, mas não tem ideologia.

Ela faz anúncio formal ou manda *release* para você publicar?

R: Não, é anúncio mesmo. Isso é igual. Uma coisa é anúncio e outra é notícia. Não tem notícia paga no meu site.

Então você não publica *release*?

R: Eu publico *release* sim. Mas eu sempre dou crédito. Tem uma matéria que eu publiquei de serviço - eles tem excelentes matérias de serviço para o leitor - publico o que os outros jornais “se fazem de besta”. A diferença é que eles publicam e não dão a fonte. Eu dou o nome tipo: “por Wallace Lara, da assessoria de imprensa da Prefeitura Municipal”. Fica claro que a notícia não é paga.

Quando a Prefeitura de Santa Maria anuncia e manda o *release*, você se vê obrigado a publicar?

R: “Tu sabe” que - vou correr o risco de ser “bodoso” - mas eu tenho uma trajetória na cidade. Você pode perguntar para quem tu quiser (sic). Tem gente que vai dizer que o Claudemir é o cara perigoso - não sou nada - mas os caras acham, deixam que acham. Nunca - eu vou repetir, nunca - alguém me cobrou por publicar ou não publicar da prefeitura, do governo do estado. Dito isso, eu publico muita notícia que tem da prefeitura, que tem qualidade e informação. Mas notícia. É claro que um componente político: depois de 30 anos, uma invasão conseguiu acertar a questão fundiária e estão distribuindo os títulos e eu não vou noticiar? Só por causa do interesse político? Eu publico. Com o crédito. Nunca ninguém me pediu ou condicionou o anúncio a qualquer aspecto. Agora eu tenho a sensibilidade...parceiro é parceiro. Não me diga que não é, porque é assim. Poxa vida, eu tenho duas notícias: uma do Wallace que é meu parceiro e outra é da Fabiana, que não é. Se eu tiver de botar uma só, qual é que vou colocar? Não porque o Wallace que me pediu, mas porque eu acho que foi notícia. Agora espaço de opinião é outro. É claro que existem características do meio diferente.

Você consegue fazer alguma relação do rendimento do blog com o que você ganhava?

R: O faturamento do site hoje é 60% do que eu ganho como assessor de imprensa do hospital e eu trabalho muito mais. No hospital, eu trabalho 24 horas por dia, feriado, não interessa.

Você trabalha muito mais no blog ou no hospital?

R: Muito mais no blog. Não tem nem comparação. É o meu negócio. Eu levanto, vou dormir, só não faço isso nos fins de semana de folga. Tem algo que eu descobri - a minha audiência - sou o único veículo de comunicação que não esconde a sua audiência. Existe a tiragem e a “mentiragem”. Eu boto até a ilustração do Google Analytics. Quando a audiência é baixa, as pessoas ficam sabendo que é baixa; quando é alta, ficam sabendo que é alta; até quando é ao meu favor, eu não minto. De repente, os caras botam no Google, lá no WhatsApp. Aí cai na matéria do meu repórter - que foi sugestão de pauta minha - quais são os ditos que cada um coloca no seu WhatsApp no slogan. Ele fez uma matéria “boboca” sobre isso. Não sei porque “cargas d’água”, quando você coloca WhatsApp o Google mostra essa matéria entre as primeiras das pesquisas. Por conta disso, o que eu tinha de média de 25 mil a 30 mil leitores por mês, o que para nós é algo extraordinário - uma vez e meia a tiragem do jornal - ao longo do mês, foi para 87 mil, por causa dessa matéria - que vai ser a mais lida do ano. Já sei disso, porque eu faço um

ranking também no fim do ano. E agora entrou mais uma: *fake* - o meu repórter fez uma matéria sobre o que é fato e o que é *fake*, nas postagens dos políticos que pretendiam ser candidatos em Santa Maria. Nos últimos dois meses, foi um “troço extraordinário” - quase triplicou a média dos leitores...

Qual a sua rotina de trabalho? Quem faz o que?

R: Há três anos - agosto de 2017, eu fiquei internado três semanas, coloquei três pontes de safenas, disseram que era por causa do cigarro, uma injustiça (rs). Então, o Michael, que é o menino que trabalha comigo, ele já era meu substituto eventual...ele era um jornalista, que trabalha comigo e o Sindicato dos Bancários. É um menino que não tem preconceitos, já cobriu aquela feira de “não me toque” do agronegócio, ele é um profissional. Bom, daí, eu comecei a rever como era a minha vida. Eu e a diretora da empresa (esposa dele), me colocaram na linha. E eu contratei o Michael. Ele me substitui nos dois meses que eu fiquei obrigatoriamente afastado - mesmo que eu pudesse fazer algumas atividades, eu não deveria fazer, não teria problema de alguém me denunciar no INSS, porque lá eles não fazem distinção entre o empresário Claudemir e o profissional Claudemir que tinha sido colocado em laudo no hospital. Enfim... O que interessa é que eu o contratei o Michael de uma forma permanente.

De lá para cá, até hoje a gente está procurando uma maneira de adaptar o que precisa, o que não precisa. Ele tanto quanto eu, trabalha em casa, tem o próprio carro e se vira. Nós nunca sentamos para definir quantas matérias eram por dia, tudo foi se ajustando. Hoje, por exemplo, está consolidado isso. É muito raro dar uma pauta para ele. Ele já faz a própria pauta. Eu não me meto. A rigor, eu não me meto no trabalho dele. O que eu quero é trabalho. Então, só as vezes, ele me sacaneia e manda às 11h30, 20 para meia noite, quando demora muito a gente até brinca - a diretora (esposa) diz: “Olha, ele deve estar preparando algo grande” - algo que eu não tenho mais saco de fazer. Nós damos seguidamente quantos políticos da cidade, quais são as interações deles no Facebook e que agradam as pessoas, mas é um “saco” de fazer...

Mas então: hoje estão em quantas matérias?

R: Com média de duas matérias por dia.

Todos os dias?

R: Não, no fim de semana é mais tranquilo. Eu não digo para ele: olha não faça matéria. Eu não espero matéria dele no sábado ou no domingo. Se vier é *plus*. E ele às vezes faz. Isso funcionaria quando a pessoa não identificasse quando é do Claudemir ou do Michael. E isso já está acontecendo. Tem outro aspecto acontecendo: ele já é procurado. Ele está reconhecido como o repórter do blog. As pessoas procuram ele. Já vai direto. É muito raro dar pauta pra ele. Ele se vira. Ele é muito criativo. Por exemplo: a matéria mais lida ontem no site é uma matéria que ele mandou 9h da noite. Com base na Justiça Eleitoral, ele fez uma foto e uma matéria com o decano dos candidatos a vereador e a mais jovem candidata. Botou na mesma matéria. É uma coisa simples. Mas eu “não tenho mais saco” de fazer, “não tenho mais saco” nem de pautar.

É aquela matéria que está lá a comunista e o liberal?

R: Essa mesma. A guriuzinha de 20 poucos anos e o outro de uns 80. Boa sacada! Não foi pauta minha, foi dele.

E ele escreve duas por dia, como vocês fazem?

R: Eu edito. Eu edito as matérias dele e não escrevo. Eu pego as matérias que a gente vai usar, título e reescrevo.

Mas a coluna você não faz mais?

R: Ah, tinha esquecido disso aí. Eu faço uma página no fim de semana no *Diário* - uma página semanal.

Mas o comentário da rádio você coloca na página?

R: Sim. Mas no caso do *Diário*, como o contrato é mais recente, eles não toparam a brincadeira (não permitem a publicação no blog). É algo que eu tenho dito: na minha opinião, em algum momento o jornal impresso vai terminar e os mesmos que são *players* na mídia tradicional vão dominar a internet, com exceção do Google e do Facebook. E isso está se concretizando. O próprio *Diário* hoje já criou uma TV, vão criar uma rádio - a minha vai se transferir para lá - e eu devo ser demitido a qualquer momento, para ser recontratado como pessoa jurídica, mas não tem problema porque eu só pretendo parar daqui uns três anos quando eu vou me dedicar para escrever livros, crônicas. Realizar um dos meus livros que eu escrevi e tem de ser revisado. Mas eles já estão apostando nos meios digitais - porque eles sabem que em algum momento vai acabar. O *Diário* também está vendo isso. Eu faço “videonota”. Um comentário em vídeo que eu faço...

E tem muita visualização?

R: Tem. É porque eu não tenho canal de “youtuber”, não direciono pra lá. Publico no site. Quando comecei em 1985, quem imaginava? Era só texto, mal uma foto em cada matéria. A nota mais lida de anteontem, “tu procurar” um *quiz*, pergunta sobre candidato a prefeito, foi o maior sucesso. É jornalístico, mas é maior frescura. Pergunta sobre quem era o pai de um candidato a prefeito, que já foi prefeito...uma bobagem. Mudou muito. Isso vale para os veículos tradicionais, que estão inventando fatos, para sobreviver em um mercado cada vez pior... Eles sim, estão com um “troço no rabo” que se chama Google e Facebook. Porque o Facebook pode falir, mas haverá outro amanhã. Os blogs têm de se reinventar ou vão dançar...

Os jornalistas também tem que se reinventar também?

R: Eu acho que sim, porque hoje qualquer um pode ser, não é? Qualquer um. Os cursos de Jornalismo...

Mas antes também podia ter só o jornalista de prática...

R: Sim. Os salários são muito baixos, salário baixo por salário baixo, os veículos sérios, em regra, contratam aqueles que têm formação, porque imagina-se que ele tem mais qualidade que os outros profissionais. Mas blogs, sites, internet, o cara fala do jeito que dá e tem consumidor. Então nós temos de qualificar isso. Eu, por exemplo, eu tenho um jornalista trabalhando comigo, não tenho um prático trabalhando comigo. Então vou fazer outro prognóstico: da mesma forma que o jornal impresso vai desaparecer...

Antes de você responder isso, vamos então para a última pergunta...para você o futuro do jornalismo está no blog?

R: Isso não é pergunta que se faça (rs)...Isso é para “derrubar o velho”. Da mesma forma que os jornais impressos um dia vão acabar - quando foram comprar o *Diário*, um dos donos que é meu compadre e empregador, me perguntou quanto tempo duraria e eu disse: “15 anos mais ou menos”. Isso já faz três, pode durar mais ou menos - quanto maior a cidade, menos tempo tem o jornal. Quanto menor a cidade, mais tempo tem o jornal impresso, por causa da população, mais conservadora, que gosta de mexer com o papel...e o prognóstico vale também para os cursos de Jornalismo, só que esses vão terminar antes. As universidades públicas vão manter, porque elas têm capacidade. O curso de Jornalismo da faculdade privada aqui tem 90 alunos, nos quatro anos. Vale para os cursos de Jornalismo, o mesmo que vale para o jornalismo impresso.

Agora isso não significa que seja o fim do jornalismo - é onde a gente se insere, as pessoas que estão aos poucos tomando conta. Eu lembro que em 1995, 1996, muitos jornalistas da grande imprensa foram contratados por portais da internet. O *Terra* foi um grande contratador. O que é o *Terra* hoje? Um apêndice da Telefônica. Então assim: tinha portal em quase toda a América Latina. Hoje, na questão dos blogueiros, cada vez mais o consumidor vai buscar informação compartimentada, isto é : quanto melhor for o teu trabalho para determinado grupo, mais chance você terá para sobreviver. Isso não é científico, é percepção. Pode daqui 10 anos, talvez tenha mudado. Eu mantenho o foco, o cara sabe que se ele entrar ali no Claudemir e a informação for política, ele não vai ler no jornal. Isso é algo que eu me orgulho: eu dou mais informação política exclusiva ou em “primeira mão” do que no jornal...

O futuro está onde então?

R: Olha cara, eu tentei fugir, não é? (rs)...Não sei. Com certeza não está na mídia tradicional, a mídia tradicional cada vez mais vai ser entretenimento. Isso é observação: cada vez mais Faustão, Ana Maria Braga (que também fazem jornalismo ali, se você observar bem, tem jornalismo ali) mas cada vez mais vai desviar para o entretenimento. Que é o que as pessoas vão buscar na televisão. Isso não significa que o *Jornal Nacional*, *Jornal da Band* vão desaparecer... Mas eles serão cada vez menos influentes no cotidiano. As pessoas vão procurar informação onde mais agrada. Hoje tem sites de esportes, por exemplo, que têm profissionais com mais seguidores que muito veículo de comunicação. Eu se eu tivesse menos idade, montaria um negócio no YouTube. O futuro do jornalismo não sei onde está. Mas certamente não é o que tem hoje. Ele é mutante. Se há 40 anos era: rádio, TV e jornal. Há 20 anos: rádio, TV, jornal e internet. Daqui 20 anos: rádio, TV, jornal, internet e todos os subprodutos que vão zarpar do modelo tradicional e vão se locomover. Quem é que vai financiar isso, eu não sei. Eu desconfio que a mídia tradicional vai sair mais na frente, até porque tem mais estrutura. Nem que seja no departamento comercial, algo que nós não temos.